

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

Território Contestado: a reescrita da história do Oeste norte-americano
(c.1985-c.1995)

Arthur Lima de Avila

Orientador: Prof. Cesar A. B. Guazzelli

Porto Alegre
2010

Arthur Lima de Avila

Território Contestado: a reescrita da história do Oeste norte-americano
(c.1985-c.1995)

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como parte dos requisitos para a obtenção do título de doutor, sob a orientação do Prof. Cesar Augusto Barcellos Guazzelli.

Porto Alegre

2010

“Since we are products of history, by rewriting it, we remake ourselves.” – Kerwin Klein

"La historia sólo apasiona a quien apasiona la vida." - José Luis Romero

"No mundo em que vivemos diariamente, quem quer que estude o passado como um fim em si deve parecer ou um antiquário, que foge dos problemas do presente para consagrar-se a um passado puramente pessoal, ou uma espécie de necrófilo cultural, isto é, alguém que encontra nos mortos e moribundos um valor que jamais pode encontrar nos vivos. O historiador contemporâneo precisa estabelecer o valor do estudo do passado, não como um fim em si, mas como um meio de fornecer perspectivas sobre o presente que contribuam para a solução dos problemas peculiares ao nosso tempo." - Hayden White

AGRADECIMENTOS

O ato de escrever uma tese, como já foi dito inúmeras vezes, é uma ação solitária. No entanto, algumas pessoas fazem com que, apesar disto, esta mesma solidão seja amenizada, nem tanto pelas discussões intelectuais intrínsecas à atividade historiográfica, mas pelo simples fato de estarem ali, ao alcance de uma simples palavra ou gesto. Portanto, como de praxe, cabe aqui agradecer a todas elas, pois, de uma maneira ou outra, contribuíram de modo indelével para que esta tese de doutorado tenha sido produzida (saibam disso ou não!).

Ao CNPq e a CAPES, pelo financiamento da tese, no Brasil e nos EUA.

Desde 2002, quando estava na graduação, fui orientado por César Guazzelli. Deste modo, minha incipiente vida acadêmica confunde-se profundamente com a dele. Ao Guazzelli, portanto, sou devedor não só de seu conhecimento enciclopédico, sua honestidade intelectual, sua confiança e bom humor, mas também à inspiração inicial que me pôs em caminhos fronteiriços!

Tendo estudado na UFRGS desde a graduação, a universidade acabou tornando-se minha segunda casa. Embora deva gratidão a todos que ali trabalham, os seguintes professores foram essenciais para a minha formação e contribuíram decisivamente para que o presente trabalho pudesse ser feito. São eles: Temístocles Cezar, Claudia Wasserman, Eduardo Neumann, Enrique Padrós e Luiz Dario Teixeira Ribeiro.

Aos “bancários” de outras plagas, Paulo Knauss e Luiz Farinatti, por terem aceitado o convite e pela ótima oportunidade de diálogo durante a defesa, assim como pelo entusiasmo com o tema.

Nos Estados Unidos, o professor Ronald Walters, da Johns Hopkins University, foi um orientador impecável e genuinamente interessado em meu tema. Graças a ele, pude amadurecer algumas de minhas conclusões e conhecer ainda mais os aparentemente infindáveis debates sobre a História do Oeste. Sua modéstia e paciência, especialmente quando vindas de alguém de sua respeitabilidade acadêmica e intelectual, tornaram o estágio extremamente produtivo e prazeroso.

Na JHU, os profs. Nathan Connolly e A.J.R. Russell-Wood também leram algumas partes da tese e ajudaram-me a direcionar a pesquisa a caminhos muitas vezes nunca pensados.

O professor Donald Pisani, da Universidade do Oklahoma, um genuíno *western historian*, comentou sobre o ensaio produzido durante o sanduíche e com perspicácia ímpar apontou os acertos e erros na condução das investigações. À sua disponibilidade e incentivo sou, portanto, profundamente grato.

Em Baltimore, tive ainda o prazer de conviver com Teresa Cribelli, uma “fronteiriça” do Colorado e gaúcha honorária, que, mesmo grávida do pequeno Eli, ajudou-me tremendamente na habituação com a cidade e com a universidade, além de, em nossas frutíferas conversas, me mostrar o quanto o Oeste americano e o Sul brasileiro são semelhantes. A ela, e ao seu marido Daniel Levine, fica uma enorme dívida de gratidão. Espero pagá-la devidamente um dia!

Do mesmo modo, Norah Andrews foi outra pessoa fundamental na minha estada em plagas norte-americanas, não só pela revisão acurada que fez de meus textos escritos por lá, mas também por ter sido uma fiel amiga durante todo o período do estágio.

Rodrigo Sekkel, Amilcar Pereira, Luiz Vieira Jr., Roger Maioli ajudaram a matar a saudades da terrinha, principalmente pelas festas, piadas, risadas, cervejas e chimarrões de fim de tarde na “Praia”, que muita estranheza causaram aos gringos!

Aos integrantes do GT de Teoria e História da ANPUH/RS, especialmente a Maria da Glória de Oliveira e Mara Rodrigues, que leram o projeto ainda em seus estágios iniciais e comentaram sobre suas possibilidades de realização. Igualmente, Álvaro Klafke, com a competência que lhe é característica, leu minuciosamente os capítulos iniciais ainda antes da minha qualificação e ajudou a polir algumas arestas do texto. A maior parte de seus comentários e sugestões foram incorporados nesta versão final do texto.

Ao GT Fronteiras Americanas, especialmente às “fronteiriças” Mariana Flores da Cunha, Renata Dal Sasso e Márcia Volkmer, pelo compartilhamento de idéias e pelo

entusiasmo com os assuntos fronteiriços. À Renata também agradeço pela obtenção de boa parte de meu material de pesquisa, quando de seu início ainda.

Da mesma maneira, agradeço a Rafael Quinsani e Sandro Gonzaga, por, ainda cedo na vida, ter sido alvo de tão prestimosa homenagem, tendo meu nome eternamente gravado nas paredes do nosso glorioso Teixeira! Farei sempre jus à honra, acreditem!

Fiz inúmeras amizades durante a minha década na UFRGS, mas quatro pessoas merecem um agradecimento especial: Samir Perrone e Eduardo Carvalho, amigos desde o primeiro semestre da já longínqua graduação, por compartilhar das inúmeras alegrias de nosso glorioso Colorado, pelas piadas (boas e ruins) e pelos incontáveis momentos de grande companheirismo e amizade; Luciana Ballestrin, pelos “cafés terapêuticos”, pelas sempre sábias palavras e por me lembrar que, de fato, o Bom Fim é o centro do universo; e Caroline Bauer (a despeito de sua péssima opção futebolística!), cuja constante busca por verdade e justiça, me ensinou a ser um historiador mais auto-consciente de nossa força (ou falta dela...) no “mundo real”.

Fábio e Letícia Padilha foram meus anfitriões na fantástica cidade de Montreal e, por sua hospitalidade, amizade e, principalmente, pelas dicas de como lutar contra o frio avassalador, merecem ser profundamente agradecidos. Mesmo distantes, continuam sendo amigos extremamente valiosos!

Gisele Simões Pires foi e continua sendo minha irmã de todas as horas, sempre com uma palavra ou um gesto certo na hora certa. Por todos os anos que ela me agüenta, ela não merece uma simples citação, mas um busto de bronze. Como a carreira acadêmica ainda não é o caminho para a riqueza material, ela vai ter de se contentar com palavras, apenas.

Aos “Ausentes”, por me lembrarem sempre que a vida sem música é uma vida que não vale a pena ser vivida.

Raphael Quintana, Daniel Piccoli e Sandro Santos continuam sendo verdadeiros irmãos de alma, sempre estando lá, tanto nos momentos difíceis quanto nos bons. Como não tenho palavras para agradecê-los devidamente, dedico-os, portanto, mais uma rodada e um sincero “*cheers!*”.

Andressa Kasper, que chegou bem no final do doutorado e cujo sorriso me fez, e faz, acreditar que, ao seu lado, um dia pode ser sempre melhor que o outro.

Finalmente, meus pais, Dagoberto e Fátima, e minha irmã, Helena, merecem meu agradecimento diário, por tudo que representam na minha vida. Hoje e sempre.

RESUMO

Durante as décadas de 1980 e 1990, a *Western History*, campo de estudos que se dedica à história do Oeste norte-americano, enfrentou uma tormenta intelectual de proporções pouco vistas antes em suas searas. O motivo para tal inquietação foi o surgimento da assim chamada “*New Western History*”, movimento que tinha por principal meta reescrever a história regional a partir de uma completa reestruturação de suas bases intelectuais, para tentar salvar o campo de uma suposta crise de identidade surgida ainda nos anos 1960. Neste caso, o principal alvo destes revisionistas foi a antiga historiografia constituída à imagem das teses de Frederick Jackson Turner sobre a fronteira norte-americana. Aqui, a idéia era substituir uma narrativa histórica considerada excessivamente otimista por uma que realçasse os aspectos trágicos do avanço norte-americano em direção ao Pacífico. Esta tentativa, contudo, de se escrever uma história trágica encontrou forte oposição não só entre segmentos da historiografia profissional, mas também entre elementos da opinião pública, num debate que tinha mais a ver com a própria identidade dos Estados Unidos do que com questões meramente historiográficas.

Palavras-chave: historiografia norte-americana; Oeste norte-americano; *New Western History*

ABSTRACT

During the 1980s and 1990s, the Western History, field of studies dedicated to the history of the American West, went through a intellectual storm of proportions seldom seen before in its midst. The motive for such unrest was the arrival of the so-called “New Western History”, a movement whose main aim was the rewriting of the history of the West from the standpoint of a total restructuring of the field’s intellectual foundations, in an attempt to save it from a crisis of identity that emerged still in the 1960s. In this case, the revisionists’ main target was the old historiography constituted in the image of Frederick Jackson Turner’s theses about the American frontier. Here, the idea was to substitute a historical narrative considered to be excessively optimistic for one that highlighted the tragic aspects of the American advance to the Pacific. However, this attempt to write a tragic history was met with a fierce opposition not only from segments of the professional historiography, but also from the public opinion itself, in a debate that had more to do with the very identity of the US and less with “mere” historiographical questions.

Keywords: American historiography; American West; New Western History

Lista de Abreviaturas

AHA – *American Historical Association*

AHR - *American Historical Review*

JAH - *Journal of American History*

JW - *Journal of the West*

MMWH - *Montana Magazine of Western History*

MVHA - *Mississippi Valley Historical Association*

MVHR - *Mississippi Valley Historical Review*

NWH – *New Western History*

OAH - *Organization of American Historians*

PHR – *Pacific Historical Review*

RAH - *Reviews in American History*

SAH – *Society of American Historians*

WHA – *Western Historical Association*

WHQ - *Western Historical Quarterly*

Sumário

Introdução.....	13
Capítulo I – O Oeste como América: a trajetória de uma disciplina.....	33
1.1. Profissionalização e Institucionalização (c.1890 - c.1950).....	33
1.2. Fragmentação e Crise (c.1950 –c.1980).....	50
Capítulo II – Teria o Oeste um Significado para a História Americana? A crise do campo e a emergência da <i>New Western History</i>	76
2.1. Tradições, Desafios e Especulações: esboços de uma “auto-análise”.....	77
2.2. De Impérios, Aridez e Conquistas: a nova história do Oeste	97
2.2.1. Donald Worster: os rios do Império e o Grande Deserto Americano.....	98
2.2.2. Revisitando Turner: William Cronon e a fronteira.....	104
2.2.3. Patricia Nelson Limerick: encerrando a fronteira e abrindo a <i>Western History</i>	108
2.3. Além do Mito Agrário: a nova história e a “libertação” do Oeste.....	112
2.4. O Grande Cânion: “história”, “ficção” e a epistemologia da <i>New Western History</i>	122
Capítulo III - Um lugar para histórias: narrativa, espaço e as políticas da escrita na <i>New Western History</i>	139
3.1. Atores Políticos e Palavras de Luta: a NWH e a narrativa histórica.....	139
3.2. Capitalismo, Democracia e as Ironias do Oeste: geografia da esperança ou destino inescapável?.....	147

3.3. “Região” e “fronteira”: o embate entre lugar e processo.....	160
---	-----

Capítulo IV - Um Espectro Ronda o Oeste: a recepção da <i>New Western History</i> , as guerras culturais e os “perigos” do revisionismo.....	186
--	-----

4.1. Uma <i>Western History</i> Maior: aceitando e problematizando a reescrita da história do Oeste.....	187
--	-----

4.2. Os Impacientes <i>Cowboys</i> e Pioneiros Contra-atacam: A “Ameça” da <i>New Western History</i> à Nação e à Profissão.....	204
--	-----

4.2.1. “Deixem nossos mitos em Paz”: a <i>New Western History</i> , multiculturalismo e a “desunião da América”.....	205
--	-----

4.2.2. “Desconstruindo o Oeste?”: a <i>New Western History</i> , o espantinho pós-modernista e a retórica da deslegitimação profissional.....	227
---	-----

Conclusão.....	246
----------------	-----

Bibliografia.....	260
-------------------	-----

INTRODUÇÃO

“Na sua forma mais elementar, escrever é construir uma frase percorrendo um lugar supostamente em branco, a página. Mas a atividade que recomeça a partir de um tempo novo separado dos antigos, e que se encarrega da construção de uma razão neste presente, não é ela a historiografia?” – Michel de Certeau.¹

O Oeste norte-americano é, provavelmente, um dos lugares mais facilmente “reconhecíveis” da cultura popular ocidental. Quem, afinal de contas, nunca assistiu a pelo menos um filme de faroeste, onde bravos pioneiros tinham de lutar contra bandidos das mais diversas espécies (embora mexicanos e índios se destacassem entre esses últimos)? Quem nunca se deparou, em algum momento, com as imagens indefectíveis dos imponentes John Wayne e Clint Eastwood, entre outros, em seus trajes de caubóis? Quem nunca viu a imagem de um destes cavaleiros, humildes em seu triunfo contra os inimigos do progresso, desaparecendo em direção ao poente? Quem não sabe reconhecer os índios “peles-vermelha”, as planícies infundáveis e as impressionantes montanhas da região? Sabendo do impacto da cultura popular norte-americana no Ocidente, principalmente a partir do pós-Segunda Guerra, a provável resposta para estas três questões é: “poucos”. Em suma, o Oeste dos Estados Unidos, a última fronteira, é um símbolo deste país, amplamente difundido e conhecido mesmo por pessoas que pouco ou nada sabem sobre sua história.

Ocorre, contudo, que os diferentes modos de se tramar e imaginar a história do Oeste são, em última instância, modos de se tramar e imaginar a história da nação como um todo. Isto fica claro não só em trabalhos historiográficos *per se*, mas mesmo naqueles fora deste campo. Em 1862, no começo da década que marcaria o início da conquista final do Oeste, Henry David Thoreau, um dos maiores poetas estadunidenses, escreveu que ao Leste ele ia somente à força; ao Oeste ele ia livre.² Para Thoreau, portanto, as terras além do Mississippi eram o lugar onde os norte-americanos poderiam finalmente ser livres e senhores de seu próprio destino, tanto como indivíduos quanto como nação.

¹ CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002. p. 17.

² A frase, que ficou famosa, é: “*eastward I go only by force, but westward I go free*”. THOREAU, Henry David. *Walking*. In: *Essays on English and American Literature*. New York: Collier Books, 1910.

Por outro lado, um século e meio depois, a novelista Annie Proulx descreveu a região como um lugar tão seco e desolado quanto seus habitantes, vítimas de uma economia estagnada, da desigualdade social (principalmente no caso dos índios e dos hispânicos), da degradação ambiental e de suas próprias péssimas escolhas. O Oeste, como a América contemporânea, havia falhado em seus sonhos de grandeza e o resultado moral de tal fracasso era evidente nas vidas amargas de seus moradores. Não mais os bravos pioneiros de antanho, eles se agarravam a existências fúteis e sem esperanças. Nas palavras de um de seus personagens, o indígena Charlie Parrott, a história do Oeste era uma “longa, triste história que o faz querer vomitar”.³

Tal ambiguidade não foi diferente na historiografia profissional. Em 1893, um jovem professor da Universidade do Wisconsin, Frederick Jackson Turner, transformou a frase de Thoreau em uma hipótese sobre o desenvolvimento histórico dos Estados Unidos. Segundo ele, a fronteira, aquela área onde a civilização e a barbárie se encontravam, explicava a excepcionalidade democrática da América. O verdadeiro ponto de vista de sua história não era a Costa Atlântica, mas a vasta terra que se espalhava entre o Pai das Águas⁴ e o Pacífico. Ali, entre as intempéries de um mundo natural nem sempre dócil e domável, os europeus se fizeram americanos. Ali nasceu a nação.⁵

Sob a égide de Turner, a chamada *frontier thesis* foi um dos pilares da institucionalização da disciplina histórica naquele país. Durante as três primeiras décadas do século XX, ela foi uma das interpretações históricas dominantes nos departamentos de História⁶ em toda a América.⁷ Num campo profissional específico, contudo, a influência de Turner foi ainda mais definitiva: na chamada *Western History*, dedicada aos estudos sobre o Oeste e a fronteira, seu prestígio continuou grande, mesmo após seu descrédito pelo

³ PROULX, Annie. The Indians Wars Refought. In: *Bad Dirt – Wyoming Stories 2*. New York: Scribner, 2004. p. 36.

⁴ “Pai das Águas” é o nome pelo qual o Mississippi é muitas vezes chamado pelos norte-americanos.

⁵ TURNER, Frederick Jackson. The Significance of the Frontier in American History. In: *The Frontier in American History*. New York: Dove, 1996. p. 1-2.

⁶ Usarei o termo “História”, com a letra inicial em maiúscula, para designar a disciplina acadêmica. A palavra “história” será utilizada tanto para definir o texto produzido pelos historiadores, como o processo histórico em si.

⁷ Sobre a importância profissional de Turner, e os diversos usos políticos de sua tese, ver AVILA, Arthur Lima de. *E da fronteira veio um pioneiro...: a frontier thesis de Frederick Jackson Turner (1861-1932)*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em História – Departamento de História, UFRGS, Porto Alegre, 2006.

mainstream acadêmico. Ali, o espectro do historiador continuou sentando à mesa com seus colegas e indo aos diversos encontros e conferências da sub-disciplina, ainda que sua fantasmagórica presença incomodasse muitos de seus confrades.

Nas décadas de 1970 e 1980, esta “presença” foi sendo cada vez mais contestada. Num contexto de mudanças profissionais e paradigmáticas mais profundas, alguns *western historians* começaram a questionar-se não só sobre a utilidade das explicações turnerianas, mas também sobre a necessidade de manter sua centralidade para a área. O campo, segundo eles, estaria em crise, sendo necessário um profundo repensar de seus fundamentos. Era preciso encontrar um caminho para que ele tornasse-se relevante uma vez mais.⁸ No esteio destes questionamentos, acabou surgindo uma nova historiografia disposta a encarar esta situação de um modo bastante radical: se o problema era a *frontier thesis*, então que se a abandonasse definitivamente. Nos termos destes historiadores, a História do Oeste precisava ser *refundada*, para que a ambição de torná-la relevante novamente pudesse ser concretizada. Nascia, então, a chamada “*New Western History*” (NWH).⁹

Os “líderes” desta “insurgência” historiográfica foram quatro historiadores formados no bojo dos conflitos políticos e culturais da década de 1960: Patricia Nelson Limerick, Donald Worster, Richard White, e William Cronon (chamados pelos detratores de “*gang of four*”, a “gangue dos quatro”).¹⁰ Embora um número grande de profissionais

⁸ Ver MALONE, Michael (org.). *Historians and the American West*. Lincoln: University of Nebraska Press, 1983; GRESSLEY, Gene. Whither Western American History? Speculation on a Direction. In: *The Pacific Historical Review*, vol. 53, n. 4. November, 1984, p. 193-501; Idem. The West: Past, Present, Future. In: *The Western Historical Quarterly*, vol. 17, n. 1. January, 1986, p. 4-23; MALONE, Michael P. Tradition and Challenge in Western Historiography. In: *The Western Historical Quarterly*, vol. 16, n. 1. January, 1985, p. 27-53; NICHOLS, Roger L. (org.). *American Frontier and Western Issues: a historiographical review*. Westport: Greenwood Press, 1986.

⁹ A NWH não foi um movimento historiográfico propriamente dito, mas sim uma coincidência de temas e objetos por parte de certos historiadores. Como afirmaram Jerome Frisk e Forrest Robinson: “*it may be the only ‘new school’ that managed to launch itself inadvertently, came into being through a questioning of its own existence and that is obliged to consider itself the product in no small part of an academic media event*” (“*ela provavelmente é a única ‘nova escola’ que se lançou de modo inadvertido, veio à existência através de seu próprio questionamento e foi obrigada a se considerar como um produto da mídia acadêmica*”). De qualquer modo, na falta de um termo melhor, utilizarei a expressão “movimento” para referir-me a ela. FRISK, Jerome & ROBINSON, Forrest G. Introduction. In: ROBINSON, Forrest G. (org.). *The New Western History: the territory ahead*. Tucson: University of Arizona Press, 1998. p. 1.

¹⁰ Em geral, utilizarei o termo “NWH” para definir os trabalhos destes quatro historiadores, ainda que, em alguns momentos do trabalho, ele possa ser ampliado para englobar autores próximos da “gangue dos quatro”, como Charles Rankin, Brian Dippie, Walter Nugent e William Robbins. Tal definição é elástica justamente pela ausência, na bibliografia especializada, de uma mais específica. Acredito, contudo, que deixei claro, no contexto de cada citação, a quem e ao quê me refiro quando utilizo-a. Richard Etulain comenta sobre esta

gravitasse em torno deles, este quarteto foi, sem dúvida, o principal alvo das controvérsias e da oposição contra a NWH, assim como o de elogios por parte de seus defensores. Seus escritos adquiriram o status de textos canônicos desta nova historiografia, graças às suas afirmações polêmicas e à suposta originalidade deles. São eles: “*Rivers of Empire*” (“Rios de Império”), de autoria de Worster e publicado em 1985, talvez a primeira manifestação textual da NWH¹¹; “*The Legacy of Conquest*” (“O Legado da Conquista”), de 1987, escrito por Limerick e a obra revisionista de maior repercussão, na academia e fora dela¹²; “*Nature’s Metropolis*” (“A Metrópole da Natureza”), premiada obra de Cronon editada em 1991¹³; e, por fim, “*It’s your Misfortune and None of my Own*” (“O Problema é Seu, não Meu”), de R. White e lançado no mesmo ano da anterior.¹⁴ Do mesmo modo, duas coletâneas de artigos e outros textos publicados em revistas acadêmicas também fazem parte do “cânone” da NWH.¹⁵

Estes escritos possuíam uma característica em comum: a pretensão de deslegitimar os antigos historiadores do campo, se auto-atribuindo uma originalidade e uma novidade revolucionárias. Para além de uma simples revisão de pressupostos historiográficos anteriores, estes historiadores tinham por meta tornarem-se os *únicos* autorizados a escrever sobre a história do Oeste. Desta maneira, seus textos assumiram uma forma polêmica bastante pronunciada, na medida em que tinham de afirmar suas próprias inovações diante

ambiguidade em seus dois trabalhos sobre as “histórias do Oeste”, embora ele as divida, de forma não muito convincente, entre a NWH e a “nova historiografia do Oeste”: ETULAIN, Richard W. *Re-imagining the Modern American West: a century of fiction, history and art*. Tucson: University of Arizona Press, 1996 & *Telling Western Stories: from Buffalo Bill to Larry McMurtry*. Albuquerque: University of New México Press, 1999.

¹¹ WORSTER, Donald E. *Rivers of Empire: water, aridity and the growth of the American West*. New York: Oxford University Press, 1985.

¹² LIMERICK, Patricia Nelson. *The Legacy of Conquest: the unbroken past of the American West*. New York: W. W. Norton, 1987.

¹³ CRONON, William. *Nature’s Metropolis: Chicago and the Great West*. New York: W. W. Norton, 1991. A obra foi finalista do Prêmio Pulitzer em 1991, na área de História.

¹⁴ WHITE, Richard. *It’s your Misfortune and None of my Own: a new history of the American West*. Norman: University of Oklahoma Press, 1991. No ano seguinte, este livro foi agraciado com o prêmio anual concedido pela *Western Heritage Foundation*, instituição dedicada a preservar a memória e a história da região ocidental dos Estados Unidos.

¹⁵As compilações são LIMERICK, Patricia Nelson; MILNER II, Clyde A. & RANKIN, Charles E. (org.). *Trails: toward a New Western History*. Lawrence: University of Kansas Press, 1991 & CRONON, William; MILES, George & GITLIN, Jay (org.). *Under an Open Sky: rethinking America’s Western Past*. New York: W. W. Norton, 1992. Os artigos são CRONON, William. Revisiting the Vanishing Frontier: the legacy of Frederick Jackson Turner. In: *The Western Historical Quarterly*, vol. 18, n. 2. April 1987; WORSTER, Donald. New West, True West: interpreting the history of the region. In: *Ibidem* & LIMERICK, Patricia Nelson. What on Earth is the New Western History? In: *Montana the Magazine of Western History*, vol. 40, n. 3. Summer, 1990.

de *toda* a tradição historiográfica da *Western History*. Como bem notaram Jerome Frisk e Forrest G. Robinson, é esta quase hiperbólica reivindicação à originalidade que separa os *new western historians* daqueles que os antecederam e foi exatamente isto que chamou a atenção de seus colegas, neste e em outros campos, assim como da mídia.

Como era de se esperar, as manifestações da NWH não ficaram sem respostas. Um amplo debate acabou surgindo em torno do movimento e, de modo mais amplo, da história do Oeste. Entre 1989 e 1993, aproximadamente, as publicações especializadas viram-se repletas de artigos questionando, apoiando, refutando e problematizando não só a NWH, mas como todo o campo, inaugurando um período de grande agitação intelectual nos domínios da História do Oeste norte-americano. O objetivo deste trabalho é, portanto, *analisar o grande debate em torno do campo da Western History, entre 1985 e 1995 (aproximadamente)*, embora a ênfase do foco recaia nas produções da NWH. Por que não centrar-me somente nela, já que ela é o elemento principal nestas discussões? Porque isto, acredito, significaria simplificar a situação. Desde o começo da década de 1980 o campo já estava sendo escrutinado por um bom número de historiadores, temerosos pela sua marginalização acadêmica e intelectual. O que ocorreu após o surgimento da NWH foi uma *ampliação* e uma *radicalização* da querela, mas, em última instância, ela ainda *faz parte* deste contexto maior, tendo surgido *por causa* dele.

Sendo assim, minha atenção centrar-se-á em quatro pontos básicos: a *retórica de ruptura* estabelecida pela NWH e os modos textuais pelo quais ela busca se legitimar acadêmica e intelectualmente (incluindo uma complicada relação com a ficção, por exemplo); a *construção de suas narrativas* e as maneiras que a NWH pretende escrever uma história mais crítica e complexa para o Oeste, assim como a efetividade delas em atingir tal objetivo; e, finalmente, as *respostas dos antagonistas* da NWH, assim como a *dimensão pública* alcançada por estes debates, na medida em que eles tomaram uma proporção pouco esperada para uma discussão “meramente” historiográfica. Explico cada uma destas opções, assim como as hipóteses que as geraram.

No primeiro caso, são visíveis as tentativas constantes da NWH em se diferenciar de seus antecessores, através de afirmações e análises da historiografia do Oeste que nem sempre eram factíveis ou justas com os autores e obras ali presentes. Desta maneira, a

indagação principal era se esta retórica de ruptura não era movida tanto por uma necessidade de auto-afirmação no campo quanto pela vontade de ocultar as perceptíveis continuidades existentes entre os revisionistas¹⁶ e vários de seus antecessores. A esta pergunta somou-se uma outra, igualmente importante: como a NWH logrou se tornar a “nova ortodoxia” do campo em relativamente pouco tempo, isto é, quais foram os mecanismos textuais e institucionais que permitiram isto?

Igualmente, o segundo ponto pode ser explicado pela necessidade de se inferir se, de fato, a NWH praticava o que pregava no que tangia à construção de narrativas mais complexas e multifacetadas ou se, em vários momentos, não repetia (ou piorava) alguns dos erros dos historiadores anteriores. Como resultado, a própria imagem homogênea da NWH teve de ser questionada, com o levantamento das, muitas vezes profundas, diferenças entre seus principais expoentes.

Os terceiro e quarto pontos surgiram por causa do assombro com as repostas virulentas de alguns críticos da NWH contra o movimento. Nem sempre estas foram pautadas por um real engajamento com os argumentos apresentados pelos *new western historians* e, em vários momentos, transformaram-se em ataques *ad hominem*, pura e simplesmente. Tal situação foi amplificada com a vasta presença destas discussões em jornais e revistas importantes e com grande circulação entre o público leigo, assim como sua própria participação neles – o que, uma vez mais, levantou a possibilidade de que estes debates historiográficos sobre o Oeste eram, na verdade, discussões políticas sobre o presente e o futuro dos Estados Unidos, no contexto das ferozes guerras culturais do começo da década de 1990.¹⁷ Sendo assim, o embate entre estes diferentes “Oestes” foi mais um dos vários campos-de-batalha ideológicos e culturais existentes nos Estados Unidos daquele período, como veremos. Isto demonstra, uma vez mais, a relação de

¹⁶ A questão do “revisionismo” historiográfico será debatida mais amplamente no quarto capítulo, mas, sabendo da polêmica em torno de tal termo, adianto-me: usarei “revisionismo” e “revisionistas” em seu sentido mais neutro, isto é, o primeiro como sendo uma revisão dos pressupostos de uma determinada disciplina, e o segundo definindo aqueles que defendem estas revisões.

¹⁷ Como veremos adiante, as chamadas “guerras culturais” foram um embate entre os conservadores e os setores progressistas em torno de uma série de tópicos políticos e culturais importantes, como, por exemplo, a secularização da sociedade, os direitos civis das minorias, o estado do ensino superior e a necessidade, ou não, de preservação do *welfare state*.

contigüidade existente entre os tipos de história regional e suas conseqüências para a história norte-americana como um todo.¹⁸

O marco temporal explica-se pelos contornos adquiridos por estas discussões no período. Embora os questionamentos acerca do campo já fossem perceptíveis no início da década de 1980, eles começaram a ganhar corpo por volta de 1985, ampliando-se após o surgimento da NWH e atingindo seu ápice entre 1991 e 1993, tanto pelo número de textos publicados quanto por sua densidade intelectual. Após estas datas, ele começou a esmorecer, perdendo a intensidade inicial e sendo praticamente encerrado por volta de 1995, com os debatedores voltando-se a outros empreendimentos historiográficos.¹⁹ De certa forma, pode-se falar também, no mesmo período, da consolidação acadêmica da NWH, onde ela deixa de ser “nova” e torna-se “velha”, transformando-se em uma “quase-ortodoxia”, com seus sentidos polêmicos sendo bastante esvaziados no processo.²⁰

*

O *corpus* documental utilizado na pesquisa foi bem amplo e contém quase uma centena de escritos lançados entre 1985 e 1995, tanto sob a forma de artigos, como de livros. A escolha deste material foi baseada em dois pontos norteadores: o *veículo* em que se encontravam, isto é, se a revista, jornal ou livro eram significativos para a profissão e, mais especificamente, para o campo; e a *autoria*, ou seja, se os escritores eram personagens centrais para o debate. Para este segundo quesito, não levei tanto em consideração o local do texto, mas a envergadura do autor dentro da *Western History*.

¹⁸ De certa forma, o debate sobre a história do Oeste pode ser comparado, em seu âmbito público, ao famoso “*Historikereit*” alemão sobre a natureza do Holocausto e seu papel na história da Alemanha – embate que suscitou graves polêmicas e um certo mal-estar na opinião pública teuta. Sobre esta discussão, ver BALDWIN, Peter. *Hitler, the Holocaust and the Historians Dispute*. Boston: Beacon Press, 1990.

¹⁹ Isto não significa que a “crise de identidade” da História do Oeste tenha sido resolvida após esta data. Em 2000, foi publicada uma mesa-redonda sobre suas prerrogativas e prognósticos para o futuro, em termos muito parecidos com os evocados nas décadas anteriores. Do mesmo modo, a WHA recentemente divulgou uma ampla pesquisa realizada pela instituição, com o intuito de verificar sua representatividade profissional, as principais referências teórico-metodológicas de seus membros, seus temas e objetos de pesquisa preferidos, além de suas origens sociais e étnicas. Como não podia deixar de ser, vários historiadores debateram o presente e o futuro do campo, a partir dos resultados desta investigação. Ver SCHARFF, Virginia et alli. Claims and Prospects of Western History: a roundtable. In: *The Western Historical Quarterly*, vol. 31, n. 1. Spring, 2000 & LANSING, Michael et alli. Surveying the Western History Association. In: *The Western Historical Quarterly*, vol. 38, n. 3. Autumn, 2007.

²⁰ WROBEL, David. What on Earth has happened to the New Western History? In: *The Historian*, vol. 66. n. 3. September 2004. p. 430-437.

No primeiro caso, centrei-me nas principais publicações dedicadas à história e historiografia do Oeste: a *Western Historical Quarterly* (WHQ), publicada pela WHA e principal *journal* consagrado ao tema; a *Pacific Historical Review* (PHR), editada pela Divisão do Pacífico da *American Historical Association* (AHA), a segunda principal revista do país voltada aos temas *westerners*, embora seja mais generalizante em suas propostas do que a WHQ; e, por fim, a *Montana Magazine of Western History* (MMWH), parceria da *Montana Historical Society* e da WHA e misto de publicação popular e acadêmica, com ampla circulação no Oeste dos Estados Unidos. Junto a estes documentos, e com o intuito de avaliar a presença do debate no âmbito maior da historiografia nacional, adicionei as três principais publicações norte-americanas de História Geral: a *American Historical Review* (AHR), lançada pela AHA e já mencionada anteriormente; o *Journal of American History* (JAH), fórum da *Organization of American Historians* (OAH), associação profissional dos norte-americanistas; e a *Reviews in American History* (RAH), revista de resenhas da Universidade Johns Hopkins e o mais importante veículo de crítica historiográfica do país.

Nestas fontes, a minha principal preocupação foi avaliar o impacto da discussão entre os historiadores ligados a *Western History*, analisando suas reações, propostas e posicionamentos quanto aos questionamentos acerca de seu status. Sendo assim, procurei textos que buscavam comentar o debate, fornecer saídas para alguns impasses da época e criar novas sínteses para a história do Oeste. Em outras palavras, nestas fontes a minha preocupação foi menos com os autores dos textos e mais com seus *conteúdos*, já que somente estes podiam me dar a idéia da densidade e da amplitude da querela nos veículos imediatamente representativos do campo.

No segundo caso, procurei textos escritos pelos principais nomes da contenda, tanto pelo lado da NWH, quanto do de seus opositores. Aqui, foquei-me nos *autores* dos artigos, independente do veículo em que estavam localizados, já que, em diversos momentos, o conflito extrapolou as barreiras da especialização e foi divulgado em revistas e jornais acadêmicos não ligados a *Western History*. Para ilustrar tal escolha, cito um exemplo: no outono de 1993, a revista *Continuity*, editada pela organização conservadora *Young America Foundation*, publicou um dossiê contendo artigos de vários importantes críticos da NWH, como Gerald Nash e Martin Ridge. Deste modo, a escolha desta fonte foi dada

menos pela importância da *Continuity* para o campo e mais pela representatividade dos autores dos textos ali presentes.

No que concerne aos livros utilizados, a escolha foi relativamente simples: selecionei aqueles escritos pelos revisionistas e mais citados como “exemplos” desta nova historiografia. Igualmente, também selecionei aqueles que obtiveram uma rápida aceitação, ainda que não unânime, no campo como textos de referência obrigatória para a História do Oeste.

Por fim, para avaliar a repercussão pública deste debate, busquei referências à NWH em jornais e revistas de ampla circulação e importância no cenário midiático norte-americano (os tão famosos e problemáticos “formadores de opinião”). Foram eles: *The New York Times*, *The Washington Post*, *Newsweek*, *The USA Today*, *The U. S. News and World Report*, *The Chronicle of Higher Education* e *The New Republic*. Em menor escala, também foram utilizados jornais e revistas menos importantes, mas o cerne da pesquisa em fontes não-acadêmicas está nas sete publicações acima mencionadas. Igualmente, para contextualizar a NWH dentro das “guerras culturais” da década de 1990, busquei nestes mesmos veículos artigos e reportagens sobre história, em um modo mais amplo, com o intuito de entender como se conduziam as discussões sobre o passado norte-americano diante da audiência leiga.

*

Como o leitor já deve ter percebido, referi-me bastante à história como “narrativa”, com seus diferentes “enredos” e “tramas”. De fato, parto de uma perspectiva “escriturária” do conhecimento histórico, ou seja, a idéia de que a história é um tipo de relação com o passado mediada por um tipo distinto de discurso escrito, em geral narrativo.²¹ Deste modo, pode-se dizer que o ato de sua escrita é essencialmente *poético* – o historiador tanto *inventa* seu objeto, quanto o *descobre* nas fontes primárias.²² Nesta invenção, ele faz uso de todas aquelas estratégias comumente associadas à ficção, isto é, ele elabora um *enredo*, através da

²¹ WHITE, Hayden. *Literary Theory and Historical Writing*. In: *Figural Realism: studies in the mimesis effect*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1999. p. 1.

²² Idem. O texto histórico como artefato literário. In: *Trópicos do Discurso: ensaios sobre a crítica da cultura*. São Paulo: Edusp, 1994. p. 100.

ação que H. White chamou de “*emplotment*” (ou “enredamento”), com a definição de personagens, agentes e agências, supressão ou subordinação de certos elementos, pela mudança do ponto de vista e utilização de estratégias descritivas alternativas. Esta trama também está eivada de posicionamentos políticos e pressupostos filosóficos mais profundos, formando os chamados aspectos “meta-históricos” do texto. É a partir desta configuração que os fatos históricos adquirem sua compreensão: esta está ligada intimamente à caracterização feita pelo historiador. Os fatos jamais falam por eles mesmos.²³

Segundo este raciocínio, podemos nos perguntar sobre o impacto da *forma* do texto em seu *conteúdo* manifesto, isto é, o papel que o enredo tem na expressão do conteúdo manifestamente historiográfico do texto. Como o próprio Hayden White admitiu em uma entrevista, “*to choose the form is already to choose a semantic domain*”.²⁴ O estudo do aspecto textual da história nos permite, assim, inferir sobre a construção e a produção de significados nos textos históricos, a partir, principalmente, dos modos como organizam textualmente o passado e o significam ao público leitor. Em outras palavras, a representação do passado na forma de um texto historiográfico não é uma operação inocente e possui conseqüências diversas, como veremos. Sob este ângulo, pretender separar *o que é* dito do modo *como ele é* dito é complicado justamente pela sua profunda imbricação no plano textual.²⁵

²³ “Os fatos não falam por si mesmos, (...) o historiador fala por eles, fala em nome deles, e molda os fragmentos do passado num todo cuja integridade é, na sua representação, puramente discursiva”. Idem. As Ficções da Representação Factual. In: Ibidem. p. 141. Do mesmo modo, Durval M. de Albuquerque, Jr., nos diz que “tecer, como narrar, é relacionar, pôr em contato, entrelaçar linhas de diferentes cores, eventos de diferentes características, para que se tenha um desenho bem ordenado no final. Esse trabalho de tessitura é, no entanto, obra da mão de quem tece, da imaginação e habilidade de quem narra”. ALBUQUERQUE, Jr., Durval Muniz de. Introdução. Da terceira margem eu so(u)rrio: sobre história e invenção. In: *História: a arte de inventar o passado*. Bauru: Edusc, 2007. p. 31. Isto não significa, contudo, que não existam constrangimentos à imaginação do historiador. As inferências feitas, os argumentos sustentados e a inventividade de um trabalho historiográfico devem, obviamente, estar embasados pelas evidências. Para uma entusiasmada defesa da imaginação história e do papel da prova no texto histórico, ver MEGILL, Allan. *Historical Knowledge, Historical Error: a contemporary guide to practice*. Chicago: The University of Chicago Press, 2007. p. 1-17.

²⁴ “Escolher uma forma já é escolher um domínio semântico”. WHITE, Hayden. Interview with Hayden White. In: DOMANSKA, Ewa (org.). *Encounters: philosophy of history after postmodernism*. Charlottesville: University Press of Virginia, 1998. p. 21.

²⁵ Outros estudiosos do papel da retórica na disciplina fizeram o mesmo apontamento. Por exemplo, Ronald Carpenter considera a história como sendo um dos discursos mais persuasivos da cultura ocidental, justamente pela credibilidade que adquire de sua institucionalização acadêmica. Segundo ele, esta autoridade também é dada pelos modos encontrados pelos historiadores para expressarem suas mensagens. Ver CARPENTER, Ronald H. On Style and Narrative in History: a rhetorical perspective. In: *History as Rhetoric: style, narrative*

Esta preocupação com a história como aquilo que é efetivamente produzido por historiadores está inserida em um campo específico da História Intelectual, a Historiografia ou a História da História, como preferirem.²⁶ Tal área de estudos objetiva interrogar a memória disciplinar que se constituiu, considerando a nossa disciplina como sendo fundamentalmente *histórica*, fugindo de abordagens meramente catalográficas de autores e obras, onde as segundas derivam seu sentido dos primeiros.²⁷ Sob este ângulo, a Historiografia equivaleria ao estabelecimento de uma perspectiva crítica sobre o passado, o presente e os nossos usos contemporâneos do passado. Neste caso, “crítica” significa revelar as fissuras e contradições no passado, nas representações deste passado e nas inferências dominantes, e não-dominantes, referentes ao ontem, ao hoje e ao amanhã.²⁸ Dito de outro modo, através deste tipo de abordagem pode-se chegar a uma prática historiográfica mais auto-reflexiva e mais ciente de seus limites e possibilidades, fugindo tanto de ceticismos sobre a capacidade da historiografia de fornecer explicações plausíveis sobre o passado, quanto de afirmações exageradas de sua “cientificidade”, ambas igualmente paralisantes e insuficientes em suas considerações teóricas.²⁹

Deste modo, a proposta da pesquisa é justamente *historicizar* os debates sobre a *Western History*, tentando recuperar suas tensões e ambivalências, e, principalmente,

and persuasion. Columbia: University of South Carolina Press, 1995. p. 1-17. Outra apreciação pode ser encontrada em MEGILL, Allan & McCLOSKEY, Donald N. *The Rhetoric of History*. In: NELSON, John S.; MEGILL, Allan & McCLOSKEY, Donald N. (org.). *The Rhetoric of the Human Sciences: language and arguments in scholarship and public affairs*. Wisconsin: The University of Wisconsin Press, 1987. p. 217-229.

²⁶ De acordo com o norte-americano Dominick LaCapra, a meta da História Intelectual, nos termos aqui pensados, é fugir tanto de uma antiga história das idéias, em que estas auto-explicariam seu próprio desenvolvimento, quanto de uma história social do intelectual, que trataria este último como um mero epifenômeno da estrutura sócio-econômica de uma dada sociedade. LaCAPRA, Dominick. *Tropisms of Intellectual History*. In: *Rethinking History*, vol. 8, n. 4. December, 2004. p. 500.

²⁷ GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. *Entre as Luzes e o Romantismo: as tensões da escrita da história no Brasil oitocentista*. In: GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado (org.). *Estudos sobre a Escrita da História*. Rio de Janeiro: Sete Letras, 2007. p. 70.

²⁸ Ver MEGILL, Allan. *Coherence and Incoherence in Historical Studies: from the Annales school to the New Cultural History*. In: *New Literary History*, vol. 35. 2004. p. 207-231.

²⁹ Como um exemplo deste “ceticismo”, na falta de um termo melhor, poderia mencionar o teórico britânico Keith Jenkins. Ainda que seus textos tragam críticas pertinentes à historiografia contemporânea, sua insistência no caráter radicalmente construtivista do conhecimento histórico ou como um mero reflexo do poder que o produziu parece-me bastante exagerado e, em última instância, ingênuo. Ver sua clássica obra de 1991: JENKINS, Keith. *Rethinking History*. London: Routledge, 1991. Por outro lado, insistir que a historiografia é única e exclusivamente a “retificação” das versões anteriores do passado, com em sua capacidade “científica” em “revelar” o passado “como ele realmente aconteceu”, é ainda mais problemático e ingênuo. Para um exemplo deste tipo de atitude, ver MALERBA, Jurandir. *Teoria e História da Historiografia*. In: MALERBA, Jurandir (org.). *A História Escrita: teoria e história da historiografia*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 11-26.

apontando para as indeterminações daquilo que, à época, apresentava-se como sendo seu futuro. Se hoje sabemos o resultado desta contenda, seus participantes, obviamente, não tinham como sabê-lo durante seu desenrolar. Cabe, portanto, ao historiador da História a tentativa de recuperar as incertezas deste “futuro passado”, para usar a já notória expressão de Reinhart Koselleck³⁰, devolvendo à história o drama humano inerente a sua realização e interrogando seus cânones de forma constante:

“Interrogá-los é tarefa da historiografia, procurando deslindar as tramas que tornam operativa e necessárias estas escolhas, dentre um leque de outras possíveis. Reconstituir estes cenários de disputas e tensões em que ações eletivas são acionadas ajuda-nos a compreender o trabalho de escrita da história como parte de um esforço maior de construção social da vida humana”.³¹

Isto implica, também, em considerar a História como estando inserida dentro do âmbito maior da vida sócio-cultural de uma determinada sociedade, com funções que excedem, e em muito, uma mera “representação objetiva” do passado ou a auto-satisfação profissional dos historiadores. É preciso, como escreveu Manoel Salgado Guimarães, lembrar que, se por um lado a nossa disciplina assume o papel hegemônico de inquirir sobre o passado, por outro, este transborda para diferentes esferas da vida social. Neste caso, *“reconstituir as condições de produção e de possibilidade do texto significa reinscrevê-lo no cenário em que foi produzido, em diálogo com outros textos e supondo um certo tipo de leitor”*.³²

É por isso que concordo com Kerwin Klein quando ele diz que nenhuma afirmação feita por qualquer historiador é puramente neutra ou descritiva, já que seu significado depende de seu entrelaçamento com outras histórias que, mesmo não aparecendo explicitamente nas páginas do texto, são fundamentais para que ela seja mais do que um simples “borrão de tinta” (a expressão é de Klein). As tradições culturais onde estas histórias estão inseridas e seus diálogos com elas são de suma importância para a sua

³⁰ Ver KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto/PUC-Rio, 2006.

³¹ GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. Historiografia e cultura histórica: notas para um debate. In: *Ágora*, vol. 11. n.1. Janeiro/Junho, 2005. p. 32.

³² GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. Historiografia e cultura histórica: notas para um debate. op. cit. p. 33.

constituição de sua plausibilidade e aceitação pelas sociedades que lhes deram origem³³ Pretender analisar a disciplina como algo à parte do “mundo exterior”, por assim dizer, é naturalizar algo não tem nada de natural e neutralizar suas conseqüências naquele.

Sendo assim, pode-se concordar com as colocações de Michel de Certeau sobre a escrita da história, na medida em que a História não é somente o registro de uma dada cultura, mas um instrumento desta:

“A história se refere a um fazer que não é apenas o seu, mas aquele da sociedade que especifica uma produção científica. Se ela permite a um agir comum dar-se uma linguagem técnica própria, remete a esta práxis social como aquilo que torna possíveis os textos organizados por uma nova inteligibilidade do passado”.³⁴

Em outras palavras, a História, em sua conformação disciplinar, não existiria sem uma necessidade cultural anterior. Como lembrou Ian Buchanan, em sua brilhante análise da obra do jesuíta francês, a prática da escrita da história é, assim, uma contingência do tipo de necessidade que ela deve satisfazer e varia quando esta mesma necessidade muda.³⁵ Deste modo, e para evitar determinismos de qualquer modo, tanto contextualistas quanto textualistas, é preciso lembrar-se da consagrada fórmula de Certeau para a “operação historiográfica”, uma combinação tripartite consistindo da relação entre um *lugar* social, uma *prática* “científica” e uma *escrita*. Os debates sobre a História do Oeste ocorreram a partir de lugares específicos (universidades e organizações profissionais, principalmente) e revelaram uma tentativa de se estabelecer um certo controle sobre estas instituições, afirmando o que *podia* e o que *não podia* ser considerado parte integrante deste campo. Como veremos, esta disputa também acabou tornando-se um confronto sobre *quem* estaria autorizado a falar sobre a história do Oeste e *o quê* poderia ser falado sobre ela.

³³ KLEIN, Kerwin Lee. *Frontiers of Historical Imagination: narrating the European conquest of Native-America, 1890-1990*. Berkeley: University of California Press, 1997. p. 5.

³⁴ CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. op. cit. p. 57.

³⁵ BUCHANAN, Ian. *Michel de Certeau: cultural theorist*. London: Sage Publications, 2000. p. 58.

Conseqüentemente, lugares, práticas e textos estão profundamente imbricados no empreendimento historiográfico.³⁶

Em minhas análises sobre os textos da História do Oeste, portanto, tentei manter em vista esta imbricação, não os subsumindo em seus contextos de produção, numa relação de causa-e-efeito, e nem considerando-os como artefatos em si mesmo, naquilo que LaCapra chamou de um “historicismo estreito”.³⁷ Em alguns momentos, entretanto, como o leitor irá perceber, segui uma abordagem mais contextualizante, e mesmo catalográfica, com o intuito apenas de introduzir um tópico ainda pouco explorado pela historiografia brasileira e de fornecer o panorama necessário para a compreensão da contenda sobre a História do Oeste (retornarei a este ponto mais adiante). Isto, contudo, diz respeito muito mais a uma autoconsciente estratégia de argumentação do que a uma convicção teórico-metodológica sobre uma capacidade explicativa do “contexto”.

De modo similar, tentei levar em consideração que o discurso historiográfico profissional é apenas *um* dos possíveis sobre o passado e não se pode, nem se deve, se confundir ontologicamente “história” e “passado”, como já alertaram uma série de teóricos.³⁸ Desta maneira, e mesmo que os historiadores felizmente ainda possuam capital intelectual suficiente para impor sua autoridade como *experts*, ainda existem outros modos de representar o passado que disputam espaço com os profissionais. Os embates públicos em torno da história do Oeste servem, nesse caso, como um exemplo bastante incisivo de como a “história” é, em última instância, um discurso público e passível das mais diversas apropriações pelos mais variados grupos.

³⁶ De modo análogo a Certeau, Allan Megill afirma que a constituição de estruturas institucionais, que poderíamos identificar como os vários *lugares sociais* dos quais fala o jesuíta francês, não é justificada somente pelo amparo que dão à produção de conhecimento (o que de fato fazem), mas também pelos *limites* que impõem a ela. Neste caso, de acordo com o teórico norte-americano, elas dão vazão à idéia de que todos os historiadores, independente de suas posições pessoais, estão engajados em único grande projeto, sendo necessária, portanto, a domesticação (ou a disciplinarização) de histórias que, por qualquer motivo que seja, eles encarem como sendo desviantes do caminho consagrado pela comunidade de *experts*. MEGILL, Allan. *Historical Knowledge, Historical Error*: op. cit. p. 179-180.

³⁷ LaCAPRA, Dominick. *Tropisms of Intellectual History*. op. cit. p. 501-502.

³⁸ Ver, entre outros, ANKERSMIT, Frank. *Historical Representation*. Stanford: Stanford University Press, 2001; BERKHOFER, Jr., Robert F. *Beyond the Great Story: history as text and discourse*. Cambridge: Harvard University Press, 1995; RICOUER, Paul. *A Memória, a História, o Esquecimento*. Campinas: Unicamp, 2007 & WHITE, Hayden V. *The Content of the Form: narrative discourse and historical representation*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1987.

*

Em geral, a historiografia norte-americana não tem recebido um tratamento mais extensivo por sua contraparte brasileira, à exceção de duas excelentes obras.³⁹ Alguns manuais nacionais de história da História e de historiografia contemporânea, por exemplo, ou fazem breves menções ou a ignoram solenemente.⁴⁰ Em outros momentos, a historiografia estadunidense aparece somente sob a égide de um mal-explicado “pós-modernismo”, a mais recente das várias etapas de “colonização” do pensamento latino-americano pelos seus vizinhos do norte.⁴¹ Deste modo, alimentam-se preconceitos bastante infundados e ignora-se a própria trajetória multifacetada e conturbada da disciplina nos Estados Unidos, desde a sua profissionalização.

No que tange especificamente à historiografia sobre o Oeste e a fronteira norte-americana, a situação não é muito diferente, embora, aqui, a explicação possa ser simples: poucos autores fundamentais sobre estes temas foram traduzidos para o português.⁴² Desta maneira, tal tema permanece sendo relativamente inédito em nosso país. Encontrei somente

³⁹ Gerson Moura foi um dos pioneiros no estudo da historiografia norte-americana no Brasil e seu “*História de uma História*”, publicado em 1994, continua sendo uma das referências em língua portuguesa para o tema. MOURA, Gerson. *História de uma História: a historiografia norte-americana no século XX*. São Paulo: Edusp, 1994. De modo similar, José Antônio Vasconcelos analisou os debates sobre o “pós-modernismo” e a virada lingüística nas páginas da AHR em fins da década de 1980, contribuindo em muito para uma melhor compreensão dos grandes debates que perpassaram a historiografia estadunidense nos últimos vinte anos. VASCONCELOS, José Antonio. *Quem tem Medo de Teoria? A ameaça do pós-modernismo na historiografia norte-americana*. São Paulo: Fapesp/Annablume, 2005.

⁴⁰ Ver AGUIRRE ROJAS, Carlos & MALERBA, Jurandir (org.). *Historiografia Contemporânea em Perspectiva Crítica*. São Carlos: Edusc, 2007 & SILVA, Roger Forastieri. *História da Historiografia*. São Carlos: Edusc, 2001.

⁴¹ Para Jurandir Malerba, a mais recente historiografia norte-americana sobre a América Latina pauta-se por preocupações que não são “genuinamente” latino-americanas, tentando impor uma “agenda pós-moderna” que visa, em última instância, fazer valer os ditames do Império e desarmar as resistências locais contra ele. Ver MALERBA, Jurandir. *A História na América Latina*. Rio de Janeiro: FGV, 2009. p. 26-31. A explicação de Malerba, que parece partir do mesmo preconceito ideológico de um eminente autor que afirma serem os Estados Unidos os responsáveis por *todas* as mazelas contemporâneas, é ainda mais absurda quando colocada ao lado de sua intransigente defesa da historiografia francesa *annaliste* como um modelo a ser seguido pelos historiadores da América Latina. Ora, isso não seria igualmente a imposição de uma agenda externa, igualmente insensível aos interesses latino-americanos? A questão, obviamente, não é de se defender uma ou outra historiografia “imperial” de modo inflexível, mas problematizá-las justamente para fugir de oposições binárias que, na maior parte das vezes, encerram o debate ao invés de fomentá-lo. O autor mencionado acima é SADER, Emir. *A Nova Toupeira: os caminhos da esquerda latino-americana*. Rio de Janeiro: Boitempo, 2009.

⁴² O texto fundador de Turner só foi traduzido em 2004, cem anos após o seu aparecimento, pelo prof. Paulo Knauss, da Universidade Federal Fluminense: KNAUSS, Paulo (org.). *O Oeste Americano: quatro ensaios de história dos Estados Unidos*. Niterói: UFF, 2004. Outros autores considerados fundamentais, como Herbert Bolton e Walter Webb, mesmo tendo sido utilizados como referenciais teóricos por intelectuais como Sérgio Buarque de Holanda e José Honório Rodrigues, continuam indisponíveis em língua portuguesa.

dois textos que a mencionam: um de Maria Aparecida Lopes, publicado em 2003⁴³, e um de Lúcia Lippi de Oliveira⁴⁴, lançado em 2001. Ambos, contudo, tendem a naturalizar o próprio discurso do movimento, tomando-o como uma devida “correção” dos pressupostos turnerianos, sem problematizar sua auto-atribuída originalidade ou alguns de seus pressupostos mais gerais, como a idéia do “Oeste-região”, em contraposição à “fronteira-processual”. O artigo de Lopes é o que mais se aproxima de uma discussão historiográfica sobre o tema, ainda que desprovida de um maior rigor teórico, como, por exemplo, a consideração sobre seus lugares de produção e seus desdobramentos políticos mais amplos.⁴⁵

O livro de Lúcia Lippi trata da NWH somente implicitamente. Seu foco está centrado na construção das identidades nacionais no Brasil e nos Estados Unidos, a partir da análise dos textos de Turner e Vianna Moog, entre outros. No caso norte-americano, Lippi usa os escritos de Patricia Limerick e Donald Worster para demonstrar o que foi deixado de lado por Turner na elaboração de suas teorias, apontando para o caráter excludente das mesmas. O texto, contudo, não trata da NWH de maneira mais sistemática, limitando-se apenas a enfatizar sua novidade na academia estadunidense e a originalidade de suas abordagens, repetindo o discurso do próprio movimento.⁴⁶

Nos Estados Unidos, ainda não foram feitas análises mais extensivas sobre os debates aqui estudados (ao menos não similares à proposta deste trabalho). Em geral, prevaleceu na historiografia, nos anos 1990 e 2000, uma visão que privilegiou os grandes “balanços” sobre a NWH e suas contribuições ao campo, sem, contudo, entrar nos méritos mais amplos de sua imposição, auto-legitimação e das virulentas respostas ao movimento. Sob esse aspecto, a coletânea organizada por Forrest Robinson em 1998 é uma rara exceção,

⁴³ LOPES, Maria Aparecida de S. Frederick Jackson Turner e o lugar da fronteira na América. In: GUTIÉRREZ, Horácio; NAXARA, Márcia R. C. & LOPES, Maria Aparecida de S. (org.). *Fronteiras: paisagens, personagens, identidades*. São Paulo: Olho d'Água, 2003. p. 13-34.

⁴⁴ OLIVEIRA, Lúcia Lippi de. *Americanos: representações da identidade nacional no Brasil e nos EUA*. Belo Horizonte: UFMG, 2001.

⁴⁵ SOARES, Maria Aparecida Lopes. op. cit. p. 28-30. Por motivos óbvios, abstive-me de comentar sobre dois artigos meus sobre o tema. Ver AVILA, Arthur Lima de. O Oeste historiográfico norte-americano: Frederick Jackson Turner vs. a NWH. In: *Anos 90*, vol. 12, n. 21/22. 2005. p. 369-414 & Idem. Da História do Oeste à História da Fronteira: crise e fragmentação da *Western History* norte-americana no século XX. In: *História Unisinos*, vol. 13, n. 1. Janeiro/Abril, 2009. p. 78-83.

⁴⁶ OLIVEIRA, Lucia Lippi. *Americanos*. op. cit. p. 117.

na medida em que seus vários autores problematizaram os debates de uma forma teoricamente mais profunda.⁴⁷

No âmbito dos “balanços”, seis publicações merecem destaque: “*Creating the West*” (1991), de Gerald Nash; “*Writing Western History*” (1993), coletânea organizada por Richard Etulain; “*On Turner’s Trail*” (1994), de Wilbur Jacobs; “*Re-imagining the Modern American West*” (1996) e “*Telling Western Stories*” (1999), ambos escritos por Etulain; e, por fim, o número especial da revista “*The Historian*”, de setembro de 2004, organizado por David Wrobel e dedicado ao impacto da NWH no campo.⁴⁸

O livro de Nash parte de uma problemática noção de “ecologia”, isto é, a geração e o contexto onde estão inseridos os historiadores, para explicar a evolução da *Western History* em seus primeiros cem anos.⁴⁹ Embora seja uma preciosa fonte de informações (utilizei-o amplamente em minha pesquisa), o livro peca justamente pelo seu caráter excessivamente contextualista, onde Nash pressupõe uma relação de causa-e-efeito entre os historiadores e seus tempos, de modo que as diferenças entre *western historians* da mesma geração acabam não sendo explicadas.⁵⁰

A coletânea organizada por Etulain consiste em artigos sobre historiadores do Oeste escritos por outros historiadores do Oeste, com um resultado bastante homogêneo e igualmente extremamente informativo. Já seus dois livros não são somente análises da historiografia do Oeste, mas de boa parte da produção cultural da região no século XX, com destaque para a Literatura. Seus grandes méritos são justamente localizar a NWH dentro de uma conjuntura cultural maior de releituras do passado *westerner*, matizando suas reivindicações a uma originalidade revolucionária e traçando as várias continuidades e descontinuidades da *Western History* no século XX. O problema destas obras, certamente, é

⁴⁷ ROBINSON, Forrest G (org.). *The New Western History*. op. cit.

⁴⁸ NASH, Gerald D. *Creating the West, 1890-1990*. Albuquerque: University of New Mexico Press, 1991; ETULAIN, Richard W. (org.). *Writing Western History: essays on major western historians*. Reno: University of Nevada Press, 1993; JACOBS, Wilbur. *On Turner’s Trail: 100 years of writing western history*. Lawrence: University of Kansas Press, 1994; ETULAIN, Richard W. *Re-imagining the American West*. op. cit; Idem. *Telling Western Stories*. op. cit; *The Historian*, vol. 66. n. 3. September 2004.

⁴⁹ Segundo Nash, este conceito significa “a relação entre mudanças no contexto contemporâneo e as visões cambiantes dos historiadores”. NASH, Gerald. *Creating the West*. op. cit. p. vii.

⁵⁰ Um dos exemplos disto é a análise que Nash faz da NWH, onde esta é considerada como um mero reflexo do conturbado contexto dos anos 1960. Idem. *Ibidem*. p. 237-240.

justamente o seu escopo: por se focarem em um período amplo de cem anos, acabam, algumas vezes, fazendo leituras mais apressadas dos artefatos culturais examinados.

O livro de Jacobs é uma tentativa de se chegar a um acordo entre turnerianos e anti-turnerianos, a partir de uma releitura da obra do Pai Fundador e de um balanço dos avanços e problemas da *Western History* em seus cem anos de vida. Igualmente precioso sob o ponto de vista das informações nele contidas, o texto parte, na verdade, de uma abordagem historiográfica bastante tradicional, elencando autores e obras cronologicamente e avaliando suas contribuições ao campo. Ao seu fim, contudo, Jacobs revela-se um entusiasmado (e persuasivo) defensor de legado turneriano, que percebe existir mesmo em seus oponentes mais duros.⁵¹

Por fim, a edição da “*The Historian*” dedica-se a fazer mais um balanço das contribuições da NWH para a História do Oeste, com textos sobre a nova historiografia de temas variados, como água no Oeste, a história ambiental da região e sua inserção dentro do “sistema-mundo” capitalista. Nenhum dos autores, contudo, busca esmiuçar os debates dos anos 1980 e 1990, talvez até por terem tomado parte neles (escrevem no volume: Richard White, Patrícia Limerick, Richard Etulain, David Wrobel, Elliott West e Allan Bogue).

Percebe-se, portanto, que existe um vácuo a ser preenchido, tanto nos Estados Unidos quanto no Brasil, no que tange a uma crítica mais extensiva dos debates em questão ou, em outras palavras, sua “desfamiliarização” e sua problematização como um fenômeno histórico em si mesmo. É justamente este tratamento, ainda que não extensivo, que se pretende dar ao território contestado da *Western History*, entre 1985 e 1995, terra deixada virgem e intocada pelos historiadores interessados nesta questão.

*

A tese está dividida em quatro capítulos, além das considerações finais e da presente introdução. No primeiro capítulo, detive-me na apresentação da evolução da *Western History*, desde a sua profissionalização com Turner até os conturbados anos 1970, à luz,

⁵¹ Ao final do livro, Jacobs afirma que “o cerne da História do Oeste é a forte árvore turneriana”. JACOBS, Wilbur. *On Turner's Trail*. op. cit. p. 236.

principalmente, da trajetória maior da disciplina e sua inserção no mundo social. Nele, o problema foi verificar como a História do Oeste passa de uma posição privilegiada dentro da profissão a um status de marginalização e crise quase permanente, a partir dos anos 1960. Tal quadro, como veremos, contribuiu para o surgimento da NWH e não poderia ser deixado de lado, especialmente como uma introdução aos leitores que pouco ou nada conhecem sobre a historiografia norte-americana.

No segundo capítulo, o foco está na crise do campo e na emergência da NWH como uma espécie de reação a esta situação. O destaque, aqui, foi dado às “auto-análises” realizadas por uma série de importante *western historians* no começo dos anos 1980, as propostas dos revisionistas para uma reescrita completa da história do Oeste e os modos de sua autolegitimação (incluindo aí, uma problemática relação com a Literatura e uma não menos confusa epistemologia para a História).

O terceiro capítulo centra-se na questão mais específica das narrativas escritas pelos *new western historians*, atentando para como estes passados imaginados contribuem ou sabotam os futuros pensados por eles para os Estados Unidos. Em outras palavras, o que me interessa aqui são as políticas da escrita da história da NWH, assim como suas tensões e conflitos internos, refletidos na oposição conceitual entre “região” e “fronteira” em seus textos canônicos – sem dúvida, o maior debate entre os próprios revisionistas.

Por fim, o último capítulo trata da recepção e aceitação da NWH, e sua consolidação como a “nova ortodoxia” do campo, na conjuntura das guerras culturais dos anos 1990. Do mesmo modo, avalia-se também a maneira como os debates em torno do passado do Oeste transbordaram para além dos limites acadêmicos e como os não-profissionais reagiram ao revisionismo proposto pelo movimento. Sendo assim, continua-se explorando as conseqüências políticas das narrativas dicotômicas pensadas para a história não só do Oeste, mas dos Estados Unidos enquanto nação.

*

Uma última nota, apenas: as traduções das citações em inglês são todas minhas. Assumo, portanto, total responsabilidade por eventuais deslizes na transcrição das fontes.

Enfim, caro leitor: “suba na sela e aproveite o (às vezes turbulento) passeio”, já diriam os caubóis de antanho!

Capítulo I – O Oeste como América: a trajetória de uma disciplina

“The problem of the West is nothing less than the problem of American development”. – Frederick Jackson Turner⁵²

A trajetória da *Western History* no século XX é, dentro das outras áreas da História nos Estados Unidos, bastante peculiar. Tendo sido a avalista da profissionalização da disciplina, em fins do século XIX e começo do XX, ela obteve um prestígio intelectual bastante pronunciado neste período, exemplificado pela influência de Frederick Jackson Turner e sua *frontier thesis* na historiografia estadunidense como um todo. Apesar disso, a partir dos anos 1950 e 1960, a História do Oeste perdeu seu antigo status e foi marginalizada dentro do universo acadêmico, criando, assim, um pronunciado sentimento de crise entre seus praticantes. Para entender, portanto, como a NWH surgiu, devemos antes entender a evolução do campo durante o século XX, com o intuito de desvelar os problemas que o levaram à perda de espaço, visibilidade e importância.

Este capítulo está dividido em dois pontos. No primeiro, tento fazer um panorama da *Western History* entre aproximadamente 1890 e 1950, atentando para seu caráter mais nacional do que regional e para os principais autores e obras do período. No segundo, centro-me na decadência da área e no surgimento deste sentimento de crise, sob o pano de fundo da fragmentação da História norte-americana como um todo.

1.1. Profissionalização e Institucionalização (c.1890 - c.1950)

É impossível começar qualquer trabalho sobre a história e a historiografia do Oeste norte-americano sem mencionar o nome de Frederick Jackson Turner. Sob sua tutela, a *Western History* foi institucionalizada na academia norte-americana em fins da década de 1890. Num contexto de expansão do ensino superior, e de profissionalização das Ciências Humanas, diversas universidades introduziram o curso ao seu currículo. A primeira a fazê-

⁵² "O problema do Oeste não é nada menos do que o problema do desenvolvimento norte-americano". TURNER, Frederick Jackson. The Problem of the West. In: *The Frontier in American History*. op. cit. p. 205.

lo foi a *alma mater* de Turner, a Universidade Estadual do Wisconsin, em 1895, com várias outras seguindo nos anos seguintes.⁵³

A importância das universidades locais nesse processo foi fundamental. Até então, a profissão era dominada por homens nascidos ou criados intelectualmente no ambiente da Nova Inglaterra. Nos primeiros anos da AHA, eles controlaram a associação e possuíam os principais postos acadêmicos do país. Em suas mãos, a história do país confundia-se com a história do Nordeste norte-americano, sem que o vasto território além dos Apalaches merecesse mais do que alguns comentários isolados em seus trabalhos (geralmente desabonadores).⁵⁴ A partir da última década do século XIX, tal situação foi sendo gradualmente alterada, e nos primeiros anos do século seguinte a inversão dos papéis foi quase completa: os profissionais nascidos no Oeste e no Sul passavam a ser maioria na AHA e a expansão do ensino de história nas diversas universidades destas regiões diminuiu em muito a importância do status quo *easterner* na profissão.⁵⁵

O aumento da oferta de cursos de História no país inteiro, e a mudança de currículo efetuada no período, foram fundamentais para essa quebra do poder *new-englander*. Até 1870, a educação humanista era focada na Filosofia e na História Antiga, sem maiores preocupações generalizantes. Entre esta data e a fundação da AHA, em 1884, a situação foi sendo gradualmente modificada através de câmbios curriculares profundos, com o aumento do espaço dedicado à História, e com o aumento progressivo de postos de trabalho em instituições de ensino superior. De qualquer modo, em 1884 não existiam mais do que vinte professores *formados* em História atuando na nação (o número de amadores ou de profissionais das outras Ciências Humanas que atuavam como historiadores devia ser um pouco maior).⁵⁶

Dez anos mais tarde, o quadro era substancialmente diferente. Um pouco mais de cem professores de história, com a formação devida, trabalhavam em aproximadamente

⁵³ BOGUE, Allan G. The Course of Western History's First Century. In: MILNER II, Clyde A. (org.). *A New Significance: re-envisioning the history of the American West*. New York: University of Oxford Press, 1996. p. 6-7.

⁵⁴ Idem. Ibidem. p. 5-6.

⁵⁵ HIGHAM, John. *History: professional scholarship in America*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1983. p. 16-18.

⁵⁶ Idem. Ibidem. p. 4.

trinta universidades, espalhadas de Leste a Oeste da América.⁵⁷ Esta expansão beneficiou diretamente as chamadas *land-grant universities*, espalhadas pelos rincões dos Estados Unidos. Criadas para funcionarem como centros de ensino técnico para o aprimoramento educacional das populações locais, com o auxílio dos governos estaduais e federais, elas logo instituíram cursos de História em seus currículos, com ênfase em suas histórias regionais (o Departamento de História da Universidade Estadual de Wisconsin, coordenado por Turner nestes anos, é um exemplo disto). Na primeira década do século XX, elas já eram, no nível da graduação, os principais pólos de formação de profissionais em História em todo o país.⁵⁸ Isto possibilitou um aumento substantivo no número de historiadores em atuação, já que estas instituições eram baratas e facilmente acessíveis para os filhos da crescente classe média estadunidense ou dos pequenos e médios proprietários rurais do interior. Como reflexo disto, em 1909, um pouco mais de vinte anos após sua fundação, a AHA possuía quase três mil filiados.⁵⁹

O papel de Turner foi fundamental para a profissionalização.⁶⁰ Através de sua coordenação, o seminário de História de Wisconsin formou alguns dos principais historiadores norte-americanos do século XX. Após sua ida para Harvard, em 1910, sua autoridade cresceu ainda mais com o aumento de alunos de pós-graduação sob sua orientação direta. Turner também era consultado por diversas universidades em busca de profissionais e, não raro, fazia estes apontamentos de maneira direta. Deste modo, várias instituições contavam com ex-estudantes de Turner em seus quadros docentes, nos mais diversos campos de estudo, desde a História da Imigração até a Filosofia da História.⁶¹

No que se refere à historiografia do Oeste, sua envergadura era ainda maior. Dos sessenta e dois historiadores de História do Oeste considerados por Allan Bogue como os

⁵⁷ Um elemento fundamental para esta ampliação foi a fundação da Universidade Johns Hopkins, em 1876, e de seu seminário de doutoramento em história, o primeiro do país. Isto permitiu a nacionalização da formação profissional nos Estados Unidos, já que, até então, esta era feita na Europa, principalmente em Göttingen, na Alemanha. Idem. *Ibidem*. p. 4-5.

⁵⁸ BOGUE, Allan G. *The Course of Western History's First Century*. op. cit. p. 7-8.

⁵⁹ Este número incluía uma grande quantidade de amadores e outros profissionais das Ciências Humanas. De qualquer modo, como John Higham escreve, é possível que mais da metade possuísse algum tipo de formação acadêmica em História, tanto nos níveis de graduação, quanto nos de pós-graduação. HIGHAM, John. *History*. op. cit. p. 27.

⁶⁰ AVILA, Arthur Lima de. *E da Fronteira veio um pioneiro... a frontier thesis* de Frederick Jackson Turner (1861-1932). Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em História – Departamento de História, UFRGS, Porto Alegre, 2006. p. 33-47.

⁶¹ Idem. *Ibidem*. p. 45-47.

mais importantes do país, dezesseis haviam sido orientados diretamente, ou indiretamente, por Turner, e mais de trinta haviam sido tutorados por alguns de seus ex-orientandos. Não raro, estes nomes acabaram construindo suas carreiras em diversas *land-grant universities* através dos Estados Unidos, tornando a “rede” turneriana nacional em seu alcance.⁶² No ano da morte de Turner, em 1932, a quantidade de cursos de *Western History* em diversas instituições era bastante significativo: 69% das universidades do Oeste o possuíam em seus currículos, incluindo todas as estaduais, contra 43% das instituições do Leste. Nesta região, contudo, não é tanto o número que impressiona, mas os locais onde o curso era ensinado: as oito universidades mais prestigiosas da América, a chamada *Ivy League*⁶³, ofereciam-no aos seus alunos.⁶⁴ Do mesmo modo, o campo também passava a ter a sua própria organização, a *Mississippi Valley Historical Association* (MVHA), fundada em 1907, e sua própria revista, a *Mississippi Valley Historical Review* (MVHR), em 1914. A primeira, mesmo dedicada a temas “paroquiais” do Oeste, tornou-se a segunda maior associação de historiadores do país, somente numericamente inferior a AHA, enquanto a segunda transformou-se no principal fórum de discussões sobre história norte-americana nos Estados Unidos. Ambas foram controladas por turnerianos, ou simpatizantes, em suas duas primeiras décadas de existência.

65

Pode-se falar, portanto, em uma contigüidade entre a institucionalização da *Western History* e da História enquanto disciplina. Mais do que isso, pode-se afirmar que, neste primeiro momento, as duas praticamente confundiam-se. Um motivo para isto é exatamente o tipo de *Western History* concebida e legada por Turner e seus seguidores, centrada no conceito de “*fronteira*”. Em suas mãos, a história do Oeste, ou melhor, da fronteira, *era a* história dos Estados Unidos. Ela era concebida como sendo um processo contínuo, que

⁶² BOGUE, Allan G. *The Course of Western History's First Century*. p. 7-9.

⁶³ A tradução deste termo seria “Liga da Hera” e ele deriva, basicamente, da antiguidade das instituições, já que seus centenários prédios são cobertos pela erva mencionada. São elas: Harvard, Yale, Columbia, Pensilvânia, Dartmouth, Brown, Cornell e Princeton. Com exceção da quarta, todas estão localizadas na Nova Inglaterra.

⁶⁴ Idem. *Ibidem*. p. 8.

⁶⁵ Os fundadores da MVHA declinaram o convite para torná-la uma seção da AHA, preferindo manter-se como uma organização independente e de atuação paralela àquela associação. Além disso, um dos motivos para a sua constituição foi um certo ressentimento em relação à preponderância das universidades do Leste no controle da AHA. Através desta nova instituição, os historiadores das universidades regionais poderiam ter uma maior liberdade de atuação e uma maior representatividade dentro da profissão. NOVICK, Peter. *That Noble Dream: the objectivity question and the American historical profession*. Cambridge: Cambridge University Press, 1988. p. 182-183.

começava nas praias do Leste, com a chegada dos primeiros colonizadores europeus, e terminava com a conquista de toda a América, do Atlântico ao Pacífico. A estrutura temporal e retórica da *frontier thesis* permitia a incorporação de diversas histórias regionais ao corpo da história nacional, funcionando como uma metanarrativa⁶⁶ extremamente eficaz para diversas outras. Em outras palavras, mesmo a mais local das narrativas encontrava seu significado no processo de expansão das fronteiras ocidentais do país. A tese de Turner deu *movimento* ao espaço nacional, conferindo-lhe uma *identidade* através deste processo.⁶⁷ Os personagens de sua história eram homens e mulheres anônimos, que moviam-se sobre o continente americano, impelidos por um destino que lhes era anterior. Do choque dialético entre a selvageria, representada pela natureza indomada, e a civilização, simbolizada pelos colonos, nasceu a excepcional democracia norte-americana. A condição material para o surgimento deste regime político sem igual eram as chamadas “terras livres” do Oeste, territórios apenas esperando para serem ocupados por seres humanos estóicos e dedicados à árdua labuta na terra. A expansão, contudo, havia chegado ao fim em 1890, quando o Censo Nacional declarou estarem ocupadas todas estas terras livres. O país estava fechado em si mesmo.⁶⁸

A *frontier thesis* era, em última instância, a narrativa da formação de um país excepcional. Ela racionalizava o desenvolvimento do capitalismo em solo norte-americano, dando-lhe uma base autóctone e diferenciando-o de sua contraparte européia. A fronteira agia como o principal elemento de americanização dos habitantes do país e de seu sistema político e econômico. Com isso, a tese de Turner adequou-se perfeitamente ao *milieu* cultural de fins do século XIX e XX, legitimando as pretensões imperiais dos Estados Unidos e fornecendo uma base científica para seus sonhos de um Destino Manifesto, lhes concedido não mais pela Providência, mas por sua produtividade e devoção à democracia.⁶⁹

⁶⁶ Usarei o termo “metanarrativa” de modo análogo ao que Robert Berkhofer chama de “grande estória”, ou seja, o contexto maior das histórias parciais e todo o passado concebido como história que justifica as exposições sintéticas dos historiadores. Assim, uma, ou a, Grande Estória pode ser a biografia de uma vida, a história de um lugar ou uma região específica ou o relato de um ano ou uma década. É importante perceber, contudo, que este conceito não deve ser confundido com o de “Grande Narrativa”, de Jean-François Lyotard (1989), na medida em que uma metanarrativa, como entendida neste trabalho, pode ser ou não ser uma destas Grandes Narrativas. BERKHOFER, Robert F. *Beyond the Great Story*. op. cit. p. 39.

⁶⁷ AVILA, Arthur Lima de. *E da Fronteira veio um Pioneiro...* op. cit. p. 119-141.

⁶⁸ Idem. Ibidem. p. 120-125.

⁶⁹ Idem. Ibidem. p. 130-141.

Como bem demonstra Kerwin Klein, a *frontier thesis* foi a primeira narrativa historiográfica a instituir como legítimo o estudo dos grupos subalternos da nação, já que seus heróis não eram os grandes vultos da história norte-americana, mas seres humanos comuns. Através de Turner, os habitantes do país ganharam uma história com a qual podiam identificar-se, se não plenamente, pelo menos parcialmente.⁷⁰ Ademais, o conceito também aventava para a possibilidade não só de um choque cultural, mas de uma interação entre os mundos distintos da “selvageria” e da “civilização”. É verdade que ele negligenciou os nativos como atores importantes de sua história, mas ele também construiu o cenário fronteiro como sendo um espaço de atuação, tanto para os colonos como para os indígenas. Em outras palavras: a fronteira podia ser entendida como uma *zona de interação cultural* entre estes dois grupos. Um não existe sem o outro.⁷¹

Não foi assim, contudo, que seus seguidores mais importantes, como Frederick Paxson (1877-1956) e Ray Allen Billington (1901-1981), entenderam o conceito. Para eles, a “fronteira” era a dura *divisão* entre dois mundos, não uma área de interatividade. De um lado estava a natureza e suas “crianças”, os índios (e, em menor grau, os mestiços, franceses e espanhóis), e de outro, os norte-americanos de origem anglo-saxônica.⁷² Em 1924, Paxson lançou “*A History of the American Frontier, 1793-1893*” (“Uma História da Fronteira Norte-americana, 1793-1893”), um relato dos cem anos de expansão norte-americana para além dos Apalaches. Seu autor não era um historiador qualquer: ele era o homem que substituíra Turner em Wisconsin após a ida deste para Harvard, em 1910. Ele era o professor titular de uma das mais famosas cátedras de História Americana em todo Estados Unidos.⁷³

O enredo de “*A History of the American Frontier*” seguia o padrão estabelecido por Turner: a história começava nas praias do Leste e movia-se em direção ao Pacífico,

⁷⁰ KLEIN, Kerwin Lee. Reclaiming the “F” Word, or Being and Becoming Postwestern. In: *The Pacific Historical Review*, vol. 65, n. 2. May 1996. p. 195.

⁷¹ Idem. Ibidem. p. 186.

⁷² Inclusive o aspecto racial, relativamente minimizado por Turner, foi amplificado por estes escritores, que faziam questão de enfatizar a origem anglo-saxônica “pura” dos fronteiros (para todos os efeitos, alemães, franceses hugenotes, irlandeses protestantes, escoceses e escandinavos são considerados como sendo membros honoríficos da grande família WASP - branca, anglo-saxônica e protestante). Idem. Ibidem. p. 187.

⁷³ ETULAIN, Richard W. After Turner: the Western historiography of Frederick Logan Paxson. In: ETULAIN, Richard W (org.). *Writing Western History: essays on major Western historians*. Reno: University of Nevada Press, 1991. p. 146-147. Paxson permaneceu em Wisconsin até 1930, quando foi para Berkeley, na Califórnia.

atravessando os Apalaches, o Rio Mississippi, as Grandes Planícies e as Montanhas Rochosas. Do mesmo modo, a fronteira chegava ao fim em 1890. Ao contrário de Turner, contudo, Paxson enfatizava as mudanças tecnológicas ocorridas no período e seu efeito na expansão e a organização dos novos territórios em estados da União. Sua fronteira não era mais um espaço de interações, mas uma barreira a ser superada pelos norte-americanos. A redução dos índios ao âmbito do mundo natural também é parte integral da narrativa de Paxson: a batalha central da história dos Estados Unidos não é entre colonos e indígenas, mas entre aqueles e a natureza, que se recusa a ser domada de maneira fácil.⁷⁴ O choque dialético entre estes dois pólos não existe; o que existe é a dominação de um pelo outro: os colonos subjagam a terra de modo triunfal, levando nada de sua herança selvagem.⁷⁵

A importância da publicação ficou bem clara quando Paxson conquistou o Prêmio Pulitzer por ela, em 1925. Durante as duas próximas décadas, ela foi utilizada por milhares de estudantes norte-americanos, transformando-se, junto aos artigos de Turner, na então principal referência deste tipo de historiografia.⁷⁶ Ademais, e a premiação parece deixar isto bem claro, ela confirmava a contigüidade existente entre a *Western History* turneriana e a história nacional. Em outro artigo datado de 1933, por exemplo, Paxson deixou ainda mais claro a contigüidade entre as duas: “*the history of the West, (...), but is the history of the larger combat in which the whole nation was engaged*”.⁷⁷ A fronteira era a nação em marcha.

O livro de Ray Allen Billington, “*Westward Expansion: a history of the American frontier*” (“Expansão Ocidental: a história da fronteira norte-americana”), publicado em 1949, substituiu o texto de Paxson como o principal livro didático turneriano usado nas universidades do país. À época de seu lançamento, Billington era professor de História Americana na Universidade Northwestern, no Illinois. Surpreendentemente, quando do começo de sua carreira, ele não era um turneriano aguerrido. Muito pelo contrário, sua

⁷⁴ Idem. *Reimagining the Modern American West: a century of fiction, history and art*. Tucson: University Press of Arizona, 1996. p. 46-47.

⁷⁵ Como Klein afirma, ao contrário de Turner, Paxson nunca conseguiu demonstrar *narrativamente* a americanização do colono efetuada pela fronteira, justamente por causa do abandono da concepção dialética que movia a história turneriana. Ao negligenciar isto, Paxson acabou arruinando seu argumento de maneira irreversível. KLEIN, Kerwin. *Frontiers of Historical Imagination*. op. cit. p. 145.

⁷⁶ ETULAIN, Richard W. After Turner. op. cit. p. 152.

⁷⁷ PAXSON, Frederic L. A Generation of the Frontier Hypothesis: 1893-1932. In: *The Pacific Historical Review*, vol 2, n. 1. March, 1933. p. 40.

primeira obra, publicada em 1938, “*The Protestant Crusade*” (“A Cruzada Protestante”), era um estudo da evolução do nativismo norte-americano, onde ele acusava a fronteira de ser responsável pelo racismo e pela xenofobia dos norte-americanos.⁷⁸ Dez anos mais tarde, contudo, ele havia se tornado um dos mais ardorosos defensores da tese de Turner e um de seus principais divulgadores.

Escrito no curso de quase uma década, o livro de Billington transformou-se no mais famoso tratado de *Western History*, perdendo somente para os escritos de Turner em fama. A obra foi inteiramente baseada nos cursos dados pelo decano em Harvard e, de certo modo, pode ser considerada a síntese que faltava ao *corpus* textual daquele professor.⁷⁹ A linguagem histórica de Billington é, contudo, substancialmente diferente daquela empregada de seu grande predecessor, ou mesmo por Paxson. O seu conceito de fronteira é ainda menos interacionista do que o de Paxson. O “outro lado”, o lado “selvagem” – essencial na definição de Turner – desaparece completamente. Segundo a sua definição, a fronteira era “*a vast westward-moving zone, contiguous to the settled portions of the continent, and peopled by a variety of individuals bent on applying individual skills to the exploitation of abundant natural resources*”.⁸⁰ A antiga definição turneriana é transformada em uma divisão absoluta entre “civilização” e “natureza”, sem espaço para as nuances e ambigüidades, e para a originalidade lingüística, de Turner. Por isso mesmo, a narrativa de Billington opera de maneira quase mecânica – os pioneiros marcham em direção ao Pacífico obliterando as barreiras em seu caminho, sem o drama dialético de Turner. O resultado é uma história que, ao alterar a forma da *frontier thesis*, acabou alterando seu conteúdo. Se a tese original de Turner pode ser entendida como uma reconciliação de antíteses (“civilização” e “selvageria”) em uma síntese (“democracia”), a

⁷⁸ RIDGE, Martin. Ray Allen Billington, Western History and American Exceptionalism. In: *The Pacific Historical Review*, vol. 56, n. 4. November, 1987. p. 497. De qualquer modo, Billington foi aluno de dois turnerianos, tanto na graduação quanto na pós-graduação: de Paxson, em Wisconsin, e de Frederick Merk, substituto de Turner em Harvard. BILLINGTON, Ray Allen. The Frontier and I. In: *The Western Historical Quarterly*, vol. 1, n. 1. January, 1970. p. 9.

⁷⁹ RIDGE, Martin. Ray Allen Billington, Western History and American Exceptionalism. op. cit. p. 500.

⁸⁰ “Uma vasta zona que se move a Oeste, contígua às porções colonizadas do continente, e **povoada por uma variedade de indivíduos dispostos a aplicar suas habilidades à exploração de recursos naturais abundantes**”. Grifo meu. BILLINGTON, Ray Allen. *Westward Expansion: a history of the American frontier*. New York: MacMillan, 1967. p. 3.

de Billington é uma narrativa teleológica: a nação supera todos os obstáculos e barreiras e emerge triunfal em fins do século XIX.⁸¹

Foi esta leitura da *frontier thesis* que predominou durante a primeira metade do século XX.⁸² Billington e Paxson foram os mais significativos autores do período, mas não os únicos a efetuar tal operação: a meta de vários historiadores das décadas de 30 e 40 era tornar a tese de Turner mais científica do que em sua versão original, retirando os “exageros” retóricos e mantendo somente aquilo que pudesse servir aos interesses de uma disciplina cada vez mais próxima das Ciências Sociais e de seus protocolos lingüísticos. Do mesmo modo, as críticas a Turner e seus seguidores vieram de um âmbito parecido. Como demonstra Gerald Nash, os críticos atacavam a *frontier thesis* por causa de suas supostas imprecisões teóricas e suas falhas em testar empiricamente as hipóteses que apresentava.⁸³

Um dos mais incisivos ataques veio de George Pierson. Em 1942, num artigo publicado no “*The New England Quarterly*”, Pierson dedicou-se à escrutinar o que para ele eram falhas irremediáveis da tese turneriana. Entre outras coisas, ele atacou Turner por sua imprecisão teórica e analítica e por seu estilo excessivamente “poético”. Ainda que reconhecesse o talento de Turner como professor e a originalidade de sua hipótese, Pierson criticou violentamente a falta de evidências apoiando as generalizações de Turner e sua estagnação intelectual. Para ele, o pai da *frontier thesis* passou a carreira inteira insistindo em conclusões errôneas, como, por exemplo, a afirmação de que a fronteira seria uma espécie de válvula-de-escape para os problemas sociais do Leste. Citando pesquisas então recentes, Pierson demonstrava como, na verdade, eram os agricultores do Oeste que migravam para as cidades e não o inverso. Além disso, as inconsistências internas da teoria,

⁸¹ Os termos utilizados por Billington para se referir aos outros atores sociais da expansão são bem claros: índios, espanhóis, franceses e o mundo natural são *barreiras* a serem superadas pelos pioneiros anglo-saxônicos. Não existe, portanto, a noção de síntese de Turner: a civilização vence a selvageria, não se funde a ela para o surgimento de uma nova sociedade em solo americano. Ver Idem. Ibidem. p. 653-673.

⁸² Outros autores importantes foram Robert Riegel, Thomas Abernethy, Clarence Alvord, Avery A. Craven e Joseph Schaefer. Todos eles escreveram livros ou artigos importantes baseados nas premissas de Turner. Alvord, Craven e Riegel foram seus alunos em Harvard.

⁸³ NASH, Gerald D. *Creating the West: historical interpretations, 1890-1990*. Albuquerque: University of New México Press, 1991. p. 29-31.

seu materialismo e seu determinismo geoeconômico eram tão grandes que a tornavam inútil para os historiadores daquela época.⁸⁴

Os ataques nas décadas de 1930 e 1940 também tomaram uma forma *política e teórica* bastante acentuada. O próprio Pierson afirmou que a *frontier thesis* precisava ser desmontada por causa de seu paroquialismo e seu nacionalismo excessivos. O excesso de atenção dado à fronteira teria cegado os norte-americanos a outros problemas sociais de extrema seriedade, além de ter fechado os olhos da nação ao mundo exterior.⁸⁵ Louis Hacker, declaradamente marxista, atacou a tese pela sua incapacidade de encarar o problema da desigualdade de classes sociais e por servir como um instrumento conservador para a obstrução da revelação dos verdadeiros problemas sociais do país. Como vista por ele, a *frontier thesis* era um mecanismo contra-revolucionário.⁸⁶ Durante a Grande Depressão, a tese de Turner foi considerada por um grande número de intelectuais como um obsoleto retrato do otimismo excessivo do começo do século XX. A mensagem era bastante clara: para que os Estados Unidos pudessem encarar seu futuro, seus habitantes precisariam abandonar a crença na fronteira como a força-motriz de sua história e aprender a conviver com a idéia de um país “fechado em si mesmo”.⁸⁷

Alguns destes escritores inverteram as premissas originais de Turner: a fronteira tinha tido um grande efeito na história norte-americana, porém *negativo*. A maioria destas críticas veio de nortistas interessados em recuperar à Nova Inglaterra o prestígio historiográfico perdido com o surgimento da *frontier thesis*. Para autores como Van Wyck Brooks, Lewis Mumford e Walter Weyl, a fronteira teria dado origem a uma civilização desprezível e perigosa. Seus principais elementos eram a violência endêmica, a corrupção,

⁸⁴ Entre as inconsistências apontadas por Pierson estão a contradição entre seccionalismo e nacionalismo, ambos apontados por Turner como tendo sido promovidos pela fronteira. PIERSON, George W. The Frontier and American institutions: a criticism of the Turner theory. In: *The New England Quarterly*, vol. 15, n. 2. June, 1942. p. 224-255.

⁸⁵ Idem. Ibidem. p. 226-227.

⁸⁶ HACKER, Louis. Sections – or Classes? In: Ibidem. p. 51-56.

⁸⁷ Outros críticos bastante contundentes foram Fred A. Shannon, que atacava a idéia da fronteira como uma válvula-de-escape para os conflitos sociais do Leste; Paul W. Gates, que buscava refutar o conceito de “terras livres”; Benjamin Wright, para quem a democracia era um produto da herança européia dos norte-americanos, não um regime político autóctone; e James C. Malin, para quem as diferenças regionais eram muito mais importantes do que a fronteira-processual. De qualquer modo, como expõe Gerald Nash, apesar dos diversos ataques, a tese de Turner gozava de um enorme prestígio acadêmico entre os historiadores do Oeste, principalmente nas *land-grant universities*, já que lhes permitia considerar suas próprias histórias regionais como parte de umnexo maior. Ver NASH, Gerald D. *Creating the West*. op. cit. p. 32-42.

a ignorância e um propositado desrespeito às regras mais básicas da existência civilizada. Era necessário, portanto, criar mecanismos de controle a estes impulsos anti-sociais, antes que eles ameaçassem a própria existência do país (já perigosamente comprometida pela Depressão). A influência da fronteira havia sido, portanto, *trágica* para os Estados Unidos. Pior ainda: seus valores continuavam vivos, mesmo após seu encerramento como processo histórico. Estas interpretações não se propunham a questionar a tese turneriana *factualmente*, mas *moralmente*. Os fatos brutos da expansão eram os mesmos para ambos, críticos e defensores de Turner, e, ao que parece, eles não pareciam estar muito interessados em discutir os dados apresentados pelo professor. A *resolução* da história é que era diferente. Isto indica que eles estavam engajados em um processo de reescrita da história norte-americana que fornecesse uma nova visão moral da experiência histórica dos Estados Unidos.⁸⁸

Apesar destas críticas, que encontraram certa ressonância no ambiente universitário *new-englander*, os turnerianos continuaram exercendo grande poder nos departamentos de História do país. Ainda que a maioria permanecesse presa a uma visão bastante mecanicista da *frontier thesis*, alguns aplicaram-na a outras paragens e problemas, dando-lhe uma vitalidade renovada. Estes autores contribuíram, assim, para que ela mantivesse uma importância acadêmica bastante significativa, principalmente após a morte de Turner. Dois historiadores merecem, neste caso, uma atenção específica: Herbert Eugene Bolton e Walter Webb.

Filho de um imigrante inglês e nascido em 1870, Bolton foi aluno de Turner em Wisconsin e, após a conclusão de sua graduação, foi indicado por seu mestre a um posto na Universidade da Pensilvânia, como professor-assistente e aluno de pós-graduação.⁸⁹ Em 1921, já como docente da prestigiosa Universidade da Califórnia, Berkeley, Bolton lançou um livro que retomava a idéia da fronteira como um espaço de interação entre culturas: “*The Spanish Borderlands*” (“*As Borderlands Espanholas*”). Nele, o autor transforma o conceito de “fronteira” em “*borderland*”, aquele território limítrofe entre a América hispânica e anglo-saxônica, onde as duas se fundem inexoravelmente. Aqui, não existe a

⁸⁸ Idem. Ibidem. p. 11-28.

⁸⁹ Após sua estadia na Pensilvânia, Bolton lecionou na Universidade do Texas e Stanford, antes de se transferir para Berkeley, em 1911. WORCESTER, Donald. Herbert Eugene Bolton: the making of a Western historian. In: ETULAIN, Richard W. (org.). *Writing Western History*. op. cit. p. 194.

conquista triunfal de um território vazio: os antigos ocupantes da terra são como uma memória constante da resistência da “natureza” (como imaginavam outros turnerianos) em ser facilmente assimilada. Mais do que isso, Bolton lembrava aos seus leitores que, nos territórios do Sudoeste dos Estados Unidos, a *mestizaje* não era só cultural: ela era sanguínea. O sangue dos conquistados corria nas veias dos filhos dos conquistadores.⁹⁰ Apesar deste *insight* bastante original, Bolton era um turneriano de coração: os personagens de sua narrativa são os agentes coloniais espanhóis e os proprietários de terras da *frontera*, considerados por ele como a versão hispânica dos pioneiros anglo-saxões. A mestiçagem se dá entre europeus, entre espanhóis e anglos – o elemento indígena é minimizado. Do mesmo modo, apesar desta persistência cultural e sanguínea, a conquista destes territórios pelos norte-americanos é vista como a realização do destino nacional estadunidense, ainda que em termos menos triunfalistas do que aqueles de seus colegas.⁹¹

O sucesso de Bolton foi imenso: o livro foi amplamente elogiado e seu autor acabou inaugurando o estudo da América hispânica como uma área legítima dentro da disciplina, adquirindo pra si todo o reconhecimento daí advindo. Onze anos após o lançamento de “*The Spanish Borderlands*”, Bolton assumiu a presidência da AHA, uma demonstração não só de seu prestígio pessoal, mas também da própria *Western History*.⁹² Seu discurso de posse, intitulado “*The Epic of a Greater America*” (“O Épico de uma Grande América”) postulava a necessidade de se estudar *toda* a América enquanto fronteira, do Alasca à Patagônia, criando uma nova metanarrativa para as distintas narrativas nacionais. Segundo ele, a interação cultural entre diferentes povos e a marcha de pioneiros através do continente abriam o caminho para uma ampliação da tese original de Turner,

⁹⁰ KLEIN, Kerwin Lee. *Frontiers of Historical Imagination*. op. cit. p. 205.

⁹¹ O nascimento de “*The Spanish Borderlands*” não foi, segundo Albert Hurtado, menos do que traumático. O livro foi concebido para uma coleção dedicada ao público leigo, “*The Chronicles of America*” (“As Crônicas da América”) e seu editor implicou com o estilo “pouco literário” de Bolton, contratando uma *ghost-writer* (a conceituada autora Constance Lindsay Skinner) para transformar a obra em algo que pudesse atrair a atenção da audiência não-especializada. A “revisora”, como era formalmente chamada, não só interferiu no estilo de Bolton, mas também em suas interpretações, argumentando que a presença espanhola só fazia sentido se encarada como um prenúncio da conquista anglo-saxônica. O historiador reagiu indignado ao que ele chamou de “ignorância” e “preconceito” de Skinner e defendeu sua visão. Ao cabo destas inflamadas discussões, a vontade de Bolton prevaleceu e Skinner limitou-se a fazer algumas correções estilísticas, sem entrar em méritos históricos mais profundos. HURTADO, Albert L. Parkmanizing the Spanish Borderlands: Bolton, Turner and the historians’ world. In: *The Western Historical Quarterly*, vol. 26, n. 2. Summer, 1995. p. 149-157.

⁹² Um exemplo deste respeito foi a indicação de Paxson à presidência da AHA, em 1938. Apesar das críticas, o “turnerismo” ainda continuava forte institucionalmente.

transformando as três Américas em um laboratório para a verificação de suas assertivas (como, por exemplo, a americanização dos colonos). De certa forma, Bolton retomava a preocupação de Turner em estudar a história local à luz da nacional. A história voltava a ser dialética. Neste caso, contudo, era o estudo do nacional à luz do global que lhe interessava.⁹³

A preocupação do texano Walter Webb era outra: chamar a atenção para o Oeste *enquanto região*. Ele não abria mão de uma perspectiva turneriana, mas focava sua história em apenas uma das diversas fronteiras: as Grandes Planícies, a *wilderness* norte-americana por excelência. Professor da Universidade do Texas, Webb argumentava que o padrão de colonização das pradarias diferia consideravelmente daquele do Meio-Oeste. Enquanto este era um território úmido e fértil, as terras além do centésimo meridiano eram áridas e secas, pouco propícias ao tipo de agricultura praticada no Leste. O resultado foi um predomínio temporário da natureza sobre o homem, que obrigou as instituições existentes a adequar-se à região.⁹⁴ Webb continuou e expandiu a idéia de “americanização” inerente ao conceito turneriano de fronteira, na medida em que avaliou o impacto do ambiente norte-americano nos milhares de seres humanos que fizeram do Grande Deserto seu lar. O tom de sua história, contudo, é um pouco mais obscuro do que o de Turner, Billington, Paxson e Bolton, pois o estudo das planícies é o estudo do fracasso humano em domar a natureza. Confrontados com uma fronteira natural hostil, os colonos amargaram, pela primeira vez na história do país, a derrota para as intempéries do clima.⁹⁵

Mas Webb não escreveu tragédias. Na batalha contra a *wilderness*, os fazendeiros criaram diversos mecanismos tecnológicos para superar a selvageria. Deste modo, o surgimento do arame-farpado, do arado elétrico e dos modernos sistemas de irrigação foram determinados pela vida no deserto.⁹⁶ A natureza vence a batalha; os humanos vencem a guerra. Ao final de um longo período de sofrimento, a civilização emerge vencedora, subjungando o meio-ambiente. O recado é implícito, mas poderoso: um povo que domina o mundo natural pode conquistar *qualquer coisa*. A conquista do Oeste é um

⁹³ ETULAIN, Richard W. *Reimagining the Modern American West*. op. cit. p. 114-116.

⁹⁴ WEBB, Walter Prescott. *The Great Plains: a study in institutions and environment*. New York: Ginn and Company, 1931. p. 8.

⁹⁵ Idem. Ibidem. p. 9.

⁹⁶ Idem. Ibidem. p. 270-375.

capítulo grandioso na história da nação e, graças a este embate, a região é a mais americana de todas. O país pode ter sido fundado em 1776, mas só adquiriu sua grandeza última com a vitória sobre as Planícies.⁹⁷

Outro atributo importante do livro de Webb foi a vazão dada ao *regionalismo westerner*. O sub-texto⁹⁸ de “*The Great Plains*” (“As Grandes Planícies”) é a construção de uma identidade regional oposta não só ao Leste, mas também ao Meio-Oeste, cenário privilegiado dos escritos de Turner e de vários de seus seguidores. A geografia dividia a América: de um lado, os *yankees* nortistas, pouco afeitos a olhar além dos Apalaches; de outro, os estóicos habitantes das planícies, que, mesmo com todos os problemas, conseguiram domar um território considerado inóspito pelos primeiros, forjando para si uma identidade intimamente conectada com a terra (e, parece-me, mais “americana” do que a de seus compatriotas do Leste). A lealdade de Webb está, portanto, além do meridiano cem. Ela jaz com seus conterrâneos e para eles que a história é contada. Turner afirmou em 1891 que a história da América era pouco conhecida, que os habitantes do país ainda se conheciam⁹⁹; quarenta anos mais tarde, Webb parecia dizer o mesmo dos *westerners*. Sua narrativa funciona, então, como uma introdução à região e suas peculiaridades. Mesmo que sua metanarrativa ainda seja a marcha da fronteira e seu impacto na vida nacional, Webb antecipou o surgimento de uma história eminentemente regional para o Oeste, calcada em seus próprios problemas e experiências.

Esta perspectiva regionalista tornou-se ainda mais acentuada nos trabalhos de intelectuais não ligados aos lugares de produção historiográfica, destacando-se dois autores: Bernard DeVoto e James C. Malin. Em 1934, Bernard DeVoto, um jornalista em Utah, lançou um manifesto que se tornaria uma das expressões regionalistas mais famosas dos Estados Unidos, “*The West: a plundered province*” (“O Oeste: uma província saqueada”), publicado na prestigiosa *Harper’s Magazine*. O argumento de DeVoto era bastante simples: durante toda a sua existência, o Oeste havia sido saqueado repetidamente pelo governo federal e seus recursos naturais e econômicos haviam sido expropriados de maneira

⁹⁷ Idem. Ibidem. p. 487-489.

⁹⁸ Utilizo esta expressão para significar o argumento implícito de um determinado texto. Ver BERKHOFER, Jr., Robert F. *Beyond the Great Story*. op. cit. p. 22.

⁹⁹ TURNER, Frederick. The Significance of History. In: FARAGHER, John Mack (org.). *Rereading Frederick Jackson Turner*. New Haven: Yale University Press, 1998. p. 17.

autoritária pelos representantes de Washington. Mas nem tudo era sombrio no futuro do *American West*: de maneira paradoxal, o jornalista achava que o aumento da presença estatal na região, resultado do *New Deal* de Franklin D. Roosevelt, haveria de diminuir a espoliação, trazendo um desenvolvimento econômico mais equânime entre Leste e Oeste e libertando-o do jugo do capital especulativo de Wall Street.¹⁰⁰

Outro autor que ajudou a deslocar o foco da fronteira para a região foi James C. Malin. Um conservador militante, professor da Universidade do Kansas, Malin escreveu, em 1946, um clássico da historiografia regionalista: *“The Grasslands of North America”* (“Os Campos da América do Norte”), apresentado como uma introdução à história das Grandes Planícies. Para o autor, os campos que se estendiam das Dakotas até o Texas eram uma área selvagem, somente domada através da força de vontade de milhares de pioneiros. Sua meta com o livro era entender como haviam surgido as características regionais daquele lugar, sua relação com o meio-ambiente inóspito e seus efeitos na população humana que ali havia estabelecido residência. Combinando Ecologia, Psicologia, História Econômica e Sociologia em suas análises, Malin defendia que a conquista da natureza havia tido um impacto indelével nos seres humanos que colonizaram as Planícies. A ameaça da aridez e as constantes secas forjaram uma sociedade que não renunciava à sua liberdade de ação nem mesmo diante de desastres naturais. Mais: Malin afirmava categoricamente que fenômenos como as “nuvens-de-pó” (*“dust bowls”*)¹⁰¹, que assolaram os campos durante a década de 1930, eram única exclusivamente naturais, sem que os seres humanos possuíssem qualquer responsabilidade por eles. Esta conclusão era uma resposta

¹⁰⁰ ETULAIN, Richard W. *Reimagining the Modern American West*. op. cit. p. 111-112. Alguns anos antes, em 1927, DeVoto defendeu a idéia de que o Oeste montanhoso era o “verdadeiro”, em detrimento de outras sub-regiões. Segundo sua lógica, esta seria, então, a parte mais americana da América. WROBEL, David M. Beyond the Frontier-Region Dichotomy. In: *The Pacific Historical Review*, vol. 64, n. 3. August, 1996. p. 424-425. Outro autor que teve considerável peso para a formação desta escola “colonialista” foi o nativo de Montana, Joseph Kinsey Howard, que acusava os especuladores e os grandes capitalistas do Leste de sangrarem os recursos naturais de seu estado natal e de aprisionarem o produtor rural com baixos preços e altos juros. Ver NASH, Gerald D. *Creating the West*. op cit. p. 118.

¹⁰¹ O solo das Grandes Planícies, especialmente no Kansas e no Oklahoma, era bastante arenoso, e seu mau uso pelos colonos, combinado com uma seca prolongada e devastadora, aumentou sua erosão, resultando em tempestades de areia e pó por toda a região. O fenômeno atingiu seu ápice na década de 1930 e deixou mais de 500,000 habitantes sem casa ou completamente falidos, já que as áreas atingidas tornaram-se permanentemente inférteis, ou pelo menos, desgastadas o suficiente para prevenir qualquer plantação por mais de duas décadas. William Cronon fez um estudo bastante interessante do fenômeno e de seus comentaristas,. Ver CRONON, William. A Place for Stories: history, nature and narrative. In: *The Journal of American History*. vol. 79, n. 1. March 1992, p. 1347-1374.

direta aos programas do *New Deal*: enquanto os técnicos do governo federal culpavam os fazendeiros pelo mau uso da terra e planejavam uma completa reestruturação dos tipos de produção locais, Malin se opunha terminantemente a qualquer tentativa de “planificar” a economia regional. Como um bom individualista, seu recado era claro: o governo não devia intrometer-se onde não havia sido chamado.¹⁰²

No final da década de 1940 e início da de 1950, os regionalistas tinham força considerável dentro das universidades locais, mas *fora* dos departamentos de História. Uma explicação para isto pode ser a ainda importante presença turneriana nos lugares de produção no período, mesmo que já bastante enfraquecida pelo surgimento de novos historiadores não identificados com suas problemáticas. Ademais, muitos destes autores, como os próprios DeVoto e Malin, não tinham formação profissional em História, sendo considerados como meros diletantes pelos historiadores. Sem apoio institucional dentro da disciplina, era lógico que eles buscassem refúgio em outros lugares. Mesmo assim, estes escritores tinham popularidade suficiente fora das universidades para prescindirem da legitimação acadêmica aos seus trabalhos. O caso de DeVoto é bastante ilustrativo desta tendência: ele foi um dos autores mais vendidos no Oeste durante as décadas de 1950 e 1960, tendo um impacto bastante significativo na construção de uma “consciência regionalista” no Oeste.¹⁰³

Dentro do campo, os turnerianos ainda eram uma maioria bastante significativa. Em 1942, George Pierson publicou as respostas de um questionário enviado a duzentos historiadores, considerados por ele como os mais importantes nomes da *Western History*, no ano anterior. As respostas eram claras: aproximadamente 70% deles consideravam os marcos turnerianos como os mais adequados para a história do Oeste, mesmo que eles precisassem de alguns reparos específicos.¹⁰⁴ Dez anos mais tarde, 83 historiadores, de uma lista de 103, escolheram “*The Frontier in American History*” como o segundo melhor livro

¹⁰² BOGUE, Allan G. James C. Malin: a voice from the Grasslands. In: ETULAIN, Richard W (org.). *Writing Western History*. op. cit. p. 232-233. Segundo David Wrobel, a principal base do argumento regionalista, defendido por Malin, era o medo de um nacionalismo essencialista, que sobrepujasse as diferenças regionais dos Estados Unidos e transformasse o país em algo homogêneo. Deste modo, estes regionalistas reforçavam as peculiaridades locais com o claro intuito de se contrapor à uma visão monolítica da identidade norte-americana. WROBEL, David M. *Beyond the Frontier-Region Dichotomy*. op. cit. p. 426.

¹⁰³ ETULAIN, Richard W. *Reimagining the Modern American West*. op. cit. p. 113-114.

¹⁰⁴ NASH, Gerald D. *Creating the West*. op. cit. p. 46.

de História lançado nos Estados Unidos entre 1920 e 1935.¹⁰⁵ Apesar das críticas, Turner continuava possuindo prestígio suficiente entre os profissionais.

Um exemplo deste respeito está demonstrado por outra investigação conduzida por Caughey, desta vez somente sobre a *Western History*, publicado em 1947, no MVHR. Analisando 1699 artigos publicados em 26 revistas profissionais, no período entre 1938 e 1946, Caughey demonstra que os principais tópicos de pesquisa dos historiadores do Oeste continuava sendo aqueles consagrados pela historiografia turneriana: o comércio de peles; a exploração do Oeste; a expansão dos pioneiros em direção ao pacífico e a descrição da vida sócio-econômica dos pioneiros na fronteira. Pouca atenção era dada à industrialização da região, aos conflitos entre capital e trabalho e aos nativos. Do mesmo modo, mais da metade destes textos centravam-se no marco temporal entre 1850 e 1890, com uma queda abrupta no número de trabalhos dedicados ao século XX. Prevalencia, assim, a data fixada por Turner como sendo o “fim” da história do Oeste, assim como seus temas de estudo mais queridos.¹⁰⁶

Ainda que considerasse o estado do campo como sendo positivo, Caughey apontava alguns problemas que mais tarde iriam atormentar os *western historians*. Em primeiro lugar, existia, segundo ele, uma tendência generalizada a localismos. Historiadores pouco deixavam as divisões estaduais de lado e focavam somente sua região de nascimento ou trabalho, perdendo a visão do Oeste como um todo. O resultado era uma historiografia fragmentada em demasia e que, muitas vezes, era de pouca valia para a compreensão do passado regional.¹⁰⁷

Em segundo lugar, alguns historiadores buscavam “narrar” os acontecimentos de um modo quase “romântico”, pouco preocupando-se em “explicar” o passado. Ainda que esta não fosse uma característica geral, era preocupante na medida em que demonstrava que, para muitos dos integrantes do campo, era mais importante contar uma boa história do que

¹⁰⁵ O terceiro lugar no questionário de Caughey, com 66 votos, foi para “*The Great Plains*”, de Walter Webb. Outros livros que obtiveram boa votação foram “*The Spanish Borderlands*”, de Bolton, e “*A History of the American Frontier*”, de Paxson. CAUGHEY, John Walton. *Historian’s Choice: results of a poll on recently published American history and biography*. In: *The Mississippi Valley Historical Review*, vol. 39, n. 2. September, 1952. p. 299.

¹⁰⁶ Idem. *The Mosaic of Western History*. In: *The Mississippi Valley Historical Review*, vol. 33, n. 4. March, 1947. p. 595-606.

¹⁰⁷ Idem. *Ibidem*. p. 604-606.

engajar-se com os problemas “reais” do passado. Entre outras coisas, para Caughey, isto revelava uma certa imaturidade historiográfica. Felizmente, segundo ele, nem todos os *western historians* compartilhavam deste problema e o surgimento de algumas críticas a esta tendência “antiquária” e “romântica” era um sinal de que o problema poderia ser resolvido num futuro próximo.¹⁰⁸

As considerações de Caughey anteciparam algumas das discussões mais candentes da *Western History* nas décadas seguintes: a disputa entre “narrativa” e “análise”, “antiquarianismo” e “história profissional” e “região” e “nação”. Se naquela conjuntura o campo ainda possuía prestígio suficiente para impedir que Caughey chegasse a conclusões mais sombrias sobre seu futuro, ainda sim sua análise é um indicativo de que o fantasma da “crise” esteve presente desde cedo. O abandono de uma visão nacional da história do Oeste e a sua crescente regionalização institucional só fariam este quadro piorar.

Como vimos, em seu processo de institucionalização, o campo da *Western History* confundiu-se com a própria disciplina, sem que houvesse um limite claro que demarcasse o fim da generalização e o começo da especialização. A “fronteira”, enquanto conceito definidor da experiência histórica norte-americana, funcionava como uma coligação de elementos díspares, principalmente no âmbito regional. Desta forma, ela operava como um poderoso cimento para a identidade nacional do país, na medida em que afirmava a primazia da nação sobre a região. A história desta só tinha significado se lida sob a luz daquela. Ao final da Segunda Guerra, contudo, a fragmentação da profissão em diversas sub-especialidades, o aumento da rejeição da *frontier thesis*, o surgimento de diversas interpretações divergentes, e, principalmente, a falta de reconhecimento pelo *mainstream* acadêmico, acabou transformando o campo em mais um entre vários, atirando-o em uma crise de identidade que duraria até a década de 1980.

1.2. Fragmentação e Crise (c.1950 –c.1980)

Após a Segunda Guerra Mundial, a História entrou em um período de crescimento e esperança nos Estados Unidos. A vitória dos Aliados sobre a monstruosidade nazista devolveu confiança ao sistema democrático e à economia capitalista, abalada durante os

¹⁰⁸ Idem. Ibidem.

anos da Grande Depressão. O surgimento do “fantasma” comunista no horizonte amalgamava diferentes setores na retórica da defesa do “mundo livre” contra a “ameaça” vermelha, muitas vezes beirando a histeria coletiva e pondo em risco a própria liberdade de atuação profissional nas universidades.¹⁰⁹ Alguns dos mais entusiasmados nesta tarefa foram os historiadores. A partir de 1950, eles se empenharam em construir uma versão do passado norte-americano que enfatizava a harmonia em detrimento do conflito, o consenso em relação ao dissenso. Eles, mais do que nunca, passavam a enfatizar a objetividade científica de seus trabalhos, descartando como um ataque à boa conduta historiográfica o ceticismo, o pragmatismo e o relativismo.¹¹⁰ Segundo Peter Novick, “*nothing could be more disarming in a global struggle of ideologies than to suggest that there was no universal, absolute standard by which belief systems and practices could be judged*”.¹¹¹ As ciências do Ocidente, fossem exatas ou humanas, deveriam ser autônomas, empíricas e objetivas, ao contrário da prática científica “ideologicamente contaminada” dos países comunistas.¹¹²

Esta competição ideológica refletiu-se em uma ampliação do sistema universitário norte-americano, com uma maior injeção de recursos públicos e privados em seus empreendimentos. O governo norte-americano financiou o estudo de milhares de ex-

¹⁰⁹ Sobre a histeria anticomunista nas universidades ver SCHRECKER, Ellen W. *No Ivory Tower: McCarthyism and the universities*. Oxford: Oxford University Press, 1988 & ZINN, Howard. *The Politics of History in the Era of the Cold War: repression and resistance*. In: CHOMSKY, Noam (org.). *The Cold War & University: toward an intellectual history of the postwar years*. New York: The New Press, 1997. p. 41.

¹¹⁰ Durante a década de 1930, o chamado “relativismo histórico” teve uma recepção favorável por parte de alguns historiadores importantes. Um deles, Carl Lotus Becker (ex-aluno e amigo pessoal de Turner), chegou, inclusive, à presidência da AHA, durante o biênio 1931-1932. Em seu discurso de despedida, “*Everyman his own Historian*” (“Cada um seu próprio Historiador”), Becker apresentava posições bastante radicais, principalmente quando comparadas ao *mainstream* objetivista da profissão. Segundo ele, a história aceita no presente será o mito das gerações futuras. Não existe, portanto, uma base segura para a afirmação de verdades peremptórias por parte dos historiadores. A objetividade tão almejada por eles seria uma quimera. Nesta lógica, a função da História era de fornecer uma visão de mundo que se adequasse aos problemas do presente, sendo uma espécie de “imaginação moral” para os homens do presente. Charles Beard, um dos personagens mais polêmicos da historiografia norte-americana na primeira metade do século XX e presidente da AHA em 1933-34, também atacou o “nobre sonho” da objetividade científica e subordinou toda e qualquer interpretação histórica às necessidades políticas do presente. Ambos atraíram vários defensores, mas, em geral, as respostas às suas colocações foram bastante raivosas, quando não partindo para ataques *ad hominem* que pouco ou nada tinham a ver com os problemas em questão. Durante a Segunda Guerra, tanto Becker quanto Beard foram acusados de enfraquecer moralmente a América diante de seus inimigos. Em tempos de conflitos, não poderia existir qualquer tipo de concessão às idéias relativizantes. NOVICK, Peter. *That Noble Dream*. op. cit. p. 206-249.

¹¹¹ “Nada podia ser pior em uma luta ideológica global do que a sugestão de que não existia um padrão universal e absoluto pelo qual sistemas de crença e práticas podiam ser julgados”. Idem. *Ibidem*. p. 283.

¹¹² Idem. *Ibidem*. p. 293.

soldados sem curso superior, a partir da *G. I. Bill*, lançada em 1944, que fornecia bolsas para ex-combatentes e seus familiares em diversas instituições de ensino superior no país inteiro. O resultado foi um crescimento sem precedentes no número de alunos matriculados nas faculdades estadunidenses, e a diversificação de suas origens sociais e étnicas.¹¹³ Em 1957, quando os soviéticos lançaram o satélite *Sputnik* e ultrapassaram os Estados Unidos na corrida espacial (a tão propalada última fronteira), até a “conquista” da Lua pelos norte-americanos, o governo federal aumentou maciçamente os fundos para a educação superior, tornando-a uma de suas prioridades. Como resultado, os salários dos professores tiveram um ganho considerável em relação às décadas anteriores, transformando os docentes universitários em membros da classe média alta e, em alguns casos, da elite social dos Estados Unidos.¹¹⁴ O número de membros da AHA também aumentou significativamente: na década de 1950, a organização contava com mais de dezoito mil integrantes ativos, o triplo do número dos vinte anos anteriores.¹¹⁵

Neste ambiente, o próprio status do professor universitário (e, conseqüentemente, dos historiadores acadêmicos) mudou consideravelmente, como bem demonstrou John Higham. Para além de suas funções intelectuais, ele tornou-se um recrutador e um distribuidor de talentos no seio da sociedade norte-americana: “*the professor has emerged not only as a visible possessor of intellectual authority, but also as a gatekeeper at the citadel of all elites, whom every aspirant for honor must pass*”.¹¹⁶ Dito de outro modo, os professores, num nível sem precedentes, controlavam diretamente os mecanismos de reprodução das diferentes áreas universitárias, principalmente através de testes mais rigorosos para o acesso aos cursos de pós-graduação e de critérios mais seletivos para a aquisição do doutorado (pré-requisito para a obtenção de uma vaga como docente universitário). Se por um lado, isto resultou em trabalhos historiográficos de melhor qualidade em relação às décadas anteriores, por outro significou o impedimento de acesso

¹¹³ O número de negros, mulheres e judeus atuando como profissionais, discriminados nos anos anteriores, aumentou bastante nestes anos. Do mesmo modo, muitos dos novos estudantes e jovens professores eram filhos de imigrantes “não-tradicionais”, isto é, do Leste Europeu, da Ásia, e da América Latina. Idem. *Ibidem*.

¹¹⁴ Esta é a conclusão de Higham, a partir de uma comparação entre os salários dos professores universitários e algumas outras profissões liberais. HIGHAM, John. *History*. op. cit. p. 66-67.

¹¹⁵ NOVICK, Peter. *That Noble Dream*. op. cit. p. 362.

¹¹⁶ “O professor emergiu não só como o visível possuidor de autoridade intelectual, mas também como o porteiro da cidadela de todas as elites, pelo qual todo aspirante à honra deve passar”. HIGHAM, John. *History*. op. cit. p. 65-66.

aos postulantes que não se encaixavam no perfil ideológico e profissional exigidos. Este recrutamento também obedeceu regras que tenderam a preservar o poder dos professores mais antigos em detrimento dos mais novos, com o aumento *per capita* do número de orientandos de pós-graduação para cada orientador, um controle mais rígido do acesso à carreira universitária e a anuência da maioria departamental, quando da contratação de algum novo professor (antes feita pela administração central e *comunicada* aos funcionários), o quê, na prática, muitas vezes impedia que docentes considerados “perigosos” por seus colegas pudessem ser contratados.¹¹⁷

Outro traço distintivo destes anos foi a íntima relação que se estabeleceu entre o universo acadêmico e o poder governamental. Ambos trabalharam intimamente para a defesa do “mundo livre” e da conservação do status quo nacional. E, com exceção da Física, extremamente importante para os fins militares da Guerra Fria, nenhuma outra disciplina foi tão complacente nesse sentido quanto a História.¹¹⁸ Isto não significa afirmar que *todos* os historiadores participaram ativamente neste processo. Muito pelo contrário. Como demonstra Ellen Fitzpatrick, o número de intelectuais críticos que rejeitava a idéia de um “consenso” historiográfico nacional era bastante grande, assim como foram variadas as suas respostas à perseguição e à censura de professores esquerdistas, ou contestadores, durante os anos 1950 e 1960.¹¹⁹ Por outro lado, uma parcela significativa dos profissionais engajou-se em projetos financiados diretamente pelo governo federal ou foram contratados por agências governamentais para escreverem livros de história “oficiais”, com o intuito de rebater as “mentiras ideológicas” de comunistas e outros críticos do *American way of life*.¹²⁰ Além disso, o controle de financiamentos, públicos ou privados, de projetos de

¹¹⁷ NOVICK, Peter. *That Noble Dream*. op. cit. p. 363. É possível, aqui, estabelecer um paralelo com o processo evocado por Pierre Bourdieu para a França das décadas de 1950 e 1960. Segundo o eminente sociólogo francês, o aumento da clientela universitária francesa acarretou no aumento de disposições que favorecessem o poder do corpo docente em relação aos recém-chegados, incluindo aí o controle do acesso a postos acadêmicos importantes e o constante adiamento da tese do doutorado, e da obtenção do título que possibilitaria a atuação como docente universitário (que não tinha outra função a não ser demonstrar a preponderância do mentor diante de seu pupilo). Ver BOURDIEU, Pierre. *Homo Academicus*. Stanford: Stanford University Press, 1988. p. 128-130.

¹¹⁸ Lionel Trilling, um respeitado intelectual, afirmou em 1952 que em nenhum outro momento da história dos Estados Unidos o intelecto havia se mancomunado com o poder de maneira tão explícita. NOVICK, Peter. *That Noble Dream*. op. cit. p. 301.

¹¹⁹ FITZPATRICK, Ellen. *History's Memory: writing America's past, 1880-1980*. Cambridge: Harvard University Press, 2002. p. 191.

¹²⁰ NOVICK, Peter. *That Noble Dream*. op. cit. p. 303. Um dos traços mais significativos deste período foi o surgimento do “historiador oficial”, subordinado diretamente ao gabinete presidencial, possuindo, inclusive,

pesquisa era realizado utilizando termos tais como “não-ideológico”, o que geralmente significava um alinhamento político com a retórica do “mundo livre”, ou “ideológico”, direcionado para estudos mais críticos ou que rompiam com o consenso estabelecido. Quanto mais “ideológica” fosse uma pesquisa, menos chance possuía de conseguir fundos para a sua realização.¹²¹

Sendo assim, o que se percebe neste momento é a *ampliação* dos lugares de produção da História, que agora incluíam não só as universidades e as organizações profissionais, mas também órgãos governamentais e privados de pesquisa. Todos eles estavam imbricados em um mesmo projeto profissional. Entre as décadas de 1950 e 1960, a profissão construiu uma série de disposições e restrições disciplinares que superavam, inclusive, as regulamentações do fim do século XIX. Não tratava-se somente de assegurar seu caráter científico, distanciando-a ainda mais da Literatura e da Retórica, mas de não *possibilitar* que a História fosse pensada de outra forma. Por isso mesmo, disciplinas consideradas “perigosas”, como a Filosofia da História, foram relegadas a um segundo plano dentro da academia, principalmente por causa de suas questões acerca da objetividade do empreendimento histórico, consideradas inconvenientes pelo *mainstream* historiográfico. Aliás, toda e qualquer obra histórica com “excesso de teoria” era vista com desconfiança por ele. “Vamos direto aos fatos”, dizia a profissão, certa de sua independência e autonomia.¹²²

um escritório na Casa Branca. O mais famoso deles foi Arthur Schlesinger, Jr., durante a Era Kennedy (1961-1963).

¹²¹ Idem. Ibidem. p. 310-314. Segundo Russell Jacoby, existia uma tensão bastante forte entre “liberdade acadêmica” e as pressões ideológicas por parte dos conselhos de administração das universidades, normalmente ligados aos interesses dos investidores e patrocinadores das instituições. De acordo com ele, nesta conjuntura, a “*instituição neutraliza a liberdade que garante*”. Ainda que a linguagem do norte-americano seja um pouco mais contundente que a de Certeau, acredito que se possa fazer uma analogia entre a afirmação de Jacoby e as considerações do jesuíta francês sobre os limites impostos aos pesquisadores pelos lugares sociais de produção. Um exemplo disto está no caso de Staughton Lynd, professor em Yale e demitido por manifestar posições radicais em “desacordo” com o “espírito” daquela universidade, Durante um debate sobre a Guerra do Vietnã. Após sua demissão, Lynd não conseguiu encontrar emprego em nenhuma outra universidade e acabou abandonando a profissão. Mais tarde, ele formou-se em Direito (em Yale, ironicamente) e tornou-se um dos mais importantes advogados trabalhistas dos Estados Unidos. JACOBY, Russell. *Os Últimos Intelectuais: a cultura americana na era da academia*. São Paulo: Edusp, 1990. p. 131-135.

¹²² Uma das manifestações mais contundentes neste sentido veio de Ray Allen Billington, representante da AHA no Conselho de Ciências Sociais dos Estados Unidos. Segundo Novick, ele teria afirmado, em uma das reuniões da organização, que as discussões sobre o relativismo historiográfico prejudicavam a busca por fundos para novas pesquisas, principalmente quando a disciplina era confrontada com as demandas das ciências “duras”. Novick também apresenta outras posições bastante parecidas com as de Billington, expressas por sumidades profissionais como C. Vann Woodward e Paul W. Gates. Por isso mesmo, a

Neste ambiente, era natural que o “presentismo” também fosse amaldiçoado como um dos piores crimes que um historiador poderia cometer profissionalmente. A História deveria ser objetiva, neutra e apolítica em suas preocupações. A contaminação do presente e da posição pessoal do pesquisador deveria ser evitada a todo e qualquer preço. O passado deveria ser estudado em seus próprios termos e os textos históricos deveriam ser dissecados da maneira mais objetiva possível. Os fatos (a “história”) deveriam falar por eles mesmos. Sendo assim, o *mainstream* acadêmico do período rejeitou qualquer possibilidade de uma função social mais elevada à História: a tentativa de usá-la como um parâmetro para reformas sociais mais profundas era considerada perniciosa e perigosa para a profissão. O historiador deveria ser um desinteressado, trabalhando nas fontes somente para trazer o passado à vida. Qualquer pesquisa que não obedecesse tal proposição, ou, pior ainda, que tentasse fazer alguma espécie de “comentário social” sobre os assuntos do presente não era história: era ideologia ou pura propaganda político-partidária.¹²³

Nesta conjuntura, a disciplina oscilou entre dois pólos: um empiricista, que rejeitava os grandes modelos teóricos e privilegiava o trabalho arquivístico do investigador, e outro ligado às Ciências Sociais, ainda que estas fossem consideradas como sendo meras “auxiliares” ao trabalho do historiador.¹²⁴ Apesar das divergências metodológicas, ambos concordavam com os fundamentos epistemológicos expostos acima.¹²⁵ O seu foco era, de uma maneira ou outra, o consenso nacional: a história norte-americana era vista como livre de conflitos, fiadora de uma tradição política liberal que rejeitava extremismos políticos e que negociava suas as dissensões internas, de modo que a harmonia entre posições

Filosofia da História foi renegada como campo legítimo de atuação do historiador, tanto que ela acabou sendo produzida em departamentos de Filosofia, *fora*, portanto, do âmbito de atuação do historiador profissional. Idem. Ibidem. p. 400-410.

¹²³ Como o próprio Novick apontou, tal posição não só era ingênua, mas também se chocava diretamente com a própria atuação política, e presentista, dos historiadores em defesa do “mundo livre”. Idem. Ibidem. p. 375. Alguns profissionais perceberam a profunda incoerência de tal situação e lutaram para recuperar à disciplina o papel antes lhe imputado pelos historiadores progressistas do começo do século XX, isto é, de ser uma âncora para mudanças sociais mais significativas. Para estes historiadores, minoritários na profissão, a História só teria relevância se fosse *politicamente* ativa. Dentre eles, destacavam-se alguns marxistas, como Eugene Genovese (que, mais tarde, se transformaria num ardente católico conservador), e progressistas da velha guarda, como Merle Curti. Um dos focos desta dissidência era justamente a Universidade Estadual de Wisconsin, *alma-mater* de Turner e berço da historiografia progressista. Sobre a atuação destes professores e pesquisadores, ver FITZPATRICK, Ellen. *History's Memory*. op. cit. p. 188-238.

¹²⁴ Este reforço das barreiras disciplinares, apesar do trânsito entre elas, era necessário para a construção da idéia da História como sendo uma disciplina autônoma, tanto em termos institucionais quanto ideológicos. MEGILL, Allan. “Grand Narrative” and the Discipline of History. op. cit. p. 177.

¹²⁵ NOVICK, Peter. *That Noble Dream*. op. cit. p. 320-321.

divergentes acabava predominando. Era a busca pelo “espírito norte-americano”, aquele mal-definido conjunto de comportamentos e valores que separavam os Estados Unidos dos outros países do mundo.¹²⁶

Outro fator importante do período foi a intensa *especialização* da disciplina, com o surgimento de diversas sub-especialidades, no que Novick chamou de uma “*feudalização*” da profissão, com vários campos competindo entre si por legitimidade. Da História Intelectual à História Quantitativa, ocorreu uma multiplicação da quantidade de trabalhos publicados, do número de PhD’s concedidos e do número de publicações especializadas.¹²⁷ Foi neste ambiente de fragmentação que a *Western History* deixou de ser central à profissão, transformando-se em mais um campo entre outros vários. Talvez o sinal mais contundente desta particularização tenha sido tanto a fundação da *Western History Association* (WHA), em 1961, quanto a transformação da MVHA, outrora tão dedicada à história e historiografia do Oeste e controlada por *western historians*, em *Organization of American Historians* (OAH), e de sua revista no *Journal of American History* (JAH), em 1967. Dois anos mais tarde, a WHA passou a ter sua própria publicação, a *Western Historical Quarterly* (WHQ).

A criação da WHA e o fim da MVHA foram concomitantes à diminuição do prestígio acadêmico e intelectual da *Western History* no *mainstream* universitário. Em contraposição à sua grande presença nos departamentos de História em todo o país no entre-guerras, no começo dos anos 60 somente 51% deles possuíam o curso em seus currículos, a sua maioria em *land-grant-universities* do Oeste.¹²⁸ Percebe-se, portanto, uma regionalização cada vez mais acentuada do campo: a história do Oeste passa a interessar somente aos historiadores daquela região, perdendo seu caráter nacional e tornando-se uma especialização não muito importante no quadro historiográfico mais geral.

Os temores de que esse processo fosse irreversível foram tornados públicos por William N. Davis, em um artigo sintomaticamente intitulado “*Will the West survive as a*

¹²⁶ Aqui, destacam-se os trabalhos de Daniel Boorstin, “*The Genius of American Politics*” (“O Gênio da Política Norte-americana”), de 1953; de Louis Hartz, “*The Liberal Tradition in America*” (“A Tradição Liberal na América”), de 1955; de Arthur Schlesinger, Jr., “*The Vital Center*” (“O Centro Vital”), de 1950; e, por fim, “*We the People*” (“Nós, o Povo”) de Forrest McDonald, lançado em 1958. Todos eles, em maior ou menor grau, apresentavam uma história dos Estados Unidos centrada no consenso entre valores considerados fundamentais: a democracia representativa como sistema de governo, o livre-mercado como organização econômica e a moral judaico-cristã como fundamentação ética da nação.

¹²⁷ Idem. Ibidem. p. 363.

¹²⁸ BOGUE, Allan G. *The Course of Western History's First Century*. op. cit. p. 8.

Historical Field?” (“O Oeste vai Sobreviver como um Campo Histórico?”). Publicado em 1964, na MVHR, o texto apresentava alguns sintomas preocupantes para os *western historians* e algumas de suas conclusões eram consideravelmente sombrias. Em primeiro lugar, as respostas ao questionário de Davis eram categóricas quanto à perda de prestígio institucional do campo. Dos 194 departamentos de História escrutinados pelo autor, 34 haviam abandonado o curso, citando, entre outras coisas, o surgimento de “temas mais interessantes” e “falta de interesse por parte dos discentes e docentes”. Uma das instituições que havia cortado a *Western History* de seu currículo era Harvard, outrora possuidora de uma das mais importantes cátedras da área.¹²⁹

Um segundo elemento destacado por Davis foi a intensa regionalização do campo. Cada vez mais ele estava se confinando ao Oeste trans-Mississipi e perdendo espaço em escolas do Leste e do Meio-Oeste. Junto com este fenômeno também vinha uma cada vez mais acentuada rejeição ao turnerismo, o que parece comprovar a minha hipótese sobre a contigüidade entre a regionalização do campo e o abandono de um escopo teórico nacionalizante.¹³⁰ O abandono, parcial ou completo, da *frontier thesis* por boa parte dos praticantes levou Davis a concluir que, dentro de pouco tempo, os não- ou anti-Turnerianos seriam maioria na área:

“First of all, it seems to show that the ideas of Turner and the pro-Turnerians are still dominant, but such is the force and spirit of the anti-, un-, and non-Turnerian group that it would appear only a matter of time until they attain majority status”.¹³¹

Ainda assim, Davis previu, corretamente, que a tese de Turner ainda sobreviveria por um bom tempo.¹³²

Finalmente, o temor mais pronunciado de Davis dizia respeito à relevância do campo. A diminuição de seus espaços institucionais e a ainda dominante perspectiva

¹²⁹ As outras instituições importantes que também retiraram a História do Oeste de seus currículos foram Columbia e Pensilvânia. DAVIS, Jr., William N. Will the West Survive as a Field in American History. In: *The Mississippi Valley Historical Review*, vol. 50, n. 4. March, 1964. p. 674.

¹³⁰ Idem. Ibidem. p. 678.

¹³¹ “Em primeiro lugar, isto parece demonstrar que as idéias de Turner e dos turnerianos ainda são dominantes, mas é tanta a força e a perseverança dos anti- e não-turnerianos que é apenas uma questão de tempo para que eles consigam o status de maioria”. Idem. Ibidem. p. 680.

¹³² Idem. Ibidem.

turneriana pareciam impedir que ele pudesse falar para os americanos da década de 1960. Era necessário a incorporação de novo conhecimento, novas propostas analíticas e a construção de uma nova síntese que pudesse não só iluminar o passado regional com um ângulo renovado, mas também fornecer aos leitores uma história para “encantar as almas”. Caso isto não fosse feito, o campo estaria em “grande perigo”.¹³³

Embora tal caracterização fosse um tanto quanto exagerada, a crise do campo esteve ligada intimamente não só ao seu processo de fragmentação e regionalização, mas também ao seu claro apelo popular, como as velhas reclamações sobre os “antiquários” do campo demonstram. Nos anos 1950 e 1960, a disciplina havia abandonado a pretensão a falar com a audiência leiga, fosse pela especialização cada vez mais acentuada dos trabalhos produzidos, fosse por simples arrogância. Os trabalhos destinados a um público mais amplo eram descartados como não-científicos, não correspondendo, portanto, às exigências de um trabalho historiográfico “respeitável”.¹³⁴ Se levarmos em consideração que os livros de história do Oeste estavam entre os mais vendidos e que vários integrantes do campo eram defensores da divulgação científica, como Ray Allen Billington¹³⁵, por exemplo, podemos começar a entender o motivo da *Western History* ter sido caracterizada por seus detratores como “mero anedotário”. Sua popularidade extra-acadêmica era, paradoxalmente, um dos motivos para seu enfraquecimento dentro das universidades.¹³⁶

Dentro deste espírito “cientificista”, vários *western historians* ou pesquisadores identificados com o campo buscaram eliminar os últimos vestígios de “literatura” do campo, produzindo trabalhos de caráter quantitativo ou nitidamente calcado nas Ciências Sociais. Um dos textos mais destacados foi o artigo de Eric McKittrick e Stanley Elkins, “*A Meaning to Turner’s Frontier*” (“Um Significado para a Fronteira de Turner”), publicado em duas partes na *Political Science Quarterly*, em setembro e dezembro de 1954. Partindo das afirmações de Turner, os autores tentaram provar a factualidade da *frontier thesis* em bases empíricas, pesquisando o impacto da ação comunitária na fronteira e a conseqüente

¹³³ Idem. Ibidem. p. 683-685.

¹³⁴ NOVICK, Peter. *That Noble Dream*. op. cit. p. 373.

¹³⁵ Billington foi autor e editor, nesta época, de mais de trinta obras de divulgação, incluindo a famosa série “*Histories of the American Frontier*” (“Histórias da Fronteira Norte-americana”).

¹³⁶ Ademais, Billington foi um entusiasmado defensor da presença de leigos e amadores na WHA, o que causou enormes controvérsias entre seus membros. Sob sua chancela, a associação publicou, durante dois anos, uma revista popular chamada “*American West*”. JACOBS, Wilbur R. *On Turner’s Trail*. op. cit. p. 195.

promoção de democracia e igualdade econômica. Embora lamentassem a “forma” dos escritos de Turner, os autores concluíram que seus *insights* não estavam de todo errados – só não haviam sido “provados” antes pela falta de um estudo realmente científico, o que, no caso deles, significava a quantificação de dados em uma série temporal e sua apresentação em um texto “não-narrativo”.¹³⁷

Merle Curti, ex-aluno de Turner e sucessor de Frederick Paxson em sua cátedra em Wisconsin, também publicou um estudo que buscava transformar a linguagem da *frontier thesis* no vocabulário das ciências “duras”. Para ele, mais importante do que a defesa incondicional do mestre era o teste empírico de suas suposições. Com isto em mente, Curti testou suas afirmações sobre a geração de democracia pela fronteira numa comunidade do Wisconsin e utilizando um marco temporal de um quarto de século, e, de modo pouco surpreendente, acabou concluindo que, sim, Turner estava certo.¹³⁸ Allan Bogue, ex-aluno de Curti, também fez suas próprias pesquisas, num condado do Iowa. Ele, contudo, discordou tanto de seu professor, como do pai da *frontier thesis*: ali a fronteira não havia promovido a democracia, mas fortalecido as classes dominantes. De qualquer modo, para Bogue, Turner estava certo quando se referiu à capacidade inventiva do pioneiro e seu efeito sobre o meio-ambiente em que estava inserido.¹³⁹

O que estas obras possuíam em comum era a crença de que o uso de uma sistematização mais científica de suas pesquisas e a adoção do vocabulário das Ciências Sociais pudessem dar um verniz mais realista à tese original de Turner. Sua meta era purgar a *Western History* de seus últimos estertores poéticos e literários, transformando o antigo professor em um cientista social moderno *avant la lettre*. Suas conclusões acabaram a defender a própria *origem material* da tese de Turner. Ora, o historiador era ele próprio um filho do Meio-Oeste, nascido e criado em uma pequena cidade fronteira de Wisconsin, não muito longe da zona escolhida por Curti para seus testes.¹⁴⁰ Ao verificar “cientificamente” que a democracia da fronteira tinha uma base material específica e que o otimismo dos pioneiros era resultado direto desta, eles acabaram legitimando a tese de

¹³⁷ NASH, Gerald D. *Creating the West*. op. cit. p. 68-69.

¹³⁸ Idem. *Ibidem*. p. 70-71.

¹³⁹ Idem. *Ibidem*. p. 70.

¹⁴⁰ O cenário da história de Curti era o Condado de Trempeleau, alguns quilômetros a sudoeste de onde Turner nasceu e se criou.

Turner não só como uma explicação viável para a história dos Estados Unidos, mas como um reflexo direto desta e, por isso, mais confiável do que a de autores que não viveram naquele ambiente temporal e espacial.¹⁴¹

Ray Allen Billington, o mais destacado de todos os defensores de Turner (Wilbur Jacobs o chama de o “bulldog” do professor)¹⁴², também se empenhou em provar a cientificidade dos pressupostos do mestre, ainda que em termos diferentes dos de Curti, Elkins e McKittrick. Em 1963, o professor da Universidade Northwestern, publicou aquele que, juntamente com “*Westward Expansion*”, é seu principal livro: “*America’s Frontier Heritage*” (“A Herança Fronteiriça da América”). Tomando a forma de uma resposta aos crescentes, e cada vez mais importantes, ataques à tese de Turner, a obra apresentou-se como uma tentativa de testar empiricamente as hipóteses turnerianas, com o intuito de afirmar a excepcionalidade dos Estados Unidos.¹⁴³ Criticando tanto os seguidores mais inconseqüentes de Turner quanto seus detratores (embora jamais os nomeie), Billington tentava demonstrar a validade de algumas de suas afirmações, sempre “à luz das novas pesquisas científicas”, para usar suas próprias palavras.¹⁴⁴ A conclusão de Billington era clara: a fronteira havia sido um dos fatores determinantes do processo histórico norte-americano e seus efeitos sociais e psicológicos perdurariam mesmo após seu encerramento. O problema era, como não podia deixar de ser, a linguagem retórica da *frontier thesis*. Uma vez depurada de seus excessos e redimida pela ciência, a tese de Turner era, enfim, verificável e validável.¹⁴⁵

Os trabalhos destes historiadores estavam, portanto, enquadrados dentro de uma tradição narrativa firmemente turneriana, quaisquer que fossem suas pretensões à cientificidade ou suas mudanças do vocabulário empregado para descrever a história da fronteira. Eles ainda usavam a “fronteira” como um modo de coligar os pólos locais e

¹⁴¹ Idem. Ibidem. p. 120-121.

¹⁴² JACOBS, Wilbur R. *On Turner’s Trail*. op. cit. p. 196.

¹⁴³ A posição presentista de Billington fica clara na primeira página: “*in the contracted world of the post-World War II era, men and nations can live in harmony only if they recognize each other’s similarities and differences*” (“no mundo fechado do pós-Segunda Guerra Mundial, os homens e as nações só podem viver em harmonia se reconhecerem as suas similaridades e diferenças”). BILLINGTON, Ray Allen. *America’s Frontier Heritage*. New York: Holt, Rhineheart and Winston, 1963. p. v.

¹⁴⁴ Billington usou aportes da Sociologia, da Antropologia, da Demografia e da Psicologia Social. Idem. Ibidem. p. vi.

¹⁴⁵ Idem. Ibidem. p. 220-235.

nacionais do processo histórico estadunidense: seus textos eram tanto trabalhos de História do Oeste quanto de História Norte-americana, mesmo que já não fossem reconhecidos como tal por seus pares do *mainstream*.¹⁴⁶

Do mesmo modo, outros autores não-turnerianos também buscavam na nação o significado da região, mesmo que em termos acentuadamente diferentes dos de Turner e seus seguidores. Tendo iniciado suas carreiras durante a década de 1950, eles foram os primeiros a conseguir impor novas interpretações que, se não desafiavam abertamente a *frontier thesis*, pelo menos questionavam alguns de seus pressupostos mais gerais. Deste grupo, dois destacaram-se como os mais importantes: Howard Lamar e Earl Pomeroy.

Lamar, nascido em 1923, era um sulista que estudava o Oeste em uma universidade do Leste. Nascido no Alabama, formou-se em História pela Universidade de Emory, na Geórgia, e fez seus estudos de pós-graduação na prestigiosa Yale. Professor desta mesma universidade desde 1949, ele fez de seu objeto a história da administração governamental dos estados e territórios ocidentais durante o século XIX. Em seu primeiro livro, “*Dakota Territory, 1861-1889*” (“O Território de Dakota, 1861-1889”), publicado em 1956, Lamar expôs os modos pelos quais as Dakotas transformaram-se de territórios autogovernados, com proteção militar federal, em estados incorporados à União. Dez anos mais tarde, em sua segunda obra importante, “*The Far Southwest, 1846-1913*” (“O Extremo Sudoeste, 1846-1913”), ele retomou seus argumentos, aplicando-os a todo o Sudoeste norte-americano. Segundo ele, ao contrário do que os turnerianos haviam imaginado, a conquista do Oeste teve pouco do individualismo do pioneiro e muito da ação organizada do Estado federal e dos grandes grupos econômicos do Leste. O primeiro garantia a segurança dos colonos e a capacidade de escoamento de seus produtos, e os segundos organizavam

¹⁴⁶ A fundação da WHA parece-me, portanto, uma reação ao espaço institucional cada vez menor do campo nas universidades mais importantes do país. Segundo Nash, isto tinha a ver com o aumento do número dos trabalhos de *Western History* e com a necessidade de criar um fórum adequado para as discussões destes historiadores. Embora a análise de Nash me pareça acertada, alguns pontos não são tocados por ele. Se ela foi resultado simplesmente do aumento de praticantes no campo, por que o sentimento de “crise” que parece permear esta produção? Por que o complexo de inferioridade que abate os *western historians* nestes anos? Por que, enfim, a *necessidade* de se criar um “fórum adequado”? Não seriam os existentes suficientes para isto? Os indícios, até agora, parecem apontar justamente para os fatores que Nash deixou de lado em sua análise: falta de espaço nas instituições existentes no espaço acadêmico norte-americano; a aparente obrigação em justificar a existência do campo, dando-lhe o caráter respeitável de uma “especialização”; e, por fim, a possibilidade de manutenção institucional de paradigmas considerados “obsoletos” pelos historiadores de outras áreas (os primeiros presidentes da WHA eram todos turnerianos). NASH, Gerald. *Creating the West*. op. cit. p. 71.

economicamente a vida social regional (caso das grandes corporações mineiras, que determinavam a fundação e o fim de cidades, por exemplo). A conclusão de Lamar era óbvia: o Oeste não era uma área apartada da vida nacional, mas estava completamente implicada nesta. Não havia, portanto, espaço nem para as grandes narrativas fronteiriças de regeneração de Turner, nem para a exploração rapineira denunciada por DeVoto, Kinsey Howard e, em menor grau, por Webb. Mesmo assim, Lamar localizava o surgimento de vários problemas sociais contemporâneos, como a pobreza regional e ampla desigualdade social neste período, e tomava um ponto de vista mais abertamente presentista em suas interpretações, com todas as implicações políticas que isto poderia ter.¹⁴⁷

Para além de suas qualidades como historiador, Lamar atuou intensamente na construção de um *lugar* que possibilitava o estudo da *Western History*, transformando Yale em uma de suas principais referências. O sulista atuou como editor de revistas e livros, professor e chefe do Departamento de História (1967-1970) e, principalmente, como *reitor* da Faculdade de Artes e Humanidades de Yale (1979-1985), transformando-se, assim, em um dos historiadores mais importantes a atuar no campo desde a década de 1930.¹⁴⁸ Lamar foi, em certa medida, o responsável pela afirmação da *Western History* dentro de Yale, uma universidade sem tradição na área. Seu impacto, como bem percebeu David Weber, foi imenso: desde 1956, mais de cinquenta e sete historiadores foram orientados por ele em seus doutoramentos, transformando sua universidade em um dos lugares de estudo do Oeste *por excelência*.¹⁴⁹ Além disso, sua atuação demonstrou, nos anos 1950 e 1960, o gradual enfraquecimento das interpretações turnerianas e dos turnerianos como legitimadores do tipo de produção historiográfica realizada nas universidades, afirmando o surgimento de uma nova geração de historiadores sem os mesmos compromissos de seus antecessores.¹⁵⁰

¹⁴⁷ WEBER, David J. Preface. In: CRONON, William; MILES, George & GITLIN, Jay (org.). *Under an Open Sky: rethinking America's Western Past*. New York: W. W. Norton, 1992. p. x.

¹⁴⁸ Em uma publicação do ano 2000, Lamar foi considerado por um grupo de estudiosos como um dos quinze historiadores mais importantes dos Estados Unidos desde 1945. Ver RUTLAND, Robert A (org.). *Clio's Favorites: Leading Historians of the United States, 1945-2000*. Columbia: University of Missouri Press, 2000. p. 84-97.

¹⁴⁹ WEBER, David J. Preface. In: CRONON, William; GITLIN, Jay & MILES, George (org.). *Under an Open Sky*. op. cit. p. x-xi.

¹⁵⁰ Embora me falem subsídios para uma melhor análise deste fenômeno, pode-se pensar que a proeminência de Lamar pode estar ligada à sua atuação em um lugar de produção que estava *fora* do tradicional "circuito" turneriano (Wisconsin e Harvard), carecendo de uma maior identificação com os seus pressupostos teórico e metodológicos. Deste modo, pode-se concluir que, sem algumas amarras institucionais que pudessem o

Earl Pomeroy nasceu em 1915, em uma pequena cidade da Califórnia. Formado pela pequena Faculdade Estadual de San José, ele prosseguiu com seus estudos em Berkeley, onde foi orientado pelo eminente Frederick Paxson. Como afirma Michael Malone, o Departamento de História daquela instituição era dominado por Paxson e Herbert Bolton, e o Oeste e a fronteira eram alguns de seus principais objetos de pesquisa.¹⁵¹ Em 1940, ele começou uma série de passagens por diversas universidades, culminando com sua contratação pela Universidade de Oregon em 1950, onde permaneceria até 1979, quando retornou à sua *alma mater*, por onde se aposentou em 1984. Em Oregon, Pomeroy transformou-se no principal professor do Departamento daquela instituição e, em 1961, tornou-se ocupante de sua mais importante cátedra, obtendo, assim, o poder de distribuir verbas de pesquisa e comissões para seus colegas departamentais. Pomeroy ocupou tal cargo até o ano de sua saída de Oregon. Ademais, e assim como Lamar, Pomeroy orientou aproximadamente trinta estudantes de doutorado, tornando-se um dos mais importantes orientadores de teses em Oregon e no campo.¹⁵²

Para além de sua atuação profissional, a importância de Pomeroy está dada por suas propostas teórico-metodológicas. Se Lamar criticava os turnerianos em uma base quase que estritamente *empírica*, Pomeroy o fazia ancorado em algumas proposições *teóricas* mais fundamentais, retomando, assim, algumas das questões acerca do significado da história do Oeste que tanto encantaram as gerações anteriores. Em seu primeiro livro importante, “*The Territories and the United States, 1861-1890*” (“Os Territórios e os Estados Unidos, 1861-1890”), ele, também como Lamar, estudou os processos de institucionalização dos territórios ocidentais, apontando, principalmente, para as profundas continuidades institucionais e sociais existentes entre o Oeste e o Leste. Para Pomeroy, os pioneiros não

cercear profissionalmente, Lamar pôde trabalhar com temas heterodoxos, sob o ponto de vista turneriano, constituindo, ali em Yale, o campo de acordo com suas próprias necessidades de pesquisa. Além disso, durante seus estudos de pós-graduação, um milionário e historiador amador, William Robertson Coe, doou toda a sua coleção de documentos sobre a história do Oeste, além de uma considerável soma monetária para a constituição de uma cátedra em *Western History*, transformando o Departamento de História de Yale em um dos mais ricos do país, em todos os sentidos, para a realização de pesquisas. Lamar assumiu esta cátedra em 1970.

¹⁵¹ MALONE, Michael M. Earl Pomeroy and the Reorientation of Western American History. In: ETULAIN, Richard W (org.). *Writing Western History*. op. cit. p. 311.

¹⁵² Do mesmo modo que Lamar, Pomeroy também trabalhou em um departamento de história sem nenhuma tradição turneriana, embora fosse muito menor e mais pobre do que o de Yale. De qualquer modo, isto também aponta para uma relação entre algumas interpretações não-turnerianas e sua construção em lugares sociais sem a presença de historiadores turnerianos ou, pelo menos, sem uma ligação institucional mais profunda com seus métodos e pressupostos. Idem. *Ibidem*. p. 317.

eram inovadores, eram copiadores: os governos territoriais eram, em última medida, calcados em suas contrapartes orientais, e seus hábitos e modos de pensar eram herdados do Leste. O historiador inverteu completamente os termos de Turner: onde este via ruptura e originalidade, aquele via uma fundamental continuidade entre estas duas regiões.¹⁵³

Mas foi em 1955 que Pomeroy estabeleceu o programa do que, para ele, devia ser uma completa reorientação do campo. Publicado na MVHR, o artigo sintomaticamente chamava-se “*Toward a Reorientation of Western History: continuity and environment*” (“Em Direção a uma Reorientação da História do Oeste: continuidade e meio-ambiente”). Nele, o historiador apontava o que considerava como sendo as principais características da história regional: uma continuidade efetiva entre as instituições do Oeste e do Leste; o tradicionalismo e o conservadorismo dos pioneiros, no que se refere a valores herdados de seus ancestrais da Costa Atlântica; a estratificação social e as hierarquias que permeavam as relações entre diferentes grupos; e o pouco impacto do meio-ambiente sobre suas vidas.¹⁵⁴ A ênfase no meio-ambiente como um determinante do tipo de sociedade ocidental era, para Pomeroy, fundamentalmente errada, assim como eram os relatos “românticos” sobre a conquista da fronteira. Os colonos eram, sem dúvida, uma “raça forte” e “brava”, mas seus feitos deviam ser analisados sob a luz da ciência, sem concessões a devaneios literários e a determinismos de qualquer sorte.¹⁵⁵ Sendo assim, o significado da história do Oeste estava ligado ao da história nacional como um todo, mas em termos diferentes daqueles apontados por Turner e seus seguidores. Aqui, era o Leste que dava vida ao Oeste e, onde o pai da *frontier thesis* via uma extrusão entre dois tipos de sociedade, Pomeroy via um grande consenso que permeou a nação em toda a sua existência, independentemente de suas especificidades regionais. Alguns aspectos sócio-econômicos podiam ser fundamentalmente diferentes, mas os *valores* e as *instituições* nacionais eram os mesmos. Desta forma, a interpretação de Pomeroy vinha ao encontro daquelas correntes intelectuais consensualistas que formavam o *establishment* historiográfico de então.

¹⁵³ Idem. Ibidem. p. 314-315.

¹⁵⁴ POMEROY, Earl. *Toward a Reorientation of Western History: continuity and environment*. In: BILLINGTON, Ray Allen. (org.). *The Frontier Thesis: a valid explanation of American history?* New York: Holt, Rhineheart and Winston, 1968. p. 80-87.

¹⁵⁵ MALONE, Michael M. Earl Pomeroy and the Reorientation of Western American History. op. cit. p. 318-321.

Um segundo aspecto da tese de Pomeroy era seu ataque ao que chamava de “interpretações românticas” do passado do Oeste. A tendência de vários historiadores de escolherem personagens pitorescos para suas histórias era, para ele, um anátema à prática historiográfica objetiva e científica, resultante, principalmente, de uma historiografia embebida pelas distorções que devia criticar.¹⁵⁶ Uma história renovada devia obedecer aos preceitos do novo presente, e não ao presente de Turner, e devia ser moldada em termos menos românticos e literários, atentando para as fontes e para os padrões que emergiam delas. Citando o caso da vida econômica da região, Pomeroy afirmava que os documentos claramente apontavam para a importância do especulador e do grande proprietário de terras para a economia local. Os historiadores, contudo, preferiam se manter focados nos caçadores, nos *trappers*, nos caubóis e em outros aventureiros, e, com isso, perpetuavam certos mitos e criavam um passado que estava longe de ser verdadeiro.¹⁵⁷ De qualquer modo, Pomeroy mantinha uma postura de admiração e respeito em relação à historiografia anterior, buscando mais o diálogo do que o confronto aberto, chegando a afirmar, em outro texto, que existia lugar “para todos” dentro do campo, turnerianos e não-turnerianos.¹⁵⁸

Em que pese sua importância para o campo, e a excelência de sua carreira, Pomeroy foi preterido dentro da WHA. Seu primeiro cargo importante dentro da associação veio com a vice-presidência, em 1992. No ano seguinte, ele assumiu o cargo máximo da instituição. Segundo Michael Malone, isto foi resultado de sua insatisfação com o domínio turneriano da organização, principalmente durante os anos 1960 e parte da década de 1970, e de seu status como *outsider* dentro do campo.¹⁵⁹ Embora acredite que Malone esteja correto em sua avaliação, também penso que ela deva ser relativizada. O controle dos turnerianos foi enfraquecido, dentro da WHA, ainda em meados da década de 1970¹⁶⁰, o que daria tempo e espaço suficientes para Pomeroy assumir algum cargo importante. Afora alguma questão pessoal não revelada pelas fontes, o que pode ter levado o historiador a ser preterido

¹⁵⁶ Pomeroy, entretanto, poupou Turner de críticas mais contundentes, como demonstra a seguinte afirmação: “*the prophet was less orthodox than the priesthood*” (“o profeta foi menos ortodoxo do que os sacerdotes”). POMEROY, Earl. *Toward a Reorientation of Western History: continuity and environment*. op. cit. p. 89.

¹⁵⁷ Idem. *Ibidem*. p. 87-88.

¹⁵⁸ Idem. *The Changing West*. In: HIGHAM, John (org). *The Reconstruction of American History*. London: Hutchinson University Library, 1962. p. 64-81.

¹⁵⁹ MALONE, Michael M. *Earl Pomeroy and the Reorientation of Western American History*. op. cit. p. 326-327.

¹⁶⁰ Lamar, um empedernido não-turneriano, foi eleito presidente da WHA em 1971, apenas para citar um exemplo.

institucionalmente por seus pares foi sua *relutância* em ser considerado como um *western historian*, preferindo sempre ser chamado de um historiador *dos Estados Unidos*, como consta no texto do próprio Malone. Sendo a WHA uma instituição regionalista, isto pode ter impedido seu acesso aos seus postos mais importantes.¹⁶¹

As histórias construídas por Lamar e Pomeroy demonstram a tentativa, cada vez mais latente nas décadas de 60 e 70, de refigurar a história do Oeste de acordo com diferentes finalidades ideológicas. Diferenças a parte, os dois autores supracitados buscaram reconectar Oeste e Leste, nação e região, no que parecia ser a afirmação de uma série de valores comuns a ambos. Suas Grandes Estórias enquadravam a história do Oeste no desenvolvimento global das instituições democráticas norte-americanas que, antes de serem puramente autóctones, eram parte integrante do *mundo ocidental*, isto é, daquele “mundo livre” que se opunha ao Comunismo e a toda e qualquer forma de totalitarismo. Sua ênfase no sistema democrático e em sua reprodução no Oeste reforçava a crença em uma identidade comum a todos os Estados Unidos, acima das especificidades locais (ou sociais e étnicas) baseada no compartilhamento de um substrato ideológico comum a todos seus habitantes, também dividido com outras nações do “Ocidente democrático”.

Neste sentido, não existe uma diferença tão significativa, no plano metahistórico, entre as Grandes Estórias turnerianas e aquelas oferecidas por estes autores, já que ambas definiram uma série de experiências e valores comuns a toda América. O que muda, e isto é importante, é o foco de suas narrativas: no primeiro caso, o Oeste, em suas mais variadas acepções (“fronteira”, “região”, etc.), é a parte *mais americana* dos Estados Unidos, o lugar de onde emergiu a democracia nacional. Há, portanto, o destaque do caráter excepcional da nação. No segundo caso, a democracia é mais o resultado de uma herança européia e, no século XIX, oriental, do que de experiências locais de autogoverno; o Oeste não possui um significado intrínseco a ele mesmo, sendo considerado apenas *mais* uma de suas partes constituintes. Enquanto na Grande Estória de Turner, o Oeste é a sinédoque do país, nas de Lamar e Pomeroy existe uma relação irredutível entre a nação e suas regiões – a primeira as subsume em seu processo de desenvolvimento institucional.

¹⁶¹ Idem. Ibidem. p. 325.

Um terceiro autor importante, e que vai ter um papel fundamental durante os debates das décadas de 1980 e 1990, foi Gerald D. Nash. Um judeu alemão que emigrou para os Estados Unidos em 1937, Nash obteve seu PhD por Berkeley, em 1953, sendo orientado por John Hicks, ex-aluno de Frederick Paxson em Wisconsin. Assim como Pomeroy, Nash passou por uma plêiade de instituições antes de se estabelecer na Universidade do Novo México, em 1961, onde trabalhou até sua morte, no ano 2000.¹⁶² O objeto de pesquisa de Nash era o Oeste no século XX, sobre o qual escreveu seu mais importante livro: “*The American West in the Twentieth-Century*” (“O Oeste no Século Vinte”), editado em 1973. Em geral, seus argumentos para o século XIX eram próximos dos de Pomeroy e Lamar: os colonos eram mais imitadores do que inovadores e as instituições democráticas do Leste haviam sido reproduzidas de modo mais ou menos fiel nas terras além do Mississippi. O que mudava, sob o ponto de vista de Nash, era o status do Oeste no século XX: de uma área “colonizada”, isto é, dominada por tendências e estruturas vindas de fora, ele passa a ser a região que marca o passo da evolução nacional. As mudanças sociais e econômicas depois de 1900 e, principalmente, depois da Segunda Guerra Mundial, haviam sido enormes: a pobreza endêmica havia diminuído, graças às ações do Estado federal e a ampliação de oportunidades econômicas propiciadas pelo crescimento agrícola e industrial; a urbanização do Oeste, resultado do crescimento populacional, havia modernizado-o e tornado-o menos suscetível às depressões dos preços dos produtos agropastoris; e, por fim, o eixo político nacional havia invertido, com os *westerners* agora estabelecendo as principais agendas do país. Em outras palavras: para Nash, o Oeste fornecia o passo para a América.¹⁶³ A sua narrativa era otimista e ascendente: a região havia conseguido quebrar seu status colonial, transformando-se em uma verdadeira potência capitalista e democrática, e a tendência futura era continuar crescendo. Não é de se estranhar, portanto, que Nash tenha demonstrado pouca atenção a conflitos de variada ordem e às classes sociais marginalizadas por este processo. Como ele mesmo afirmou em sua autobiografia, a História era, segundo sua concepção, uma forma de celebrar o consenso e união, estabelecendo as bases para uma identidade nacional saudável e

¹⁶² NASH, Gerald D. *Autobiography: roads to the West*. In: ETULAIN, Richard W. & SZASZ, Ferenc (org.). *The American West in the Year 2000: essays in honor of Gerald D. Nash*. Albuquerque: University of New Mexico Press, 2001. p. 10-12.

¹⁶³ ETULAIN, Richard W. *Reimagining the Modern American West*. op. cit. p. 178-179.

responsável. A função do historiador era, acima de tudo, lutar contra os autoritarismos e os totalitarismos, de esquerda ou direita.¹⁶⁴

Apesar de seus prestígios individuais e institucionais, estes historiadores não parecem ter conseguido debelar o sentimento de crise que havia se tornado característico do campo. Se olharmos alguns títulos de artigos publicados na WHQ durante a década de 1970, por exemplo, esta impressão fica bem clara. Neles, percebe-se a tentativa de encontrar algum nexos maior ao campo, algo que pudesse lhe dar uma coerência e um significado mais amplo. Pode-se, inclusive, falar em uma tentativa de encontrar uma *justificativa* para sua existência. Do mesmo modo, se verificarmos as listas de presidentes da OAH e da AHA, também nos anos 1970 e começo dos 1980, perceberemos a diminuição da importância *institucional* da *Western History*. Se por um lado isto pode ser creditado à diversificação cada vez mais acentuada da disciplina como um todo, por outro, isto também é um sinal bastante explícito de que os historiadores do Oeste não possuíam mais o mesmo respeito de outrora, revelando, de certa forma, a regionalização tão temida por Davis.¹⁶⁵ Para o *mainstream*, a historiografia do Oeste, apesar de todos os protestos em contrário, era *regional*, e não nacional.¹⁶⁶

¹⁶⁴ NASH, Gerald D. *Autobiography: roads to the West*. op. cit. p. 6-7. É preciso, contudo, mencionar outros autores importantes na construção desta *Western History* consensual, ainda que isto possa acarretar no risco de tornar a discussão um tanto quanto personalista (ou, pior, catalográfica): Robert Athearn, que analisou o “Mito do Oeste” como sendo um dos pilares da identidade nacional do país; William Goetzmann, historiador cultural que via semelhanças entre a experiência fronteiriça dos Estados Unidos e de outros países democráticos; William Turrentine Jackson, que também trabalhava com história comparativa; John Caughy, pesquisador da história da Califórnia; e Richard Bartlett, um neo-turneriano voltado para o estudo do desenvolvimento da democracia em solo americano. Juntamente com outros, estes historiadores foram vitais para a criação de uma história do Oeste que enfatizava o consenso acerca de valores fundamentais, como a democracia e a economia de livre-mercado, e minimizava o papel desempenhado pelos conflitos sociais (e bélicos) na construção do Oeste moderno. A maior parte destes professores atuava em universidades regionais e havia sido orientada por membros eminentes da geração anterior, como Frederick Paxson, Frederick Merk, John Hicks e Merle Curti. Curiosamente, o decano do turnerismo, Ray Allen Billington, não parece ter tido uma influência intelectual que equivalesse à sua forte presença institucional. Até onde pude inferir, somente um de seus orientandos, Martin Ridge, alcançou alguma posição de destaque historiográfico.

¹⁶⁵ O único historiador do campo a chegar ao cargo máximo da OAH no período foi Allan G. Bogue, no biênio 1982-1983. De qualquer modo, entre 1966 e 1978 o editor do JAH foi Martin Ridge. Na AHA, contudo, nenhum *western historian* merece algum cargo de destaque desde 1958, quando Walter Webb foi eleito presidente da instituição.

¹⁶⁶ Em um texto de 1990, Carl Abbott comentou sobre o processo de regionalização enfrentado pela *Western History*, apontando para a constante diminuição no número de universidades do Leste que ofereciam o curso aos seus alunos. Segundo ele, tal fenômeno começou ainda na década de 1950, aumentando dramaticamente nos vinte anos seguintes. ABBOTT, Carl. *Regional History as an Instructional Field: the practice of colleges and universities in the United States*. In: *The Western Historical Quarterly*, vol. 20, n. 20. May 1990, p. 100-123.

A idéia de uma fragmentação tornou-se ainda mais acentuada quando do surgimento de sub-disciplinas que competiam diretamente com a *Western History*, como, por exemplo, a “*New Indian History*”, que almejava reconstruir a história dos nativos com uma finalidade essencialmente política, isto é, para fornecer-lhes a voz e o papel político que lhes haviam sido negados. Estas histórias enfatizavam a relação entre as próprias sociedades indígenas, empregando *insights* de etnólogos, psicólogos e antropólogos. Para estes autores, era essencial que se superasse o etnocentrismo que havia informado a leitura da história nativa durante mais de um século.¹⁶⁷

Do mesmo modo, e também movida por uma clara motivação política, surgia a “*Chicano History*”, que denunciava o roubo das terras dos hispânicos, quando da conquista anglo-saxônica, sua dominação social e econômica, a tentativa do apagamento de suas identidades culturais e seu silenciamento pela historiografia tradicional. Para que os *chicanos* pudessem ter um maior protagonismo político era necessário que tivessem narrativas que lhes propiciassem isto.¹⁶⁸ Por fim, as mulheres também passaram a questionar os pressupostos pelos quais as suas histórias haviam sido narradas até então, rejeitando a dominação masculina na academia e na História e escrevendo textos que destacavam o papel desempenhado pelo sexo feminino no Oeste e na fronteira.¹⁶⁹

Estes três “movimentos” possuíam algo em comum: a rejeição das estruturas narrativas e institucionais da *Western History*.¹⁷⁰ No primeiro caso, tratava-se de denunciar o etnocentrismo de *todos* os historiadores anteriores, não só dos turnerianos, e da reconstrução de uma história com bases completamente diferentes daquelas oferecidas por eles, enfatizando o que antes havia sido silenciado ou transformado em estereótipo. No

¹⁶⁷ BERKHOFER, Jr., Robert. The Political Context of the New Indian History. In: *Pacific Historical Review*, vol. 40, n. 3. August, 1971. p. 357-382.

¹⁶⁸ GUTIERREZ, David. Significant to Whom? Mexican-Americans and the History of the American West. In: *The Western Historical Quarterly*, n. 24, vol. 4. November, 1994. p. 520-521.

¹⁶⁹ MORRISEY, Katherine G et alli. Women and the West: rethinking the Western History survey course. In: *The Western Historical Quarterly*, vol. 12, n. 3. July, 1986. p. 272-273. Allan G. Bogue cita ainda a “história ambiental” como sendo um dos campos em disputa com a *Western History*. Tendo em vista, contudo, que os historiadores mais importantes desta área, Donald Worster e Richard White, apresentavam-se como “historiadores do Oeste” e faziam da região o principal objeto de suas análises, mais tarde integrando a NWH, considero tal consideração um pouco forçada. BOGUE, Allan G. *The Course of Western History's First Century*. op. cit. p. 9.

¹⁷⁰ No caso da historiografia de gênero, tal situação é um pouco menos explícita, já que suas principais autoras (Mary Lee Spence, Glenda Riley, Sandra Myres, Susan Armitage e Joan Jensen) escreviam regularmente na WHQ. Spence, Myres e Riley chegaram à presidência da WHA: a primeira em 1982, a segunda em 1988 e a terceira em 1997.

segundo, e isto é uma decorrência do ponto anterior, se buscava instituir novas sub-disciplinas não comprometidas com este tipo de historiografia. Sendo assim, a *Western History* foi rejeitada justamente por causa de seu comprometimento com uma história que não só não servia aos interesses destes novos grupos, mas também os contrariava profundamente. Não importava que índios e *chicanos* habitassem o Oeste: a sua região *não* era a mesma dos brancos, a sua história *não* era a mesma de seus conquistadores. Logo, seu campo *não podia* ser o mesmo deles.¹⁷¹

O que está dado aqui, portanto, é emergência de um novo tipo de história, politicamente mais consciente que as anteriores e, talvez por isso, mais militante. A união entre “militância” e “História”, ou a idéia de que os dois não podiam existir separadamente, era resultado das experiências universitárias da década de 1960 e, mais especificamente, da “Nova História Social”¹⁷², que não só defendia tal posição, mas também a considerava *essencial* à profissão. Estes historiadores não só recuperaram as preocupações sociais dos velhos progressistas, como as *radicalizaram*, como demonstra Ellen Fitzpatrick.¹⁷³ Para eles, a disciplina era um campo-de-batalha entre os conformistas e aqueles que demandavam mudanças profundas para a América. A celebração do progresso e da união nacional era uma quimera distante: os Estados Unidos, a tão decantada “*city on a hill*”, haviam falhado em seus objetivos e era hora de encarar o lado obscuro de sua história.

Embora fosse majoritário na academia nos anos 1950 e começo dos 1960, mas nunca dominante, o consensualismo historiográfico chegou a um impasse quando da emergência do Movimento pelos Direitos Civis e dos protestos contra o desastre da Guerra

¹⁷¹ Apesar desta negação, alguns autores *chicanos*, como Rodolfo Acuña e Gloria Andázlua, mesmo rejeitando os parâmetros institucionais da *Western History*, enredaram suas histórias a partir do conceito de “*frontera*”, enfatizando, assim, as mestiçagens culturais e sanguíneas entre conquistadores e conquistados e a relação dialética estabelecida entre os dois lados desta linha que tanto separava e quanto unia seus agentes. Significativamente, o livro mais importante de Andázlua chamava-se “*Borderlands/La Frontera*” (1987). KLEIN, Kerwin Lee. Reclaiming the “F” Word, or Being and Becoming Postwestern. op. cit. p. 200-205.

¹⁷² O termo “Nova História Social” surgiu ainda na década de 1960 e foi utilizado para diferenciar entre os trabalhos desta nova historiografia e a chamada “História Social” dos anos 1920 e 1930, principalmente. Esta última, em geral, estava sob a sombra da chamada História Progressista e preocupava-se com mudanças sociais de curta duração e com os chamados “costumes” da sociedade norte-americana. Se em seus melhores momentos, ela antecipou alguns dos temas e objetos mais tarde tratados pela Nova História Social, em seus piores ele evitou questões relacionadas à conflitos de poder, principalmente os de classe, e construiu uma “história com a política deixada de lado” (“*history with the politics left out*”), para usar a expressão de Peter Novick. De qualquer modo, muitos dos jovens historiadores ligados à Nova História Social não reconheciam esta ligação com seus antecessores por motivos políticos mais profundos, daí a insistência em sua novidade. NOVICK, Peter. *That Noble Dream*. op. cit. p. 178-180.

¹⁷³ FITZPATRICK, Ellen. *History's Memory*. op. cit. p. 9-12.

do Vietnã, justamente porque sua trama principal não conseguia explicar estes acontecimentos. Exatamente quando um dos consensualistas mais celebrados, Daniel Bell, comemorava o “fim da ideologia”, ela voltava a mostrar sua face. E ela não era bela.¹⁷⁴ Como, perguntavam-se alguns novos historiadores, poderia haver qualquer tipo de harmonia política quando a nação negava a alguns de seus filhos os direitos políticos mais básicos? Como poderia se falar de um grande “consenso” quando os primeiros a serem enviados ao morticínio nas selvas asiáticas eram os pobres, os negros e os latinos, enquanto os brancos das “classes produtoras” ficavam em casa, assistindo o horror pela televisão? Como poderia se negar os horrores da escravidão, da Guerra de Secessão e do imperialismo estadunidense? Como poderia se ocultar a incompletude do projeto americano, já que alguns norte-americanos pareciam (e eram), para usar os famosos termos de George Orwell, mais iguais que outros? Quais projetos de poder e quais ideologias nefastas haviam sido ocultos pelas explicações históricas anteriores? Para os questionadores, tratava-se de escolher entre a “Grande América” dos adesivos dos carros da classe-média e a “*Amerika*” das pichações dos campi universitários.¹⁷⁵

Os primeiros sinais de que o tão propalado consenso havia chegado ao fim vieram com diversos protestos universitários, começando com o de Berkeley, em 1964, e culminando com os de Columbia e Cornell, nos três anos seguintes. Para além de seus motivos políticos mais amplos (como o fim da Guerra do Vietnã), aqueles que protestavam tinham uma forte motivação acadêmica: a democratização da nomeação de docentes, mudanças nos currículos, principalmente no âmbito das Humanidades, e a criação de processos para a efetiva integração universitária das diversas minorias étnicas e sociais, incluindo cotas de admissão.¹⁷⁶ Aos olhos dos conservadores, que encaravam estas demandas com desconfiança e desgosto, os Estados Unidos pareciam estar ruindo; para os

¹⁷⁴ O argumento de Bell, que era sociólogo, era simples: a vitória dos Aliados na Segunda Guerra e o consenso em torno dos valores fundamentais da nação haviam tornado irrelevantes as ideologias políticas, pelo menos em solo norte-americano. BELL, Daniel. *The End of Ideology: on the exhaustion of political ideas in the fifties*. Glencoe: Free Press, 1960.

¹⁷⁵ NOVICK, Peter. *That Noble Dream*. op. cit. p. 417.

¹⁷⁶ DIGGINS, John Patrick apud VASCONCELLOS, José Antônio. *Quem tem Medo da Teoria?* op. cit. p. 20.

progressistas, que as defendiam, a promessa americana estava apenas começando a ser realizada. Surgia, assim, a chamada “*New Left*”.¹⁷⁷

Esta “Nova Esquerda” não representava, contudo, uma ruptura imediata com o consensualismo historiográfico (ou, como chamou Ian Tyrrell, “historiografia liberal”).¹⁷⁸ De um certo modo, ela estava justamente enquadrada por este discurso consensualista. Suas propostas eram “expandir a democracia norte-americana”, realizar plenamente a Constituição e a Declaração de Independência e recuperar as possibilidades de radicalismo político inerentes à história dos Estados Unidos (neste caso, por exemplo, a Revolução de 1776 era vista como o primeiro passo de um radicalismo democrático mais tarde sufocado e apagado). Como afirma Tyrrell:

“What is most striking about early radical history in retrospect is not its daring innovation, but its conformity with traditional topics and methods. (...). This meant locking horns with the liberals on their own ground of established historical debates derived mostly from the liberal problematic and national political issues. It meant accepting the conceptualization and periodization imposed by the liberals themselves”.¹⁷⁹

¹⁷⁷ O termo “Nova Esquerda” foi criado para diferenciá-la da “velha esquerda” comunista e fiel ao PC norte-americano. Segundo os novos esquerdistas, a antiga ortodoxia marxista não conseguia mais explicar os problemas que assolavam o país, principalmente por causa de sua recusa em considerar questões de gênero e raça tão ou mais importantes quanto a luta de classes. Do mesmo modo, eles acusavam os comunistas da velha guarda de manterem uma posição tibia quanto à Guerra do Vietnã e de manterem uma lealdade cega aos preceitos de Moscou, sem capacidade crítica quanto ao stalinismo, por exemplo. Ver WIENER, Jonathan. Radical Historians and the Crisis in American History, 1959-1980. In: *The Journal of American History*, vol. 76, n. 2. September, 1989. p. 399-434. Já segundo Richard Rorty, a gota d’água para esta esquerda foi a negação de assento aos “democratas livres” na convenção de 1964, dada sua plataforma extremamente anti-segregacionista e a necessidade de manter o “Sul profundo” (racista e xenófobo) sob domínio democrata, e a resolução do Golfo de Tonkin, no mesmo ano, que iniciou o conflito no Vietnã e foi apoiada por alguns esquerdistas da velha guarda. A partir deste momento, a Nova Esquerda rompeu definitivamente com seus antecessores políticos. RORTY, Richard. *Para Realizar a América: o pensamento de esquerda no século XX na América*. Rio de Janeiro: DP & A, 1999. p. 75-110.

¹⁷⁸ TYRRELL, Ian. *The Absent Marx: class analysis and liberal history in twentieth-century America*. Westport: Greenwood Press, 1986. p. 9.

¹⁷⁹ “Em retrospecto, o que é mais chocante sobre a antiga história radical não é sua inovação, mas sua conformidade com tópicos e métodos tradicionais. (...). Isto significava brigar com os liberais em seu próprio terreno de debates históricos estabelecidos, derivados principalmente da problemática liberal e dos assuntos políticos nacionais. Isto significava a aceitação da conceitualização e periodização imposta pelos próprios liberais”. Idem. *Ibidem*. p. 124.

Neste caso, esta “Nova Esquerda” continuou escrevendo suas histórias dentro da antiga tradição objetivista e empiricista da historiografia norte-americana. Alguns radicais, como Jesse Lemisch, atacavam as interpretações anteriores justamente por sua “imparcialidade” e demandavam o aumento do escopo historiográfico nacional para a *incorporação* das narrativas radicais dentro da Grande Narrativa dos Estados Unidos.¹⁸⁰ Apesar de algumas posições heterodoxas, ao menos aos olhos da academia estadunidense, a base do empreendimento da *New Left* era a mesma de seus opositores: a fé no caráter objetivo e científico do conhecimento histórico. Ademais, suas convicções menos “perigosas” podiam facilmente ser incorporadas pelo status quo, como a idéia de que a história deveria ser vista “de baixo pra cima”, por exemplo, naquilo que Novick chamou de “*restrição através da incorporação parcial*”. Aliás, foi exatamente isto que levou ao florescimento, nos anos 70, de uma historiografia “marxista” pouco engajada politicamente e mais preocupada com seus postos acadêmicos do que com um projeto social revolucionário.¹⁸¹

Ainda assim, a influência da *New Left* na Nova História Social não pode ser subestimada. Nem todos os historiadores sociais do período eram politicamente motivados, ou mesmo “progressistas”, mas suas histórias ajudaram a trazer à tona grupos até então marginalizados pelo *mainstream* acadêmico.¹⁸²

Sob este ponto de vista, a Nova História Social deu vazão às demandas historiográficas dos grupos marginalizados, negros, latinos, imigrantes pobres e mulheres agora demandavam não só a escrita de novas histórias, mas se auto-atribuíam o direito *exclusivo* de fazê-lo. Não se tratava somente de rejeitar as antigas narrativas centradas nos “grandes homens brancos mortos”, mas a própria legitimidade dos antigos modelos

¹⁸⁰ Idem. *Ibidem*. p. 127.

¹⁸¹ NOVICK, Peter. *That Noble Dream*. p. 459-461. Vale lembrar que um dos marxistas mais destacados dos Estados Unidos, Eugene Genovese, foi eleito presidente da OAH em 1978. Dois anos mais tarde, outro marxista (embora menos ortodoxo do que Genovese), William Appleman Williams, também chegou ao cargo.

¹⁸² A Nova História Social, em geral, “importou” seus marcos teóricos dos marxistas britânicos, como Raymond Williams e Edward Palmer Thompson, e dos *annalistes* franceses, principalmente no que se refere ao estudo de fenômenos de longa-duração, como o clima e as *mentalités*. Estabeleceu-se também um contato cada vez maior com as Ciências Sociais, especialmente a Sociologia e a Antropologia, refletido no surgimento de campos como a “etnohistória” ou a “história sociológica” de autores como Immanuel Wallerstein e Thomas Bender. Sobre isto, ver ROSS, Dorothy. *The New and Newer Histories: social theory and historiography in an American key*. In: MOLHO, Anthony & WOOD, Gordon S (org.). *Imagined Histories: American historians interpret the past*. Princeton: Princeton University Press, 1998. p. 85-106 & TYRRELL, Ian. *The Absent Marx*. op. cit. p. 145-164.

acadêmicos de História. Deste modo, a década de 1970 foi profícua na elaboração de metodologias que tentavam escapar à “dominação” eurocêntrica na academia: a história oral, a etno-história, a adoção de aportes teóricos da Crítica Literária e do desconstrucionismo francês. De um modo ou de outro, estes grupos tentavam recuperar uma história “intocada” pela dominação narrativa dos brancos; a suas histórias deveriam servir aos seus próprios interesses morais e políticos.¹⁸³

Chegamos, portanto, ao temível espectro da “fragmentação” da disciplina. Se até os anos 1960 ela era entendida como sendo somente no nível institucional, com o surgimento de campos diversos, a partir da década de 1970 ela passou a ser vista como a eventual desintegração da profissão. Não tardaram a surgir admoestações contra aqueles que ameaçam “fatiar” a história nacional em partes virtualmente desconexas. Em 1982, por exemplo, Bernard Bailyn acusou a então moderna prática historiográfica de ser “amorfa”. De acordo com ele, eminente historiador do período colonial e presidente da AHA, a proliferação de novos métodos, tópicos e temas criava interpretações tão diferentes entre si que eram impossíveis de serem combinadas em uma única história.¹⁸⁴

Como bem apontou Ian Tyrrell, nesta conjuntura de “super-especialização”¹⁸⁵, aumentou-se o número de exortações por “sínteses” que pudesse unificar a aparentemente despedaçada história nacional. Um número cada vez maior de historiadores começou a ponderar sobre os rumos da profissão e a necessidade de se retomar a preocupação com histórias que pudessem falar ao grande público e que escapassem à armadilha da “super-especialização”.¹⁸⁶ Foi neste contexto maior, como veremos, que os *western historians*

¹⁸³ APPLEBY, Joyce; HUNT, Lynn & JACOB, Margaret. *Telling the Truth about History*. New York: W. W. Norton, 1994. p. 190-237. Do mesmo modo, Frank Ankersmit fala da “privatização” do passado que começou a tomar forma ainda na década de 1970, quando os grandes agentes que norteavam a produção historiográfica até então (a nação, o Estado, a classe social, etc.) começaram a perder espaço para histórias cada vez mais focadas nas experiências contingentes de pequenos grupos, nas mentalidades e nas micro-histórias. Segundo ele, o passado deixou de ser concebido como algo uniforme e linear, transformando-se em uma massa caótica, onde cada indivíduo pode achar o que lhe interessa, sem que existisse a necessidade de se relacioná-lo à “história como um todo”. Este teria sido um dos principais motivos da fragmentação da disciplina (ou de sua acentuada “de-disciplinarização”, para usar os termos de Ankersmit) nas últimas duas décadas. ANKERSMIT, Frank R. The Postmodernist “Privatization” of the Past. In: *Historical Representation*. Stanford: Stanford University Press, 2001. p. 149-175.

¹⁸⁴ BAILYN, Bernard. The Challenge of Modern Historiography. In: *American Historical Review*, vol. 87, n. 1. February, 1982.

¹⁸⁵ TYRRELL, Ian. The Great Historical Jeremiad: the problem of specialization in American historiography. In: *The History Teacher*, vol. 33, n. 3. May, 2000. p. 371-374.

¹⁸⁶ Idem. *Ibidem*. p. 374-375.

pensaram seu próprio campo a partir da década de 1980. Ainda que sua “crise” fosse anterior aos lamentos da disciplina como um todo, e ainda que suas preocupações fossem diferentes de seus colegas no *mainstream*, não se deve descolá-las desta conjuntura intelectual mais ampla.

Capítulo II – Teria o Oeste um Significado para a História Americana? A crise do campo e a emergência da *New Western History*

“Western History was considered unsexy until the arrival of the new western historians” – Blake Allmendinger¹⁸⁷

No primeiro capítulo, vimos como a História do Oeste descendeu de uma posição de prestígio dentro do campo historiográfico norte-americano para um estado periférico, resultado em grande parte de sua regionalização e do abandono da pretensão de falar para a nação como um todo. No início da década de 1980, uma série de historiadores passaram a refletir sobre a crise da *Western History*, tentando diagnosticar as melhores soluções para esta situação. Foi no esteio destas discussões que a NWH emergiu, com uma agenda que não só buscava resolver este problema, mas também refundar a área em bases intelectuais diferentes daquelas que, imaginavam os revisionistas, existiam anteriormente.

Este capítulo está dividido em quatro partes. Na primeira, apresento algumas das reflexões realizadas no começo e no meio dos anos 1980 sobre a crise da História do Oeste, tentando entender as questões que estavam postas e as soluções propostas pelos historiadores, principalmente no que se refere a novas possíveis sínteses para o passado regional. Na segunda, examino os textos fundadores da NWH, enfatizando suas tentativas de encontrar um modelo renovado para o campo, centrado essencialmente na “dê-ênfase” na idéia de fronteira ou em sua problematização.

Na terceira parte, foco as estratégias retóricas de auto-legitimação da NWH, entendidas como sendo um “tropa revolucionário” destinado a exagerar sua novidade ao mesmo tempo em que se retirava a legitimidade da historiografia anterior. Finalmente, no quarto e último ponto, analiso a “epistemologia” dos revisionistas e a oposição entre “história” e “ficção” em seus trabalhos, buscando compreender o que poderia estar por trás desta dicotomia bastante forçada.

¹⁸⁷ “A Western History não era considerada sexy até a chegada da *New Western History*”. ALLMENDINGER, Blake. Through the Looking Glass: what western historians and literary critics can learn from each other. In: *The Pacific Historical Review*, vol. 72, n. 3. August, 2003. p. 419.

2.1. Tradições, Desafios e Especulações: esboços de uma “auto-análise”

O lamento pela morte de uma Grande Narrativa encontrou grande eco nas searas da História do Oeste. A partir do começo da década de 1980, os *western historians* passaram a sistematicamente questionar não só o status institucional do campo, mas também seus pressupostos mais gerais. Não se tratava somente de oferecer explicações alternativas à tese de Turner, como havia ocorrido até então, mas de buscar uma base intelectual renovada para os estudos sobre o Oeste. Para fazê-lo, contudo, eles precisaram diagnosticar os sintomas que levaram a *Western History* a ser considerada como o “homem doente” da profissão norte-americana naquele período. Por mais doloroso que este processo pudesse parecer, os historiadores do Oeste precisariam fazer sua “auto-análise”. Sete artigos e duas introduções de coletâneas publicados nesta época nos dão a dimensão dos questionamentos e desta “auto-análise” praticada por alguns importantes *western historians*.

Na introdução de um volume de textos sobre a história do Oeste, publicado em 1983, Michael Malone, docente da Universidade de Montana, fez uma breve, porém contundente, avaliação do campo. Segundo ele, os “paradigmas” turnerianos haviam sido amplamente criticados e, com isso, a *Western History* havia descartado versões “românticas” sobre o passado regional. Em outras palavras, as novas interpretações enfatizavam o Oeste enquanto região e demonstravam a “vitalidade” e a “força” do campo. Para Malone, portanto, o espectro da crise parecia algo distante. Ainda assim, de acordo com ele, a área ainda era “pouco desenvolvida” e ainda padecia de certos “problemas de relacionamento” com o grande público, que continuava ansiando por “lenda” e “folclore” dos historiadores do Oeste.¹⁸⁸

Paradoxalmente, em um segundo texto, publicado na WHQ em janeiro de 1985, Malone e Rodman Paul, professor no Instituto de Tecnologia da Califórnia e ex-presidente da WHA no biênio 1978-1979, não pareciam estar muito convencidos de que as “histórias românticas” sobre o Oeste haviam sido completamente abandonadas. Segundo eles, os principais problemas do campo continuavam sendo a insistência em modelos narrativos

¹⁸⁸ MALONE, Michael. Introduction. In: MALONE, Michael (org.). *Historians and the American West*. Lincoln: University of Chicago Press, 1983. p. 1-14.

ultrapassados e a competição, um tanto quanto indesejada, com escritores populares e pesquisadores amadores e suas várias e acessíveis publicações. A seriedade da situação era agravada pela constante confusão, estabelecida tanto pelos antigos historiadores quanto pela mídia e pelos trabalhos não-acadêmicos, entre o Oeste enquanto *fronteira* e o Oeste enquanto *região*. O destaque dado ao primeiro ocultava as peculiaridades e a necessidade de estudos mais aprofundados sobre o segundo.¹⁸⁹ Apesar deste discurso de crise, Paul e Malone viam o futuro com relativo otimismo, já que alguns dos novos trabalhos e objetos de estudo estariam conseguindo apontar em direção a caminhos historiográficos bastante alentadores.¹⁹⁰

Gene Gressley, professor da Universidade do Wyoming e ex-aluno de Pomeroy, era um pouco mais sombrio em suas considerações sobre a História do Oeste. Em um artigo publicado na PHR, em novembro de 1984, ele refletiu sobre a inquietação dos historiadores do Oeste norte-americano com sua fortuna e sobre a famosa “crise” do campo. Este fenômeno não era novo e estava tornando-se cada vez mais preocupante, segundo ele. Os problemas institucionais eram visíveis: queda no número de alunos matriculados nos cursos, falta de uma metodologia sofisticada, ênfase nos temas populares, ausência de investigações sobre o século XX e a pouca preocupação das universidades em substituir professores aposentados (o que, de acordo com ele, levava à uma “usurpação” de posições por outros campos). Sem um norte de orientação, o passado parecia não possuir nenhuma serventia para o presente, e a área parecia afundar cada vez mais na irrelevância acadêmica. Os dias vindouros não pareciam muito auspiciosos para seus praticantes.¹⁹¹

Dois anos mais tarde, em seu discurso presidencial na WHA, Gressley reiterou algumas de suas ansiedades sobre a *Western History*, acusando os seus membros de terem “cortejado” este triste destino, graças às suas insistências em temas e métodos ultrapassados. Em um presente disciplinar bastante sofisticado, com uma série de teorias complexas à disposição do pesquisador, os *western historians* tinham a obrigação de abandonar seu “absolutismo” intelectual e partir para paragens mais arejadas. Entre os instrumentos que poderiam levá-los a novos territórios estavam os conceitos advindos, principalmente, dos

¹⁸⁹ MALONE, Michael P. & PAUL, Rodman W. Tradition and Challenge in Western Historiography. op. cit. p. 27-28.

¹⁹⁰ Idem. Ibidem. p. 53.

¹⁹¹ GRESSLEY, Gene M. Whither Western American History? op. cit. p. 493.

estudos sobre federalismo, regionalismo, colonialismo e liberalismo clássico - todos eles podiam lançar uma luz ao passado *westerner* de modo muito mais satisfatório do que as interpretações anteriores.¹⁹²

No mesmo ano, o respeitado Howard Lamar publicou um artigo que comemorava o vigésimo-quinto aniversário da WHA e buscava fazer um breve inventário do estado das coisas na *Western History*. Contudo, ao contrário dos autores acima citados, Lamar celebrava a respeitável tradição historiográfica do campo, prestando uma especial homenagem a Ray Allen Billington e aos demais fundadores da associação. Segundo ele, o interesse destes *founding fathers* era menos separar a área do *mainstream* historiográfico do que desenvolver um amplo interesse pelos temas do Oeste, em uma seara mais adequada a isto. Esta preocupação acabou refletindo diretamente na produção histórica das décadas seguintes: “*on the whole, historical writing about the West since 1961 can be characterized as being professional, multifaceted and flexible*”.¹⁹³ O passado disciplinar não era uma sombra, nem mesmo um fantasma onipresente e ameaçador, mas algo a ser apropriado e valorizado pelas novas gerações.

A preocupação maior de Lamar era encontrar um sentido, dentre as várias interpretações oferecidas, que pudesse dar um cerne à história do Oeste. Antes de vociferar contra a fragmentação do campo, o professor de Yale achava que era necessário pensar em novos caminhos e modos de sintetizar a complexa e rica experiência histórica da região. Só através de grandes narrativas renovadas é que o campo poderia realmente voltar a ser relevante para a disciplina como um todo, sem precisar temer por sua existência e sem ter que constantemente explicar sua importância.¹⁹⁴

O sexto trabalho publicado no período foi o artigo “*The ‘Plundered Province’ Thesis and the Recent Historiography of the American West*” (“A tese da ‘província

¹⁹² Idem. *The West: Past, Present, Future*. op. cit. p. 7

¹⁹³ “Como um todo, a produção historiográfica sobre o Oeste desde 1961 pode ser caracterizada como sendo profissional, multifacetada e flexível”. LAMAR, Howard R. Much to Celebrate: the Western History Association’s twenty-fifth birthday. In: *The Western Historical Quarterly*, vol. 17, n. 4. October, 1986. p. 398.

¹⁹⁴ Citando as preocupações de alguns de seus colegas, o historiador afirmou que, diante dos problemas que se apresentavam ao campo, o simples protesto não era suficiente. Era necessário encontrar meios para tornar a história do Oeste mais significativa para o presente e, com isso, fugir ao permanente sentimento de crise que havia se apossado da *Western History*. Idem. *Ibidem*. p. 405.

pillhada’ e a recente historiografia do Oeste norte-americano”), de William G. Robbins.¹⁹⁵ O autor era professor da Universidade Estadual do Oregon e um dos poucos *western historians* a se declarar marxista. Seu argumento, neste escrito, era simples: não poderia haver uma devida compreensão do Oeste moderno sem que se reconhecessem as forças revolucionárias liberadas pelo capitalismo no pós-guerra e pelas concomitantes influências da Guerra Fria na região.¹⁹⁶ Para ele, portanto, “*capitalismo*” era o conceito primordial para a estruturação de uma nova história regional. Isto implicava não só o reconhecimento das profundas mudanças sociais enfrentadas pela porção ocidental dos EUA nos anos que se seguiram à Grande Guerra, mas também a consideração dos custos sociais deste processo. Suas vítimas, segundo Robbins, não eram poucas.¹⁹⁷

A idéia de que o Oeste era uma “província espoliada” não era nova, como já vimos. A diferença entre Robbins e alguns de seus antecessores, como Webb e DeVoto, estava no modo como ele buscava teorizar este fenômeno. Para o autor, esta exploração econômica não era só resultado da dominação do Leste sobre os recursos da região, mas estava profundamente movida pela lógica do capitalismo moderno. Para ele, o Oeste norte-americano era “*a part of a larger theater of action in what is best described as a capitalist world system – the internationalization of trade and investment policy*”.¹⁹⁸ Os culpados não eram somente os gananciosos investidores de Wall Street e os burocratas de Washington – o sistema como um todo era perverso. Utilizando as teorias de dependência de Immanuel Wallerstein como sua principal estrutura teórica, Robbins criticava a historiografia anterior por ter criado uma ilusão de progresso e crescimento econômico no Oeste pós-Segunda Guerra, quando, na verdade, ele continuava tão periférico quanto antes. O que havia mudado eram os modos de dominação.¹⁹⁹

¹⁹⁵ ROBBINS, William G. The “Plundered Province” Thesis and the Recent Historiography of the American West. In: *The Pacific Historical Review*, vol. 55, n. 4. November, 1986. p. 577-597.

¹⁹⁶ No período da Guerra Fria, o Oeste teve a dúbia honra de ser o local escolhido pelo Exército norte-americano para a instalação de poderosos complexos militares e para o teste de novos e letais armamentos, incluindo armas nucleares.

¹⁹⁷ Idem. Ibidem. p. 584.

¹⁹⁸ “Parte de um grande teatro de ação que pode ser melhor descrito como um sistema-mundo capitalista – a internacionalização do comércio e das políticas de investimento”. Idem. Ibidem. p. 585.

¹⁹⁹ Robbins é bastante duro com Pomeroy, Nash e Gressley, afirmando que suas interpretações acerca das mudanças econômicas no pós-guerra enfatizavam o superficial e ignoravam a persistência de problemas fundamentais: a desigualdade de raças e classes, o crescimento urbano e industrial irrestrito e o aumento da hegemonia de certos centros urbanos sobre grandes áreas rurais, com o conseqüente empobrecimento destas.

A perspectiva de Robbins era bastante interessante, na medida em que ela internacionalizava o Oeste, dando um contexto mais amplo para o seu desenvolvimento histórico, isto é, lhe fornecendo uma metanarrativa mais dilatada. Não se tratava somente de compreendê-lo nos termos de seu papel na história dos Estados Unidos, mas de entendê-lo como uma periferia explorada em um sistema-mundo completamente insensível às peculiaridades locais. Por outro lado, isto não significava uma exteriorização total da culpa pelos problemas econômicos e sociais que o afligiam, já que sua classe dominante participava ativamente deste nocivo jogo internacional. Aliás, Robbins era ainda mais duro em relação aos seus conterrâneos que tomavam parte nesta espoliação, já que, de todos, eles deveriam ser os mais atentos às necessidades regionais e à destruição de seus vários recursos naturais e econômicos.²⁰⁰

O ano de 1986, o mesmo da publicação dos textos de Lamar e Robbins, provou ser extremamente frutífero para “auto-análises”. Outros três textos publicados neste ano também continuavam com o escrutínio sobre a fortuna, ou falta dela, dos *western historians*. Embora partissem de pressupostos diferentes, as conclusões, como veremos, eram bastante similares.

À guisa de introdução para mais uma coletânea sobre a história do Oeste, Roger Nichols ecoou todos aqueles já mencionados problemas, fossem eles de natureza historiográfica ou institucional: dependência de modelos narrativos e teóricos “ultrapassados”, queda no número de docentes e discentes e falta de reconhecimento por parte do *mainstream*. No entanto, ainda que isto pudesse ser traumático para os historiadores do campo, eles não deveriam pensar que a *Western History* estava sendo destruída. O que estava ocorrendo era uma mudança nos focos e nas preocupações de seus praticantes em direção a assuntos mais significativos. Deste modo, esperava Nichols, a História do Oeste poderia finalmente retornar ao seio do *mainstream* historiográfico

Isto o levava a concluir que o Oeste era tanto uma colônia do Leste, como um império, já que cidades como Denver e Los Angeles, por exemplo, retiravam tributos sob a forma de recursos e lucros de vastos territórios interioranos adjacentes a elas. Idem. *Ibidem*. p. 584.

²⁰⁰ Idem. *Ibidem*. p. 587.

estadunidense. Era chegada a hora, enfim, de parar com os lamentos sobre a “decadência” da *Western History* e seguir em frente.²⁰¹

Gerald Thompson, em uma resenha dos livros organizados por Nichols e Malone, acusou duramente os próprios *western historians* de terem causado sua “triste” sorte. Segundo ele,

“Often when western historians gather at their annual meetings, private conversations turn to the question: ‘what’s wrong with western history?’. (...) I suppose that all this masochism and self-pity works a cathartic effect, for despite criticism, the scholarship changes little, if at all”.²⁰²

As palavras contundentes não pararam por aí. Thompson afirmou que para um total “rejuvenescimento” do campo era necessária uma ampla discussão historiográfica, nos moldes daquela ocorrida na década de 1970 entre os estudiosos sobre escravidão.²⁰³ No caso específico da História do Oeste, tratava-se de, mais uma vez, buscar uma solução mais ou menos satisfatória para a velha questão: seria o Oeste uma região específica ou a última fase da expansão das fronteiras nacionais?

Segundo Thompson, esta não era uma discussão trivial, já que estava no cerne da própria definição disciplinar da *Western History*: a ênfase na fronteira, de modo não surpreendente, conectaria a história do Oeste aos grandes processos históricos de formação da nação, enquanto que um foco regionalista limitaria sua perspectiva à uma área bem delimitada do país e, por consequência, de sua história. Fugir deste debate era, portanto,

²⁰¹ NICHOLS, Roger. Introduction. In: Idem (org.). *American Frontier and Western Issues: a historiographical review*. Westport: Greenwood, 1986.

²⁰² “Seguidamente quando historiadores do Oeste reúnem-se em seus encontros anuais, conversas privadas voltam-se para a questão: ‘o que está errado com a Western History?’. Acredito que todo este masoquismo e auto-comiseração causam um efeito catártico, porque, a despeito de todas as críticas, a historiografia muda pouco, se tanto”. THOMPSON, Gerald. Frontier West: process or place. In: *The Journal of the Southwest*, vol. 29, n. 4., Winter, 1986. p. 365.

²⁰³ Durante os anos 1970, os historiadores sociais que trabalhavam com o tema da escravidão passaram a rejeitar tanto as antigas explicações racistas, que afirmavam que os negros nada mais eram do que “crianças” e que o regime escravocrata era benéfico para eles, quanto as que afirmavam a sua brutalidade, mas retiravam dos africanos qualquer poder de resistência. Para os novos pesquisadores, a escravidão era, obviamente, brutal e opressiva, mas os cativos não eram suas vítimas passivas e possuíam modos, ainda que sutis, de resistir ao poder do escravagista. Este debate, posto por Peter Novick como sendo de “dependência” versus “resistência”, dominou boa parte da literatura específica sobre o tema na década em questão. Ver NOVICK, Peter. *That Noble Dream*. op. cit. p. 480-488.

fugir da responsabilidade de definir intelectualmente o campo, considerado um tanto quanto “esquizofrênico” por Thompson.²⁰⁴

De modo pouco surpreendente, o próprio Thompson, ao analisar os trabalhos editados por Malone e Nichols, não conseguiu encontrar uma resposta adequada à esta equação. Se por um lado, os regionalistas esbarravam na própria dificuldade em conceitualizar o “Oeste”, por outro, os defensores de Turner pareciam movidos por um determinismo econômico que os impedia de enxergar além do “fim” da fronteira.²⁰⁵ Apesar de suas admoestações sobre “justificativas intelectuais” para o campo, Thompson não conseguiu chegar ele mesmo à um meio-termo entre estes dois pólos. Ainda assim, seu julgamento dos livros organizados por Nichols e Malone era amplamente satisfatório: apesar dos problemas, eles demonstravam que a *Western History* era uma área pujante de pesquisas.²⁰⁶

Finalmente, em novembro de 1986, Spencer Olin publicou um artigo no PHR²⁰⁷, conclamando seus colegas a procurarem uma síntese entre a história política e social do Oeste. Para ele, a explosão de novos trabalhos sobre a região era, obviamente, benéfica, mas apontava para aquele já bem conhecido espectro: o da fragmentação do campo em uma série de “sub-campos” desconexos entre si. A *Western History* já padecia de uma série de problemas e fragmentá-la ainda mais certamente não os resolveria. Uma possível solução para a “crise” seria um uso mais consciente e sábio de grandes modelos teóricos. Para Olin, uma síntese só viria caso os *western historians* conseguissem formular grandes questões e encontrar teorias adequadas para sua resolução. Não bastava conclamar por novos objetos ou pelo abandono da tese de Turner – era necessário buscar um modo de reconceitualizar a

²⁰⁴ THOMPSON, Gerald. *Frontier West: process or place*. op. cit. p. 366-367.

²⁰⁵ Thompson, de modo um tanto confuso, atribuiu aos turnerianos uma “relação próxima” com as “idéias marxistas” (entendidas, aparentemente, como mero determinismo econômico) e, por isso, “o movimento de afastamento dos países comunistas do marxista” trazia “danos irreparáveis” à tese de Turner. Sinceramente, não vejo como a decadência do socialismo real pode ter prejudicado a *frontier thesis*, visto que não existe nenhuma relação entre os dois. No máximo, Thompson parecia estar referindo-se às leituras mecanicistas do conceito de “fronteira” que, por sua vez, também pouco tinham a ver com o marxismo, afora, talvez, o fato de colocarem questões econômicas no centro do foco do historiador. Idem. *Ibidem*. p. 367.

²⁰⁶ Idem. *Ibidem*. p. 368.

²⁰⁷ OLIN, Jr., Spencer C. *Toward a Synthesis of the Political and Social History of the American West*. In: *The Pacific Historical Review*, vol. 55, n. 4. November, 1986. p. 599-611.

história do Oeste e conectar as várias histórias díspares em uma única “grande história” da região.²⁰⁸

Chegamos aqui, então, a alguns dos pontos nevrálgicos da discussão sobre a *Western History* nos anos 1980 e 1990: como sintetizar o aparente “caos” interpretativo que estava ameaçando se instalar em suas searas? Como recuperar a credibilidade que o campo havia perdido nos decênios anteriores? Quais deviam ser seus interlocutores? Quais os lugares legítimos para a sua prática? Finalmente, qual deveria ser a postura, intelectual e política, de seus praticantes? A sobreposição destes textos pode nos informar sobre algumas das possíveis respostas para estes questionamentos, assim como revelar algumas das tensões internas da História do Oeste neste momento.

Antes de prosseguir com esta leitura, contudo, é necessário contextualizar esta busca por uma síntese sob o prisma mais amplo da disciplina norte-americana como um todo. Com a “ameaça” do temível espectro da fragmentação disciplinar avançando, a década de 1980, especialmente em sua segunda metade, foi prodigiosa em chamados à “unificação” profissional em torno de alguns temas e metodologias comuns. Em 1986, por exemplo, Thomas Bender publicou no JAH um artigo em que utilizava o conceito de “arena pública” para tentar unir a história estadunidense em torno de um *leit motif* mais geral – neste caso, a resolução de seus diversos conflitos sociais e políticos dentro do sistema político democrático. Para Bender, “democracia” era o termo que justificava o contar de uma única Grande Narrativa para os Estados Unidos. Sua narração seria, assim, o de uma constante busca por um aprimoramento de suas instituições. É quase desnecessário dizer que a proposta de Bender foi duramente criticada, principalmente por historiadores ligados à Nova História Social.²⁰⁹

Outros nomes importantes da profissão também conclamaram seus colegas a evitar uma maior fragmentação. Presidentes da AHA, como Carl Degler (1983-1984) e Phillip

²⁰⁸ Idem. *Ibidem*. p. 602.

²⁰⁹ BENDER, Thomas. Whole and Parts: the need for synthesis in American History. In: *The Journal of American History*, vol. 73, n. 3. June, 1986. p. 120-136. Algumas das respostas a Bender estão na seguinte mesa-redonda: PAINTER, Neil Irving et al. A Round Table: synthesis in American history. In: *The Journal of American History*, vol 74, n, 3, June, 1987. p. 107-130. Bender não desistiu, contudo, de encontrar um meio de sintetizar a história dos Estados Unidos em uma Grande Narrativa, ainda que suas propostas tenham tornado-se mais modestas. Ver BENDER, Thomas. Strategies of Narrative Synthesis in American History. In: *The American Historical Review*, vol. 107, n 1. February, 2002. p. 129-153.

Curtin (1985-1986), fizeram de seus discursos de despedida verdadeiros chamados pela reunião de seus colegas em torno de propostas mais ou menos unificadas. Era bastante evidente para eles que, àquela altura, já não poderia haver um simples retorno ao estado de “inocência” pré-fragmentação. Se fazia imperativo, contudo, o impedimento do retalho da disciplina em uma série de pólos díspares. Para ambos, a super-especialização, a profusão de novos trabalhos e o distanciamento do grande público fazia com que a profissão fosse “desmembrada” e “incoerente”. A recuperação desta coerência só se tornaria possível com o retorno a um projeto profissional comum.²¹⁰

O interessante destas constatações, contudo, é o quanto elas tendem a “apagar” a própria história da História nos Estados Unidos. Desde a profissionalização, nunca existiu algo próximo a uma profissão completamente unificada em seus temas, objetos e métodos. De acordo com Ian Tyrrell, o temor da fragmentação já estava presente no discurso profissional desde *antes* da Primeira Guerra Mundial. Tal medo ampliou-se nas duas décadas seguintes, com especial intensidade nos anos 1930, e foi amainado no pós-Segunda Guerra, resultado principalmente da proeminência do consensualismo no cenário historiográfico do país. Como vimos, contudo, as apreensões profissionais sobre este tema voltaram com força nas décadas de 1970 e 1980.²¹¹

Segundo Tyrrell, o motivo principal para estes temores renovados foi o crescimento impressionante do número de trabalhos publicados, fossem como livros ou artigos, e da quantidade de novas organizações profissionais. De fato, os números apresentados por ele são assombrosos.²¹² Aliado à esta explosão, estava o declínio no número de postos de trabalho em universidades, decorrência da crise econômica da década de 1970. Isto forçava os novos doutores ou recém-contratados professores a publicar mais textos, para garantirem seus lugares neste mercado bastante contraído.²¹³

Ainda que este fator conjuntural tenha de ser levado em consideração, acredito que somente ele não explica os temores dos historiadores norte-americanos. A partir dos anos

²¹⁰ CURTIN, Phillip D. Depth, Span and Relevance. In: *The American Historical Review*, vol. 89, n. 1. February, 1984. p. 1-9 & DEGLER, Carl N. In pursuit of an American History. In: *The American Historical Review*, vol. 92, n 1. February, 1987.

²¹¹ TYRRELL, Ian. The Great Historical Jeremiad. op. cit. p. 371-393.

²¹² Idem. Ibidem. p. 374.

²¹³ Idem. Ibidem. p. 375.

1970, o problema da fragmentação passou a ser considerado cada vez mais em termos *narrativos*, não só institucionais. O que ocorreu foi a quebra, por assim da dizer, da idéia de uma Grande Narrativa nacional capaz de unificar as versões díspares, porque as novas interpretações não só não se acumulavam às antigas, mas as desafiavam claramente.²¹⁴ Neste sentido, os lamentos pelo fracionamento disciplinar não eram somente diagnósticos de um problema institucional – eram, em última instância, o reconhecimento de que o sonho de uma história nacional minimamente coerente havia sido derrotado pela emergência de narrativas incompatíveis. Para usar os termos de Peter Novick, o sentimento era de que já não havia mais “um rei em Israel”, com “cada homem fazendo aquilo que achava correto em seus próprios olhos”.²¹⁵ Sob este ângulo, as lamentações de Baylin, Curtin e Degler sobre o fato da história do país ter se tornado “incoerente” adquirem um significado diferente: o de queixas sobre a dissolução de um núcleo narrativo comum a todo país. Aqui, portanto, elas adquirem justamente aquele caráter político inerente aos chamados por síntese, mencionado por Allan Megill.²¹⁶

Segundo Megill, todo e qualquer chamado por síntese é uma tentativa de impor uma determinada interpretação como sendo a *única* correta. Por causa disso, a unidade proporcionada pela narração de uma única história (ou, para usar os termos do autor, de uma Grande Narrativa), só pode servir para a exclusão de histórias que não se adequam a este padrão maior. Dito de outro modo, as exortações por sínteses são movimentos políticos – um esforço para trazer “ordem” ao “caos” da superprodução e para excluir interpretações históricas que não legitimadas (ou sem legitimidade suficiente) pelos lugares sociais de produção.²¹⁷

A leitura dos textos de “auto-análise” dos *western historians* revela, assim, justamente esta tentativa de delimitar o que era e o que não poderia ser considerado como uma história do Oeste legítima. Não só isso: a sobreposição destes escritos desvela várias

²¹⁴ É exatamente esta quebra que é considerada por Jonathan Wiener como marcando o início da crise na profissão norte-americana. O reconhecimento, inclusive por nomes consagrados como Richard Hofstadter e C. Vann Woodward, de que a história nacional não possuía mais um “centro”, por assim dizer, era a admissão implícita dos problemas narrativos que as histórias radicais da década de 1970 haviam posto para a disciplina. Ver WIENER, Jonathan. *Radical Historians and the Crisis in American History, 1959-1980*. op. cit. p. 428-429.

²¹⁵ NOVICK, Peter. *That Noble Dream*. op. cit. p. 573.

²¹⁶ MEGILL, Allan. *Historical Knowledge, Historical Error*. op. cit. p. 159-164.

²¹⁷ Idem. *Grand Narrative and the Discipline of History*. op. cit. p. 165-166.

tensões internas ao campo, principalmente no que se refere ao tipo de história a ser contada por seus historiadores. Em outras palavras, e isto é crucial para o entendimento do surgimento da NWH, a *Western History* encontrava-se em uma encruzilhada durante boa parte dos anos 1980 e os artigos aqui analisados foram uma tentativa de escolher entre caminhos teóricos e narrativos divergentes.

De um lado, os escritos de Gene Gressley e Gerald Thompson, bastante críticos quanto aos desdobramentos disciplinares dos anos 1970 e 1980 e pessimistas quanto ao porvir da *Western History*. De outro, podemos colocar os textos de Michael Malone, Rodman Paul, Roger Nichols e William Robbins, todos oferecendo propostas mais ou menos ancoradas na Nova História Social e relativamente otimistas em relação ao futuro do campo. Por fim, temos os artigos de Spencer Olin e Howard Lamar, onde ambos tentam claramente encontrar uma solução intermediária para os problemas da área.

De todos os autores mencionados até aqui, Gressley foi, sem dúvida, o mais contundente em seus ataques às então novas tendências historiográficas. E, no meu ver, é justamente essa recusa em aceitá-las que causou seu pessimismo em relação ao campo. Sua escolha de modelos teóricos a serem apropriados pelos *western historians* é bastante ilustrativa: em nenhum momento Gressley considera o marxismo ou mesmo os apontamentos da Nova História Social como sendo legítimos. Aliás, sua posição parecia ser contrária a estas perspectivas: “*ironically, the ‘new histories’ are commonly neither new nor history*”.²¹⁸ Segundo ele, as novas histórias esqueciam o indivíduo, diluindo-o em um mar de dados e números ou subsumindo-o em estruturas sociais tirânicas e deterministas. Seus erros seriam tão ou mais perniciosos do que aqueles imputados à antiga historiografia romântica e sua preocupação com os grandes homens do Oeste e seus admiráveis feitos. O modelo de historiografia almejado por Gressley parece ser o da História Política, com ênfase nas *relações políticas* mais amplas entre o Oeste e o resto do país. O âmbito do político seria, portanto, o domínio legítimo das incursões dos historiadores. O resto até podia ser útil, mas deveria ser observado e manuseado com extrema cautela.²¹⁹

²¹⁸ “*Ironicamente, as ‘Novas Histórias’ normalmente não são nem novas nem história*”. GRESSLEY, Gene M. *The West: past, present and future*. op. cit. p. 6.

²¹⁹ Para sustentar seu argumento, Gressley cita uma frase de um famoso historiador do Sul norte-americano, Edward Pessen: “*in the view of the centrality of the individual, historical truths based on indifference toward him are partial truths at best*” (“tendo em vista a centralidade do indivíduo, verdades históricas baseadas na

As considerações de Gressley possuem algumas implicações políticas bem claras: suas opções analíticas eram uma forma incisiva de afastar narrativas históricas mais radicais do escopo de histórias consideradas legítimas. Em *nenhum* momento, em seus dois escritos, ele faz menção às pesquisas sobre gênero ou etnicidade, ou a trabalhos produzidos por marxistas e historiadores sociais (exceção feita aos de Immanuel Wallerstein e de Donald Worster).²²⁰ Seu foco estava quase sempre centrado naquelas investigações sobre objetos já consagrados pela historiografia, como o regionalismo, o federalismo e a exploração econômica regional. Mas mesmo este tema espinhoso, e pródigo de possibilidades políticas radicais, é tratado de uma forma pretensamente “objetiva”, como se fosse apenas mais um dado empírico. Dito de outro modo, Gressley, apesar de seus chamados a uma história renovada, favorece tipos historiográficos bastante convencionais e conservadores em suas visões de mundo.²²¹

A diminuição disso que podemos chamar de “escopo de legitimidade” (isto é, o tipo de histórias que podem ser consideradas legítimas pela profissão) era, em última instância, a causadora de seus prognósticos negativos em relação ao campo. Se eram raros os trabalhos que “mereciam” a denominação de *Western History*, então eram poucas as esperanças de que o futuro pudesse reservar algo de relevante a esta prática. Sob este ponto de vista, era praticamente impossível escapar às predições de uma fragmentação historiográfica ameaçadora e onipotente.

Esta diminuição do escopo de legitimidade também está presente no texto de Gerald Thompson, principalmente no que se refere a trabalhos marxistas ou inspirados pelos *annalistes* franceses. Para Thompson, estes ofereciam explicações não-confiáveis, além de enfatizarem em excesso a economia em detrimento de outros fatores. Deste modo, os

indiferença a ele são, na melhor das hipóteses, somente verdades parciais”). PESSSEN, Edward apud Idem. Ibidem. p. 7.

²²⁰ Worster e Wallerstein são referenciados juntamente com uma série de outros autores, bastante diversos entre si. Isto não significa, contudo, que Gressley compartilhe de suas idéias. Como bem demonstrou Philippe Carrard, a exposição de um determinado escritor nas referências bibliográficas de um dado texto obedece a outras lógicas que não a concordância com eles, ou mesmo a sua leitura. Gressley pode ter referenciado estes escritos mais pela sua importância e notoriedade do que por um possível acordo com suas interpretações. GRESSLEY, Gene M. *The West: past, present, future*. op. cit. p. 7-8; p. 16. Para a breve, mas ótima, análise de Carrard sobre o papel das referências na Nova História francesa ver CARRARD, Philippe. *Poetics of the New History: French historical discourse from Braudel to Chartier*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1992. p. 160-164.

²²¹ GRESSLEY, Gene M. *The West: past, present and future*. op. cit. p.13.

western historians interessados em explicar a região deviam buscar alternativas a modelos que imergiam os indivíduos em seus contextos, apagando-os do processo histórico.²²²

Outro problema grave da Nova História Social, de acordo com Thompson, foi sua submissão da “arte” histórica às demandas da “ciência”. Os departamentos de História do país estariam formando escritores de trabalhos estéreis e, por isso mesmo, afastando o grande público. Os textos de *Western History* produzidos desde a década de 1970, embora até pudessem ser bons sob um ponto de vista meramente historiográfico, eram muito pobres se analisados sob o prisma da escrita. Ainda que alguns historiadores do Oeste reconhecessem este problema, era somente este retorno à “arte” que poderia recuperar a eles um renovado senso de auto-estima e importância. Caso isto não ocorresse, e caso eles continuassem se importando com temas e objetos paroquiais, o campo continuaria em crise. Era importante recuperar o respeito não só dos colegas, mas do grande público leitor.²²³

Mesmo que em termos diferentes, Thompson parece concordar com Gressley na tentativa de recuperação da História do domínio “maligno” de teorias e modelos “ahistóricos” e, principalmente, de devolver ao indivíduo o papel principal no processo histórico. Por isso, boa parte do material produzido pelos novos historiadores o desagradava, já que não se conformavam ao seu próprio conceito do empreendimento histórico como sendo algo “artístico”, movido não só pela necessidade de produção de conhecimento, mas também para instigar e atizar a imaginação do leitor.²²⁴ Isto fica claro na defesa que Thompson faz de “grande livros”, trabalhos revolucionários que poderiam inspirar não só outros historiadores, mas a audiência leiga.²²⁵ Sendo assim, me parece que Thompson, talvez até mais do que Gressley, deseja um retorno àquele imaginado estágio de “pré-fragmentação” disciplinar, quando era possível escrever sínteses ou narrativas que se complementavam sem maiores problemas.

Michael Malone, Rodman Paul e William Robbins, por outro lado, parecem aceitar o estado de fragmentação, ainda que com muitas ressalvas. Talvez por isso, seu escopo de legitimidade fosse mais amplo do que o de Gressley e Thompson. Como veremos abaixo,

²²² THOMPSON, Gerald. *Frontier West*. op. cit. p. 369.

²²³ Idem. *Ibidem*. p. 375.

²²⁴ Como veremos mais adiante, este é o cerne de sua oposição a NWH.

²²⁵ Idem. *Ibidem*. p. 375.

em seus textos, Malone, Paul e Robbins se apresentam bastante simpáticos à Nova História Social e às histórias mais radicais surgidas a partir dos anos 1960.

Malone e Paul, por exemplo, falavam da expansão ocidental norte-americana como sendo uma “conquista” e um “desalojamento dos ocupantes anteriores”, linguagem ausente tanto dos escritos de Gressley quanto do de Thompson, enquanto Robbins condenava abertamente o governo de Ronald Reagan pelo “desastre econômico” na região e assumia posições políticas bastante radicais (no cenário estadunidense, pelo menos).²²⁶ Do mesmo modo, embora tecessem críticas aos seus trabalhos, os “pais fundadores” e os decanos do campo (Turner, Webb, DeVoto, Bolton, Billington) são elogiados por suas inovações e pela qualidade de suas investigações. A tradição por eles representada é menos um fardo, como parece ser para Gressley, do que um passado ao qual devemos ter respeito e admiração, mesmo que não sirva para os fins mais imediatos do presente, como afirmavam Malone e Paul: *“the West has a proud historiographic tradition, but it is a tradition that is now changing to meet new challenges”*.²²⁷

Por outro lado, Malone e Paul são bem menos condescendentes com o trabalho da historiografia amadora e dos escritores populares – eles consideram válidos somente os trabalhos produzidos por historiadores acadêmicos. A “tradição popular”, em contraste com sua contraparte universitária, era causadora de mal-entendidos, mitificações e possuía fins “meramente” recreativos, sem preocupações mais sérias:

“Early western historical writing, while often offering good narrative and as much insight as the limited sources then permitted, nevertheless fell at times into romance, filio piety and provincialism. (...). Why? In large part because the West, like the Civil War and recent military history, is a primary meeting ground of professional historiography, popular interest and popular writers”.²²⁸

²²⁶ MALONE, Michael P. & PAUL, Rodman W. Tradition and Challenge in Western Historiography. op. cit. p. 30 & ROBBINS, William G. The “Plundered Province” Thesis and the Recent Historiography of the American West. op. cit. p. 593.

²²⁷ “O Oeste possui uma orgulhosa tradição historiográfica, mas é uma tradição que agora está mudando para se conformar a novos desafios”. MALONE, Michael P. & PAUL, Rodman W. Tradition and Challenge in Western Historiography. op. cit. p. 53.

²²⁸ “A antiga historiografia do Oeste, embora oferecesse boa narrativa e tanto insight quanto permitissem as fontes, desandava, às vezes, em romance, piedade filial e provincianismo. (...). Por que? Em grande parte porque o Oeste, como a Guerra Civil e a recente história militar, é um importante ponto de encontro entre a historiografia profissional, o interesse popular e escritores populares”. Idem. Ibidem. p. 27. De certa forma,

Para estes dois autores, a historiografia profissional era a única que realmente podia fornecer uma melhor compreensão do passado regional e nacional: somente uma história localizada nestes lugares autorizados poderia cumprir uma função social mais elevada.²²⁹ De resto, a consciência histórica dos norte-americanos estaria na mão de escritores de “ficções agradáveis” e “escritos informais”, com todo o “perigo” daí decorrente.²³⁰ Sendo assim, tal ataque pode ser entendido como uma estratégia de invalidação de toda uma produção historiográfica que, mesmo fora da academia, era considerada forte o suficiente para competir com a historiografia profissional pelo direito de representar a história regional.²³¹

Com isso, podemos encontrar dois fatores que opunham Gressley e Thompson a Robbins, Malone e Paul. Em primeiro lugar, os últimos, antes de considerarem a História como “arte”, defendiam abertamente o rompimento com narrativas “românticas” ou “inspiradoras” – sua defesa da historiografia profissional como sendo a única provedora de sentido ao passado parece deixar isto bem claro. Não se encontram aqui, portanto, defesa de “grandes livros”, já que tanto Robbins, quanto Malone e Paul parecem entender que a nova conjuntura disciplinar tornava isto algo quase impossível. Do mesmo modo, suas propostas de síntese passavam muito menos pela negação deste novo contexto, do que pelo reconhecimento de a História havia tornado-se cada vez mais multifacetada. Para usar as

Paul e Malone repetem as admoestações contra a historiografia popular já comuns desde a década de 1950. Neste sentido, portanto, eles enquadram-se perfeitamente na tradição do campo.

²²⁹ Idem. Ibidem. p. 35-38.

²³⁰ Ver, por exemplo, o seguinte comentário direcionado aos trabalhos sobre pecuária: “*the cow country West showed how historians could rally to give **substance, veracity, and meaning** to a subject that popular writers had nearly drowned in **romance and color**”* (“o Oeste da pecuária mostrou como os historiadores podiam dar **substância, veracidade e significado** a um objeto que os escritores populares quase afogaram em romance e cor”). Grifo meu. Idem. Ibidem. p. 38. Um dado que revela esta competição desigual é o número de cópias produzidas das revistas amadoras, em comparação com as acadêmicas: enquanto a WHQ possuía cerca de 2.500 exemplares por semestre, as revistas populares “*Wild West*” e “*True West*” vendiam mais de 150.000 mil cópias por bimestre. O ressentimento de Malone e Paul era, portanto, perfeitamente justificável, ainda mais se levarmos em conta que muitos amadores encontravam chancela institucional na WHA. Estes números encontram-se em ETULAIN, Richard W. *Telling Western Stories*. op. cit. p. 151-152. Ademais, isto também parece ser um ataque não muito velado ao entusiasmado apoio que Billington deu à historiografia amadora durante toda a sua carreira, mas, principalmente, durante sua atuação como presidente da WHA.

²³¹ Ver, por exemplo, o caso de uma de minhas fontes, a *Montana Magazine of Western History*, que, mesmo tendo Malone como um de seus editores nos anos 1980, abria espaço tanto para profissionais quanto para amadores. Robbins, por seu turno, não chega a fazer nenhum comentário mais substantivo em relação a estes *history buffs*.

palavras dos próprios Malone e Paul: “*there seems little chance of a unifying hypothesis such as the Turnerians and anti-Turnerians, for better or worse, beat out between them*”.²³²

O segundo fator de oposição estava, sem dúvida, no âmbito político destes escritos. Para Robbins, Malone e Paul, a principal função do campo seria fornecer um passado utilizável, uma história que desse vazão às necessidades de seu presente. Ao tecer algumas breves considerações sobre o sistema-mundo contemporâneo, Robbins afirmou, por exemplo, que um melhor conhecimento de seu funcionamento poderia ajudar a mitigar seus efeitos nefandos. A questão crucial é, portanto, mudar o tipo de história narrada até então, já que o conservadorismo dos historiadores anteriores (especialmente de Pomeroy, Nash e Gressley) havia ocultado as engrenagens desta estrutura maior.²³³

Por seu turno, Paul e Malone também declaravam que uma perspectiva regionalista da história do Oeste era um modo de desfazer “mal-entendidos” e “desmistificações” e encarar os graves problemas sociais daquela década. Embora os autores não o explicitassem, pode-se considerar que este era, portanto, o “desafio” do título do artigo: encontrar uma maneira de reescrever a história local para que ela pudesse responder àquilo que eles consideram como sendo as demandas mais imediatas de seus habitantes.²³⁴ Embora tal presentismo não fosse nenhuma novidade na área, a sua maior radicalização política por parte destes autores já apontava na direção de uma historiografia engajada e claramente movida por projetos ideológicos mais claros. Como veremos mais adiante, tal projeto encontrou sua expressão maior na NWH. Aliás, tanto Michael Malone quanto William Robbins apoiarão o movimento, enquanto Gressley e Thompson serão dois de seus críticos mais ferozes – o que parece comprovar algumas das posições políticas inferidas até aqui.

Mais moderados do que os autores acima mencionados, Spencer Olin e Roger Nichols ainda assim se mantêm ao lado das novas perspectivas das décadas de 1970 e 1980. Para Olin, como vimos, uma das saídas para a crise era um uso mais consciente de “teoria”. Em outras palavras, este historiador aceita o marxismo e os *Annales*, pra citar apenas dois

²³² “Não parece existir muita chance para o surgimento de hipótese unificadora, tais como aquelas que os turnerianos e anti-turnerianos, para melhor ou pior, jogaram entre si”. MALONE, Michael P. & PAUL, Rodman W. *Tradition and Challenge in Western Historiography*. op. cit. p. 51

²³³ ROBBINS, William G. *The “Plundered Province” Thesis and the Recent Historiography of the American West*. op. cit. p. 596.

²³⁴ MALONE, Michael P. & PAUL, Rodman W. *Tradition and Challenge in Western Historiography*. op. cit. p. 51-52.

exemplos, como meios legítimos para sintetizar a história social e política do Oeste. A fuga da fragmentação, ou a minimização de seus efeitos, não viria com o simples retorno à uma imaginada “idade de inocência”, quando todos os historiadores pareciam falar a mesma língua. Pelo contrário, era necessário usar as novas ferramentas teóricas então à disposição para se chegar à uma unificação, ainda que mínima, das diversas interpretações existentes no campo. A base deste empreendimento deveria ser, por razões práticas, a história local, já que seria mais fácil integrar os diversos “níveis” do processo histórico em uma escala geográfica menor:

“The field of Western American history can be advanced and enriched through the dilligent pursuit of fully integrated, theoretically self-conscious, interdisciplinary sub-regional studies”.²³⁵

Além de seu papel específico dentro da *Western History*, a teoria poderia também aproximar o campo do *mainstream* e torná-lo prestigioso uma vez mais. O estabelecimento de diálogos com outras áreas era, assim, essencial para que ele pudesse retornar ao centro da arena historiográfica dos Estados Unidos. Neste caso, é nítido o distanciamento de Olin de Gressley e Thompson. Enquanto estes defendiam um retorno a formas e objetos mais tradicionais de pesquisa e escrita, Olin advoga uma aproximação com a Nova História Social, sem rejeitá-la nem em termos historiográficos, nem em em termos políticos.²³⁶ Aliás, o campo poderia ir ainda mais longe que outras áreas de História Americana, na medida em que uma melhor compreensão das relações entre o “social” e o “político” poderia certamente remediar as tendências dos historiadores sociais em enfatizar o primeiro em detrimento do último. Segundo ele, a reconstrução de objetos negligenciados por décadas,

²³⁵ “O campo de história do Oeste norte-americano pode ser enriquecido com da condução diligente de estudos sub-regionais completamente integrados e teoreticamente auto-conscientes”. OLIN, Jr., Spencer. *Toward a Synthesis of the Political and Social History of the American West*. op. cit. p. 609. A pergunta que fica, contudo, é a capacidade destas histórias locais em serem integradas em uma única narrativa: será que elas não apresentariam dificuldades ainda maiores para os historiadores, na medida em que talvez revelassem diferenças regionais quase insuperáveis?

²³⁶ Olin percebeu, astutamente, que boa parte da desconfiança dos historiadores do Oeste em relação à teoria era devido às suas póprias suspeitas quanto ao marxismo. Criticando esse conservadorismo epistemológico (e o político, ainda que minimamente), ele afirmou que sem teoria simplesmente não existia nenhuma possibilidade de compreensão dos processos de mudança histórica e dos agentes que os conduziam. Somente um modelo teórico bem construído, qualquer que fosse, poderia dar coerência a fenômenos aparentemente díspares. Idem. *Ibidem*. p. 603-604.

como a vida familiar e o cotidiano dos operários, por exemplo, havia sido feita “*in a manner that suppressed the arena of formal politics and showed little concern for connection among the various ‘levels’ of analysis*”.²³⁷ Aos *western historians* estava dado, assim, desafio de conectar estes vários níveis.

Uma história que partisse do local e que conseguisse unir os diversos níveis do processo histórico era, como o próprio Olin admitiu, um projeto ambicioso que deveria ser conduzido em um longo prazo.²³⁸ Mas, de certa forma, ele oferecia uma saída bastante interessante para a velha dicotomia entre “região” e “fronteira” (aliás, Olin nem mencionou estes termos em seu texto) e um modo de conectar o campo com outras áreas da disciplina. E, caso fosse bem-sucedido, poderia devolver a *Western History* o caráter pioneiro que um dia teve.

Este também era o argumento de Roger Nichols. Para ele, a História do Oeste não estava necessariamente em decadência, como vimos. O que estava ocorrendo era um processo de ampliação de seus temas e objetos para a incorporação de assuntos negligenciados por muito tempo, como as questões ambientais e de gênero. O que estava em derrocada era, assim, a maneira tradicional de se escrever a história regional (isto é, turneriana). Esta era a causa da confusão sobre a crise, tanto entre os integrantes do campo, quanto o resto da profissão. De resto, a explosão de novos e inovadores trabalhos sobre o Oeste comprovava a saúde da área. Mesmo assim, ainda era necessário fugir dos tópicos “estreitos” e buscar sempre um foco mais amplo de ação. Os dados e as informações de cada um desses trabalhos deveriam ser integrados em padrões mais amplos. Em outros termos, e usando aquela que agora já havia se tornado uma palavra mágica para os historiadores do Oeste (e repetindo uma de suas dicotomias favoritas): o que Nichols pedia era a atenção para com a “síntese” destes fenômenos. De acordo com ele, “*thus, frontier and Western history will be called on to provide less narrative and more interpretation than has been the case in the past. Meeting such demands will make it more, not less, professionally respected*”.²³⁹

²³⁷ “De um modo que suprimia a arena da política formal e demonstrava pouca preocupação com a conexão entre os vários ‘níveis’ de análise”. Idem. Ibidem. p. 605.

²³⁸ Idem. Ibidem.p. 610.

²³⁹ “Assim, a história da fronteira e do Oeste será conclamada a produzir menos narrativa e mais interpretação do que foi o caso no passado. Ir ao encontro destas demandas irá torná-la mais, não menos, respeitada

Nichols também conclamava seus colegas a abandonarem discussões estéreis, como o aparentemente infundável debate entre “turnerianos” e “regionalistas”. Para ele, isto demonstrava um certo “paroquialismo” e, principalmente, causava a divisão do campo em pólos que não eram de modo algum opostos. Segundo este autor, não era de se surpreender que historiadores de outras áreas tenham tornado-se impacientes com esta discussão: “*if western historians cannot agree on the nature of their field, why should other scholars pay much attention to their efforts?*”.²⁴⁰ O recado de Nichols me parece claro: para que a crise pudesse ser superada, não era necessário somente uma reconceitualização de suas bases intelectuais, mas um mínimo de consenso entre seus praticantes.

Esta retórica do consenso é, sem dúvida, muito mais presente no texto de Howard Lamar. Acredito que isto resulta do *lugar* de onde foi enunciado e de sua *intenção manifesta*, isto é, servir como um escrito celebratório aos vinte e cinco anos da WHA. Seria um tanto quanto desalentador para os membros da associação se um de seus maiores expoentes tivesse condenado a tradição historiográfica do campo ou o tivesse retratado como uma prática sem relevância para a profissão como um todo (então, qual seria o motivo da comemoração?). Sendo assim, seu texto podia apresentar-se como um modo para os historiadores do Oeste recuperarem sua esperança em um futuro melhor, *caso* mantivessem vivas as preocupações multifacetadas de seus fundadores. Existe aqui, portanto, um elo condicional bastante forte entre o passado, o presente e o futuro da *Western History*, fazendo com que seus praticantes pudessem se ver como pertencendo a uma linhagem bastante gloriosa da historiografia norte-americana, e não à decadente área descrita pelos outros autores, especialmente Gressley.²⁴¹

Lamar também evitava estabelecer oposições binárias, como, por exemplo, entre “fronteira” e “região”, ou entre domínios historiográficos diversos, como a História

profissionalmente”. Note-se aqui a mesma oposição entre “narrativa”, supostamente “romântica”, e “interpretação”, mais “verdadeira” e, portanto, respeitável sob o ponto de vista profissional. NICHOLS, Roger. Introduction. op. cit. p. 5.

²⁴⁰ “Se os historiadores do Oeste não conseguiam chegar a um acordo sobre a natureza de seu campo, por que os outros estudiosos deveriam prestar atenção aos seus esforços?”. Idem. Ibidem. p. 3.

²⁴¹ Acho bastante paradigmáticas as suas considerações sobre a atuação profissional de Billington e seu papel como um dos mais importantes atores na construção de uma área de pesquisas respeitável. Lamar passa ao largo das acusações, implícitas ou explícitas, de que Billington teria fossilizado a historiografia sobre o Oeste a fronteira ou de que sua preocupação com a *frontier thesis* teria afastado-o de temas “mais importantes”. LAMAR, Howard R. Much to Celebrate. op. cit. p. 398-399.

Econômica e a História Política. Para ele, todas estas perspectivas forneciam *insights* bastante preciosos sobre a história do Oeste e deviam juntar seus esforços interpretativos, ao invés de se combaterem mutuamente – o que, evidentemente, só enfraquecia a área. A construção de um consenso mínimo acerca de seus pressupostos mais gerais não só era desejável, mas necessária para a recuperação da importância disciplinar do campo. O lema destes historiadores devia ser aquele de sua associação: promover o estudo do Oeste norte-americano em seus mais variados aspectos.²⁴² Esta tendência revelava, uma vez mais, a provável intenção retórica de apresentar a *Western History* como sendo bastante coerente e harmoniosa, mesmo que *na prática* não fosse assim.

Por outro lado, o *lugar* de produção está bastante manifesto no texto do historiador. Como professor em Yale, e coordenador de seu departamento de História do Oeste, Lamar havia orientado um grande número de alunos de pós-graduação, com as mais diversas perspectivas historiográficas. Ele exercia, portanto, uma posição fundamental dentro da produção acadêmica, atuando como um *legitimador* de várias interpretações diferentes (ou mesmo conflitantes). Logo, como poderia ele desmerecer o surgimento de novas histórias, ou mesmo a manutenção das antigas, já que era um de seus principais avalistas dentro da academia? Visto sob este aspecto, seu otimismo em relação ao futuro fica mais claro: ele derivava de uma ampliação do *tipo* e do *número* de histórias consideradas legítimas. O campo devia apropriar-se de tudo aquilo que pudesse lhe trazer benefícios, sem preocupar-se com rótulos. Do mesmo modo, a enunciação de Lamar não deixa de possuir a autoridade de um ex-presidente da WHA, *convidado* pela administração de então para falar aos seus pares. Seu discurso obedecia a certas prescrições institucionais, como, por exemplo, a adoção de uma alocução que pretende falar *por todos* os historiadores da área, acima de particularidades individuais ou teórico-metodológicas.

Deste modo, a imagem da *Western History* que emerge destes textos é a de um campo realmente em crise, causada menos pela diversificação de seus objetos e temas, que é sempre algo salutar, e mais pela tentativa quase obsessiva de se encontrar uma *síntese* para eles. Sem tal estratégia, acreditavam seus praticantes mais respeitados, esta prática historiográfica talvez não pudesse sobreviver aos dias vindouros. Daí a recorrente procura

²⁴² Idem. Ibidem. p. 401.

por um “significado”, um “sentido” e uma “direção”, ou o lamento pela falta deles, e daí as constantes tentativas de desautorizar outros tipos de histórias, fossem elas amadoras, politicamente divergentes do *establishment* ou pertencentes a uma tradição historiográfica que se desejava ver desmerecida ou esvaziada de suas funções heurísticas.

2.2. De Impérios, Aridez e Conquistas: a nova história do Oeste

Foi no bojo destes questionamentos que surgiu a NWH. Para além de uma postura somente auto-reflexiva, os *new western historians* almejavam fornecer respostas *práticas* para os problemas do campo. Estas, contudo, não deveriam somente apontar para saídas futuras, mas também deveriam repensar o próprio passado disciplinar, já que, segundo os revisionistas, os impasses da *Western History* encontravam sua origem nos modelos de histórias legados pelos fundadores às gerações subseqüentes. Para que aqueles pudessem ser superados, estas tinham que ser problematizadas e, em alguns casos mais sérios, abandonadas. Neste sentido, a NWH foi mais além do que os historiadores acima citados: não só conclamaram por sínteses, mas as escreveram. Seus trabalhos, como passaremos a ver abaixo, propunham uma reescrita da história do Oeste em termos mais gerais, isto é, a partir de uma reconceitualização completa de sua base intelectual. Em outras palavras, eles propuseram justamente aquele ordenamento dos fatos, e de suas interpretações divergentes, que podia trazer “ordem” novamente ao campo. Da mesma maneira, eles explicitaram o papel eminentemente político desempenhado pelas sínteses históricas, já que tornaram claras suas intenções de tornarem suas histórias as únicas legítimas, descartando as que não se adequavam ao seu projeto historiográfico e político mais amplo.

Dos quatro *new western historians* principais, somente Richard White não estudou em Yale e tanto William Cronon quanto Patricia Limerick foram orientados por Howard Lamar nesta instituição²⁴³ – o que demonstra sua centralidade para a aceitação e legitimação institucional de histórias “revisionistas”. Embora dados biográficos sobre eles sejam bastante escassos²⁴⁴, é possível pensar que parte de seu sucesso dentro do campo

²⁴³ As fontes não apontam quem foi o orientador de Donald Worster.

²⁴⁴ Tal escassez não permite, infelizmente, uma penetração mais ampla nos, digamos, “bastidores” do campo e nem um melhor esmiuçamento dos meandros dos lugares de produção da História do Oeste. Se tais

também estivesse ligado ao papel representado por Yale com um dos principais, se não o principal, lugar de produção da História do Oeste nos anos 1970 e 1980.

2.2.1. Donald Worster: os rios do Império e o Grande Deserto Americano

Embora seja difícil precisar o momento específico de fundação desta nova historiografia, considero o livro “*Rivers of Empire*”, de Donald Worster, como sendo uma de suas primeiras manifestações mais importantes. Lançado em 1985 pela prestigiosa editora da Universidade de Oxford, a obra é uma ambiciosa análise da questão da água e da aridez no Oeste dos séculos XIX e XX, e suas conseqüências sociais e econômicas para a região, a partir do estudo específico do Vale Imperial, na Califórnia. Worster já era um historiador bastante respeitado quando de sua publicação: seu “*The Dust Bowl*”, de 1979, havia recebido o Prêmio Bancroft de História Norte-americana, entregue pela Universidade de Columbia e considerado o laurel mais importante em História nos Estados Unidos, e seus ensaios e artigos sobre História Ambiental haviam-no alçado à condição de expoente desta sub-disciplina.²⁴⁵

Na introdução do trabalho, Worster explicitava suas intenções: “*the time has come to brush away the **obscuring mythologies** and the **old lost ideals** and to concentrate on **reality**”.²⁴⁶ Esta realidade era dura: o Oeste americano era um lugar de autoridade desenfreada, exploração classista e poder imperial. A compreensão de sua história contribuiria para um melhor entendimento das contradições e das aspirações da nação como*

documentos existissem (ou, pelo menos, estivessem acessíveis ao pesquisador) a “conquista” da *Western History* talvez pudesse adquirir contornos um pouco mais claros, para além de sua recepção pela academia.

²⁴⁵ Nascido no ano de 1941 em Needles, Califórnia, Worster graduou-se na Universidade do Kansas em 1963 e obteve seu doutorado em Yale, em 1971. À época do lançamento de “*Rivers of Empire*”, ele era professor na Universidade do Haváí. Em 1989, ele transferiu-se para a Universidade do Kansas, onde atualmente ocupa o cargo de professor-titular de História Ambiental. Neste campo, Worster publicou dois textos considerados seminiais: um livro, “*Nature’s Economy*” (“A Economia da Natureza”, 1977), uma história intelectual de como a natureza havia sido pensada por diversas gerações de norte-americanos, e um artigo, “*History as Natural History*” (“História enquanto História Natural”, 1984) um ensaio sobre como unir os conceitos e métodos de ambas as áreas. Ver WORSTER, Donald. *Nature’s Economy: a history of ecological ideas*. Cambridge: University of Cambridge Press, 1977 & Idem. *History as Natural History: an essay on theory and method*. In: *The Pacific Historical Review*, vol. 53, n. 1. February, 1984.

²⁴⁶ “Chegou a hora de esquecermos as **obscuras mitologias** e os **velhos ideais perdidos** e concentrarmos na **realidade**”. Grifos meus. WORSTER, Donald. *Rivers of Empire*. op. cit. p. 4.

um todo. O Oeste era um excelente tubo-de-ensaio para o teste dos mitos e anseios em torno do *American Dream*.²⁴⁷

Para Worster, o verdadeiro Oeste, aquele oculto pela mitologia regional, era uma sociedade absolutamente dependente de uma relação capitalista com a natureza, que alienava os homens da terra e construía a ilusão de que eles poderiam dominá-la eternamente. A ordem social do ocidente estadunidense era essencialmente tecnocrática, imposta com o único propósito de domar um meio-ambiente difícil.²⁴⁸ Em suas próprias palavras:

“The American West can be best described as a modern hydraulic society, which is to say, a social order based on the insensitive, large-scale manipulation of water and its products in an arid setting. (...) It is a coercive, monolithic, and hierarchical system, ruled by a power elite based on the ownership of capital and expertise.”²⁴⁹

Ao contrário do que outros autores haviam imaginado, o Oeste não era uma sociedade construída pelo trabalho individual e com liberdade para todos que ali se aventurassem. Sua história era repleta de abusos de autoridade, de restrições ao livre-arbítrio dos homens e mulheres ali instalados e, principalmente, significou a construção de sistema social desigual e pernicioso, onde poucos (aqueles com acesso às posições de poder econômico e de expertise burocrática) dominavam muitos.

²⁴⁷ Idem. Ibidem. Mais do que isso, o Oeste era, para Worster, um lugar que possuía uma significância histórica mundial, já que ali estaria o mais acabado exemplo moderno de dominação total da natureza, com todas as conseqüências sociais deste fenômeno. Idem. Ibidem. p. 60.

²⁴⁸ Idem. Ibidem. p. 5-6.

²⁴⁹ “O Oeste norte-americano pode ser mais bem descrito como uma sociedade hidráulica moderna, quer dizer, uma ordem social baseada na insensível manipulação em larga escala da água e seus produtos em um ambiente árido. (...) Este é um sistema coercitivo, monolítico e hierárquico, controlado por uma elite baseada na propriedade do capital e do conhecimento”. Idem. Ibidem. p. 7. As elucubrações teóricas de Worster são baseadas no trabalho do orientalista alemão Karl Wittfogel e suas considerações sobre a China e sua política hidráulica, que, segundo ele, havia sido um dos motivos para a consolidação de um regime político despótico e de sucessivos sistemas econômicos altamente excludentes, que concentravam o poder decisório nas mãos de uma expertise “tecnocrática” e ligada à autoridade estatal central. Uma das grandes inspirações do cientista social alemão foi o conceito de “modo de produção asiático”, de Marx, e sua “hipótese causal hidráulica”. Para compensar algumas lacunas na teoria de Wittfogel (que nunca se dedicou às sociedades contemporâneas), Worster combinou-a com algumas das reflexões da Escola da Frankfurt, principalmente da teoria crítica de Max Horkheimer e Theodor Adorno, sobre a “dominação total” da natureza, a partir da chamada “razão instrumental” do capitalismo, suas implicações ideológicas e a alienação do ser humano de seu meio-ambiente, levada a cabo por toda a “superestrutura” que buscava justificar tal situação. Idem. Ibidem. p. 28-60.

A partir destas considerações, Worster afirmava estar propondo nada menos do que um “novo e radical ângulo de visão” para a região e seu significado histórico. Para que isto pudesse ocorrer, contudo, as velhas idéias precisaram ser postas de lado. A principal delas era a *frontier thesis*. A tese de Turner poderia valer para o Meio-Oeste úmido e florestal (ainda que com muitas restrições), mas era de pouca valia para os territórios além do centésimo meridiano.²⁵⁰ Por outro lado, autores como DeVoto e Webb teriam fornecido interpretações um pouco mais realistas, mas haviam pecado pela ênfase excessiva no aspecto colonial do Oeste. De acordo com Worster, esta era uma perspectiva limitada: o ocidente estadunidense não era uma colônia, mas um *império*, baseado na exploração contínua e destrutiva de seus recursos naturais. O Império Americano havia surgido ali e ali encontrava seu centro de poder, graças à eficácia de sua dominação do mundo natural.²⁵¹

Como pode se perceber, Worster propunha uma história baseada na idéia de uma evolução social extremamente perniciosa no Oeste, isto é, da dominação e da destruição do estilo de vida das minorias nativas e da construção de uma sociedade hidráulica que almejava a total subordinação do mundo natural aos interesses do capital.²⁵² Para ele, este era o significado último da experiência histórica regional: como a região tornou-se o centro de poder do império burocrático e capitalista norte-americano. Além disso, ele buscava legitimar um tipo de escrita da história não calcada nos velhos modelos teóricos e narrativos oferecidos pelas gerações anteriores de historiadores do Oeste. Visto sob este ângulo, os argumentos de “*Rivers of Empire*” foram uma espécie de incubação para os manifestos e declarações usados pela NWH para validar-se academicamente.

Worster radicalizaria esta linha de argumentação em um texto publicado na WHQ dois anos mais tarde, sintomaticamente intitulado “*New West, True West*” (“Novo Oeste,

²⁵⁰ Idem. Ibidem. p. 11-12.

²⁵¹ Idem. Ibidem. p.14-15.

²⁵² Isto fica claro na seguinte passagem do livro: “*the pattern I want to describe begins as pioneers came into western valleys, made their homes there, plowed new fields, and started a process of river development. They had passed through the waters; now they turned them to their advantage*” (“o padrão que quero descrever começa quando os pioneiros chegaram aos vales do Oeste, construíram suas casas, araram novos campos e começaram o processo de desenvolvimento dos rios. Eles passaram pelas águas; agora as divergiam para sua própria vantagem”). Idem. Ibidem. p. 63.

Verdadeiro Oeste”).²⁵³ Já no segundo parágrafo, o autor atacava o que considerava a “falta de maturidade” do campo:

“Soon it will be a full century old. Often, with such advanced age comes a clarity of purpose as well as a record of achievement. As for clarity of purpose, the field is still groping about in adolescence. It doesn’t quite know who it is or what it wants to be when it grows up”.²⁵⁴

A responsável por esta “imaturidade” intelectual, como já era de se esperar, seria a literatura histórica tradicional, mais causadora de confusões interpretativas e conceituais do que qualquer outra coisa. Nela, os historiadores não podiam encontrar nenhum abrigo teórico-metodológico mais seguro. Ela teria confundido a história do Oeste com a história dos Estados Unidos e, com isso, havia retirado toda e qualquer pretensão à distinção regional por parte de seus habitantes. A fonte de tal falta de precisão? Frederick Jackson Turner. Ele, juntamente com seus pupilos, teria levado os historiadores por uma estrada escorregadia que terminava num verdadeiro pântano conceitual.²⁵⁵

Uma história regional renovada passaria pela consideração de dois temas deixados de lado pela historiografia tradicional: a aridez e o capitalismo²⁵⁶: “*my West is the story of men and women trying to wrest a living from a condition of severe natural scarcity and of trying to survive in the midst of entrenched wealth*”.²⁵⁷ Esta representação seria mais realista do que aquelas advogadas pelos turnerianos e outros historiadores. Ela enfatizava,

²⁵³ Percebe-se já no título a clara ligação retórica estabelecida entre o “novo” como significando “verdadeiro”. Idem. *New West, True West*. op. cit. p. 141-156. Aliás, pode-se pensar a mesma coisa em relação ao próprio termo “*new western history*”.

²⁵⁴ “Logo ele vai ter um século de idade. Normalmente, com tal idade avançada vem uma clareza de propósito, assim como um registro de realizações. No que se refere à clareza de propósitos, o campo ainda está em sua adolescência. Ele ainda não sabe o que é ou o quer ser quando crescer”. Idem. *Ibidem*. p. 141.

²⁵⁵ Idem. *Ibidem*. p. 142-144. O interessante desta constatação é que Worster não diferencia em momento algum a historiografia profissional e a amadora. Para ele, as *duas* eram responsáveis por mitificações e erros. Seu escopo de legitimidade é, assim, bastante reduzido, na medida em que a *única* historiografia que lhe parecia legítima (com algumas exceções) era aquela surgida a partir da década de 1970.

²⁵⁶ No que tange à aridez, o argumento de autoridade de Worster é tanto baseado em fontes primárias quanto em sua própria experiência pessoal. Filho de pequenos proprietários empobrecidos pelas constantes secas e forçados a sair do Kansas em direção à Califórnia (onde, aparentemente, também não foram muito bem-sucedidos), o historiador tinha sofrido “nos ossos”, segundo suas próprias palavras, os efeitos da falta de chuva na região e isto o levava a considerar como errôneas as interpretações que passavam ao largo do fato de boa parte do Oeste ser uma terra desértica. Idem. *Ibidem*. p. 146.

²⁵⁷ “Meu Oeste é a estória de homens e mulheres tentando ganhar a vida em uma condição de severa escassez natural e tentando sobreviver em meio à riqueza entrincheirada”. Idem. *Ibidem*.

principalmente, o caráter eminentemente regionalista da narrativa de Worster. Uma história para o Oeste deveria estar centrada no Oeste. Sem esta perspectiva, os *western historians* não poderiam fazer jus à complexidade da região: “*regionalism is about telling differences or it has nothing to tell*”.²⁵⁸ Em outras palavras, uma historiografia realmente engajada com os problemas regionais deveria enfatizar as diferenças entre o Oeste e o resto da nação, sob o risco de tornar-se inútil para as necessidades dos seres humanos ali residentes.

Após ter demonstrado o que a história regional *não é* (ponto ao qual retornarei no terceiro capítulo), Worster apresenta sua definição do tema: “*the history of the region is first and foremost one of an evolving human ecology*”.²⁵⁹ A natureza é quem determina as características de uma dada região; são os *modos ecológicos de produção* que garantem a existência de uma série de caracteres comuns a um certo território.²⁶⁰ No caso do Oeste norte-americano, dois modos de produção eram os determinantes: o modo *pastoril* e o já citado modo *hidráulico* (detalhado extensivamente em “*Rivers of Empire*”). O primeiro dizia respeito às relações sociais derivadas da existência da pecuária como principal empreendimento econômico da região. O segundo, como já vimos, relacionava-se com a dependência ocidental de suas represas, canais e dos amplos sistemas de irrigação artificial existentes por toda as áreas além do meridiano cem. Ambos, evidentemente, estavam subsumidos pelo modo de produção *capitalista*.²⁶¹

²⁵⁸ “O regionalismo significa falar sobre diferenças ou ele não tem nada a dizer”. Idem. Ibidem. p. 148.

²⁵⁹ “A história de uma região é, principalmente, a história de uma cambiável ecologia humana”. Idem. Ibidem. p. 149.

²⁶⁰ A noção de “*modo ecológico de produção*” era uma derivação do clássico conceito marxista de “*modo de produção*” e significava, para Worster, um “*conjunto de técnicas adaptadas para a exploração de um meio-ambiente particular e a organização social resultante desta exploração*”. Idem. Ibidem. p. 149-150. Em um artigo de 1990, Worster detalhou um pouco melhor sua relação com a tradição teórica marxista. Segundo ele, a noção de “modo de produção” deveria ser ampliada para dar conta da relação entre a humanidade e a natureza, principalmente no que se refere à *reorganização econômica* da última pela primeira, especialmente no sistema capitalista. A conceitualização de Worster permite, assim, considerar a existência de modos de produção secundários existindo *dentro* do capitalismo, como o *hidráulico* e o *pastoril*, no caso dos Estados Unidos. Deste modo, Worster se afasta do marxismo mais ortodoxo (ou mesmo do marxismo, alguém poderia dizer) e constrói um modelo materialista bastante heterodoxo para analisar a história dos Estados Unidos. Mas, como apontou William Cronon (e eu tendo a concordar com ele), a mudança conceitual efetuada por Worster torna o conceito maleável demais, desprovedo-o de um significado mais claro. Se tudo é um “modo de produção”, então a noção perde sua aplicabilidade e transforma-se em um simples jargão, que o historiador pode usar sem maiores preocupações teóricas e empíricas. Ver WORSTER, Donald. Transformations of the Earth: toward an agroecological perspective in history. In: *The Journal of American History*, vol. 76, n. 4. March, 1990 & CRONON, William. Modes of Prophecy and Production: placing nature in history. In: Ibidem.

²⁶¹ Worster não explica, contudo, como ocorre tal submissão. WORSTER, Donald. New West, True West. op. cit. p. 151-152.

A história apresentada por Worster em “*Rivers of Empire*” e “*New West, True West*” se propunha bem diversa daquelas imaginadas pelos *western historians* anteriores. Sua preocupação maior não era tramar o surgimento da nação ou procurar nesta o significado da região, mas definir as *estruturas* sociais e naturais que determinaram o desenvolvimento histórico do Oeste e desvelar o que diferenciava o Grande Deserto Americano do resto do país.

Qualquer visão que se oponha a esta era logo descartada como incompleta ou, pior ainda, falsa. Criava-se, assim, uma forte dicotomia entre as histórias anteriores e aquela apresentada por ele, não a partir de uma perspectiva cumulativa do conhecimento histórico, onde uma narrativa somar-se-ia a outra, mas através de um mecanismo que nega os trabalhos anteriores enquanto afirma explicitamente a novidade de suas próprias interpretações: “*through the recapitulation of the two major western modes, I have been indicating a strategy of analysis that, if followed, would takes us to the true West at last*”.²⁶² Em outras palavras, Worster afirmava categoricamente que somente as histórias tramadas de acordo com o *plot* por ele imaginado podiam ser consideradas como representações verdadeiras da história regional. Não existe, portanto, um ponto de diálogo entre ele e seus antecessores (e nem ele parece desejar tal coisa).²⁶³

Esta tática de autolegitimação foi chamada por Jerome Frisk de “*tropo revolucionário*”, ou seja, um instrumento retórico que não só *nega* a legitimidade de seus antecessores ou de historiadores com visões antagônicas às suas, mas também de outras histórias críticas que não se enquadrem em seus subtextos políticos ou estratégias narrativas.²⁶⁴ Um exemplo desta estratégia é a breve consideração de Worster sobre o

²⁶² “Através da recapitulação dos dois maiores modos de produção do Oeste, eu indiquei uma estratégia de análise que, **se seguida, pode finalmente nos levar ao verdadeiro Oeste**”. Grifos meus. Idem. Ibidem. p. 155.

²⁶³ Este é um dos pontos mais severamente criticados na obra de Worster, inclusive por historiadores alinhados às preocupações revisionistas. David Wrobel, por exemplo, afirmou que tal dicotomia servia mais para atrair atenção midiática ao campo do que para fomentar discussões historiográficas sérias. Diz ele: “*while the media attention has generally benefited the field, belaboring the supposed antithetical relationship between process-centered and place-centered approaches has not*” (“enquanto a atenção da mídia beneficiou o campo, a repetição exagerada da suposta relação antitética entre as abordagens centradas no lugar e aquelas centradas no processo não teve o mesmo efeito”). WROBEL, David M. *Beyond the Frontier-Region Dichotomy*. op. cit. p. 402.

²⁶⁴ FRISK, Jerome. *The Theoretical (Re)Positions of the New Western History*. In: ROBINSON, Forrest G. (org.). *The New Western History*. op. cit. p. 17. Apesar desta constante tentativa de autolegitimação, a mensagem de Worster não parece ter sido percebida, ou mesmo levada a sério, por alguns de seus

trabalho de Walter Webb. Ele, num primeiro momento, elogia o velho texano, afirmando que Webb havia apontado o caminho da verdade em suas análises sobre a aridez do Oeste, mas havia decidido “voltar atrás”, através de uma surpreendente e repreensível “falta de coragem”.²⁶⁵ Não só Worster criticava a postura intelectual de Webb de um modo bastante áspero (e de gosto duvidoso...), como deixava implícito que ele, intelectualmente falando, teria a bravura que faltara a seu antecessor. Através da invalidação do outro, Worster acaba apresentando sua história como sendo *mais legítima* do que aquela escrita por Webb. Isto fica claro no último parágrafo de seu texto, um claro desmerecimento de toda a historiografia anterior: “*we are beginning to know where the true West is, what it has been, what it might have been, what it might still be. We are beginning to know the place for the first time*”.²⁶⁶

2.2.2. Revisitando Turner: William Cronon e a fronteira

Como que para marcar definitivamente o surgimento da NWH, o mesmo número da WHQ em que apareceu “*New West, True West*” também trazia um artigo por outro renomado revisionista, William Cronon. O texto era sintomaticamente intitulado “*Revisiting the Vanishing Frontier: the legacy of Frederick Jackson Turner*” (“Revisitando a Fronteira Desaparecida: o legado de Frederick Jackson Turner”).²⁶⁷ Assim como Worster, Cronon já era um historiador bastante respeitado na área da História Ambiental. Seu livro de 1983, “*Changes in the Land*” (“Mudanças na Terra”), uma análise da relação entre os

comentaristas. Numa resenha de “*Rivers of Empire*”, publicada no “*New York Times*” em fevereiro de 1986, David Kennedy afirmou que Worster continuava a gloriosa tradição de historiadores e literatos do Oeste norte-americano, *incluindo* Frederick Jackson Turner, Walter Webb, Bernard DeVoto e Wallace Stegner. Onde uns tentavam marcar uma ruptura, outros viam uma mal-disfarçada continuidade. KENNEDY, David. We Enjoy Pushing Rivers Around. In: *The New York Times Book Reviews*, February 23rd, 1986. p. 22.

²⁶⁵ WORSTER, Donald. *New West, True West*. op. cit. p. 155.

²⁶⁶ “Nós estamos começando a saber onde está o verdadeiro Oeste, o que ele foi, o que poderia ter sido, o que ainda pode ser. Nós estamos conhecendo a região **pela primeira vez**”. Grifo meu. Idem. *Ibidem*. p.156. Nesta citação, percebe-se a intenção de Worster de ligar o passado apresentado por ele a um determinado projeto de futuro.

²⁶⁷ CRONON, William. *Revisiting the Vanishing Frontier*. op. cit. p. 157-176. O mais novo dos quatro *new western historians*, e o único não nativo do Oeste, Cronon nasceu em New Haven, Connecticut, em 1954. Graduou-se pela Universidade de Wisconsin, em 1976, e continuou com seus estudos em Oxford, na Inglaterra, onde ganhou o título de “Doutor em Filosofia” em 1981. De volta aos Estados Unidos, obteve um segundo doutoramento em Yale, orientado por Howard Lamar, no ano de 1990. À época da publicação deste artigo, Cronon era professor-assistente na mesma universidade. Em 1992, transferiu-se para a Universidade de Wisconsin. Desde 2003, Cronon é o titular da cátedra que um dia foi de Frederick Jackson Turner em Wisconsin.

primeiros colonizadores europeus da Nova Inglaterra, as tribos indígenas e o meio-ambiente da região, havia conquistado o Prêmio Francis Parkman de História Norte-americana, entregue pela *Society of American Historians* (SAH) às obras de História com grande mérito literário. Em 1985, Cronon foi agraciado com a Bolsa MacArthur (chamada de “bolsa dos gênios” nos Estados Unidos), um financiamento de cinco anos pela Fundação MacArthur (com o “módico” valor de quinhentos mil dólares), para que pudesse levar adiante suas diversas pesquisas sobre a história do Oeste e do meio-ambiente dos Estados Unidos. Além disso, ele já havia escrito várias resenhas para o suplemento literário do “*New York Times*”, o mais famoso e prestigioso jornal da América.²⁶⁸ Pode-se dizer, portanto, que Cronon já possuía um capital intelectual e acadêmico bastante pronunciado (talvez maior do que o de Worster), apesar de sua curta carreira.

Ao contrário de Worster, contudo, o texto de Cronon era menos um ataque à obra de Turner e mais uma tentativa de se revisar a *frontier thesis*, de modo a torná-la aplicável às preocupações dos historiadores de fins do século XX. Por exemplo, ao inferir sobre os motivos da persistência acadêmica da tese de Turner, Cronon afirmou que: “*the Turner Thesis retains more explanatory power than critics have been willing to acknowledge in it*”.²⁶⁹ Tal afirmação, obviamente, estava longe de ser uma crítica ferrenha às explicações turnerianas e ainda mais distante de ser uma deslegitimação de seu trabalho. A partir desta premissa, ele estabeleceu uma análise bastante aguçada e generosa do trabalho do professor de Harvard, reconhecendo que Turner havia codificado a estrutura narrativa central da história dos Estados Unidos e, principalmente, do Oeste, e que qualquer tentativa de construção de uma nova síntese passaria necessariamente por esta questão.²⁷⁰ O problema, portanto, não era o abandono total da *frontier thesis*, mas como conviver com ela e torná-la útil aos novos tempos. A resposta, para Cronon, estava na estrutura dos escritos de Turner: ela fornecia uma *conexão retórica* entre os diversos fatos da história norte-americana e, por sua vez, esta vinculação dava um senso de coerência e ordem à trama sendo narrada. Sendo assim, Cronon desejava chegar um ponto em que a *força narrativa* da tese turneriana

²⁶⁸ Ver CRONON, William. Round One to the French Missionaries. In: *The New York Times Book Reviews*, November 5th, 1985 & Idem. The Landscape of our Past. In: *The New York Times Book Reviews*, August 17th, 1986.

²⁶⁹ “A tese de Turner tem mais poder explicativo do que seus críticos quiseram admitir”. Idem. *Revisiting the Vanishing Frontier*. op. cit. p. 160.

²⁷⁰ Idem. *Ibidem*. p. 166-170.

pudesse ser mantida, a despeito de suas *fraquezas analíticas*.²⁷¹ É este posicionamento que o enquadra ao lado dos outros revisionistas, ao mesmo tempo em que o torna diferente deles.²⁷²

A síntese almejada por Cronon passava pelos principais elementos da *frontier thesis*: seu compromisso interdisciplinar; foco na interação entre os homens e o meio-ambiente; a sua habilidade em relacionar a história local e a regional; e, principalmente, o papel desempenhado pelos homens e mulheres comuns no processo histórico.²⁷³ Entretanto, a trajetória imaginada por Turner deveria ser modificada sensivelmente. Os pioneiros não marchavam em direção a “terras livres”, fecundas e ricas, mas em direção à escassez. Os migrantes deixavam para trás um território de natureza fértil e abundante e iam ao encontro de uma área árida e desértica. Isto os obrigava a criar ou adaptar instrumentos para lidar com esta paisagem inclemente, já que a aridez não era algo que podia ser vencido facilmente. Estas práticas, contudo, estão longe de serem absolutas: suas definições mudam de acordo com os constrangimentos naturais e artificiais sobre a atividade humana e segundo as crenças das pessoas sobre o que estavam experimentando nesse processo. Em outras palavras, é a pesquisa do historiador que dá seu sentido, não existindo um modelo aplicável a priori.²⁷⁴

Percebe-se, assim, que a proposta teórico-metodológica de Cronon é menos determinista e menos teleológica que a de Worster. Embora sua delimitação do campo seja bem próxima àquela de seu colega²⁷⁵, ela permite-se uma maior amplitude de temas e objetos. Para Cronon, não faz sentido falar em algo que está no Oeste, mas não é do Oeste, como faz Worster. Se história regional e história nacional estão intrinsecamente conectadas,

²⁷¹ Idem. Ibidem. p. 170.

²⁷² Como veremos em um segundo momento, Cronon afastou-se progressivamente dos outros autores da NWH, em termos narrativos e teórico-metodológicos.

²⁷³ Cronon vai ainda mais longe e considera Turner, talvez para o desgosto de Worster, como o fundador honorário da História Ambiental nos Estados Unidos. Idem. Ibidem. p. 171.

²⁷⁴ Idem. Ibidem. p. 172.

²⁷⁵ Diz Cronon: “*Western History, under this framework, can become what it has always been, the story of human beings working with changing tools to transform the resources of the land, struggling over how that land should be owned and understood, and defining their notions of political and cultural community, all within a context of shifting environmental and economic constraints*” (“*a Western History, sob esta perspectiva, pode tornar-se o que sempre foi, a história de seres humanos trabalhando com instrumentos cambiáveis para transformar os recursos da terra, lutando sobre como esta terra deveria ser possuída e compreendida, e definindo suas noções de comunidade política e cultural, tudo dentro de um contexto de constrangimentos ambientais e econômicos cambiáveis*”). Idem. Ibidem. Tal idéia é bem próxima à noção de “ecologia humana cambiável” de Worster.

então nação e região alimentam-se mutuamente, uma encontrando sentido na outra. O historiador recupera, então, a velha idéia turneriana de uma *Western History* contígua à história dos Estados Unidos. A palavra-chave aqui é “*interação*”, não só entre o âmbito local e o nacional, mas também entre diferentes economias regionais, entre diversas culturas e entre o homem e a natureza que o cerca. Deste modo, a síntese proposta por ele não apontaria para um sentido unívoco ou teleológico, mas teria a *diversidade* de experiências como seu fundamento básico, pois cada localidade teria seus processos peculiares.²⁷⁶

Outro ponto importante desta revisão é a importância dada por Cronon à chamada “americanização” do colono, o famoso processo descrito por Turner em “*The Significance of the Frontier in American History*”. Ela não seria somente uma “fantasia” do historiador, mas algo verificável, principalmente nos territórios além das Grandes Planícies. Se o ambiente inóspito forçava os homens a criarem novas ferramentas para lidar com a terra, então era bastante provável que sua cultura e suas relações sociais eram alteradas neste contexto. Se isto ainda não era suficiente para afirmar uma suposta excepcionalidade democrática norte-americana (e acredito que esta, definitivamente, não era a intenção de Cronon), pelo menos apontava na direção de uma constatação empírica das diferenças entre os territórios áridos do Oeste e o Leste dos Estados Unidos.

Eu me atreveria a dizer que isto garante um status ainda mais significativo para a *Western History* como área privilegiada à narração da história norte-americana. Se a americanização é um processo que ocorre principalmente no Oeste, então ali estariam as raízes da identidade nacional da América. Pode-se falar, portanto, que Cronon mantém intocada a velha afirmação de Turner de que o “verdadeiro ponto de vista da história dos Estados Unidos não estava no Leste, mas no Grande Oeste”.²⁷⁷ Isto também é um persuasivo instrumento retórico de legitimação acadêmica do campo, na medida em que deixa implícito que seus objetos eram “mais” americanos do que os de outras áreas de estudo. Aqui, a “fronteira” volta, enfim, a ser sinônimo de “nação”.

²⁷⁶ Idem. Ibidem. p. 174.

²⁷⁷ TURNER, Frederick Jackson. *The Significance of the Frontier in American History*. op. cit. p. 1

2.2.3. Patricia Nelson Limerick: encerrando a fronteira e abrindo a *Western History*

A tentativa de Cronon em revisar a tese de Turner para torná-la mais adequada aos problemas de seu presente foi, contudo, única entre os revisionistas. A principal meta destes autores continuava sendo a substituição da *frontier thesis* por alguma outra explicação para a história do Oeste. Talvez a maior expressão deste ímpeto renovador tenha sido o livro “*The Legacy of Conquest*”, de Patricia Nelson Limerick, professora da Universidade do Colorado.²⁷⁸ Publicada em 1987, esta obra foi, sem dúvida, o texto-símbolo desta nova historiografia, principalmente pela repercussão adquirida. A hipótese apresentada pela então jovem historiadora era justamente o *inverso* moral da tese de Turner: a história do Oeste era, em última instância, a narrativa de uma conquista militar e cultural brutal, cujos efeitos ainda eram sentidos na década de 1980. Até que os *westerners* realmente encarassem tal situação de frente, seus problemas continuariam sem uma solução aparente. As palavras-chave não eram mais “democracia” e “liberdade”, mas “conquista” e “imperialismo”; os personagens não eram mais os bravos pioneiros individualistas e patriotas, mas os grandes perdedores deste processo: fazendeiros arruinados, operários, nativos (índios e mexicanos), mulheres, negros – enfim, todos aqueles que nunca desfrutaram das benesses do *American way of life*.

A crise do campo era mencionada por Limerick já nas primeiras páginas do livro. O problema, segundo ela, teria sido o excessivo respeito prestado às idéias de Turner. Como resultado, muitos historiadores que trabalhavam com o Oeste afastaram-se da área, mesmo que produzissem trabalhos sobre a região. Deste modo, a sub-disciplina manteve-se à parte das tendências que passaram a dominar o status quo acadêmico a partir do fim dos anos 60, já que as novas pesquisas apontavam para a complexidade da história regional e a inadequação da teoria turneriana em dar conta dos diversos aspectos envolvidos no

²⁷⁸ Uma descendente de mórmons de origem dinamarquesa, Limerick nasceu em 1951, na cidade de Banning, Califórnia. Graduou-se em um dos principais centros do radicalismo universitário dos Estados Unidos, a Universidade da Califórnia, Santa Cruz, em 1973. A historiadora continuou com seus estudos em Yale, também sob a orientação de Howard Lamar. No ano de 1980, mesma data de seu doutoramento, ela assumiu um cargo de professor-assistente em Harvard, transferindo-se para o Colorado em 1984, onde continua trabalhando. Assim como Worster e Cronon, Limerick foi agraciada, em 1983, com um respeitado laurel acadêmico, o Prêmio Charles Warren, que lhe possibilitou o financiamento da pesquisa que resultou em “*The Legacy of Conquest*”. E, também como Cronon, ela foi uma das ganhadoras da Bolsa MacArthur, para o quinquênio 1995-2000. Atualmente, Limerick também é diretora do importante *Center of the American West*, instituição multidisciplinar que busca divulgar a história e a memória regional, além de ser editorialista do *New York Times*.

desenvolvimento histórico do Oeste. Assim, surgiu uma cruel ironia: a vitalidade destas investigações, e a conseqüente “implosão” da *frontier thesis*, fez com que o *mainstream* historiográfico declarasse a morte da *Western History*.²⁷⁹

Os diagnósticos da autora sobre as dificuldades da área eram, portanto, bastante lúcidos e próximos àqueles já apontados no capítulo anterior. O problema não seria a *falta* de trabalhos sobre o Oeste, mas seu *excesso*. Como uma autodeclarada representante da geração radical dos anos 1960²⁸⁰, Limerick não tinha dúvidas quanto ao pertencimento institucional dos trabalhos de Nova História Social sobre a região: eles eram, apesar de tudo, textos de *Western History*. Foi a incapacidade de considerá-los como tal que causou os prognósticos pessimistas de Gressley e outros (ainda que Limerick não os nomeie explicitamente).²⁸¹ O presente disciplinar não era, assim, lamentável. Pelo contrário, a pujança desta nova historiografia testemunharia em favor da vitalidade dos estudos sobre o Oeste, apontando em direção a dias bastante promissores para a prática.

Sem o conceito de “fronteira” a lhes nublar os olhos, os *western historians*, poderiam, finalmente, reconstruir o campo em outros termos, recuperando sua relevância para a história e a historiografia dos Estados Unidos:

"A **de-emphasis of the frontier** opens the door to a new kind of **intellectual stability**. (...). In rethinking Western history, we gain the freedom to think of the West **as a place** – as many complicated environments occupied by natives who considered their homelands the center, not the edge".²⁸²

Somente esta “desenfaturação” traria “estabilidade” intelectual para o campo. Em outras palavras, a refiguração de suas narrativas através de uma perspectiva regionalista poderia trazer a “ordem” que salvaria a *Western History* do “caos” interpretativo que ameaçava destruí-la (e que já havia causado estragos o suficiente em sua constituição). A

²⁷⁹ LIMERICK, Patricia Nelson. op. cit. p. 20-22.

²⁸⁰ Idem. Ibidem. p. 11-12.

²⁸¹ Idem. Ibidem. p. 22.

²⁸² "Uma '**desenfaturação**' da **fronteira** abre a porta para um novo tipo de **estabilidade intelectual**. (...). Ao repensar a história do Oeste, nós ganhamos a liberdade de pensar o Oeste **como um lugar** – como muitos ambientes complicados ocupados por nativos que consideravam suas terras natais como sendo o centro e não o limite". Grifos meus. Idem. Ibidem. p. 26.

partir desta reorganização, a história do Oeste poderia emergir na forma concebida pela autora como a mais legítima, isto é, como um estudo de uma região sob conquista, sem jamais escapar às suas conseqüências.²⁸³

Destas, Limerick destaca duas de suma importância: a *diversidade étnica e cultural* da região, especialmente quando comparada com o resto do país, e seu *entrelaçamento* em uma única história, graças ao processo de conquista. Segundo a historiadora, estes dois elementos definiriam o desenvolvimento histórico do ocidente dos Estados Unidos e seus inúmeros conflitos e ambivalências.²⁸⁴ Assim, a história do Oeste teria sido uma:

“Ongoing competition for legitimacy – for the right to claim for oneself and sometimes for one’s group the status of legitimate beneficiary of Western resources. This intersection of ethnic diversity with property allocation unifies Western history. (...). Conquest also involved a struggle over languages, cultures and religions; the pursuit of legitimacy in property overlapped with the pursuit of legitimacy in way of life and point of view”.²⁸⁵

Com sua continuidade restaurada, o processo histórico da região carregaria um significado especial para toda a nação, já que, de acordo com ela, certos hábitos e visões-de-mundo característicos do país seriam resultado direto da conquista dos territórios ocidentais. Limerick chama a atenção, por exemplo, para a tendência dos norte-americanos ao desperdício e sua crença na expansão territorial contínua como um modelo econômico viável. Além disso, a historiadora considera o Oeste como uma espécie de “espaço-limite” para o testar os modos pelos quais o “mito do progresso infundável” afetou a nação.²⁸⁶ A noção de “*conquista*” serve, assim, ao mesmo propósito do conceito turneriano de

²⁸³ Idem. Ibidem.

²⁸⁴ Idem. Ibidem. p. 26-27.

²⁸⁵ “Contínua competição por legitimidade – pelo direito de reclamar para si ou para seu grupo o status de beneficiário legítimo dos recursos ocidentais. Esta intersecção entre diversidade étnica e alocação de propriedade define a história do Oeste. A conquista também envolveu uma luta acerca de línguas, culturas e religiões; a perseguição de legitimidade em relação à propriedade se sobrepôs à busca por legitimidade nos modos de vida e pontos-de-vista”. Idem. Ibidem. p. 27.

²⁸⁶ Segundo ela: “*as a depository of enormous hopes for progress, the American West may well be the best place in which to observe the complex and contradictory outcome of that faith*” (“como um depositário das enormes esperanças de progresso, o Oeste norte-americano pode ser o melhor lugar para observar o resultado complexo e contraditório desta fé”). Idem. Ibidem. p. 29-30.

“*fronteira*”, ou seja, a unificação do âmbito regional ao nacional. O “legado da conquista” não era um atributo somente do Oeste, mas de todo o país. Se reestruturada em torno desta idéia, a área poderia readquirir sua importância para a historiografia norte-americana. Só assim poder-se-ia chegar à realização plena do título da introdução do livro de Limerick: o fechamento da fronteira e a abertura da *Western History*.²⁸⁷

O *presentismo* declarado da historiadora é outro elemento importante em seu enredo. Seu texto, segundo ela própria, tirava suas pistas do presente. O passado *westerner* representado por Limerick seria uma extensão de sua atualidade – esta dá nexos àquele. “*Continuidade*” é, assim, uma idéia central a seu livro. Os fracassos regionais contemporâneos são localizados temporalmente como continuações de um processo que remonta ao início da colonização da área. O Oeste era, e continua sendo, uma terra de “empreendimentos incertos” e o “ponto de encontro entre o passado e presente” e não o lugar de afirmação do empreendedorismo e individualismo dos pioneiros.²⁸⁸

O desvelamento destes processos poderia, enfim, levar à sua solução e a construção de uma nova sociedade. Limerick avançava, aqui, um elemento essencial à identidade institucional dos revisionistas (e que já estava minimamente articulado nos textos anteriores de Worster): a concepção do intelectual como um agente político engajado nas discussões de seu tempo e lugar – aquele que faz a ponte entre o conhecimento produzido na academia e a sociedade como um todo. Mas, mais do que isso, este posicionamento revela uma luta para reivindicar a autoridade de *falar* sobre o Oeste, isto é, para definir *quem* pode narrar a história da região e em que termos. Deste modo, a história da historiografia do Oeste também seria uma contínua competição por legitimidade. Ao desmerecer a geração anterior como pouco ou nada engajada, Limerick contrapõe a suposta falta de ação política de Turner, Billington e *tutti quanti* com seu próprio engajamento na solução dos problemas que afligiam o Oeste e acaba legitimando sua própria narrativa como sendo uma das expressões mais acabadas desta suposta “revolução intelectual”.²⁸⁹

²⁸⁷ Parece-me bastante claro que Limerick refere-se tanto à história como texto quanto à História como disciplina. Idem. Ibidem. p. 17.

²⁸⁸ Ambas expressões foram utilizadas como títulos de dois capítulos de “*The Legacy of Conquest*”. Idem. Ibidem. p. 97-177.

²⁸⁹ Este é o termo utilizado por Limerick para descrever o surgimento da historiografia engajada das décadas de 1960 e 1970. Idem. Ibidem. p. 22.

Ainda assim, como veremos adiante, *“The Legacy of Conquest”* obteve uma repercussão bastante significativa dentro e fora do campo e, com isso, acabou chamando atenção para toda esta nova historiografia. Com isso, o livro de Limerick acabou sendo considerado como sendo o ponto de partida da NWH, ainda que fosse, na verdade, uma síntese de trabalhos publicados anteriormente. Isso não impediu, contudo, que ele fosse entendido nesse termos. Um dos fatores fundamentais para isto foi o tropo revolucionário empregado pela NWH e sua constante afirmação de suas “novidade” e “radicalidade” dentro do campo.

2.3. Além do Mito Agrário: a nova história e a “libertação” do Oeste

Se *“The Legacy of Conquest”* e os outros escritos mencionados anteriormente foram percebidos como sendo a fundação “textual” da NWH, o simpósio *“Trails”* (“Trilhas”), e a posterior publicação do volume com o mesmo nome, assinalaram o surgimento da NWH enquanto um movimento historiográfico que compartilhava certas características em comum. Financiado pela agência governamental *National Endowment for the Humanities* (NEH)²⁹⁰ e patrocinado pelos estados do Arizona, Novo México, Utah e Wyoming, o encontro foi realizado em setembro de 1989, na cidade de Santa Fé, no Novo México e contou com as participações de Donald Worster, Richard White e Patricia Limerick como seus principais palestrantes.²⁹¹ A conferência tinha o subtítulo de *“toward a new western history”* (“em direção a uma nova história do Oeste”).

Com o intuito de explicar aos participantes do seminário o quê, afinal de contas, era esta “nova história do Oeste”, Patricia Limerick escreveu um pequeno texto explanando seus fundamentos. O panfleto foi chamado de *“The New Western History: not a manifesto”* (“A Nova História do Oeste: um não-manifesto”) e distribuído ao público do encontro. Ainda que, segundo a autora, ele não tivesse sido concebido como um manifesto, mas sim como um elemento focalizador da discussão, o escrito acabou tornando-se uma espécie de

²⁹⁰ A NEH cumpre com a função de financiar projetos ligados às Ciências Humanas, principalmente exposições, seminários e pesquisas consideradas de excelência por sua diretoria, enfatizando a história dos Estados Unidos.

²⁹¹ Outros participantes foram Peggy Pascoe, professora da Universidade de Utah e expoente dos estudos de gênero na *Western History*; Elliott West, docente da Universidade do Arkansas, autor de importantes estudos de história cultural do Oeste; além dos já citados Michael Malone, Walter Nugent e William Robbins. Estes nomes formariam, no começo da década de 1990, a principal “rede” revisionista de debates.

lançamento não-oficial da NWH, principalmente diante dos olhos de seus detratores.²⁹² Retomando os principais pontos de seu próprio trabalho (além dos de Worster, Cronon e White), Limerick afirmava que esta nova historiografia caracterizava-se pela concepção do Oeste enquanto “região” e não como “fronteira”; pelos termos utilizados para definir o movimento expansionista norte-americano, não mais entendido como uma marcha de pioneiros em direção às terras livres além do Mississipi, mas como uma “conquista”, uma “exploração” dos povos nativos e do meio-ambiente, uma “invasão” e representando a convergência de diversas populações (homens e mulheres de origem européia, nativos, hispânicos, africanos e asiáticos) em um mesmo lugar; pela rejeição de uma ruptura entre os séculos XIX e XX; pela negação do ideal de “progresso” e pela concepção de que algumas vias de desenvolvimento do Oeste levaram diretamente ao fracasso e ao mal de outros; e, finalmente, pela renúncia a uma noção objetivista de história, levada a cabo pela preocupação que estes historiadores possuíam em relação aos seus objetos.²⁹³

Ainda mais importante que o “não-manifesto” de Limerick (que, para todos os efeitos, acabou transformando-se no exato oposto daquilo que ela havia pensado), foi a palestra de Worster, sintomaticamente intitulada “*Beyond the Agrarian Myth*” (“Além do Mito Agrário”). Este texto é, juntamente com “*The Legacy of Conquest*”, o mais citado escrito revisionista. Nele, Worster apresentou, em linhas gerais, não só os pressupostos da nova historiografia, mas também afirmou o posicionamento *político* do movimento, em termos acadêmicos e sociais. Segundo ele, uma nova geração, sacudida pelos tristes eventos dos anos 1960 e 1970, se dispôs a escrever uma história “clara, demitologizada e crítica”. Diante de uma antiga historiografia “perdida em sonhos e mistificações”, os novos investigadores estavam: “*rewriting history from page one and watching it being accepted. That has been a slow, hard-won victory and I think it is time we acknowledge the achievement*”.²⁹⁴

Esse quadro começou a ser alterado, segundo Worster, quando estes novos historiadores passaram a reconsiderar *todos* os paradigmas vigentes até então. De acordo

²⁹² LIMERICK, Patricia Nelson. *The Trail to Santa Fe*. op. cit. p. 60-61.

²⁹³ Idem. What on Earth is the New Western History? In: *Montana Magazine of Western History*, vol. 40, n. 3. Summer 1990. p. 62-63.

²⁹⁴ “Reescrevendo a história do começo e observando-a ser aceita. Foi uma vitória difícil e gradual, e chegou a hora de reconhecer o fato”. WORSTER, Donald. *Beyond the Agrarian Myth*. op. cit. p. 7.

com o professor, eles não mais encaravam a marcha a Oeste como sendo a forja da nação, mas como um processo eminentemente imperialista e violento, onde a terra foi retirada de seus donos originais e dividida entre pequenos grupos que passaram a dominar a vida social e econômica dos territórios ocidentais, para malefício tanto de seus primeiros habitantes quanto da nova leva de colonos.²⁹⁵ O resultado desse empreendimento teria sido o surgimento de uma historiografia mais crítica:

“We are beginning to get a history that is **beyond myth**, beyond the **traditional consciousness of the white conquerors**, beyond a **primitive emotional need for heroes and heroines**, beyond any **public role of justifying or legitimating what happened**”.²⁹⁶

Três características marcavam essas histórias combativas, todas já mencionadas em outros textos da NWH: a adoção de perspectivas “subalternas” nas pesquisas e textos e a consideração dos papéis desempenhados pelas minorias no desenvolvimento histórico do Oeste; a avaliação do impacto ambiental da conquista; e, por fim, o desvelamento das estruturas de poder e das hierarquias sociais presentes na região, isto é, a introdução de temas que levassem em conta os inúmeros conflitos de classes e culturas intrínsecos à conquista.²⁹⁷

“Poder” era um assunto especialmente caro a Worster, principalmente no que dizia respeito ao que ele chama de “escola fronteira” (“*frontier school*”). Ao urdir suas histórias em uma aura de mito e romance, os turnerianos teriam, segundo o historiador, oferecido cobertura aos “poderes constituídos” e colaborado para a perpetuação dos problemas sociais da região e a constituição de uma identidade regional cega às desventuras de seu próprio passado. Em contrapartida, um dos traços mais acentuados da nova geração

²⁹⁵ Idem. Ibidem. p. 16.

²⁹⁶ “Nós estamos alcançando uma história que está **além do mito**, além da **consciência tradicional dos conquistadores brancos**, além de uma **necessidade primitiva por heróis e heroínas**, além de qualquer **papel público na legitimação e na justificação do que aconteceu**”. Grifos meus. Idem. Ibidem. Algumas perguntas permanecem, contudo: o que seria a “consciência tradicional dos conquistadores brancos”? Será que a historiografia tradicional respondia somente à uma mal-definida “necessidade primitiva por heróis e heroínas”? Será que ela realmente justificava o que aconteceu? Ou será que estas assertivas servem muito mais à necessidade de auto-afirmação do grupo, não sendo um retrato acurado dos trabalhos historiográficos anteriores?

²⁹⁷ Idem. Ibidem. p. 16-21.

seria sua determinação em não ser subserviente e nem em consentir com os desmandos desses “poderes constituídos”.²⁹⁸ Deste modo, Worster corroborava a mesma noção de intelectual público presente em “*The Legacy of Conquest*”:

“The historian ought to be unabashedly and self-confidently an intellectual whose express purpose and primary justification for being are that he or she lives to question all received opinions, to take alternative ideas seriously, to think as rationally as possible about them, and to work constantly to demythologize the past. When historians fail to see themselves as critical intellectuals, they become ideological in the most dangerous sense: they become **prisoners of ideology, rather than masters of it**”.²⁹⁹

Para delimitar as diferenças entre este presente disciplinar e seu passado, Worster acabou retomando a construção de dicotomias extremadas entre estes dois momentos historiográficos, já apresentadas em “*Rivers of Empire*” e “*New West, True West*”. Repetindo as acusações feitas nestes trabalhos, Worster afirmou que a *Western History*, como concebida por Turner e seus seguidores, havia sido “manchada” com o estigma do “mito” e da “imaginação” e assim havia se mantido durante as décadas seguintes. Para que ela pudesse finalmente emergir como uma historiografia “crítica” e “realista”, os laços que a prendiam aos seus antecessores tinham que ser rompidos de maneira *peremptória*. Em outras palavras, não poderia haver qualquer espécie de compromisso com paradigmas historiográficos que haviam sido “coniventes” com os poderes constituídos e “prisioneiros” de modelos ideológicos nefastos. Para Worster, portanto, antes dos anos 1960 só existiam histórias cegamente celebratórias da expansão norte-americana ou tentativas fracassadas de se contrapor a estas narrativas triunfalistas.³⁰⁰ De modo ainda mais contundente do que em

²⁹⁸ Idem. Ibidem. p. 22.

²⁹⁹ “O historiador deve ser um intelectual autoconsciente cujo propósito e principal justificação está no fato de que ele ou ela vive para questionar todas as opiniões recebidas, para levar ideais alternativas a sério, para pensar o mais racionalmente possível sobre elas e para trabalhar constantemente para desmistificar o passado. Quando historiadores falham em se ver como intelectuais críticos, como acredito ocorreu com a maioria dos historiadores do Oeste, eles tornam-se ideológicos no mais perigoso sentido: eles tornam-se **prisioneiros da ideologia ao invés de mestres dela**”. Grifos meus. Idem. Ibidem. p. 23.

³⁰⁰ O historiador cita os trabalhos de três de seus antecessores como sendo antecipações a NWH. Segundo ele, Earl Pomeroy, Henry Nash Smith e Richard Hofstadter (três notórios críticos da *frontier thesis*) haviam conseguido superar, em parte, os constrangimentos ideológicos de sua geração e perceber os problemas do passado norte-americano não contemplados pelos turnerianos. Por outro lado, e aqui voltamos à sua análise do

seus escritos anteriores, Worster afirmava que o passado disciplinar era um pesado e inútil fardo que deveria ser abandonado *completamente* pela contemporaneidade, já que havia nascido sob o signo da “falsidade”. Sem a tomada de uma perspectiva “realista” da história regional, o campo permaneceria acorrentado aos grilhões de uma mitologia nefanda.

A posição de Worster é, de certa forma, uma radicalização da idéia de separação entre uma história “científica” e outra “literária”, já que ele sequer admite algum compromisso com qualquer coisa próxima à “literatura” e o “romance”, segundo seus próprios termos. Sua História é dura, seca, atada aos fatos e nada mais. Sua meta é transformar a disciplina em algo análogo às Ciências Naturais, como parece deixar claro em outro texto, quando elogia o método destes campos: *“I too appreciate the irreducible, elegant concreteness of facts and stand in fear before an excess of abstraction”*.³⁰¹ Num segundo momento, ainda no mesmo texto, Worster afirma que é um “determinista”, um “materialista” e “naturalista” convicto, criticando qualquer tentativa de se considerar a “cultura” como um elemento definidor da experiência histórica dos homens. Somente este tipo de postura poderia finalmente transformar os historiadores em “darwinistas”, para usar as palavras de outro artigo seu.³⁰²

Se sobrepusermos a tríade de textos de Worster analisada até aqui, veremos que seu enredamento da história disciplinar manipula metáforas de “opressão” e “libertação” que não eram completamente desconhecidas no contexto intelectual estadunidense, como já vimos no capítulo anterior. Durante o advento da Nova História Social tais tropos foram comumente utilizados por seus praticantes. Howard Zinn, por exemplo, em seu famoso manifesto de 1970 por uma historiografia crítica e engajada, havia utilizado as mesmas

trabalho de Walter Webb, eles não haviam tido a coragem suficiente para produzir críticas mais radicais ao legado de Turner e à sociedade estadunidense. Seus projetos, embora dignos de serem lembrados, foram incompletos, cabendo, portanto, à nova historiografia completá-los. Idem. Ibidem. p. 12-13.

³⁰¹ WORSTER, Donald. Seeing Beyond Culture. In: *The Journal of American History*, vol. 76, n. 4. March, 1990. p. 1143.

³⁰² Idem. Ibidem. p. 1143-1144. A citação sobre o darwinismo está em Idem. *History and Natural History*. op. cit. p. 1. A posição de Worster parece ser, portanto, a de que existe uma separação fundamental entre um pólo “materialista”, de um lado, e um “cultural”, de outro. O primeiro seria o lugar privilegiado da investigação histórica, já que trataria dos “fatos como eles realmente aconteceram”, sem mediações de qualquer tipo. O segundo serviria somente para desvelar os fundamentos ideológicos de certas construções mentais, sempre ancoradas em uma base material perfeitamente verificável pelo historiador. Os dois lados da contenda seriam, para usar as palavras de um famoso historiador brasileiro, “paradigmas rivais”, irreconciliáveis. Sobre isto, ver ALBUQUERQUE, Jr., Durval Muniz de. Introdução. op. cit. p. 23-25. Para uma crítica bem-humorada da “capacidade” de Worster como um crítico cultural, ver ALLMENDINGER, Blake. *Trough the Looking Glass*. op. cit. p. 417-418.

figuras de retórica empregadas por Worster em seu ensaio: a historiografia social e econômica da década de 1960 estaria libertando a profissão da opressão do consensualismo, inaugurando uma “era revolucionária” para a disciplina em solo norte-americano. Mas mesmo Zinn se reconhecia como fazendo parte de uma tradição historiográfica radical, que remontava a alguns progressistas do final do século XIX e começo do XX e que havia se mantido à parte do *establishment* intelectual dos Estados Unidos.³⁰³

O caso de Worster é bem diferente: ele só parece reconhecer antecessores que *fracassaram* em seus intentos críticos, fosse por sua falta de coragem ou pela dependência excessiva de “retórica” e “narrativa”, já que este era o único modo de afirmar a originalidade de seu próprio trabalho (e de seus colegas). A conclusão que se tira destas afirmações é clara: a NWH teria a coragem necessária para avançar em direção a uma historiografia “livre” de pressões ideológicas e políticas por parte dos “poderes constituídos”. O intelectual aparece como um “libertador” da população oprimida por versões “falsas” de seu passado, como ilustra a seguinte passagem de “*Beyond the Agrarian Myth*”: “*truth is finally breaking in, driving out myth and self-deception*”.³⁰⁴ A História serviria, portanto, primordialmente à função de “desmascaramento cultural”, revelando a “verdade” por trás da “ideologia” e a “análise” por trás da “narrativa”.³⁰⁵

A dicotomia estabelecida por Worster era também uma estratégia de legitimar a NWH dentro do universo acadêmico dos Estados Unidos e, neste sentido, recuperava algo

³⁰³ ZINN, Howard. *The Politics of History*. New York: The New Press, 1970. p. 1-10.

³⁰⁴ “A verdade está finalmente surgindo, expulsando o mito e o auto-engano”. WORSTER, Donald. *Beyond the Agrarian Myth*. op. cit. p. 19.

³⁰⁵ A expressão “desmascaramento cultural” (“*cultural unmasking*”) é de David Harlan, e refere-se ao tipo de História Intelectual ou Social que tinha por finalidade o “desvelamento” das expressões ideológicas mascaradas, que ocultariam o domínio de uma classe sobre a outra, por trás dos valores “tradicionais” dos Estados Unidos, normalmente expressos em textos históricos ou literários considerados canônicos. HARLAN, David. *The Degradation of American History*. Chicago: The University of Chicago Press, 1997. p. xix. A posição de Harlan, ainda que mais conservadora (em termos políticos), é próxima a de Jerome Frisk, quando ele localiza o discurso de Worster dentro de uma tradição hermenêutica, comum aos chamados *American Studies*, que opera a partir de oposições binárias, argumentando que ou um texto está *a favor* de algo ou está *contra*, renunciando a uma leitura que pudesse estabelecer contestações inseridas *dentro* do que poderia chamar-se de ideologia dominante. Segundo Frisk, nenhum sistema ideológico, por mais poderoso que seja, consegue dominar as possibilidades de uma leitura subversiva de seus próprios parâmetros. Em geral, embora os dois raciocínios sejam próximos, tendo a concordar mais com Frisk do que com Harlan, porque o primeiro me parece menos preocupado em criticar este tipo de hermenêutica em termos políticos e mais interessado em encontrar alternativas a esse modelo excessivamente binário, justamente para poder melhor criticar a ideologia dominante. Ver FRISK, Jerome. *The Theoretical (Re)Positions of the New Western History*. op. cit. p. 27-30.

bastante comum à disciplina: a tentativa de se afirmar como *mais* científico que seus antecessores. Ele imaginava a evolução da historiografia norte-americana como sendo uma fuga do “mal narrativo”, para usar a expressão de Kerwin Klein, em direção a um futuro científico não menos que brilhante, *caso* suas prescrições fossem observadas.³⁰⁶ Desde a institucionalização da profissão, tais estratégias foram sendo utilizadas recorrentemente por diversos historiadores dos mais variados matizes teórico-metodológicos e políticos, como já vimos. Neste sentido, não havia nada de novo no modo como Worster imaginou a evolução da História: ela seria a passagem de estágios “literários” e “subjetivos” para formas mais “objetivas” e “realistas” de se pesquisar e escrever sobre o passado, numa progressão tipicamente *whiggish*.³⁰⁷ Existe, assim, uma dicotomia inerente ao próprio pensamento de Worster: se a *história do Oeste* era uma narrativa de decadência, da passagem de um estado de natureza quase perfeito a um contexto de destruição ambiental e espoliação econômica, a *história da historiografia do Oeste* era ascendente, na medida em que se ultrapassava o “mito” e o “auto-engano” legado pelos historiadores anteriores e se chegava às “verdades” obscurecidas por eles.³⁰⁸ Nesta versão da história da História do Oeste tem-se, portanto, a combinação do “*decline from the past with hope for future progress as the result of ‘learning’ the truth about what happened in the American past*”.³⁰⁹

O interessante deste tropo revolucionário é que ele negava o histórico de alguns autores da NWH, principalmente de Limerick e do próprio Worster. Em 1977, o professor

³⁰⁶ Klein considera este tipo de enredamento como sendo a estória básica da historiografia norte-americana no século XX, independente dos sub-textos políticos e morais dos narradores. Ele chama este tropo de “a narrativa da marcha da ciência”. KLEIN, Kerwin Lee. *Frontiers of Historical Imagination*. op. cit. p. 2.

³⁰⁷ No contexto anglo-saxônico, o termo “historiografia *whig*” significa os trabalhos que vêem o processo histórico como uma evolução linear e progressista em direção a formas sociais e de pensamento mais avançadas do que aquelas que as antecederam, numa glorificação do presente e do futuro, em detrimento do passado. Ver BUTTERFIELD, Herbert. *The Whig Interpretation of History*. New York: Holt, 1965.

³⁰⁸ O interessante da narrativa disciplinar apresentada por Worster, e sua glorificação de uma História científica extremada, esta justamente na contradição que ela estabelece com suas críticas à “razão instrumental” e aos “devaneios” da ciência contemporânea apresentados em “*Rivers of Empire*”. Não custa lembrar que o tipo cientificista de conhecimento histórico defendido por Worster foi um dos mais importantes legitimadores deste tipo de “razão instrumental”, na medida em que apresentava o processo histórico como uma evolução centrada na racionalidade e na *superioridade* do homem diante da natureza. Aliás, o próprio Worster parece reconhecer isto quando comenta que a história “modernista” (ele não define este termo, contudo) aliou-se às Ciências Naturais e Exatas para legitimar o controle humano sobre o mundo natural. O historiador, entretanto, não parece ter percebido a ligação entre este “modernismo” histórico e suas próprias declarações em “*Beyond the Agrarian Myth*”. WORSTER, Donald. *Seeing Beyond Culture*. op. cit. p. 1146.

³⁰⁹ BERKHOFER, Jr., Robert F. *Beyond the Great Story*. op. cit. p. 127.

de Kansas escreveu sobre algumas idéias contemporâneas acerca a natureza em seu “*Nature’s Economy*”:

“They are the outcome of a long and complex intellectual history, **regardless of how strongly it believes in its own novelty**. Failing to accept this, or to realize how **diverse and contradictory the past has been**, we will not make much headway toward a true understanding of our current ideas and practices about nature”.³¹⁰

Limerick, por sua vez, enredou seu primeiro livro, “*Desert Passages*” (“Passagens Desérticas”, 1985), em termos muito próximos àqueles da velha historiografia que tanto criticou em “*The Legacy of Conquest*”. Nele, ela propôs-se a analisar os mitos e símbolos sobre o Grande Deserto Americano, enfatizando sua capacidade de “criar” a realidade sobre este lugar e comandar as percepções de seus habitantes sobre sua experiência na região. Limerick, nesta obra, não parecia muito preocupada em diferenciar radicalmente entre “mito” e “verdade”, como faria em seu trabalho mais famoso, mas nos modos pelo quais eles podem estar profundamente imbricados na imaginação das pessoas.³¹¹ Percebe-se, assim, um claro paradoxo entre a tão decantada novidade de NWH e algumas das práticas anteriores de seus autores mais importantes.

Ora, o que poderia ter mudado a opinião destes historiadores? Para além de insondáveis questões pessoais, acredito que tal mutação pode ser atribuída à já mencionada necessidade de autodefinição da NWH, isto é, a classificação do que ela *não* era, antes da afirmação do que ela *era*. Para poder definir sua própria identidade acadêmica, e para legitimar as pretensões acadêmicas e políticas daí decorrentes, os *new western historians* precisavam demarcar uma clara diferença entre seus trabalhos e tudo aquilo que veio antes, *incluindo algumas de suas próprias obras* (que não são referenciadas em seus textos mais conhecidos). De outro modo, como explicar o fato de que Worster primeiro critica algumas obras por afirmarem exageradamente sua própria novidade, para alguns anos depois fazer

³¹⁰ “Elas são o resultado de uma longa e complexa história intelectual, **não importando a força com que acreditam em sua própria novidade**. Ao falharmos em aceitar isto, **ou em perceber o quão contraditório e diverso foi o passado**, nós não faremos muitas melhoras em direção a uma verdadeira compreensão sobre nossas atuais idéias e práticas sobre a natureza”. Grifo meu. Idem. *Nature’s Economy*. op. cit. p. 327.

³¹¹ LIMERICK, Patricia Nelson. *Desert Passages: encounters with the American desert*. Albuquerque: University of New Mexico Press, 1985. p. 1-18.

exatamente isto em “*New West, True West*” e “*Beyond the Agrarian Myth*”? Em outras palavras, esta tensão marca a pretensão que o movimento tem, a partir de seu surgimento “oficial” (isto é, do simpósio “*Trails*”), de encontrar seu próprio nicho e de poder ditar os rumos pelos quais o campo poderia emergir de sua tão mencionada crise disciplinar, ou seja, de impor seu próprio projeto como sendo o único legítimo. Caso inserissem suas obras na tradição maior da *Western History*, numa perspectiva de continuidade e não de ruptura, eles poderiam, como bem percebeu Jerome Frisk, estar sendo coniventes com os principais pressupostos ideológicos da área (aqueles extremamente criticados por eles) e, desta forma, com os processos que a levaram, em sua opinião, a entrar num quase-colapso intelectual.³¹² Sem esta diferenciação, portanto, suas ambições não poderiam ser levadas a cabo, não de modo convincente, pelo menos.

Ainda em “*Trails*”, Richard White³¹³ foi outro autor que insistiu na diferenciação radical entre a “velha *Western History*” e a nova. Segundo ele, os “olhos” da antiga historiografia haviam sido cegados pela “fronteira”, o que os impediu de enxergar o “lixo” nas margens das “trilhas” que levavam a Oeste. A NWH, por outro lado, havia livrado-se de qualquer tipo de restrição à sua vista e, portanto, estaria apta a ver os estragos causados pela conquista do continente.³¹⁴ Deste modo, assim como no texto de Worster, nós temos um relato *whiggish* sobre a evolução do campo: de um modo menos “científico” (ou “parcial”) de se escrever a história do Oeste, a um tipo mais “avançado”, ainda que não completamente imparcial, de fazê-lo. O que White deixa implícito é uma suposta relação privilegiada dos *new western historians* com o passado, na medida em que eles haviam “abandonado” os problemas existentes nos trabalhos da geração anterior.

As constatações destes historiadores em “*Trails*”, e em outros lugares, apresentam, assim, o problema sobre quem tem legitimidade para falar sobre algo. Mais especificamente, elas levantam a questão de quem, afinal de contas, pode falar em nome do Oeste e qual voz deve ser ouvida pela audiência. O cerne desta pergunta, me parece, está, assim, na validade

³¹² FRISK, Jerome. *The Theoretical (Re)Positions of the New Western History*. op. cit. p. 55. n. 3.

³¹³ Nascido na Califórnia, em 1947, filho de um judeu russo e uma irlandesa, White graduou-se na Universidade da Califórnia, Santa Cruz, em 1969. Obteve seu doutoramento em História pela Universidade do Estado de Washington, em 1975, sendo o único dos *new western historians* a não ter estudado com Howard Lamar em Yale, portanto. White lecionou na Universidade do Estado de Michigan, Universidade de Utah e Universidade de Washington, antes de se transferir para Stanford em 1998.

³¹⁴ WHITE, Richard. *Trashing the Trails*. In: LIMERICK, Patricia Nelson; MILNER II, Clyde A. & RANKIN, Charles E. (org.). *Trails*. op. cit. p. 27-29.

do próprio ato de revisão historiográfica. Para além de seu caráter relativamente natural ao empreendimento histórico, o revisionismo historiográfico deve ser entendido como um movimento político, principalmente no quesito da definição de uma identidade disciplinar. Se por um lado, como afirmou Gabrielle Spiegel, “revisão”, em seu sentido mais anódino de “correção de um erro”, está no cerne da disciplina desde os tempos de sua profissionalização³¹⁵, por outro, ela também envolve, de acordo com Giorgos Antoniou, a definição de legitimidades e, por consequência, de ilegitimidades.³¹⁶ A pergunta feita por esse último autor é significativa para a própria NWH: “*who has the right to write history and the right to preserve public narratives of past events?*”.³¹⁷

Para além das questões da esfera pública do revisionismo historiográfico, que serão avaliadas no último capítulo, é interessante perceber que, salvo algum ou outro momento, o projeto disciplinar da NWH passa principalmente pela construção de uma nova identidade disciplinar para a *Western History* em que essa “revisão” é entendida principalmente como uma “refundação”.³¹⁸ Não interessava tanto uma perspectiva acumulativa do conhecimento histórico, onde autores novos se levantam nos ombros dos antigos, mas de ruptura mesmo. Nesse caso, o revisionismo praticado pela NWH envolve: “*conflicts, not synthesis; the replacement of ‘old’ truths with ‘new’ truths. (...), revisionism is a way to control a scholarly field, to disqualify or reaffirm old institutions*”.³¹⁹ Este, me parece, é o caso da NWH diante da antiga historiografia do Oeste: com exceção da defesa que Cronon faz de Turner, em um primeiro momento estes historiadores estavam interessados em substituir antigas interpretações por outras, de modo a reorganizar o campo em torno de pressupostos renovados. E isso passava fundamentalmente pela desqualificação da historiografia anterior.

Um dos modos de atingí-la é através do uso da “hipérbole” como figura de retórica. Se, como colocou LaCapra, sua utilização pode ser entendida como a necessidade de se

³¹⁵ SPIEGEL, Gabrielle. Revising the Past/Revisiting the Present: how change happens in historiography. In: *History and Theory*, theme issue 46. December, 2007. p. 2.

³¹⁶ ANTONIOU, Giorgos. The Lost Atlantis of Objectivity: the revisionist struggles between the public and academic spheres. In: Idem. p. 93.

³¹⁷ “Quem tem o direito de escrever a história e de preservar a narrativa pública de eventos passados?”. Idem. *Ibidem*.

³¹⁸ O termo “identidade disciplinar” é de Dominick LaCapra. LaCAPRA, Dominick. *History in Transit: experience, identity, critical theory*. Ithaca: Cornell University Press, 2004. p. 7.

³¹⁹ “Conflitos, não sínteses; a substituição de ‘velhas’ verdades com ‘novas’ verdades. (...), revisionismo é uma maneira de controlar um campo acadêmico, de desqualificar ou reafirmar velhas instituições”. ANTONIOU, Giorgos. *The Lost Atlantis of Objectivity*. op. cit. p. 95.

posicionar contra uma interpretação dominante ou como uma arma contra um *status quo* disciplinar excessivamente conservador, uma “hipérbole hiperbólica” (o termo é de LaCapra, não meu) é um modo de *encerrar* o debate e não de fomentá-lo.³²⁰ Levando isso em conta, o que muitas vezes parece exagero (e o que muitas vezes o é de fato) é, na verdade, um instrumento retórico de autolegitimação usado pelos *new western historians*. Limerick, por exemplo, parece levar isso em conta quando, em “*The Legacy of Conquest*”, afirma a necessidade repetir uma vez mais as críticas contra Turner e seus defensores, de modo mais contundente: “*because the message has not gotten through*”.³²¹ Se Limerick é mais comedida, Worster, com suas declarações acerca da “verdade” estar finalmente sendo alcançada, seu uso repetido do termo “mito” e sua acusação de que *toda* a historiografia anterior era “prisioneira da ideologia”, fornece um exemplo bem acabado do tipo de “hipérbole hiperbólica” que tem por finalidade fechar as portas ao diálogo. De outro modo, como entender uma afirmação como a seguinte: “*in the process of becoming what it is, the region has emerged from the old clouds of myth and romance and now seems for the first time honestly revealed.*”?³²²

2.4. O Grande Cânion: “história”, “ficção” e a epistemologia da *New Western History*

Essa desqualificação não é feita, entretanto, em bases epistemológicas mais profundas, ainda que o uso de palavras como “mito” e “romance” dê esta impressão. Em nenhum momento se discutiu mais apuradamente estes termos, salvo como oposições à “verdade” e à “realidade”, que, por sua vez, também não foram definidas. Para a NWH interessava reescrever o *conteúdo* do campo, isto é, os modos pelos quais a história do Oeste era narrada, mas não questionar seus *fundamentos disciplinares* mais profundos. Em outras palavras, eles continuavam tão dependentes quanto seus oponentes dos pilares que sustentaram a profissionalização da disciplina nos Estados Unidos, expostos muito bem por Peter Novick:

“A commitment to the reality of the past, and to truth as correspondence to that reality; a sharp separation between knower and

³²⁰ LaCAPRA, Dominick. *History in Transit*. op. cit. p. 67.

³²¹ “Porque a mensagem não foi passada”. LIMERICK, Patricia Nelson. *The Legacy of Conquest*. op. cit. p. 31.

³²² WORSTER, Donald E. *Beyond the Agrarian Myth*. op. cit. p. 6.

known, between fact and value, and, above all, between history and fiction”.³²³

A partir desta caracterização, já percebe-se uma contradição no seio da NWH. Embora, como vimos, reconhecessem que a objetividade histórica não passava de “um nobre sonho”, para usar o termo consagrado por Novick, e reconhecessem o caráter posicionado de qualquer texto histórico, os *new western historians* constantemente se remetiam à necessidade de se escrever narrativas “mais verdadeiras”, “mais realistas” e, por conseguinte, “mais objetivas” do que as anteriores. Isto é refletido, por exemplo, na referência constante à dicotomia entre “mito” e “história”, “fantasia” e “realidade” e “ficção” e “verdade”. Aliás, o título do artigo mais famoso de Worster, “Além do Mito Agrário”, é bastante claro quanto a isto: ir “além” do “mito agrário” é chegar ao “cerne” da verdade sobre a história do Oeste, rejeitando explicações “fantasiosas” sobre ela. Como, então, explicar esta contradição?

Aparentemente, tal incoerência parece ter sido causada menos por problemas teóricos e mais pelo próprio posicionamento político e institucional da NWH. Tanto em “*Trails*” quanto em “*The Legacy of Conquest*”, Limerick, como vimos, avançou a idéia do “intelectual público”, ainda que implicitamente. Segundo a autora, o historiador do Oeste deveria ser alguém conectado diretamente aos problemas de sua região, agindo como um intermediário entre o conhecimento produzido nas universidades e o público mais amplo. Para isso, era indispensável escutar o que a audiência leiga tinha a dizer, posicionar-se acerca dos principais tópicos em discussão na arena política e, se necessário, servir como porta-voz dos interesses da comunidade.³²⁴

Do mesmo modo, Worster, em “*Beyond the Agrarian Myth*” e outros escritos, vai ainda mais longe do que Limerick em sua definição do seria um “intelectual público”. Para ele, o *western historian* não poderia fugir à controvérsia pública, à procura por novos

³²³ NOVICK, Peter. *That Noble Dream*. op. cit. p. 1-2.

³²⁴ LIMERICK, Patricia Nelson. *The Trail to Santa Fe*. op. cit. p. 70-77. Em um segundo artigo, publicado em uma coletânea, Limerick afirmou que o privilégio do intelectual público do Oeste era “responder às pessoas necessitadas, saber que os problemas do mundo não são remotos nem dispensáveis e requeriam uma resposta pessoal imediata e forte”. De acordo com ela, manter a vida da mente “presa às universidades” e “dependente de jargões acadêmicos e de super-especializações” era “sem sentido”. Ver LIMERICK, Patricia. *The Privileges and Perils of the Western Public Intellectual*. In: GRESSLEY, Gene M. (org.). *Old West/New West*. op. cit. p. 47-48.

padrões morais e aos debates sobre princípios fundamentais e valores. Um “intelectual público” só teria motivo para existir caso questionasse sempre as opiniões recebidas e a ideologia oficial, pensando racionalmente sobre elas e trabalhando para desmistificar o passado, sempre. Segundo Worster,

“The New Western History insists that scholars must perform deliberately and thoughtfully the role of cultural analyst, even to the point of presuming to be a self-appointed moral conscience of their society”.³²⁵

A posição política da NWH, e sua ênfase na necessidade do intelectual agir como um mediador entre o mundo acadêmico e o leigo, parece, assim, demandar a idéia de que os novos historiadores fossem mais “verdadeiros” do que os da geração anterior, sob o risco deste projeto falhar clamorosamente. No entanto, a deslegitimação de Turner, Billington, Pomeroy e outros, só poderia vir com uma crítica ao ideal objetivista expresso acima. Somente a negação destes autores como “subjetivos” ou “ideologizados” poderia garantir que a NWH fosse alçada ao status de porta-voz da consciência moral da região. Em outras palavras, era necessário garantir ao público, profissional ou não, que as interpretações históricas dos *new western historians* eram melhores que as de seus antecessores, porque eram mais *verdadeiras, científicas e objetivas*. Parte integrante deste programa era a rejeição de histórias que não se enquadrassem, ou rivalizassem, nos planos de Worster e Limerick de se tornarem “intelectuais públicos” dominantes no Oeste.

Um dos exemplos claros desta contradição é a consideração geral que Limerick fez sobre a obra de Billington. Ela atacou o antigo historiador por seus “problemas de evidência”, “conclusões impressionísticas”, “métodos falhos” e, evidentemente, por não reconhecer que a sua própria posição era contaminada ideologicamente. Repetindo suas críticas a Turner, ela acusou Billington de ter persistido em seu uso do conceito de fronteira, mesmo quando todas as “provas” o encaminhavam para o reconhecimento de que ele era falho. Em outras palavras, e esta me parece a posição da autora, Limerick ataca Billington por este ter se recusado a encarar os “fatos” da expansão como eles “realmente” eram. Tudo

³²⁵ “A NWH insiste que os professores devem atuar como analistas culturais de modo deliberado e consciente, até mesmo a ponto de presumirem ser uma auto-nomeada consciência moral de sua sociedade”. WORSTER, Donald. *Beyond Agrarian Myth*. op. cit. p. 23.

isso, evidentemente, por que o turneriano precisava manter intacta a sua “profissão de fé”, ameaçada pela “verdade”.³²⁶

O não-dito deste texto é o contraponto que ele estabelece com a própria Limerick. O ataque a Billington não cumpre somente a análise historiográfica que, num primeiro momento, parece ser a intenção manifesta do artigo. Ele tem uma função específica: deslegitimar o trabalho daquele autor, criticado por sua falta de “objetividade” e apresentar a sua crítica, Limerick, como falando de uma posição mais privilegiada em relação à *Western History*. A mensagem implícita é: “não falharemos onde Billington falhou” – Billington funcionando como uma sinédoque de toda a antiga historiografia. Ainda assim, como que se lembrando de sua posição “anti-objetivista”, Limerick finaliza o ensaio afirmando que “os fatos da história do Oeste são, acima de tudo, uma questão de interpretação”.³²⁷ Ora, se é tudo uma questão de interpretação, como, então, Limerick pode defender sua posição diante da de Billington – e atacar aqueles que preferem os turnerianos? Como ela pode afirmar categoricamente que ele estava errado, implicitamente afirmando a correção de suas próprias análises? Estas questões não são respondidas por Limerick – e, de fato, se a fossem, elas revelariam o quão paradoxal é atacar uma interpretação histórica como sendo uma “fantasia”, ao mesmo tempo em que se declara que a objetividade histórica também a é, como demonstra a seguinte passagem:

“Most academics have retreated to the protective fiction that historians are the equivalent of scientists in white lab coats, as detached, disengaged, invulnerable observers. (...). Western history is full of intense and bitter conflicts, and there is no way to investigate that history without putting one’s own head at risk of sharp blows from unexpected directions”.³²⁸

³²⁶ Estes termos são da própria autora. LIMERICK, Patricia Nelson. Persistent Traits and the Persisting Historian: Ray Allen Billington and the American Frontier. In: ETULAIN, Richard (org.). *Writing Western History*. op. cit. p. 277-310.

³²⁷ Idem. *Ibidem*. p. 310.

³²⁸ “A maioria dos acadêmicos recorreram à ficção protetora de que os historiadores são os equivalentes de cientistas em jalecos de laboratório brancos, enquanto observadores afastados, desengajados e invulneráveis. (...). A história do Oeste está repleta de conflitos intensos e amargos, e não existe modo de investigar essa história sem expor sua própria cabeça ao risco de fortes pancadas vindas de direções inesperadas”. LIMERICK, Patricia Nelson. What Raymond Chandler Knew and Western Historians Forgot. In: MELDRUM, Barbara. *Old West – New West*. op. cit. p. 36.

Talvez este seja um dos motivos pelos quais, com exceção de Cronon³²⁹, nenhum dos *new western historians* tenha se engajado em discussões teóricas mais complexas. Prevaleceu, nas searas da NWH, um obsequioso silêncio sobre assuntos teóricos e, principalmente, sobre as bases intelectuais de seu próprio projeto. Em nenhum momento, aparecem, por exemplo, indagações sobre a relação entre “história” e “verdade” ou dúvidas quanto à capacidade do texto historiográfico em revelar objetivamente o passado, como ele teria acontecido, para seu leitor. Em que pesem as críticas à ideia de objetividade, elas são extremamente superficiais e, para um grupo que deseja apresentar-se como algo “novo”, bastante convencionais. Dito de outro modo, os *new western historians* tornavam-se mudos exatamente quando se esperava que eles começassem a falar, para usar os termos de Jerome Frisk.³³⁰

Novamente, uma das pistas para esta negligência (deliberada?) pode estar no status alcançado por estes historiadores no começo da década de 1990. Em um artigo publicado no *New York Times*, em outubro de 1993, Limerick atacou veementemente intelectuais que se perdiam em jargões e “academicismos” e que, por causa disso, perdiam vista do grande público e dos debates mais amplos colocados pela sociedade. Segundo ela, o uso de tipos obscuros de escrita (ou má-escrita, pura e simplesmente) havia afastado a audiência dos textos produzidos por especialistas e retirado a legitimidade destes de intervir em assuntos de interesse público. Para provar seu caso, ela cita uma única frase composta de 125 palavras, escrita por um acadêmico. “Teoria” seria, assim, sinônimo “jargão” e, logo, uma distração dos verdadeiros problemas que mereciam a atenção da profissão.³³¹

Ainda que a crítica de Limerick aos “superespecialistas” e sua prosa muitas vezes obscura seja razoavelmente apropriada, ela pode ser entendida, como bem percebeu George Henderson, como uma tática de defesa da nova posição adquirida pela NWH: “*to the extent Limerick urges educators to return to straight-shooting realism, the new western history’s institutional, disciplinary identity saturates this position*”.³³² A salvaguarda da “boa-

³²⁹ CRONON, William. *A Place for Stories*. op. cit.

³³⁰ FRISK, Jerome. *The Theoretical (Re) Positions of the New Western History*. op. cit. p. 36-37.

³³¹ LIMERICK, Patricia Nelson. *Dancing with Professors: the trouble with academic prose*. In: *The New York Times*, 31st, October, 1994. p. 3-4.

³³² “Na medida em que Limerick apela aos educadores que retornem ao um realismo mais direto, a identidade disciplinar e institucional impregna esta posição”. HENDERSON, George. *Close Encounters: on the significance of geography to the New Western History*. In: *Ecumene*, vol. 5, n. 1. January, 1998. p. 32

escrita” por Limerick tem, assim, um sentido bastante claro: os intelectuais não deveriam perder seu tempo discutindo assuntos teóricos ininteligíveis pelo público, mesmo que estes fossem de suma importância para a disciplina (ou para as Ciências Humanas como um todo). Em outras palavras, a defesa da “acessibilidade” dos textos historiográficos é um modo de fugir de discussões teóricas mais complexas que, caso levadas a cabo, poderiam prejudicar a nova (imaginada?) posição dos *new western historians* como a “consciência moral” do Oeste (e da nação). Novamente, sobre este tema, cito Henderson:

“Now that Western History is viable again, is imperative that it remains viable as a field. There is a not insignificant dose of new western boosterism, of ‘turf-protecting’ in ‘Dancing with Professors’”.³³³

Em última análise, portanto, não parece existir uma ruptura mais profunda entre a NWH e seus antecessores, sob o ponto de vista epistemológico. A admissão da “subjetividade” do conhecimento histórico por parte de Limerick e de White, assim, parece ser movida por uma necessidade de deslegitimar os trabalhos daqueles que os precederam, na medida em que retira deles o status de “objetividade” que pretensamente possuíam. Todavia, este reconhecimento da relatividade da historiografia só poderia ir até certo ponto, já que poderia ameaçar as próprias reivindicações da NWH como uma forma mais “completa” e “verdadeira” de se escrever a história do Oeste. Em outras palavras, a defesa que Limerick e White fazem de uma história que reconhece os limites de suas atribuições choca-se diretamente com o tipo de narrativa que eles mesmos fazem da evolução do campo de um estado menos desenvolvido (turnerianos e *tutti quanti*) ao abandono de “restrições” à visão do historiador e o alcance de um Oeste “mais verdadeiro”. Caso não o fizessem, como poderiam defender seu novo status político e institucional?

A afirmação de sua novidade também informou a necessidade de reforçar a separação entre “história” e “ficção” (ou “mito”, já que estes termos são usados como sinônimos pelos *new western historians*). Como afirmou Krista Comer:

“From its inceptions, the New Western History dedicated itself to the production of a ‘realist’ discourse that operates as counter-discourse to that of myth. Its legitimacy derives,

³³³ HENDERSON, George. *Close Encounters*. op. cit. p. 37.

at least in part, from the distance it claims between its own narratives and those which are ‘mythic’.”³³⁴

Ainda segundo Comer, para combater aquilo que considerava “mítico”, a NWH articulou sua identidade através do recurso a uma retórica “realista”, identificada essencialmente com a historiografia, que supunha que estas narrativas tinham uma relação mimética com a própria realidade. Deste modo, eles insistiram na divisão entre “boas narrativas” (históricas) e “narrativas más” (outros gêneros imaginativos).³³⁵ Como veremos mais adiante, essa divisão não tem consequências somente disciplinares, mas também políticas, na medida em que considera o “realismo”, identificado com o discurso historiográfico profissional *depurado* de influências “míticas” e “literárias”, possui uma qualidade inerentemente progressista, ao contrário das narrativas “ficcionalis”, que, segundo a NWH, visaria somente o escapismo e o entretenimento.³³⁶

Como afirmou Michel de Certeau sobre esta, nunca convincente, polarização, a “ficção” é o outro do discurso histórico profissional. Sem ela, este não poderia afirmar sua própria cientificidade diante do público. Sendo assim, “ficção” seria o terreno do errôneo por excelência: é através do recurso a ela que o historiador constrói seus objetos como sendo “verdadeiros” e “reais”. Em suas próprias palavras:

“With his apparatus for the critical reading of documents, the scholar effaces errors from the ‘fables’ of the past. The territory that he occupies is acquired through a diagnosis of the false. (...). In this way, installed in the midst of a given society’s stratified and interconnected modes of narratives (...), he spends his time in pursuing the false than in construction of the true, as though truth could be produced only by means of determining error. (...). From this viewpoint, ‘fiction’ is that which

³³⁴ “Desde a sua inepção, a NWH dedicou-se à produção de um discurso ‘realista’ que opera como um contra-discurso àquele do mito. Sua legitimidade deriva, ao menos em parte, da distância que ele reivindica entre suas próprias narrativas e aqueles que são míticos”. COMER, Krista. *Literature, Gender Studies and the New Western History*. In: ROBINSON, Forrest G. (org.). *The New Western History*. op. cit. p. 100.

³³⁵ Idem. *Ibidem*. p. 101-103.

³³⁶ Idem. *Ibidem*. p. 103-106.

the historiographer constitutes as erroneous; thereby, he delimits his proper territory".³³⁷

Deste modo, continua Certeau, a historiografia profissional determina o que é “real” não só através destas práticas autorizadas pelos lugares de produção, mas pela distinção entre os dois discursos, o “científico” e o “fictício”, aquele retirando sua legitimidade da “falsidade” deste. Para que possa se imaginar como tendo uma relação privilegiada com o “real”, a História, como disciplina, precisa demonstrar constantemente a presença de “erros” em outros discursos, numa constante reafirmação de sua capacidade de enxergar mais longe do que a ficção.³³⁸ A Literatura, por exemplo, por sua falta de “referencialidade” torna-se, assim, um dos alvos da historiografia profissional.

Esta afirmação da identidade disciplinar da História como estando em oposição à ficção, permitiu aos historiadores, como colocou Hayden White, afirmar um discurso histórico que consistisse tão somente nas afirmações factualmente exatas sobre um domínio de eventos observáveis, cujo ordenamento determinaria sua clareza e seu verdadeiro sentido ou significação. Desta maneira, se expungiu o “ficcional” do discurso histórico e passou-se a identificar a verdade com o “fato”, independente de sua definição, e considerar a ficção como oposto da “verdade”, um obstáculo, portanto, a um entendimento claro e devido da realidade. Assim, o “romance” (e o “mito”, por extensão) adquiriu os contornos do “grande oponente” da historiografia profissional.³³⁹

Ora, é justamente isto que está em operação na insistência da NWH em conceber “história” e “ficção” como sendo dicotomias irreconciliáveis.³⁴⁰ Para que seus textos

³³⁷ “Com seu aparato para a leitura crítica dos documentos, o historiador elimina erros das ‘fábulas’ do passado. O território que ele ocupa é adquirido através do diagnóstico do falso. (...). Deste modo, instalado em meio aos estratificados e interconectados modos de narrativa de uma dada sociedade (...), ele passa seu tempo em perseguição ao falso ao invés da construção do passado, como se a verdade pudesse ser produzida somente através da determinação do erro. (...). Através deste ponto de vista, ‘ficção’ é tudo aquilo que o historiógrafo constitui como errôneo; sendo assim, ele delimita seu próprio território”. CERTEAU, Michel de. *History: science and fiction*. In: *Heterologies: discourse on the Other*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1986. p. 200-201. Algumas páginas adiante, Certeau atribui a desconfiança dos historiadores em relação à Literatura à “falta de referencialidade” desta, ou seja, à quebra do “casamento” que pressupõem existir entre as palavras e as coisas. Idem. *Ibidem*. p. 202.

³³⁸ Idem. *Ibidem*. p. 201.

³³⁹ WHITE, Hayden. *Ficções da Representação Factual*. In: *Trópicos do Discurso*. op. cit. p. 138-139.

³⁴⁰ Apenas a título de esclarecimento, não considero “história”, como concebida pelos historiadores profissionais, e “ficção” como sendo sinônimos. Se a construção desta oposição é problemática, sinonimizar ambas também o é. No caso, para usar um comentário de Allan Megill, trata-se de problematizar o limite

pudessem adquirir um caráter autoritativo no que tange sua relação com o passado, eles precisavam insistentemente recorrer aos “erros” de outrem, inclusive da própria historiografia profissional. Estas definições do “errôneo” serviam como o contraponto de sua própria exatidão. Como não possuíam referentes “concretos”, os trabalhos ficcionais tornaram-se um terreno fértil para este tipo de “erro” (o tipo de “má narrativa” mencionada acima). Neste caso, os *new western historians* articulam sua posição a partir da posse de um suposto *know-how* técnico que, para usar as palavras de Certeau, lhes permitiria discernir os “erros” da literatura ficcional, auto-atribuindo-se o privilégio, portanto, de assessorar o “real”. Em outras palavras, estes historiadores atribuem uma capacidade heurística à História que, supostamente, a ficção não possuía.³⁴¹

Em “*Rivers of Empire*”, por exemplo, Donald Worster elogiou o famoso escritor californiano John Steinbeck, autor de “*The Grapes of Wrath*” (“As Vinhas da Ira”), por sua preocupação em retratar a pobreza e o estado miserável dos *okies* na Califórnia, utilizando, inclusive, o título do livro para nomear um de seus capítulos.³⁴² No entanto, a Literatura apresentava uma série de “falhas” estéticas e analíticas que impediram que Steinbeck pudesse compreender o problema da “sociedade hidráulica” como um todo:

“Steinbeck was not, however, as much a threat as he might have been because he never quite understood the hydraulic society for what it was. (...). He only seized part of it. (...). The failure to see and describe the whole picture hobbled his criticism”.³⁴³

entre ambas, vendo o ficcional inerente ao discurso do historiador e a capacidade da ficção em endereçar problemas tão relevantes quantos aqueles da historiografia. Ambas podem ter intenções diferentes, mas não isto não significa que não tenham muito mais pontos em comum do que alguns historiadores, inclusive a NWH, gostariam de admitir. MEGILL, Allan. “Grand Narrative” and the Discipline of History. op. cit. p. 184-186. Sobre as diferenças textuais entre ficção e a história ver PIHLAINEN, Kahle. The Moral of the Story: textual differences between fact and fiction. In: *New Literary History*, vol. 33. 2002, p. 39-60.

³⁴¹ Idem. Ibidem.

³⁴² “*Okie*” é o termo usado para referir-se aos migrantes que fugiram das tempestades de areia e da erosão do solo do Oklahoma na década de 30 em direção à Califórnia. Em geral, estes retirantes simbolizaram a pobreza extrema no Oeste daquela época, já que trabalhavam muitas vezes por comida e viviam em condições de miséria extrema nos subúrbios de cidades como Los Angeles e San Diego.

³⁴³ “Steinbeck não era, contudo, uma ameaça tão grande quanto poderia ter sido porque ele nunca entendeu muito bem a sociedade hidráulica por aquilo que ela era. (...). Ele somente captou parte dela. (...). A falha em ver e descrever a figura inteira manqueou sua crítica”. WORSTER, Donald E. *Rivers of Empire*. op. cit. p. 227-228. A questão, nunca colocada por Worster, é, em minha opinião, outra: será que Steinbeck tinha realmente a intenção de decifrar o significado da sociedade hidráulica como um todo?

Neste caso, a História, representada por Worster, corrige os “excessos” e “limites” da ficção.³⁴⁴ Steinbeck, apesar de suas qualidades políticas e estilísticas, não é reconhecido como um antecessor digno da NWH, ainda que de outro tipo: pelo contrário, ele é entendido essencialmente como um autor ficcional e, por isso, passível de desconfiança e crítica por parte dos historiadores profissionais.

Patricia Limerick também policiou os limites entre “fato” e “ficção” de modo bastante contundente. Em um texto de 1993, ela afirmou existir um “Grande Cânion” entre estes dois pólos:

“I refer to the Grand Canyon running between historical studies and literary studies, between fact and fiction, between the hard and the soft, between concerns of reality and concerns of aesthetics”.³⁴⁵

Afora o fato de ter retirado romances e outros trabalhos de ficção do campo da realidade, Limerick reafirma a dicotomia e a oposição entre estes dois discursos, imaginando a ficção como algo “suave”, preocupado somente com a estética, em contraste com a História, “dura” e “real”. Ao proceder assim, ela acabou reificando as divisões que permitiram que o discurso histórico se estabelecesse como “científico”, o que era essencial para o próprio projeto da NWH, e afirmou seu próprio discurso como mais válido.

Em outro artigo publicado na coletânea “*Under an Open Sky*”, de 1992, utilizou adjetivos como “nebuloso” e “crepuscular” para referir-se à Literatura. Segundo ela, uma análise dos trabalhos de ficção produzidos sobre o Oeste direcionam o analista à periferia do trabalho aparentemente considerado como mais legítimo, sob o ponto de vista disciplinar, “*away from the daylight zone of political, economic, and social behavior and off to the twilight zone of myth and symbol*”.³⁴⁶ Mais, segundo ela, existiria uma oposição entre aqueles que lidam com “fatos” e aqueles que trabalham com “idéias”, com amplas

³⁴⁴ Idem. Ibidem. p. 229.

³⁴⁵ “Refiro-me àquela Grande Cânion que corre entre os estudos históricos e os estudos literários, entre fato e ficção, entre o duro e o suave, entre preocupações da realidade e preocupações da estética”. LIMERICK, Patricia Nelson. *What Raymond Chandler Knew and Western Historians Forgot*. op. cit. p. 28.

³⁴⁶ “Longe da zona diurna do comportamento político, econômico e social e em direção à zona crepuscular do mito e símbolo”. Idem. *Making the Most of Words: verbal activity in the American West*. In: CRONON, William; MILES, George & GITLIN, Jay (org.). *Under an Open Sky*. op. cit. p. 169.

vantagens aos primeiros, comprometidos com a “realidade” e “solidez” do conhecimento histórico.³⁴⁷ Deste modo, o estudo ou a utilização de fontes literárias como documentos históricos tinha uma conseqüência “perniciosa”:

“Once settled into the myth and symbol gallery, we frittered our time away, disputing and analyzing the meaning of **cultural artifacts that carried nearly as much significance as the Taiwan-made tomahawks for sale in southwestern ‘Indian trading posts’**”.³⁴⁸

A referência a instrumentos indígenas falsificados em um distante país asiático é bastante clara, a meu ver: ao se referir à literatura *westerner* nestes termos claramente hiperbólicos, Limerick afirmou a diferença deste tipo de produção em relação à História, especialmente do tipo imaginado pela NWH. “Ficção” é o terreno da “falsidade”, independente da qualidade ou da força narrativa dos trabalhos “analisados”, e não carregaria um significado mais amplo para a história regional e, por conseqüência, para seu devido entedimento.

Esta diferenciação radical é reforçada por Richard White, em “*It’s your Misfortune and None of my Own*”. Segundo ele, historiadores lidam com “fatos” reconhecidos como verdadeiros e a relação entre estes diferentes fatos. Escritores, ou “*mythmakers*”, para usar seus termos, utilizam-se destes fatos para “inventarem” histórias sem compromisso com a realidade e, muitas vezes, ideologicamente perigosas, na medida em que “obscureceriam” a “verdade” sobre os fatos.³⁴⁹ Por isso mesmo, White relegou o “Oeste imaginado” ao final de seu livro, já que, segundo ele, seria potencialmente confuso explorar a relação entre os “Oestes reais” e suas contrapartes “míticas” no corpo do livro. Desta maneira, coube às “representações” do Oeste o dúbio privilégio de estarem nas páginas finais da obra, numa estratégia retórica bastante clara: contrapô-las com as “verdadeiras” representações da região.³⁵⁰ Embora a análise de White seja bastante apurada, ele, de modo bastante

³⁴⁷ Idem. Ibidem. p. 171.

³⁴⁸ “Uma vez assentados na galeria de mito e símbolo, nós gastamos nosso tempo, disputando e analisando **artefatos culturais que tinham tanto significado autêntico quanto machadinhas indígenas feitas em Taiwan e vendidas em ‘postos de comércio indígena’ do sudoeste**”. Grifo meu. Idem. Ibidem. p. 173.

³⁴⁹ WHITE, Richard. *It’s your Misfortune and None of my Own*. op. cit. p. 615-616.

³⁵⁰ Idem. Ibidem.

problemático, não diferencia entre as diversas produções ficcionais sobre o Oeste e a fronteira, de maneira que obras claramente apologistas de uma visão imperialista da expansão, como *“The Virginian”* (1903), de Owen Wister, desfilam lado a lado com autores de trabalhos críticos deste tipo de interpretação, como Ivan Doig, William Kittredge e Wallace Stegner.³⁵¹ Uma vez mais, portanto, “ficção”, independente dos fins e significados destas narrativas, é pensada como sendo antitética à “História”.

Mas esta dicotomização não era somente baseada em questões teóricas e disciplinares, contudo. Existia, para além destas, um motivo bastante claro para que a NWH retirasse a legitimidade do discurso fictício em representar o “real”: a existência de um amplo *corpus* ficcional que já havia antecipado o tipo de narrativa imaginada pelos *new western historians*, de acordo com Forrest G. Robinson.³⁵²

Tomemos, por exemplo, o escritor e professor universitário Wallace Stegner, reconhecido como o “decano da literatura *westerner*”. A carreira de Stegner, nascido em 1909, começou na década de 1940 e chegou ao fim somente com sua morte, decorrente de um acidente automobilístico, em 1993. Polivalente, Stegner escreveu contos, ensaios, novelas, trabalhos de crítica literária e um que poderia, sem problema algum, ser considerado como um livro de História (a biografia do general americano John Wesley Powell e sua expedição pelo Oeste em 1869).³⁵³

Um regionalista devotado, Stegner dedicou boa parte de sua produção a desmanchar o que ela chamava de “o lado pernicioso” do mito do Oeste e a chamar a atenção para os vários problemas sociais e ambientais que afligiam a região. Em um ensaio publicado em 1966, e que avançava muitas das idéias defendidas por Limerick vinte anos mais tarde, o escritor acusava alguns de seus colegas de terem perpetuado uma visão nostálgica do passado *westerner* que os impedia de ver as conexões entre passado e presente e, por conta disso, de encontrar soluções para algumas das dificuldades regionais, entre elas a aridez e a dependência excessiva do capital do Leste. De acordo com Stegner:

³⁵¹ Idem. *Ibidem*, p. 627-629.

³⁵² ROBINSON, Forrest G. *Clio Bereft of Calliope: literature and the New Western History*. In: Idem (org.). *The New Western History*. op. cit. p. 61-98.

³⁵³ STEGNER, Wallace. *Beyond the Hundredth Meridian: John Wesley Powell and the Second Opening of the West*. Reno: University of Nebraska Press, 1954.

“The living past, having little apparent relevance to the present, became a dead past, sometimes a pool of nostalgia. (...). Fearing the loss of little tradition we have, we cling to it hard; we are hooked on history”.³⁵⁴

O resultado disso era uma literatura regional sem um presente ou, para usar suas palavras, com um “presente amputado”.³⁵⁵ Um passado amplamente idealizado e, por conseqüência, desprovido de muitos significados, acabou impedindo o surgimento de um tipo de escrita regional que pudesse encontrar conexões entre o quê foi e o quê é – sem as quais a literatura regional seria algo próximo de um carro desgovernado, poderoso, mas sem direção ou sentido.³⁵⁶

Em um romance publicado em 1971 e agraciado com o Prêmio Pulitzer no ano seguinte, “*Angle of Repose*” (“Ângulo de Repouso”), presenteou seus leitores com um épico acerca da conquista do Oeste, vista através dos olhos de dois personagens separados pelo tempo, mas ligados pelo sangue: o professor universitário aposentado Lyman Ward, da década de 1960, e sua avó, Susan Burling Ward, uma das pioneiras que atravessaram o país em direção à Califórnia em meados do século XIX.³⁵⁷ A obra é narrada por Lyman, sequioso por encontrar um significado para a experiência de sua família na região e para entender seu próprio presente conturbado. Entre outras coisas, o livro analisa a transformação de uma região fronteiriça em algo “civilizado”, as relações entre Leste e Oeste (Susan era uma nativa do estado de Nova York e saudosa da vida na Costa Atlântica) e, finalmente, entre passado, simbolizado não só por Susan, mas também por seu neto, cada vez mais incapaz de compreender os tumultuados anos 1960, e o presente, representado pelo filho de Lyman, Rodman, um universitário envolvido nos diversos protestos sociais daquela década.

Ecoando suas próprias considerações em “*History, Myth and the Western Writer*” (“História, Mito e o Escritor do Oeste”), o sub-texto de “*Angle of Repose*” é a necessidade

³⁵⁴ “O passado vivo, aparentemente tendo pouca relevância para o presente, transformou-se em um passado morto, algumas vezes uma poça de nostalgia. (...). Temendo perder o pouco de tradição que temos, nos apegamos a ela de modo violento; nós somos viciados em história”. Idem. *History, Myth and the Western Writer*. In: *The Sound of Mountain Water: the changing American West*. New York: Dove, 1989. p. 192.

³⁵⁵ Idem. *Ibidem*. p. 193.

³⁵⁶ Idem. *Ibidem*. p. 199.

³⁵⁷ Idem. *Angle of Repose*. New York: Doubleday, 1971.

de se recuperar o passado como algo *vivo* e não somente como algo que alimenta a nostalgia de *westerners* que viviam a recordar os *good old days* da fronteira e a desprezar o presente como algo intrinsecamente ruim. Stegner, através das reflexões de Lyman Ward, deseja reconectar estes dois pólos e, conseqüentemente, encontrar um significado para o presente que transcendesse as simples lamentações de velhos caubóis: *continuidade* é o mote para entender o Oeste da década de 1960, por mais apartada do século XIX que esta década pudesse parecer. Do mesmo modo, Stegner entendia que a sociedade criada além do Mississippi não era radicalmente nova, por mais excepcional que aparentasse ser. Para entender seu surgimento, era necessário entender o *processo* que levou milhões de seres humanos do Leste ao Pacífico e os numerosos laços que ligavam a Costa Atlântica às Grandes Planícies e às Rochosas. Como escreveu Richard Etulain sobre este tema, “*scratch a westerner deep enough and one will find an easterner who has carried much of her eastern cultural baggage and is forced to adjust her thinking and living to a new environment*”.³⁵⁸

Esta foi apenas uma brevíssima exposição de uma parte do trabalho de Stegner e, assim como ele, outros autores dedicaram-se a temas similares. Harold Simonson, em seu exame da literatura regional *westerner*, identificou o tema da “fronteira fechada” e seu impacto psicológico na região como sendo o principal foco dos escritores do Oeste a partir da segunda década do século XX. Segundo Simonson, a idéia de que a fronteira não mais existia e que, daquele momento em diante, a nação viveria em um “espaço fechado” representou, para os autores regionalistas, uma maneira de refletir sobre a relação entre os colonos e a terra. Não surpreendentemente, a conquista do Oeste adquire um peso, um fardo, uma tragédia revelada pelo fracasso dos fazendeiros e imigrantes e pela destruição da terra, realçada pelo fato de não existir outro lugar pra ir: a fronteira havia terminado.³⁵⁹

³⁵⁸ “Arranhe um *westerner* mais profundamente e talvez alguém encontre um *easterner*, que carregou consigo muito de sua bagagem cultural e é forçado a ajustar seu pensamento e sua vida a um novo ambiente”. ETULAIN, Richard. *Telling Western Stories*. op. cit. p. 117. “*Angle of Repose*” também problematiza a própria posição do historiador em relação ao passado, na medida em que Lyman Ward reconhece suas limitações sobre sua capacidade em encontrar um significado *definitivo* para sua experiência e a de sua família. Neste aspecto, Stegner reconhece que o passado é tão *encontrado* nas fontes, quanto é *inventado* pelo historiador.

³⁵⁹ SIMONSON, Harold P. *Beyond the Frontier: writers, western regionalism and a sense of place*. Fort Worth: Texas Christian University Press, 1989. p. 1-16.

Citando um destes autores, Ivan Doig, como exemplo, Simonson apresenta como os principais elementos de sua obra:

“The belligerent landscape of high-Montana rangeland, the government practices allowing big ranchers to subdue the small, the winters that ‘fought us again and again’ and the corresponding landscape left frozen and empty”.³⁶⁰

Da mesma maneira, como expôs Krista Comer, estes autores regionalistas (Doig, Stegner, Kittredge) escreviam narrativas que aparentemente celebravam a expansão, mas que, pelo contrário, utilizavam ironicamente os códigos consagrados pelos textos “celebratórios” para apresentar um retrato muito mais complexo, e cruel, da vida dos pioneiros.³⁶¹ Pode-se afirmar, assim, que todos aqueles temas que, segundo os revisionistas, a NWH apresentava como novos já haviam sido, de um modo ou de outro, tratados por autores de ficção. E, aqui, a relação da NWH com Stegner, para citar só um exemplo, adquire contornos bastante paradigmáticos de sua relação com esta produção.

Se Stegner já era, quando do surgimento da NWH, considerado o intelectual mais respeitado da Oeste, por que seu nome e suas obras não aparecem nos trabalhos dos *new western historians*? Por que não reconhecê-lo como um pioneiro no caminho trilhado por estes historiadores, ainda que por outras vias? A resposta para estas duas questões é dada por Forrest Robinson:

“Stegner is marginalized in the revisionist reckoning, it seems clear, because his Western story so thoroughly anticipates the

³⁶⁰ “O terreno inclemente dos pastos altos de Montana, as práticas governamentais permitindo os grandes fazendeiros subjugar os pequenos, os invernos que ‘lutou contra nós continuamente’ e a paisagem correspondente congelada e vazia”. Idem. Ibidem. p. 153.

³⁶¹ O exemplo dado por Comer é justamente um dos livros de Stegner, “*The Big Rock Candy Mountain*”, de 1943. O personagem principal da obra, o pequeno fazendeiro Bo Mason, é, num primeiro momento, o retrato do típico pioneiro que migrou ao Oeste para tentar alcançar o “sonho americano”. Mas, enquanto Bo é um homem honesto e incansável, sua ambição desmedida e seus constantes fracassos demonstram o queão frágil era o sonho de se tornar um *self made man* na fronteira. Não só isso, mas, com o passar do tempo, Bo tornou-se cada vez mais violento e cruel, alienando sua mulher e seus filhos até morrer sozinho e fracassado em uma pequena cidade fronteiriça empobrecida e quase vazia. A mensagem de Stegner é, portanto, bastante crítica: a hombridade do fronteiriço, a sua tão propalada bravura, era, no fundo, uma ameaça a ele e àqueles ao seu redor, principalmente por causa da fragilidade econômica da região. Este tinha sido um dos efeitos perversos da conquista continental na psique estadunidense. COMER, Krista. *Literature, Gender Studies and the New Western History*. op. cit. p. 104-114.

one they want to claim as their own. To properly acknowledge the startling originality of Stegner's contribution would bring with it an apparently intolerable loss of luster".³⁶²

Em outras palavras, a admissão de que suas histórias foram em grande medida antecipadas por Stegner e outros retiraria o capital intelectual da NWH e diminuiria em muito suas pretensões em afirmar-se como algo “novo” dentro do campo. Um indício disto está justamente no reconhecimento póstumo que Stegner recebeu de alguns dos *new western historians*, especialmente Worster e Limerick.

Após sua morte, Limerick publicou um artigo na MMWH, aonde finalmente reconheceu a “sabedoria” presente nos textos de Stegner, confessando que:

“Stegner was factually correct and ethically correct, and we are much in his debt because he said these things so clearly and so forcefully, before many others were saying them, or even thinking them. (...). **It is enough evidence that Stegner had the jump on the New Western History**”.³⁶³

Já Worster foi mais econômico: uma breve dedicatória em um livro seu de 1994 e o reconhecimento de que o Oeste sonhado por Stegner era o Oeste desejado pelos *new western historians*. Nada mais.³⁶⁴

No meu entender, este reconhecimento *postmortem* de Stegner aconteceu não só pela magnitude de sua obra, mas também porque, quando de sua morte, este autor já não representava nenhuma “ameaça” aos novos historiadores, que já tinham sua posição bastante consolidada dentro do universo acadêmico norte-americano. Deste modo, eles poderiam fazê-lo sem muitos riscos para seu próprio status (e capitalizar em cima desta

³⁶² “Stegner é marginalizado nos trabalhos revisionistas, parece claro, porque sua estória antecipa completamente aquela que eles querem reivindicar como sua. O devido reconhecimento da originalidade da contribuição de Stegner traria consigo uma aparentemente intolerável perda de brilho”. ROBINSON, Forrest G. *Clio Bereft of Calliope*. op. cit. p. 90

³⁶³ “Stegner estava factualmente correto e eticamente correto, e nós estamos em seu débito porque ele disse estas coisas tão clara e fortemente, antes que muitos outros as dissessem ou até mesmo as pensassem. (...). **Isto é evidência suficiente de que Stegner antecipu-se à New Western History**”. Grifo meu. LIMERICK, Patricia Nelson. *Precedents to Wisdom*. In: *Montana Magazine of Western History*, vol. 43, n. 4. Autumn, 1993. p. 65. Se Stegner se antecipu à NWH, por quê, então, ele não aparece nos trabalhos do grupo? Limerick, evidentemente, evita tratar diretamente deste assunto neste ou em outro texto.

³⁶⁴ ROBINSON, Forrest G. *Clio Bereft of Calliope*. p. 69-70.

admissão, como bem reconheceu Forrest Robinson).³⁶⁵ Ainda assim, isto não diminui o significado de seu “apagamento” nos textos dos *new western historians*. Novamente, tratava-se de escolher apenas antecessores que falharam em seus intentos de revolucionar a *Western History* ou que tinham propostas antagônicas àquelas defendidas pelos revisionistas e que, por isso, eram alvos relativamente fáceis para seus ataques. Reconhecer a existência de autores anteriores próximos às suas intenções era, assim, retirar o impacto de sua propalada novidade e diminuir seu impacto dentro e fora do campo.

Voltamos, assim, à defesa da rígida separação entre “história” e “ficção”, em qualquer uma de suas derivações, defendida pela NWH. Antes de ser uma posição pensada e defendida em um modo conscientemente teórico, ela servia mais como um instrumento de apagamento de toda uma produção intelectual anterior que, a despeito de seu caráter ficcional, antecipou muitas das preocupações consideradas “novas” pelos revisionistas. Sendo assim, ao afirmarem que somente a História (e do modo imaginado por eles) possuía a devida serventia sobre a “realidade”, e relegando todo o resto a categorias mal-definidas teoricamente (“mito”, “ficção”, “romance”, etc.), eles retiravam a legitimidade destes trabalhos e afirmavam sua própria. Transformavam, desse modo, uma mal-disfarçada e aparentemente proposital omissão intelectual em uma problemática epistemologia do conhecimento histórico.

³⁶⁵ Idem. Ibidem. p. 62.

Capítulo III. Um lugar para histórias: narrativa, espaço e as políticas da escrita na *New Western History*

“Could we ever narrativize without moralizing?” - Hayden White³⁶⁶

Após termos visto os mecanismos de autolegitimação da NWH, incluindo sua problemática “epistemologia” do conhecimento histórico, passamos, assim, para a compreensão de suas narrativas. Neste capítulo, tratarei primeiramente do entendimento que os *new western historians* tinham da “narrativa histórica”, enfatizando sua compreensão destas como “atos morais”, destinados a ter um efeito determinado na sociedade em que estão inseridas. No segundo ponto, serão as próprias narrativas compostas pelos revisionistas que serão avaliadas, na tentativa de compreender como seus enredamentos da história do Oeste possibilitam não só uma nova interpretação deste passado, mas abrem, ou não, espaço para determinados futuros imaginados pela NWH como os mais desejáveis para os Estados Unidos. Aqui, portanto, é necessário se remeter a já mencionada, mas ainda não analisada, oposição entre “região” (lugar) e “fronteira” (processo) nos textos canônicos do movimento, assim como suas próprias tensões internas.

3.1. Atores Políticos e Palavras de Luta: a *New Western History* e a narrativa histórica.

Apesar de insistirem em uma separação radical entre história e ficção e de evitarem debates teóricos mais aprofundados, os *new western historians* tinham uma preocupação bastante acentuada com o ato de se “contar uma história”. Em outras palavras, em que pese a quase ausência de uma teorização mais profunda sobre o assunto, eles aceitavam sem muitas restrições que o texto histórico possuía a forma de uma *narrativa*, com fortes implicações políticas e culturais. Deste modo, para além de suas proposições teórico-metodológicas mais pontuais, eles compreendiam muito bem a necessidade de se compor narrativas que pudessem ter o mesmo impacto cultural e a mesma força daquelas dos turnerianos, sem os quais seu projeto revisionista não poderia ser bem-sucedido. É por isso que, como colocou Robert Johnston, eles retiravam boa parte de seu capital cultural do

³⁶⁶ WHITE, Hayden. The Value of Narrativity in the Representation of Reality. In: *The Content of the Form*. op. cit. p. 25.

constante ataque e de sua contraposição a este supostamente todo-poderoso “mito do Oeste”.³⁶⁷

William Cronon foi o único *new western historian* a pensar explicitamente sobre as implicações teóricas, não somente práticas, desta posição narrativista. Em “*A Place for Stories*” (“Um Lugar para Histórias”), artigo publicado no JAH em 1992, este historiador defendeu a primazia da narrativa como a forma central do discurso histórico, independente do que alguns historiadores “cientificistas” pensavam:

“Narrative is the chief literary form that tries to find meaning in an overwhelmingly crowded and disordered chronological reality. When we choose a plot to order our histories, we give them a unity that neither nature nor the past possess so clearly”.³⁶⁸

Para Cronon, as narrativas históricas são, para além de seu status “científico”, *atos morais*, cujos desenvolvimentos são direcionados para um fim específico. Segundo ele, o fim da história, mais do que seu desenrolar, é determinante para o tipo de história que se deseja contar. Desta maneira, o historiador age essencialmente como um sujeito político na elaboração de seus enredos e na construção de significados:

“Within the field of our narratives we too – as narrators – are **moral agents** and **political actors**. (...). If our goal is to tell tales that make the past meaningful, then we cannot escape struggling over the values that define what meaning is”.³⁶⁹

³⁶⁷ JOHNSTON, Robert D. Beyond “the West”: regionalism, liberalism and the evasion of politics in the New Western History. In: *Rethinking History*, vol. 2., n. 2. June, 1998. p. 239-277.

³⁶⁸ “Narrativa é a principal forma literária que tenta encontrar significado em uma realidade cronológica imensamente abarrotada e descontínua. Quando escolhemos um enredo para ordenar nossas histórias, nós demos a elas uma unidade que nem a natureza nem o passado possuem claramente”. CRONON, William. *A Place for Stories*. op. cit. p. 1349.

³⁶⁹ “Dentro do campo de nossas narrativas nós também – enquanto narradores – somos **agentes morais** e **atores políticos**. (...). Se nossa meta é contar histórias que tornam o passado significativo, então não podemos fugir da luta acerca dos valores que definem o que é significado”. Idem. *Ibidem*. p. 1370. Grifo meu.

É justamente porque a narrativa tem esse poder moral, essa importância política, que ela se torna importante para o empreendimento dos historiadores. Uma boa história, segundo Cronon (e acho difícil discordar dele), faz com que o leitor se importe com o objeto, uma que crie um senso de ligação moral com o que foi narrado. Como agentes políticos, os historiadores precisam estar sempre atentos a isto, justamente para que os seus trabalhos tenham um impacto positivo (ou, pelo menos, aquilo que imaginam ser um impacto positivo) na sociedade em que vivem.³⁷⁰

Ainda assim, o fator político não deve, para Cronon, ser o único elemento envolvido no julgamento de uma determinada narrativa histórica. Para ele, uma boa história deveria ter “inclusão”, “profundidade” e “coerência” como fatores decisivos em sua constituição. Num “mar sem fim de histórias”, estes critérios deveriam ser levados em consideração na avaliação de uma boa história. Em outras palavras, e esse parece ser o ponto de Cronon, em que pese o fator empírico (que é sim relevante para ele), um texto histórico parece se impor mais por seu poder narrativo e por sua estrutura retórica do que pelos “dados” e “fatos” ali apresentados.³⁷¹

A compreensão de que narrativas históricas estão eivadas de um sentido moral também aparece nos textos de Worster. No epílogo de *“Under Western Skies”*, por exemplo, ele escreveu que a nação precisava de uma nova e melhor Grande Narrativa, com um novo conjunto de heróis e um senso de propósito renovado. Este passado recriado era necessário para que o Oeste, e os Estados Unidos, pudessem encarar seu futuro de um modo mais claro e consciente, escapando ao pessimismo mais extremado.³⁷²

Ainda que Worster não fosse um autor “narrativista”, e sua insistência em transformar a História numa “ciência natural” deixa isto bem claro, ele parece aceitar a idéia, intensamente repetida pelos revisionistas, que a substituição da antiga história “feliz” dos turnerianos só poderia por outra de poder similar ou maior. Neste caso, sua luta pela transformação da história do Oeste em uma tragédia é movida pelo desejo expresso nas últimas palavras de *“Beyond the Agrarian Myth”*: *“if it delivers what it promises, the new history will help the American West to become a more thoughtful and self-aware*

³⁷⁰ Idem. Ibidem. p. 1370-1372.

³⁷¹ Idem. Ibidem. p. 1371.

³⁷² WORSTER, Donald E. *A Country without Secrets*. op. cit. p. 253.

community that no longer insists on its special innocence but accepts the fact that is inextricably part of a flawed world".³⁷³ A nova história do Oeste deve fazer com que seus leitores entendam seu lugar no mundo, os limites e consequências de suas ações e, principalmente, fornecer uma história que consiga abrir um futuro mais consciente do que o passado. Se a *frontier thesis* apresentava um elogio aos velhos pioneiros, esta nova história era uma elegia a eles.

Richard White, em "*Trashing the Trails*", vai ainda mais longe do que Worster em sua análise sobre a Grande Narrativa imaginada pelos revisionistas. Segundo ele, a velha historiografia turneriana havia enredado suas histórias como "comédias", ou seja, como tendo "finais felizes" (o que Limerick chamou "história com um rosto feliz" e Worster de "história da Câmara de Comércio")³⁷⁴. Isso ajuda a explicar a ressonância que estes textos tiveram entre o público leitor: "*it is the story of a journey, a challenge and a dual transformation between land and people*".³⁷⁵ Em outras palavras, estas histórias enfatizavam a transformação da nação em algo melhor, por causa da expansão, na medida em que os pioneiros superavam adversidades em sua busca por liberdade individual e mais democracia.

Por sua vez, de acordo com White, a NWH reescrevia a história do Oeste, e do país, através dos enredos da "tragédia" e/ou da "ironia". Em geral, suas narrativas não terminam em progresso, mas com a desilusão dos pioneiros com os limites impostos pelo mundo natural, com a destruição desta mesma natureza e com as ambições não realizadas de milhões de homens e mulheres. Se, após a sua leitura, o público aprende as limitações humanas em geral, estas histórias, por outro lado, talvez não possuíssem o mesmo "vigor épico" e a "dramaticidade" dos antigos textos "triumfalistas" dos turnerianos.³⁷⁶ No entanto,

³⁷³ "Se ela entregar o que promete, esta nova história vai ajudar na transformação do Oeste norte-americano em uma comunidade mais consciente e previdente do que tem sido, uma comunidade que não insiste mais em sua inocência especial, mas aceita o fato de que é parte inexorável de um mundo imperfeito". Idem. *Beyond the Agrarian Myth*. op. cit. p. 25.

³⁷⁴ LIMERICK, Patricia. Progress or Decline: judging the history of Western expansion. In: HOLTHAUS, Gary et al (org.). *A Society to Match the Scenery: personal visions of the future of the American West*. Boulder: The University Press of Colorado, 1991. p. 43; WORSTER, Donald E. *Beyond the Agrarian Myth*. op. cit. p. 18.

³⁷⁵ "Ela é a história de uma jornada, um desafio e a transformação mútua entre terra e povo". WHITE, Richard. *Trashing the Trails*. op. cit. p. 32

³⁷⁶ Idem. *Ibidem*. p. 34-35. Embora não o nomeie diretamente, R. White parece estar usando a tipologia estabelecida por Hayden White na introdução de seu livro mais famoso, "*Metahistória*" (1973), ainda que

o próprio White recomendava que as novas narrativas almejassem o mesmo poder das dos turnerianos, já que, sem ele, elas certamente não conseguiriam substituí-las na imaginação popular. Assim, pode-se afirmar que, tendo em vista as próprias considerações dos *new western historians*, nas discussões entre eles e seus oponentes talvez mais importante do que problemas empíricos ou conceituais fosse a questão da *forma* que estas narrativas tinham de assumir para serem bem-sucedidas. Em outras palavras, pode-se argumentar que o tipo de enredamento destas novas histórias tinha um peso crucial para sua auto-definição política e disciplinar.

Este embate está claro no título de um dos artigos de Limerick, “*Progress or Decline?*” (“Progress ou Declínio?”), publicado em 1991. Ao contrário da história de um povo adentrando um continente selvagem e transformando-o em uma civilização orgulhosa de seus feitos, Limerick, com a perspicácia que lhe é peculiar, apresenta a nova:

“I was utterly convinced that Western history was **tragic**, a terrible twist on the myth of Eden. Instead of getting thrown out of Eden, Adam and Eve in this version stayed, and ruined paradise. And when God came back to check on them, He could barely recognize the place, with abandoned cars and piles of tires on fire and coal-fired electrical generating plants on the site where the tree of the knowledge of good and evil once stood, and with Adam and

com algumas modificações. Segundo H. White, “comédia” e “tragédia” seriam dois dos quatro enredos disponíveis aos historiadores para a elaboração de suas histórias. No primeiro caso, este enredo seria o da reconciliação entre as forças em jogo nos mundos social e natural, com o triunfo provisório do homem sobre o mundo ao seu redor. Já a segunda representaria algo mais obscuro: a tomada de consciência do homem diante de seu mundo, através da resignação de seu papel nele – a natureza imperfeita da humanidade é vista como algo quase insuperável. No que tange a “ironia”, contudo, R. White usa-a em termos diferentes daquele concebido pelo outro White. De acordo com este último, a ironia não seria um dos “enredos” disponíveis ao historiador, mas um dos “tropos” (isto é, os protocolos linguísticos de prefiguração do conhecimento histórico) que são *anteriores e determinam* o tipo de enredo a ser utilizado. A ironia se caracterizaria pela dúvida quanto à capacidade da linguagem em representar a realidade, sendo aquilo que H. White chama de um tropo “auto-consciente” quanto às suas próprias limitações. Apesar das diferenças de conceitualização, me parece bastante claro que a caracterização de R. White sobre as diferenças entre a NWH e seus antecessores está calcada nas teorizações de H. White. Ver WHITE, Hayden. *Metahistoria: la imaginación histórica en la Europa del siglo XIX*. México: Fondo de Cultura Económica, 1992. p. 9-50. O próprio R. White admitiu ter sido influenciado por seu quase homônimo. Ver MILNER II, Clyde A. A Historian who has changed our thinking. op. cit. p. 155-157. O conceito de “ironia” utilizado por R. White me parece, entretanto, mais próximo do de Reinhold Niebuhr, ou seja, a compreensão das consequências de uma determinada ação como sendo contrárias à intenção original do ator. Neste sentido, segundo Richard Reinitz, existe o entendimento de que os seres humanos são livres para agir no mundo, mas não são livres para determinar o resultado de seus atos. Ver REINITZ, Richard. Niebuhrian Irony and Historical Interpretation. In: CANARY, Robert H. & KOZICKI, Henry (org.). *The Writing of History: literary form and historical understanding*. Madison: The University of Wisconsin Press, 1978. p. 94-95.

Eve sitting around looking quite proud of themselves”.³⁷⁷

A resposta do título do artigo é, deste modo, respondida pela autora: a história do Oeste é de declínio – o Adão americano, e sua companheira, construíram sim uma civilização, mas ao custo da degradação ambiental, da servidão humana e da catástrofe econômica. Se os *new western historians* procuravam uma Grande Narrativa poderosa para o Oeste, a da destruição do Éden certamente preenche os requisitos básicos, até porque se alimenta das mesmas imagens das histórias que a NWH deseja ver substituídas.

Antes de prosseguir, entretanto, é necessário fazer alguns comentários teóricos mais gerais, ainda que breves, sobre a narrativa histórica, para além das considerações da NWH sobre o tema.³⁷⁸ Aqui, centrar-me-ei no que penso ser o mais importante para a compreensão dos embates entre a NWH e seus críticos (até porque isto era reconhecido pelos revisionistas): a importância da narrativa histórica como algo que constrói um *sentido moral* para o mundo, já que ao criarem um passado, se está invariavelmente abrindo um espaço para o projetar de um certo futuro, desejado ou não.

Para Hayden White, ao tramarem uma narrativa, os historiadores estruturam um conjunto de relações, através das quais os eventos são dotados de um significado como parte de algo maior (no caso da NWH, por exemplo, a destruição ambiental é entendida como estando ligada de modo umbilical à expansão capitalista).³⁷⁹ Esta dotação de sentido é, assim, relacionada a um desejo de moralizar uma determinada experiência histórica: *“narrativity is intimately related to, if not a function of, the impulse to moralize reality, that*

³⁷⁷ “Eu estava totalmente convencida de que a história do Oeste era **trágica**, uma alteração terrível do mito do Éden. Ao invés de serem expulsos do Éden, nesta versão Adão e Eva permaneceram, e arruinaram o paraíso. E quando Deus voltou para inspecioná-los, Ele mal podia reconhecer o lugar, com carros abandonados e pilhas de pneus em chamas e usinas de carvão no lugar aonde se situava a árvore do conhecimento do bem e do mal, com Adão e Eva sentados por ali, aparentemente muito orgulhosos de si mesmos”. LIMERICK, Patricia Nelson. *Progress or Decline?*. op. cit. p. 44. Grifo meu.

³⁷⁸ Não vou, entretanto, repetir a já antiga discussão sobre a narratividade (ou a falta dela) do texto histórico, realizada à exaustão na década de 80, principalmente, até porque tal tema é amplo e transcende em muito os limites deste trabalho. Vale, contudo, afirmar simplesmente o meu convencimento dos argumentos de Hayden White e Paul Ricoeur, mesmo que diferentes um do outro, sobre a estrutura inerentemente narrativa de qualquer discurso histórico, independente de suas intenções de sê-lo ou não. Ver RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa*. 3 vols. Rio de Janeiro: Papyrus, 1997 & WHITE, Hayden. *The Content of the Form: narrative discourse and historical representation*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1987. Para uma retomada mais recente deste debate, ver MUNSLOW, Alun. *Narrative and History*. London: Palgrave, 2007.

³⁷⁹ WHITE, Hayden. *The Value of Narrativity to the Representation of Reality*. op. cit. p. 9.

is, to identify it with the social system that is the source of any morality we can imagine".³⁸⁰ Como outro autor, Allan Megill, também descreve: "*narrative is intimately connected to the process individuals and groups make sense of themselves – even define themselves*".³⁸¹

Alun Munslow, citando o historiador britânico Beverley Southgate, também defende a idéia de que um determinado modo de tramar uma história abre espaço para um futuro imaginado e, por causa disso, a história é essencialmente uma atividade moralizante.³⁸² Este é um dos motivos pelos quais conflitos historiográficos sobre temas candentes, como a história do Oeste, tomam proporções bastante dramáticas, principalmente porque, como colocou Robert Berkhofer, eles envolvem reflexões sobre as "lições" a serem retiradas de enredamentos diferentes.³⁸³

Ao escolher o centro de suas atenções, quais personagens e agentes enfatizar, quais eventos privilegiar e sobre os quais silenciar, o historiador está, em última instância, ordenando acontecimentos que não possuíam um sentido *a priori*. O enredo transforma um conjunto de materiais em uma estrutura narrativa significativa. Em todos os casos, o enredamento de uma narrativa abrange sub-enredos e temas subordinados à intriga principal, na medida em que a história é desenvolvida através de uma série de estratégias narrativas.³⁸⁴ Desta maneira, como colocou Alun Munslow, disputas historiográficas são menos sobre o que teria "realmente acontecido" e mais sobre como enredar o passado ou quais teorias e "leis" devem ser invocadas para explicá-lo.³⁸⁵

Com isto em mente, pode-se pensar nestas narrativas sobre o Oeste como sendo "palavras de luta", para usar a expressão de William Devereaux, em que o significado de sua

³⁸⁰ "Narratividade está intimamente relacionada, se não for uma função do, ao impulso de moralizar a realidade, isto é, de identificá-la com o sistema social que é a fonte de qualquer moralidade que possamos imaginar". Idem. *Ibidem*. p. 14.

³⁸¹ "A narrativa está intimamente ligada ao processo pelo qual os indivíduos e grupos se entendem – até mesmo se definem". MEGILL, Allan. Does Narrative Have a Cognitive Value of its Own? In: *Historical Knowledge, Historical Error*. op. cit. p. 72.

³⁸² MUNSLOW, Alun. *Narrative and History*. op. cit. p. 43. Outro autor, Richard Vann, escreveu recentemente que a operação historiográfica é uma atividade moralizante do início ao fim, da seleção do tema e das fontes até a sua transformação em uma narrativa e principalmente nesta última etapa. O modo como o historiador enreda suas histórias, o que ele chama de "escolha de gêneros", é determinante para o tipo de "avaliação moral" que deseja passar, em maior ou menor grau. Ainda assim, *nenhum* texto historiográfico está livre deste âmbito moral (e nem Vann deseja isto). VANN, Richard T. *Historians and Moral Evaluations*. In: *History and Theory*, theme issue 43. December, 2004. p. 3-30.

³⁸³ BERKHOFER, Robert F. *Beyond the Great Story*. op. cit. p. 129.

³⁸⁴ Idem. *Ibidem*. p. 118.

³⁸⁵ MUNSLOW, Alun. *Deconstructing History*. London: Routledge, 2001. p. 159.

história é dado principalmente em termos políticos: “*the determination of significance is a dramatic contest. (...) Simply put, western significance is no mild thing; as much as it is thought about, it is fought about*”.³⁸⁶ Esta significância é um palco de lutas justamente por causa do peso político que uma narrativa histórica carrega consigo. Este âmbito político (ou ideológico, como preferirem) projeta, de acordo com Hayden White, a presunção do historiador sobre a posição particular sobre a questão da natureza do conhecimento histórico e as implicações que podem ser derivadas do estudo dos eventos passados para a compreensão do presente.³⁸⁷

As implicações políticas das narrativas históricas tomam uma importância ainda maior se considerarmos o discurso histórico como uma prática social, ou seja, como parte do mundo acadêmico e político mais amplo do que os limites da disciplina, o que, aliás, era defendido pela própria NWH. Por isso, como afirmou Berkhofer, é importante confrontarmos a política das representações históricas, entendidas não só como as mensagens políticas explícitas ali contidas, mas também como as possíveis implicações disciplinares e sociais de um determinado passado imaginado.³⁸⁸ De acordo com Berkhofer, a determinação das “políticas da escrita” deve:

“Consider the politics of interpretation as an intellectual process as well as what politics show up in those interpretations, the politics behind certain methods as well what politics are explicit in the results of those methods, the politics of historical methodology in general as well as what is fostered by that methodology”.³⁸⁹

³⁸⁶ “A determinação de significado é uma luta dramática. (...). Resumidamente, a significância do Oeste não é algo fácil; assim como se pensa sobre ela, se luta por ela”. DEVERELL, William. *Fighting Words: the significance of the American West in the history of the United States*. In: *The Western Historical Quarterly*, vol. 25, n. 2. Summer, 1994. p. 187.

³⁸⁷ WHITE, Hayden. *Metahistoria*. op. cit. p. 33. Mais adiante, White argumenta que as implicações morais de um determinado argumento histórico devem ser extraídas da relação que o historiador presume que existiu, dentro do conjunto feitos em consideração, entre o enredo da narrativa e a forma de argumentação oferecida como explicação explícita do conjunto de acontecimentos. Idem. *Ibidem*. p. 36.

³⁸⁸ BERKHOFFER, Robert F. *Beyond the Great Story*. op. cit. p. 202.

³⁸⁹ “Considerar as políticas da interpretação enquanto um processo intelectual assim como quais políticas aparecem nestas interpretações, as políticas por trás de certos métodos assim como nas políticas explícita no resultado destes métodos, as políticas da metodologia histórica em geral assim como aquilo que é defendido por esta metodologia”. Idem. *Ibidem*. p. 209.

Se seguirmos as considerações (pertinentes, a meu ver) expostas acima, então podemos argumentar que, de fato, existe algo maior do que uma simples discussão entre métodos e dados factuais em relação à NWH, ou um mero desejo de “reescrever” a história norte-americana para “corrigir” a historiografia anterior. No cerne do projeto dos *new western historians* está uma vontade de resignificar *moralmente* a história dos Estados Unidos. É por isso que estão quase ausentes deste debate questões relacionadas a fatos específicos ou a novas fontes e métodos. Elas aparecem, mas são marginais. O que é recorrente, nas defesas da NWH e nos ataques a ela, são os elementos políticos e morais envolvidos nesta reescrita da história do Oeste.

Neste ponto, voltamos, assim, à necessidade de se entender o quê os *new western historians* estavam narrando e suas consequências para a história do Oeste e para sua própria “moralização da realidade”, para usar o termo de H. White citado acima. Cabe ir aos textos canônicos da NWH com uma série de perguntas: como a nova narrativa escrita por eles moraliza o passado do Oeste? Como esta narração se conforma aos seus futuros imaginados? Elas são adequadas ou contraproducentes à sua visão do porvir? Quais são as tensões entre os “Oestes” imaginados pelos revisionistas? Será que elas realmente se afastam tanto assim das histórias que pretendem criticar? Dentre estas interpretações, quais são as que melhor explicam o Oeste, ao mesmo tempo em que abrem espaço a um futuro melhor do que o presente? Tentarei responder a estas indagações nas próximas páginas.

3.2. Capitalismo, Democracia e as Ironias do Oeste: “geografia da esperança” ou “destino inescapável”?

Um dos principais elementos da NWH é, como vimos, sua defesa de uma história regionalista para o Oeste. Ao considerá-lo como uma região bem delimitada geográfica e historicamente, os revisionistas imaginavam poder superar a antiga historiografia turneriana, focada na fronteira e sua marcha pelo continente. Segundo Limerick, ao fazê-lo, a NWH devolveria ao Oeste suas especificidades, pondo-o no centro de suas narrativas e não mais nas margens impostas por uma história centrada na “fronteira”. Neste caso, tratava-se tanto de “corrigir” as interpretações anteriores, dando ao Oeste a atenção que supostamente não

havia recebido, como de definir o Oeste como uma “comunidade imaginada” fundamentada em uma identidade multicultural e ecologicamente sustentável.³⁹⁰ Segue o autor: “*the West was and continues to be important, at least in part, because its past and present teach the fundamentally multicultural and environmentally grounded character of American society*”.³⁹¹

Essa tentativa de construir o Oeste como uma “comunidade imaginada” aonde as falhas da democracia norte-americana poderiam ser superadas em prol de uma convivência comum está clara no último capítulo de “*The Legacy of Conquest*”. Sintomaticamente intitulado “o fardo da história do Oeste”, ele funciona como uma conclusão acerca do legado do conquista e seus efeitos no mundo contemporâneo:

“In a region shaped by conquest, each arriving group or individual posed the question anew: who was a legitimate westerner and who had a right to share in the benefits of the region? How were people to sort themselves out, and stay sorted, when the cast of characters never stabilized?”³⁹²

Neste sentido, a história do Oeste, reescrita de acordo com o “paradigma” regionalista de Limerick, deveria funcionar como um modo de superar esta questão sobre a legitimidade, ou a falta dela, de uma certa identidade *westerner*. Como um intelectual público, cabia ao historiador agir como um intermediário entre os diversos grupos em conflito, para que finalmente pudesse se alcançar uma comunidade realmente democrática. De fato, o parágrafo final de “*The Legacy of Conquest*” é explícito quanto a isto:

“Indians, Hispanics, Asians, blacks, Anglos, businesspeople, workers, politicians, bureaucrats, natives, and newcomers, we share the same region and its history, but we wait to be introduced. The serious exploration of the historical process that made us neighbors provides that introduction”.³⁹³

³⁹⁰ KEARNS, Gerry. *The Virtuous Circle of Facts and Values in the New Western History*. op. cit. p. 400.

³⁹¹ Idem. *Ibidem*.

³⁹² “Em uma região moldada pela conquista, cada grupo ou indivíduo recém-chegado apresentava novamente a questão: quem era um legítimo *westerner* e quem tinha o direito de compartilhar dos benefícios da região? Como as pessoas deveriam compreender-se, e permanecer compreendidas, quando o elenco de personagens nunca se estabilizava?”. LIMERICK, Patricia Nelson. *The Legacy of Conquest*. op. cit. p. 348.

³⁹³ “Índios, hispânicos, asiáticos, negros, anglos, empresários, trabalhadores, políticos, burocratas, nativos e recém-chegados, nós compartilhamos a mesma região e a sua história, mas esperamos para ser apresentados.

Este é o âmbito político de sua síntese, portanto: “*the central normative concern of Limerick’s work is with citizenship, and she seeks to ground the claims of citizenship in an avowedly regional political community*”.³⁹⁴ A esperança da autora é a de que a história compartilhada por estes indivíduos, e a sua compreensão dela, possa servir como um modo de superar exclusivismos políticos e econômicos e abrir caminho para um futuro mais democrático, social e politicamente, para o Oeste e, como consequência, para a nação. Comentando sobre este âmbito de seu trabalho, Limerick, não sem certa ironia amarga, escreveu que esta identidade regional renovada poderia:

“Give westerners a bridge across the canyons of ethnic and gender inequality. In its furthest reaches of hopefulness, *The Legacy of Conquest* walked right up to the edge of this proposition: if people from backgrounds of material abundance took seriously the histories of people from backgrounds of scarcity, the privileged people would redistribute their wealth, pay equitable wages and forswear economic advantage”.³⁹⁵

Não existe, assim, nada de muito radical no trabalho de Limerick, na medida em que ela busca unificar histórias consideradas divergentes (sob o ponto de vista de suas *escritas*, não do processo histórico em si) em uma única narrativa, com o propósito claro de encontrar algum tipo de norte para o futuro.³⁹⁶ Para ilustrar esta intenção, Limerick usa uma metáfora particularmente interessante, em que compara sua história com um sistema de metrô. Cada

A exploração séria do processo histórico que nos fez vizinhos providencia esta introdução”. Idem. Ibidem. p. 349.

³⁹⁴ “A principal preocupação normativa do trabalho de Limerick é com a cidadania, e ela busca embasar as reivindicações de cidadania em uma declarada comunidade política regional”. KEARNS, Gerry. *The Virtuous Circle of Facts and Values in the New Western History*. op. cit. p. 400.

³⁹⁵ “Dar aos westerners uma ponte através dos cânions da desigualdade étnica e de gênero. Em suas maiores esperanças, *The Legacy of Conquest* foi até o limite desta proposição: se pessoas de contextos de abundância material levassem a sério as histórias de pessoas de contextos de pobreza, os privilegiados redistribuiriam sua riqueza, pagariam salários decentes e condenariam a vantagem econômica”. LIMERICK, Patricia Nelson. *The New Significance of the American West*. In: MILNER II, Clyde A (org). *A New Significance: re-envisioning the history of the American West*. op. cit. p. 62.

³⁹⁶ Levando em consideração o ataque que Limerick faz à “histórias arbitrárias” sobre o Oeste (citadas acima), cabe aqui perguntar: será que a unificação de todas estas histórias, esta busca por “coerência” não é ela também arbitrária? Acredito que sim.

estação tem seu próprio centro, como histórias paralelas, mas o sistema está conectado a algo unificado e coerente:

“What ‘system’ united Western history? Minorities and majority in the American West occupied common ground – literally. A contest for control of land, for the labor applied to the land, and for the resulting profit set the terms of their meeting. Sharing turf, contesting turf, surrendering turf, Western groups, for all their differences, took part in the same story. Each group may well have had its own, self-defined story, but in the contest for property and profit, those stories met.”³⁹⁷

Em outras palavras, através desta síntese coerente e apesar de suas afirmações em contrário, Limerick parece menos preocupada em fornecer uma nova história radicalmente diferente das anteriores, do que em incluir novos atores a uma história comum de construção da democracia norte-americana. Deste modo, sua narrativa pode ser entendida como sendo uma de desejos frustrados por uma democracia incompleta, mas ainda sim capaz de realizar as promessas inerentes a ela.

Um dos temas fundamentais de “*The Legacy of Conquest*” é o da *negação* (“*denial*”). Para Limerick, um dos princípios recorrentes da história do Oeste era a negação de que os atos de alguém pudessem ter algum efeito negativo, fosse sobre este mesmo alguém, outrem ou no meio-ambiente. Não só isso, os próprios resultados práticos de suas ações eram negados ou, pelo menos, minimizados. Deste modo, os *westerners*, mesmo dependendo do governo federal para quase tudo (segurança, transporte, subsídios para a agricultura, etc.), podiam, por exemplo, afirmar sua independência e sua liberdade em relação ao Leste, ainda que, na prática, estivessem na categoria de “colonizados”.³⁹⁸ Da mesma maneira, uma das diversas ironias desta negação estava na própria relação entre os colonos brancos, os nativos e Washington. Se por um lado, os pioneiros alimentavam a

³⁹⁷ “Qual ‘sistema’ unificava a história do Oeste? Minorias e maiorias no Oeste ocupavam um terreno comum – literalmente. Uma competição pelo controle da terra, pelo trabalho aplicado à terra e pelo lucro resultante estabeleceram os termos deste encontro. Dividindo terreno, disputando terreno e entregando terreno, os grupos do Oeste, a despeito de todas as suas diferenças, tiveram parte na mesma história. Cada grupo pode ter tido a sua própria, auto-definida, história, mas na competição por propriedades e lucro, estas histórias se encontraram”. Idem. *The Legacy of Conquest*. op. cit. p. 292.

³⁹⁸ O terceiro capítulo de “*The Legacy of Conquest*” é sintomaticamente intitulado “Negação e Dependência”. Idem. *Ibidem*. p. 88-95.

idéia de sua bravura e auto-suficiência na luta contra os indígenas, por outro, nos diz Limerick:

“Local Indian hostilities were a mixed blessing; forts and soldiers meant markets for local products and business for local merchants. Similarly, once conquered and dependent on rations, Indians on reservations became a market for local grain and beef”.³⁹⁹

Na lógica perversa das ironias da história do Oeste narrada por Limerick, portanto, a “domesticação dos selvagens” funcionava como um dos modos de garantir mercado para os conquistadores, assim como a tão odiada presença federal. No entanto, a negação desta dependência produziu a idéia de um Oeste tanto auto-suficiente quanto explorado ao extremo, dependendo de quem estava falando.⁴⁰⁰

Mas, se aqui esta negação adquire contornos irônicos, em outros momentos ela adquire proporções trágicas, principalmente no que tange ao fracasso de milhares e milhares de pioneiros. Em geral, e Limerick é bastante persuasiva neste ponto, os imigrantes que se estabeleciam naquela região eram trabalhadores assalariados, empregados tanto na agricultura e pecuária, quanto nas industriais locais (mineração e extração de madeira, principalmente). A dependência de empreendimentos tão volúveis acarretou numa das piores características do Oeste moderno: os chamados ciclos “*boom-and-bust*”, com inúmeros *westerners* arruinados pela contração econômica que se seguia à euforia da descoberta de um novo veio de ouro ou de uma nova pastagem para o gado.⁴⁰¹ A sazonalidade da economia do Oeste era uma das consequências mais brutais, segundo Limerick, da negação em compreender os limites naturais impostos aos homens e em buscar um desenvolvimento sustentável.⁴⁰²

A narração da história do Oeste como sendo uma de choques, conflitos e esperanças frustradas é, assim, uma maneira de tornar o público mais consciente sobre os erros do

³⁹⁹ “As hostilidades dos índios locais eram uma benção dupla; fortes e soldados significavam mercados para produtos locais e negócios para comerciantes locais. De modo similar, uma vez conquistados e dependentes de rações, os índios em reservas se tornavam mercado para os grãos e carnes locais”. Idem. Ibidem. p. 82.

⁴⁰⁰ Idem. Ibidem. p. 83.

⁴⁰¹ Idem. Ibidem. p. 105-110.

⁴⁰² Idem. Ibidem. p. 132-133.

passado, justamente para se terminar com esta amnésia coletiva. Em um texto sobre cidades-fantasma, Limerick expôs as ambições políticas de sua escrita da história em uma maneira bastante clara:

“We can challenge the assumption that failure is cause for embarrassment and evasion and not for education. Why not lead the nation in the design and construction of other dreams, other ambitions, other models of the good life, rather than the ones that have driven western American history up to this point?”⁴⁰³

Desta maneira, essa narrativa funcionava como um modo enfatizar a possibilidade de redenção sobre estes mesmos erros e a construção de um futuro mais promissor.⁴⁰⁴ Aqui, portanto, se percebe melhor as implicações morais explícitas do enredo imaginado por Limerick, na medida em que o reconhecimento do aspecto falho da conquista do Oeste representaria um acordo com o passado e, quem sabe, a construção de cidadãos mais conscientes sobre seu papel na comunidade imaginada pela historiadora:

“We may be going to hell in a handbasket, but the company and the opportunity for conversation are both excellent in that journey. (...). It still seems to me that if we make that conversation frank and direct and open, and if we face up fully to the decline as well as the progress recorded in Western history, we may be able to change the direction of our collective vehicle, or at least to slow it down and give ourselves more time to talk”.⁴⁰⁵

⁴⁰³ “Nós podemos desafiar a suposição de que o fracasso é causa para embaraço e evasão e não para educação. Por que não levar a nação ao desíngio e construção de outros sonhos, outras ambições, outros modelos da boa vida, ao invés daqueles que levaram à história do Oeste norte-americano a este ponto?”. Idem. *Haunted by Rhyolite: learning from the landscape of failure*. In: *American Art*, vol. 6, n. 4. Autumn, 1992. p. 38.

⁴⁰⁴ MITCHELL, Don. *Writing the Western: new western history's encounter with landscape*. In: *Ecumene*, vol. 5, n. 1. January, 1998. p. 10.

⁴⁰⁵ “Nós podemos estar indo para o inferno em uma cesta, mas a companhia e a oportunidade para o diálogo são ambas excelentes nesta jornada. (...). E me parece que se conversarmos de modo franco, direto e aberto, e se encarmos de frente o declínio assim como o progresso da história do Oeste, talvez possamos mudar a direção de nosso veículo coletivo, ou pelo menos diminuir sua velocidade e dar a nós mesmos mais tempo para o diálogo”. LIMERICK, Patricia. *Progress or Decline?*. op. cit. p. 50

Esta é, evidentemente, uma preocupação notável, mas, ao contrário do que pensava Limerick, estava longe de ser nova. Wallace Stegner já havia se referido ao Oeste como a “geografia da esperança”⁴⁰⁶, graças à sua possível capacidade em regenerar a democracia estadunidense.⁴⁰⁷ Mais uma vez, o Oeste é visto como o contraponto do Leste⁴⁰⁸, o lugar onde as promessas de um futuro regenerado para um Estados Unidos corrompido podem finalmente serem realizadas; a falha em fazê-lo representará o fracasso último do país – o *American West* é a última esperança para a nação. Apesar de suas intenções mais explícitas, Limerick parece conformar seu enredo à idéia de que, dentro da nação, o Oeste era algo excepcional e dotado de uma “essência” que o separava do resto país, fosse como o “ponto de encontro” de grupos diferentes, fosse como o lugar onde a democracia norte-americana pudesse tornar-se mais autêntica, já que esta mesma condição excepcional podia autorizar a construção da “cidadania” em bases mais amplas. Neste caso, o Oeste voltava a ser a parte mais democrática do país, mas, enquanto os turnerianos projetavam esta democracia no passado, Limerick a busca no futuro.

Donald Worster também compartilhava desta busca por uma essência, embora sua preocupação política fosse menos a cidadania e o encontro de um meio-termo entre os diferentes grupos sociais do Oeste, do que a construção de um novo *ethos* em relação ao meio-ambiente regional. Como escreveu Kearns:

“Worster is opposed to the human domination of nature. He believes that being in harmony with nature would promote a natural egalitarianism and a form of social solidarity

⁴⁰⁶ O termo foi cunhado por Stegner na sua famosa “Carta da *Wilderness*”, em 1961. De acordo com ele, a preservação ambiental no Oeste e a necessidade de um desenvolvimento econômico sustentável não só eram necessários para a sobrevivência da região, mas para que os norte-americanos dessem um exemplo a si mesmos e ao resto do mundo sobre a necessidade de proteção da natureza. Para Stegner, a existência destes espaços naturais representaria a “geografia da esperança”, isto é, o reconhecimento material e simbólico da capacidade humana de existir em harmonia com o meio-ambiente. Com o passar dos anos, o próprio Stegner retomou este termo para definir a possibilidade de regeneração moral que o Oeste poderia fornecer ao resto dos Estados Unidos, recuperando, assim, o velho tema da oposição entre o “Oeste regenerador” e o “Leste corrompido”. Ver STEGNER, Wallace. Coda: *Wilderness Letter*. In: *The Sound of Mountain Water*. op. cit. p. 144-156 & Idem. *The Geography of Hope*. In: HOLTHAUS, Gary et al (org.). *A Society to Match the Scenery*. op. cit. p. 218-229.

⁴⁰⁷ Sobre isto, ver KLEIN, Kerwin Lee. *Frontiers of Historical Imagination*. op. cit. p. 36-58.

⁴⁰⁸ Limerick, como bem percebeu David Weber, também subscreve-se à velha idéia do Oeste como “uma terra de oportunidade”, ainda que bastante matizada pelos fracassos de boa parte dos pioneiros. Isto não significa, entretanto, que esta noção não seja “vagamente turneriana”. WORSTER, Donald et alli. “The Legacy of Conquest”, by Patricia Nelson Limerick: a panel of appraisal. op. cit. p. 316.

rooted in the recognition of ecological interdependence.”⁴⁰⁹

Na Grande Narrativa que perpassa os principais textos de Worster, a história do Oeste é uma tragédia ambiental, causada, principalmente, pelo que ele chama de “*ethos* capitalista” em relação à natureza, típica dos Estados Unidos e caracterizado por uma relação instrumental diante do mundo natural. A Terra estaria à disposição dos homens para ser usada como eles achassem melhor; ela não seria nada mais do que uma infindável fonte de recursos para o consumo.⁴¹⁰ Isto, segundo Worster, teve dois resultados básicos, um que poderia ser chamado de *ideológico*, e outro *prático*.

O primeiro teria sua expressão maior no “mito da fronteira” e na idéia de um continente virgem à espera dos colonizadores. Aqui, a narrativa, segundo Worster, seria ascendente, a celebração do domínio da natureza pelo homem, graças ao trabalho árduo e sua capacidade tecnológica.⁴¹¹ Este mito teria legitimado a dominação prática do mundo natural, na medida em que, segundo ele, embasou a construção de uma sociedade onde seu domínio não só era desejável, mas necessário para a grandeza da nação. Daí para a emergência da “sociedade hidráulica” do Oeste, com sua ambição em remodelar completamente o ambiente árido do Grande Deserto Americano, foi um passo.⁴¹²

A intenção política de Worster, me parece, é construir uma visão alternativa para o futuro dos Estados Unidos, que não dependesse do controle artificial dos recursos naturais e do desejo de moldá-los às demandas cada vez mais absurdas de uma nação acostumada a um nível de consumo desarrazoado. Caso os norte-americanos continuassem alimentando seu ímpeto destrutivo, uma catástrofe ambiental seria seu destino inevitável. Daí sua insistência no que ele chama de “*adaptação genuína*”:

“When both the identity of self and community become indistinguishable from that

⁴⁰⁹ “Worster se opõe à dominação humana da natureza. Ele acredita que estar em harmonia com a natureza promoveria um igualitarismo natural e uma forma de solidariedade social enraizada no reconhecimento da interdependência ecológica”. KEARNS, Gerry. *The Virtuous Circle of Facts and Values in the New Western History*. op. cit. p. 386.

⁴¹⁰ WORSTER, Donald. *The Dust Bowl*. op. cit. p. 6.

⁴¹¹ Idem. *Beyond the Agrarian Myth*. op. cit.

⁴¹² Idem. *Rivers of Empire*. op. cit. p. 7-8.

of the land and its fabric of life, adaptation follows almost instinctively. (...). This is genuine adaptation, and it implies much more than shallow managerial skill. It comes from having a sense of place, which is at once a perception of what makes a piece of land function as it does and a feeling of belonging to and sharing in its uniqueness”.⁴¹³

Um retorno a uma economia sustentável e responsável seria, assim, o único caminho possível para a superação da degradação ambiental e a dominação não só da natureza, mas do homem pelo homem, já que, segundo Worster, esta era o resultado lógico daquela.⁴¹⁴ Ainda que, como lembrou Gerry Kearns, Worster não tenha oferecido uma descrição detalhada do tipo de economia política que desejava ver no lugar do capitalismo⁴¹⁵, me parece que ele usava suas histórias para defender um tipo de retorno a comunidades descentralizadas e auto-governáveis, em contato direto com a produção e com a terra.⁴¹⁶ De acordo com Kearns, “*this value orientation informs a normative conception of democracy and autonomy that presents big government ad laissez-faire as the twin evils sustaining the imperial view of nature*”.⁴¹⁷ Somente com o fim da sociedade hidráulica uma verdadeira autonomia política e uma relação mais responsável com a natureza poderiam surgir.

Existe, contudo, um problema inerente às interpretações de Limerick e Worster, de acordo com Robert Johnston⁴¹⁸, que ameaça inviabilizar justamente o tipo de futuro que ambos esperam ver concretizados. No caso de Worster, o paradoxo está na sua conceitualização da “sociedade hidráulica” como sendo um poder monolítico e quase onipresente, capaz de sufocar qualquer tentativa de resistência a ele. Suas metáforas para o

⁴¹³ “Quando tanto a própria identidade quanto a da comunidade são indistinguíveis daquela da terra e seu tecido de vida, adaptação segue quase instintivamente. (...) Isto é adaptação genuína, e isso implica muito mais do que uma simples capacidade de gerenciamento. Ela vem da posse de um sentido de lugar, que é ao mesmo tempo uma percepção de como funciona um pedaço da terra e um sentimento de pertencimento e compartilhamento de sua unicidade”. Idem. *The Dust Bowl*. op cit. p. 164.

⁴¹⁴ Idem. *Rivers of Empire*. p. 22.

⁴¹⁵ O socialismo, ao menos nos moldes imaginados pelos marxistas, também estaria fora de questão para Worster. Ainda que este sistema desejasse o fim da dominação do homem pelo homem, mantinha intacta a idéia de uma dominação total da natureza. Idem. *Ibidem*. p. 26.

⁴¹⁶ KEARNS, Gerry. *The Virtuous Circle of Facts and Values in the New Western History*. op. cit. p. 388.

⁴¹⁷ “Esta orientação de valores informa uma concepção normativa de democracia e autonomia que apresenta o governo grande and *laissez-faire* como os gêmeos malignos da visão imperial da natureza”. Idem. *Ibidem*. p. 388.

⁴¹⁸ JOHNSTON, Robert D. *Beyond “the West*. op. cit. p. 240.

governo em “*Rivers of Empire*” são consistentemente monárquicas: “reinado”, “dominação”, “império”, etc.. Os *westerners* modernos vivem, assim, em uma “armadilha”, em um “destino” que lhes foi transmitido de modo quase inexorável:

“History is always easier to understand than it is to change or to escape. In the case of the West, a reversal of past trends must be regarded as small possibility – and nothing more than that. Long the mythic land of new beginnings, it is now a region encased in the past. What has been done there with water and land over the past century and a half has had consequences for the people as well. It has handed them a fate, and there will be no quick release from it”.⁴¹⁹

Apesar de seu desejo de uma “radical devolução do poder às pessoas comuns do Oeste”⁴²⁰, a narrativa de Worster conclui, portanto, que não existe uma saída à sua triste sina de dominação da região. A população *westerner* é apresentada como sendo movida somente por uma ambição desenfreada e pequenas resistências locais contra o poder monolítico dos burocratas e dos capitalistas estão completamente ausentes de sua história.⁴²¹

Embora pareça, a primeira vista, estar analisando o conflito entre classes sociais e grupos no Oeste moderno, Worster está, na verdade, narrando a vitória acapachante do capitalismo sobre todas as outras possibilidades, nem tanto pelas qualidades intrínsecas do primeiro, mas pela quase inexistência destas últimas. Como aduz Johnston: “*Worster sees in the West an almost completely unrelenting hegemony of bureaucratic capitalism. He therefore excludes from the past meaningful conflict between social groups or moral*

⁴¹⁹ “É sempre mais fácil compreender a história, do que é mudá-la ou escapá-la. No caso do Oeste, um retorno a tendências passadas deve ser considerada somente como uma pequena possibilidade – e nada mais do que isso. Durante muito tempo a terra mítica dos novos começos, ele é agora uma região enquadrada no passado. O que foi lá foi feito com a água e a terra em um século e meio também teve consequências para o povo. Isto lhes legou um destino e não existe uma rápida saída dele”. WORSTER, Donald. *Rivers of Empire*. p. 329.

⁴²⁰ Idem. Idem. p. 333.

⁴²¹ Worster não perde a oportunidade de criticar a “massa” *westerner* por sua “incapacidade” de resistir ou seu aceite passivo de sua própria dominação, por sua “ambição desenfreada” e por sua “imbecilidade”. Diante de tal representação das “pessoas comuns do Oeste” não é de se espantar que a narrativa de Worster não deixe nenhum espaço aberto à possibilidade de mudança na região. Idem. *Ibidem*. p. 6-7; p. 57-58.

visions”.⁴²² Para um historiador preocupado em criar alternativas ao atual estado das coisas no Oeste, Worster acabou criando uma história onde tais alternativas são impossíveis e a ação política de resistência, inútil.

Um dos motivos, a meu ver, para esse paradoxo é justamente a tentativa de Worster de reverter completamente a tese de Turner: se o Oeste da *frontier thesis* é democrático por excelência, a região imaginada por Worster precisa ser anti-democrática e monolítica em sua cultura política capitalista.⁴²³ Além disso, segundo Johnston:

“Although regional frameworks may not inherently have to exclude conflict, the apparent necessity for a fundamental unity in regionalism discourages analytical attention to messy matters of contest, resistance and contingency”.⁴²⁴

O problema jaz, portanto, na tentativa de Worster em criar um Oeste bem definido em termos regionais para contrapor-se à tese turneriana. Esse “Oeste”, entretanto, só poderia vir à tona caso fossem desconsiderado tudo aquilo que não se encaixa no padrão da “sociedade hidráulica” analisada pelo historiador. Na construção de um Oeste rígido em seus limites geográficos e históricos, ele acabou criando, de acordo com Johnston, uma região que tornava-se quase ahistórica em suas continuidades e características sócio-econômicas e ambientais.⁴²⁵

⁴²² “Worster vê no Oeste uma quase completamente inexorável hegemonia do capitalismo burocrático corporativo. Assim, ele exclui do passado conflitos significativos entre grupos sociais e visões morais”. JOHNSTON, Robert D. *Beyond “the West”: regionalism, liberalism and the evasion of politics in the New Western History*. op cit. p. 248.

⁴²³ Kerwin Klein, seguindo as considerações de Edward Said, mostra como o argumento de Worster acaba naturalizando alguns dos códigos raciais e estereótipos negativos tradicionalmente atribuídos aos orientais, como, por exemplo, os epítetos de “despótico”, “estagnado” e “corrupto”. Neste sentido, o Oeste não poderia ser a parte mais democrática da América, como acreditava Turner, porque é a sua parte mais *oriental*. Era preciso, portanto, “desorientar” (civilizar) a região para que ela pudesse escapar a esta triste sina. A despeito de sua intenção radical, “*Rivers of Empire*” seria, para Klein, portador de uma visão histórica marcadamente etnocêntrica e reprodutora de preconceitos. Ver KLEIN, Kerwin Lee. *Reclaiming the “F” Word*. op. cit. p. 210.

⁴²⁴ “Ainda que estruturas regionais não precisem inerentemente excluir conflito, a necessidade aparente de uma unidade fundamental no regionalismo desencoraja atenção analítica a assuntos problemáticos de disputa, resistência e contingência”. JOHNSTON, Robert D. *Beyond “the West”*. op. cit. p. 250.

⁴²⁵ Idem. *Ibidem*. É por isso, por exemplo, que Worster deixa de lado os Populistas e outros movimentos agrários radicais em suas análises. A simples menção destes, e de seus programas reformadores (que, entre outras coisas, demandavam um acesso mais democrática à terra e à água), ameaçaria a imagem estática desta sociedade hidráulica como algo monolítico e onipresente. A saída de Worster só poderia ser, portanto,

A situação é bastante similar na obra de Limerick. O primeiro ponto problemático é a insistência da historiadora em encontrar elementos de continuidade que transcendessem supostas mudanças históricas, o “*unbroken past*” da região. O resultado, segundo Johnston, é a negação de qualquer transformação significativa na região, de modo que os *westerners* do século XX continuam dominados pelos mesmos padrões econômicos e sociais desiguais do século XIX.⁴²⁶ Ainda que ela não seja tão explícita quanto Worster, não é impossível detectar, por trás desta ênfase na continuidade, um “destino” contra o qual é difícil de lutar. Uma sina possível seria, se meu julgamento estiver correto, a repetição contínua de ironias durante toda a história do Oeste moderno: pioneiros viajam a região com grandes esperanças, estabelecem empreendimentos econômicos diversos e falham repetidamente em suas tentativas, apenas para ver novos pioneiros chegando para continuar com este aparentemente infundável ciclo. Neste caso, a figura da ironia, que é a marca maior de “*The Legacy of Conquest*” demonstra o quão fútil são as tentativas humanas de se escapar dos efeitos de um processo histórico que elas não conseguem controlar, independente da intenção explícita de Limerick em usar sua narrativa como uma mensagem sobre estes erros passados.⁴²⁷

Sendo assim, estas estruturas quase perenes dificultam a própria saída política imaginada por Limerick. O foco de seu trabalho era, supostamente, os indivíduos e as consequências de suas escolhas, fossem elas boas ou más. Neste caso, esperar-se-ia um destaque às suas ações no tempo e à capacidade humana de intervir diretamente no rumo do processo histórico. O que acontece em “*The Legacy of Conquest*” é o contrário, contudo: os sujeitos são dominados por estas estruturas imutáveis e, em geral, percebe-se a futilidade de suas tentativas de mudar seus papéis na história da região.⁴²⁸ Um de seus temas favoritos,

tangenciar este problema. Por sua vez, Richard White incorporou estes movimentos em sua história do Oeste. Ver. WHITE, Richard. *It's your Misfortune and None of my Own*. op. cit. p. 370-379.

⁴²⁶ JOHNSTON, Robert D. Beyond “the West”. op. cit. p. 243.

⁴²⁷ Ver, por exemplo, o quinto capítulo de “*The Legacy of Conquest*”, paradigmaticamente chamado de “O Ponto de Encontro entre o Passado e o Presente”, aonde Limerick identifica uma série de tendências, todas elas irônicas, que unificam os séculos XIX e XX em uma mesma história que, aparentemente, não será mudada tão cedo. LIMERICK, Patricia Nelson. *The Legacy of Conquest*. op. cit. p. 134-175.

⁴²⁸ A título de esclarecimento, não estou defendendo uma visão “voluntarista” do processo histórico, onde indivíduos teriam poder completo para mudar o rumo de sua história, posição que considero bastante ingênua. Os sujeitos estão obviamente circunscritos por estruturas que possibilitam algumas ações, enquanto impedem outras. O problema da interpretação de Limerick é a ênfase exagerada em estruturas de continuidade que permeiam a história do Oeste e, em última instância, inviabilizam as próprias ações individuais que a autora

e que age como um dos motores que impulsionam o processo histórico no Oeste, é a busca por lucro, a qualquer custo – *todos* os pioneiros padeciam deste problema, aparentemente patológico.⁴²⁹ Mesmo aqueles imbuídos por motivos mais nobres (sindicalistas, por exemplo) eram, movidos, em última instância, pelo desejo de também lucrarem com a conquista.⁴³⁰ Robert Johnston aponta, corretamente, os limites desta interpretação para a meta política de Limerick: “*not only is this view inaccurate, it systematically denies both the potential and the actual efficacy of social and political movements that challenged the ideas and practices of capitalism*”.⁴³¹

A crítica de Johnston me parece pertinente justamente por causa da naturalização do capitalismo realizada tanto por Limerick quanto por Worster, ainda que isto possa não ter sido intencional. Se a “busca por lucro” e o interesse econômico puro e simples dominam a história regional, sendo inescapáveis, por que, então, acreditar que algo possa ser diferente no futuro? Qual o sentido de almejar um futuro mais democrático, política e economicamente, se o capitalismo (ou a “sociedade hidráulica”) não só é uma força acapachante que oblitera a tudo e todos, mas também algo “instintivo” ao próprio ser humano? Se, como Ellen Meiksins Wood diz, se os historiadores naturalizam o capitalismo como uma força ahistórica, então eles contribuem consideravelmente para que se perca a possibilidade de se imaginar alternativas a ele.⁴³² Vista sob este ângulo, a “revisão radical” da história do Oeste proposta por Limerick e Worster acaba servindo paradoxalmente para desarmar as esperanças de um porvir mais igualitário para o Oeste – e para os próprios Estados Unidos.

gostaria de ver na região. Na minha avaliação, “*The Legacy of Conquest*” apresenta atores que são *escravos* destas estruturas, ainda que frequentemente tentem escapar delas e falhem em quase todas as vezes.

⁴²⁹ LIMERICK, Patricia Nelson. *The Legacy of Conquest*. op. cit. p. 55

⁴³⁰ Idem. *Ibidem*. p. 97-132.

⁴³¹ “Essa visão não só é incorreta, ela também nega sistematicamente tanto a eficácia potencial quanto a real dos movimentos políticos e sociais que desafiaram as idéias e as práticas do capitalismo”. JOHNSTON, Robert D. *Beyond “the West”*. op. cit. p. 244. Limerick apresenta exemplos de conflitos sociais extremos no Oeste, e que transcendiam a mera busca por lucros, mas eles acabam não fazendo muito sentido, principalmente porque, segundo ela, essa “cultura do lucro” permeava tudo e todos. Se era assim, como explicar a brava resistência dos sindicalistas massacrados em Ludlow, durante a greve dos mineiros? Ou a solidariedade de operários que dividiam seus poucos recursos entre eles próprios, como ela mesma descreve em “*The Legacy of Conquest*”? Se ela realmente queria provar que as pessoas não são “simplesmente criaturas de interesses econômicos egoístas, servos do mercado ou engrenagens do sistema comercial”, então sua análise deixa a muito a desejar. LIMERICK, Patricia. *The Legacy of Conquest*. op. cit. p. 221.

⁴³² WOOD, Ellen Meiksins. *A Origem do Capitalismo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. p. 17.

3.3. “Região” e “fronteira”: o embate entre lugar e processo

O embate conceitual mais pronunciado nos revisionistas é, certamente, aquele entre “região” e “fronteira”. Se até agora apenas apresentei os argumentos dos *new western historians* em defesa de um ou de outro, pretendo aqui analisar mais profundamente as implicações de cada um destes conceitos para a escrita da história do Oeste. Minha argumentação é a de que, quando consideradas lado a lado, as narrativas regionalistas acabam não só restringindo um entendimento mais amplo da história norte-americana, como também, salvo raras exceções, limitam o número de vozes e de agentes que podem ser representados pelos historiadores. Neste caso, apesar de ferozmente atacada pelos regionalistas, a idéia de “fronteira” acaba sendo a melhor solução para narrar o passado *westerner*, assim como para solucionar a própria crise do campo, na medida em que fornece umnexo bastante significativo entre o Oeste e o continente americano.

Uma das principais preocupações dos regionalistas foi com a história ambiental do Oeste, principalmente com a interação entre os homens e o meio-ambiente. Como demonstrou Mark Schifffhauer, isto foi resultado não só da tradição que os *western historians* tinham no tratamento de questões relativas à natureza regional, mas da própria atuação do movimento ambientalista norte-americano, a partir da década de 1970.⁴³³ Dos revisionistas, Richard White e Donald Worster foram os mais ativos nesse sentido e suas primeiras obras, como vimos, foram consideradas clássicos da História Ambiental. Existem, contudo, diferenças significativas entre ambos, especialmente no que se refere às suas considerações sobre as relações entre a humanidade e o planeta, e isso está refletido em suas diferentes narrações sobre o passado do Oeste.

Para White, falar em “natureza” como algo apartado dos homens é um erro que apaga da própria terra os traços de interações responsáveis entre humanos e a natureza. Em seu primeiro livro, o historiador demonstrou como indígenas, durante centenas de anos, haviam alterado consideravelmente a paisagem do Noroeste norte-americano, sendo assim impossível de se falar em uma “natureza intocada” quando da chegada dos primeiros

⁴³³ SCHIFFHAUER, Mark. *From Wilderness to Environment: the role of “nature” in Western American history from Frederick Jackson Turner to Donald Worster and the New Western History*. Inaugural Dissertation – Phillips Universität Marburg. Marburg: 2008.

européus a área próxima a Seattle.⁴³⁴ Do mesmo modo, para White a idéia de um mundo natural em equilíbrio e auto-explicável era problemática justamente por causa da imbricação significativa entre homens e seus meio-ambientes. Em uma de suas obras, onde trata especificamente do trabalho humano na natureza, White deixou clara sua posição: “*environmentalists, for all their love of nature, tend to distance humans from it. Environmentalists stress the eye over the hand, the contemplative over the active, the supposedly undisturbed over the connected*”.⁴³⁵ Para White, essa era uma visão perigosa, porque isolava os “problemas naturais” dos “problemas humanos” e criava uma versão da natureza que impedia o estabelecimento de modelos de sustentabilidade mais responsáveis.⁴³⁶

No que particularmente concerne à história do Oeste, o tipo de história ambiental imaginada por White corre lado a lado com sua crítica à noção de pioneiros marchando em direção a *wilderness* impoluta e subjugando-a aos seus próprios desígnios. Era preciso, assim, resgatar a natureza de uma posição de passividade e reintegrá-la à história humana, de modo a entender o relacionamento entre ambos e seu desenvolvimento histórico. Para White, o *espaço* não possui uma essência anterior a ele ou uma passividade imanente. Ele só poderia ser explicado *historicamente*. Tal concepção, como veremos, tem consequências significativas para suas narrativas sobre o Oeste.

Worster, como seria de se esperar, também foi um crítico contumaz da separação efetuada pelos historiadores entre “natureza” e “sociedade”, e também tentou enfatizar os modos pelos quais a segunda constrói a primeira, ao mesmo tempo em que é determinada por ela. O *new western historian* insistia na relação dialética entre ambos, já que o mundo social dos homens não poderia ser apartado do mundo natural, na medida em que eles

⁴³⁴ WHITE, Richard. *Land Use, Environment, and Social Change: The Shaping of Island County*, Washington. Seattle: University of Washington Press, 1979.

⁴³⁵ “Os ambientalistas, apesar de todo seu amor pela natureza, tendem a distanciar os homens dela. Ambientalistas enfatizam o olho em detrimento da mão, o contemplativo diante do ativo, o supostamente inalterado diante do conectado”. Idem. *The Organic Machine: the making of the Columbia River*. New York: Hill and Wang, 1995. p. x.

⁴³⁶ Idem. Ibidem. p. 112-113.

retiravam seu sustento desse e se organizavam de acordo com as possibilidades lhes oferecidas pelo meio-ambiente.⁴³⁷

Apesar deste programa teórico-metodológico, e à diferença de White, Worster imagina a natureza como sendo algo estável e ordeiro, desequilibrado somente por interferências externas (no caso contemporâneo, o homem é o agente principal desta desordem). Em um artigo teórico sobre História Ambiental, Worster deixou clara sua posição sobre a separação entre “natureza” e “cultura”, onde o mundo natural é representado como um “reino” equilibrado e auto-explicativo:

“The science of ecology still reveals a realm beyond our human economies, and beyond the work we do in them, a realm that has been described as a vast, elaborate, complex ‘economy of nature’, an organized realm that is working energetically and skillfully to satisfy the needs of all living things, creating what might be called the indispensable ‘values’ of existence. Without the smooth functioning of that greater economy, without those values that are brought into being by a hardworking nature, no group of people could survive for an hour, and the making of history would come to an abrupt end”.⁴³⁸

⁴³⁷ WORSTER, Donald. Transformations of the Earth. op. cit. Para uma análise aguçada da atuação de Worster como um historiador ambiental e uma ótima exposição de seus pontos de vista, ver SCHIFFHAUER, Mark. *From Wilderness to Environment*. op. cit. p. 129-204.

⁴³⁸ “A ciência da ecologia ainda revela um reino além de nossas economias humanas, e além do trabalho que realizamos nelas, um reino que tem sido descrito como uma ‘economia da natureza’ vasta, elaborada e complexa, um reino organizado que está trabalhando energética e habilidosamente para satisfazer as necessidades de todas as coisas vivas, criando o que pode ser chamado de os ‘valores’ indispensáveis da existência. Sem o funcionamento suave desta economia maior, sem os valores que tornam-se possíveis por causa desta natureza laboriosa, nenhum grupo poderia sobreviver por uma hora, e a história terminaria abruptamente”. WORSTER, Donald. Transformations of the Earth. op. cit. p. 1093. De acordo com Mark Schiffhauer, o grande problema das formulações teóricas de Worster quanto ao meio ambiente está na sua dependência de modelos já desacreditados pela própria Ecologia, como a idéia de uma natureza estável e auto-regulatória. De acordo com este autor, nos últimos vinte anos os debates desta disciplina centraram-se, principalmente, nos modos pelo quais o mundo natural é muito mais imprevisível do que antes pensado e que, por trás de uma aparência de uma ordem equilibrada, existe um sistema muito mais propenso a mudanças abruptas do que a uma continuidade quase perene. Do mesmo modo, uma série de teóricos, tanto nas Ciências Naturais quanto nas Humanidades, já demonstraram a maneira como o conceito de “natureza” depende invariavelmente dos construtos culturais de uma determinada sociedade sobre o meio-ambiente. Eles, obviamente, não negam a existência do mundo natural, apenas apontam a ingenuidade da idéia de que ele pode ser considerado além de nossas próprias concepções sobre ele. SCHIFFHAUER, Mark. *From Wilderness to Environment*. op. cit. p. 219-231. Sobre uso de certos conceitos antiquados da Ecologia por parte dos historiadores ambientais, no contexto da década de 1990, ver DEMERITT, David. Ecology, objectivity and critique in writings on nature and human societies. In: *The Journal of Historical Geography*, vol. 20, n 1. January, 1994. p. 22-37. Para uma crítica semelhante e bastante instigante, ver ASDAL, Kristin.

Deste modo, como ele mesmo admitiu, a função do historiador ambiental seria “reinscrever” a história humana no mundo natural, enxergando além da “cultura” e enfatizando a estabilidade deste e as consequências de seu mal-uso pela humanidade.⁴³⁹ A decorrência lógica deste raciocínio é a de que, a despeito de suas proclamações em contrário, para Worster, portanto, existe uma separação entre uma “natureza pristina”, que foi despoliada e maculada em seu equilíbrio original, e o mundo dos homens, de modo de que a primeira pode, enfim, ser utilizada como sugeriu Brian Page: “*Worster uses the idea of a balanced and holistic natural world as the yardstick against which to measure the adaptive or destructive outcome of human activity*”.⁴⁴⁰ De outra forma, como explicar a seguinte citação?:

“In the beginning of white discovery North America must have been a glorious place, brimming with exquisite wild beauty, offering to agriculturists some of the earth’s richest soils, incredible stands of trees, booty on booty of mineral wealth.”⁴⁴¹

Como esta passagem ilustra, a descrição feita por Worster da América pré-contato, depende de aspectos centrais do “mito da natureza pristina”, como, por exemplo, a abundância natural americana, sua fertilidade e, principalmente, seu estado selvagem. Ao

The Problematic Nature of Nature: the post-constructivist challenge to environmental history. In: *History and Theory*, Theme Issue 42. December, 2003. p. 60-74.

⁴³⁹ Idem. Ibidem. p. 1147. Para Schiffhauer, a insistência de Worster na ordem do mundo natural é antes política do que empírica., já que a preocupação do historiador é alertar para o mal-uso dos recursos ambientais do planeta e criar um novo *ethos* em relação à natureza, enfatizando a necessidade de se retornar à um estado de relativa comunhão com a mesma. SCHIFFHAUER, Mark. *From Wilderness to Environment*. op. cit. p. 232-246. Kristin Adal levanta uma ótima questão sobre este tipo de definição do mundo natural: “*if we define something as nature, we simulteneously also create a space for the expert, the spokesperson, who can speak at nature’s behalf. (...) Thus a great deal is at stake in historical studies of nature: what are we doing when we define something as nature? Who speaks on behalf of nature, exotic ecosystems or threatened species?*” (“se definimos algo como natureza, nós também criamos simultaneamente um espaço para o expert, para o portavos, que pode falar em nome da natureza. (...). Assim, muita coisa está em jogo nos estudos históricos sobre a natureza: o que estamos fazendo quando definimos algo como natureza? Quem fala em nome da natureza, ecossistemas exóticos ou espécies ameaçadas?”). ASDAL. Kristin. *The Problematic Nature of Nature*. op. cit. p. 69.

⁴⁴⁰ “Worster usa a idéia de um mundo natural equilibrado e holístico como a medida contra a qual mensurar o resultado adaptativo ou destrutivo da atividade humana”. PAGE, Brian. *Charting the Middle Ground: history, geography and city-hinterland relations in the Great West*. In: *Ecumene*, vol. 5, n. 1. January, 1998. p. 89.

⁴⁴¹ “No começo da descoberta européia, a América do Norte deve ter sido um lugar glorioso, repleto de uma beleza selvagem natural, oferecendo aos agricultores alguns dos solos mais ricos da terra, incríveis fileiras de árvores e uma riqueza mineral impressionante”. WORSTER, Donald. *The Nature we Have Lost*. In: *The Wealth of Nature: environmental history and the ecological imagination*. New York: Oxford University Press, p. 1.

contrário de White, não interessa a Worster demonstrar o quanto esta mesma natureza já havia sido alterada pelos nativos do continente.⁴⁴² Sobre isto, afirmou William Cronon, em tom de crítica:

“Wilderness is the natural, unfallen antithesis of an unnatural civilization that has lost its soul. It is a place of freedom in which we can recover the true selves we have lost to the corrupting influence of our artificial lives. Most of all, it is the ultimate landscape of authenticity.”⁴⁴³

Esta concepção move as interpretações de Worster e serve, de certa forma, para dar nexos à sua narrativa para a história dos Estados Unidos: a da “queda” de um estado natural quase edênico, onde índios e a natureza viviam em comunhão. À chegada dos brancos, seguiu-se a destruição do Jardim e a consequente corrupção moral da sociedade americana – que estaria longe de ser chegado ao seu ponto mais baixo.⁴⁴⁴ De acordo com seu colega William Cronon, Worster fornece o que pode se chamar de enredo “declinante” para a história do Oeste, enfatizando o efeito destrutivo do capitalismo na região: *“this plot leads from the origins of that economic system through a series of crises, toward the future environmental cataclysm when the system will finally collapse”*.⁴⁴⁵ A implicação desse tipo

⁴⁴² SCHIFFHAUER, Mark. *From Wilderness to Environment*. op. cit. p. 98.

⁴⁴³ “A wilderness é a antítese natural, não caída de uma civilização não-natural que perdeu sua alma. É um lugar de liberdade aonde podemos recuperar as nossas verdadeiras essências que perdemos para a influência corruptora de nossas vidas artificiais. Mais do que tudo, ela é a paisagem definitiva da autenticidade”. CRONON, William. *The Trouble with Wilderness, or Getting Back to the Wrong Nature*. In: CRONON, William (org.). *Uncommon Ground: toward reinventing nature*. New York: W. W. Norton, 1995. p. 80.

⁴⁴⁴ Vários autores, incluindo Richard White, conceitualizaram a retórica de Worster como sendo a da “jeremiada”, uma figura de retórica tipicamente norte-americana e que remonta aos puritanos do século XVII e XVIII. Ela é caracterizada principalmente pela narração da degradação moral de uma sociedade e pelo aviso constante da ruína que a espera, caso não se retornasse a um estado de virtude. Tendo tomado seu nome do Livro de Jeremias, do Antigo Testamento bíblico, a jeremiada tornou-se um *topos* recorrente na cultura estadunidense, tendo vindo a designar toda a sorte de textos que lamentavam o estado das coisas do país e que profetizavam sua destruição eminente, independente de serem escritos religiosos *per se* (o abolicionista Frederik Douglass, por exemplo, utilizou esta figura de retórica para condenar a corrupção moral causada pela escravidão e prognosticar a ruína da nação, se a servidão não fosse imediatamente abolida). Ver WHITE, Richard. *Environmental History: watching a field mature*. In: *The Pacific Historical Review*, vol. 70, n. 1. February, 2001. p. 103-111; JOHNSTON, Robert D. *Beyond “the West”*. op. cit; FRISKE, Jerome. *The Theoretical (Re)Positions of the New Western History*. op. cit; PAGE, Brian. *Charting the Middle Ground*. op. cit. Sobre a jeremiada, ver BERCOVITCH, Sacvan. *The American Jeremiad*. Madison: The University of Wisconsin Press, 1978.

⁴⁴⁵ “Este enredo leva das origens daquele sistema econômico, através de uma série de crises, em direção ao futuro desastre ambiental quando o sistema vai finalmente entrar em colapso”. CRONON, William. *A Place for Stories*. op. cit. p. 1363-1364. O termo originalmente utilizado por Cronon é “*declensionist*”, um

de enredo é, como colocou Robert Berkhofer, a valorização de um passado mais rico e melhor, em detrimento do que se imagina ser um presente e um futuro decadentes e potencialmente perigosos. Desta maneira, cria-se uma “Era de Ouro” que, no caso de Worster, contrasta com a degradação ecológica causada pela expansão capitalista naquilo que seria uma “terra virgem”.⁴⁴⁶

Sendo assim, é possível afirmar, junto com David Deveritt, que Worster, assim como outros historiadores ambientais:

“Press their critique of contemporary society and its relations with nature, they can appropriate the scientific authority of ecological ideas infused with a romantic reaction to capitalism. (...). By their very nature these ecological concepts are ready-made to highlight human disturbance of the natural order from which modern humanity is, by definition, alienated”.⁴⁴⁷

Deste modo, quaisquer histórias que ameaçassem a figura de um mundo natural independente do homem e equilibrado por definição era descartada por Worster, nem tanto em termos empíricos, mas sob argumentos *morais*. Segundo ele, a idéia de um mundo “desequilibrado” e “desarmônico” só serviria para “*justify the destruction wrought by contemporary industrial societies*”.⁴⁴⁸

Se por um lado, Worster está justificado em alertar para os resultados negativos decorrentes do péssimo uso dos recursos naturais do Oeste (e sua análise em “*The Dust Bowl*” é tocante justamente por causa disso), por outro, isso exigiu que ele construísse uma visão da região que, era essencialista, principalmente em sua oposição ao Leste. Em comparação com a porção oriental dos Estados Unidos, o Oeste seria “*a vast space in*

neologismo derivado de “*declension*” (“declínio”). Por ser um termo sem tradução disponível, resolvi utilizar “declinante” por considerá-lo mais próximo da intenção de Cronon.

⁴⁴⁶ BERKHOFER, Jr., Robert F. *Beyond the Great Story*. op. cit. p. 126.

⁴⁴⁷ “Fazerm sua crítica à sociedade contemporânea e seu relacionamento com a natureza, eles podem se apropriar da autoridade científica de idéias ecológicas imbuídas de uma reação romântica ao capitalismo. (...). Por sua própria natureza, esses conceitos ecológicos são perfeitos para a ilustração da perturbação humana da ordem natural, da qual a humanidade, por definição, está alienada”. DEMERITT, David. *Ecology, objectivity and critique in writings on nature and human societies*. op. cit. p. 25.

⁴⁴⁸ “A destruição causada pelas sociedades industriais contemporâneas”. WORSTER, Donald E. *History as Natural History*. op. cit. p. 13.

which to be natural again, to be unencumbered".⁴⁴⁹ O Leste, portanto, seria um lugar de confinamento, de aprisionamento; o Oeste, graças a seus espaços abertos e sua natureza ímpar ("sua beleza selvagem") seria o lugar da liberdade por excelência, para onde os norte-americanos migravam para escapar à decadência urbana das grandes cidades da Costa Atlântica: *"its dessicated, unobstructed land has cleaned out many consciences, given many people comfort, and renewed much self-confidence"*.⁴⁵⁰

O problema estaria no que foi feito nesta "terra da liberdade", não a idéia de "terra da liberdade" em si mesma: a "sociedade hidráulica" era uma aberração justamente por ter sido construída neste lugar que, para Worster, parece quase mítico. A diferença entre Worster e os turnerianos está apenas na moralização que fazem da expansão, na medida em que o primeiro vê uma trajetória descendente (ainda que passível de mudança, caso um "retorno à natureza" fosse obedecido) e os segundos vêem a história como ascendente. A visão da marcha dos pioneiros em direção à natureza continua intacta, contudo.⁴⁵¹

Em sua ânsia em refigurar a história regional nos moldes enumerados acima, Worster acabou construindo uma narrativa regionalista altamente excludente. Para ele, por exemplo, o fato de alguns grupos étnicos estarem *no* Oeste não significa que eles fossem *do* Oeste (esta declaração, por si só, já me parece bastante absurda). Ecoando um estranho determinismo, o historiador afirmava que um grupo étnico só tornava-se central à história da região quando fosse *alterado* por ela ou quando desenvolvesse uma voz ativa nos assuntos regionais. Em outras palavras, o Oeste determinava seu conteúdo e não o inverso, como seria de se esperar.

Se seguirmos este ponto de vista *in extremis*, podemos chegar à conclusão de que somente grupos há muito estabelecidos no Oeste podiam ser considerados *westerners*, num

⁴⁴⁹ "Um vasto espaço para sermos naturais novamente, sem empecilhos". WORSTER, Donald E. *Freedom and Want: the Western paradox*. In: *Under Western Skies*. op. cit. p. 85.

⁴⁵⁰ "Seu terreno ressecado, desobstruído limpou muitas consciências, confortou muitas pessoas e renovou muitas auto-confianças". Idem. *Ibidem*.

⁴⁵¹ Do mesmo modo, pode se argumentar que Worster naturaliza os índios, ao transformá-los em "crianças" da Terra, vivendo em comunhão com ela. Em uma resenha do primeiro livro de Cronon, Worster criticou-o por ter falhado demonstrar como a natureza era uma medida para comparar diferentes adaptações. Segundo Worster, a natureza, deixada sozinha, demonstra um "claro e maravilhoso" sistema de organização, ao qual os índios, e não os brancos, estavam perfeitamente adaptados e integrados àquela ordem. A meta de Cronon era o justamente o contrário: demonstrar o quanto a terra já havia sido alterada pelos nativos, antes mesmo da chegada dos europeus. Idem. *Review of Changes in the Land by William Cronon*. In: *Agricultural History*, vol. 58, n. 1. January, 1985. p. 508-509.

processo que acarretava na exclusão de diversos de seus habitantes e que essencializava a identidade regional, na medida em que parecia considerar que um sino-americano de São Francisco, por exemplo, era menos *westerner* do que um vaqueiro de origem anglo-saxônica ou hispânica. Além disso, o que exatamente significa “alterar a região” ou ser “alterado” por ela? O que a expressão “ter voz ativa” quer dizer? Será que os grupos autóctones marginalizados enquadram-se nestas classificações? Para um autor preocupado com uma história politicamente progressista, Worster apresentava uma linha de raciocínio exclusivista, essencialista e, no fim das contas, absurda.⁴⁵²

De acordo com Don Mitchell, esta caracterização do Oeste, e a narrativa a que dá origem, não só não explica a história regional, como a prende em um enredo que é contraproducente aos fins políticos imaginados por Worster:

“When he makes such claims, Worster is obviously not picturing in his mind’s eye the largely African-American and very poor Five Points district of Denver; nor the colonies that housed thousands of temporary Latino workers in the fields around Greeley, Colorado (no matter how treeless the northern Colorado plains might be); nor, of course, is he thinking of the women and children slaughtered in the Ludlow Massacre; (...); This is clearly a vision of White – even Anglo – freedom; and it is also a vision that is quite class specific and very rural to boot. It is hardly the universal vision Worster would want us to believe it is”.⁴⁵³

No fim das contas, a narrativa de Worster não só reproduz as visões sobre o Oeste que ele mesmo critica, como torna a história regional extremamente excludente e essencialista em sua busca por algo que separe e dê uma identidade bem definida à região diante da nação. Cabe, portanto, perguntar, assim como faz Robert Johnston, sobre a

⁴⁵² Idem. *New West, True West*. op. cit. p. 148.

⁴⁵³ “Quando faz tais afirmações, Worster obviamente não está imaginando o paupérrimo e largamente Africano-Americano distrito de Five Points, em Denver; nem as colônias que abrigaram milhares de trabalhadores latinos nos campos de Greeley, Colorado (não importa o quão sem árvores as planícies do norte do Colorado possam ser); nem, claro, ele está pensando nas mulheres e crianças mortas no Massacre de Ludlow; (...). Esta é uma visão branca, até mesmo anglo-saxônica, de liberdade; e ela também é específica de uma classe e muito rural, para completar. Ela dificilmente é a visão universal que Worster gostaria que pensássemos que fosse”. MITCHELL, Don. *Writing the Western*. op. cit. p. 12. O Massacre de Ludlow foi o assassinato de 20 pessoas, incluindo 11 crianças e 2 mulheres, pela Guarda Nacional, durante a greve dos mineiros do Colorado em 1914.

utilidade desta “nova” narrativa regionalista de Worster, já que ela serve somente para excluir histórias que, de acordo com os parâmetros deste *new western historian*, não são “do Oeste”, além de inviabilizar as propostas alternativas que o próprio Worster gostaria de ver para o futuro da região. A resposta de Johnston, e é difícil discordar dela, é um retumbante “não”.⁴⁵⁴

Os problemas em definir “região” como uma categoria conceitual não se restringem somente à história regionalista proposta por Worster. Mesmo Limerick, que tem um programa consideravelmente mais abrangente que o de seu colega de Kansas, também esbarra na mesma dificuldade em tentar delimitar um “Oeste”, ao ponto de ter se perguntado se tal exercício era realmente necessário.⁴⁵⁵ Se levarmos em consideração algumas das elucubrações de Limerick sobre a “região” veremos que, quanto mais este conceito se torna complexo, menos ele serve para escrever a história do Oeste, já que cria tantas definições ou pontos-de-vista para o “Oeste”, em que ele, enquanto uma categoria analítica, perde qualquer especificidade. Em outras palavras, a já mencionada vacuidade que Limerick identificou no uso turneriano da “fronteira” também se repete no trabalho dos *new western historians* no que tange à “região”.

Em 1992, em um número especial do JAH sobre a Descoberta da América, Limerick publicou um texto sobre as experiências dos asiáticos no Oeste, com o intuito de problematizar a idéia de um movimento migratório de Leste a Oeste, que embasava, como vimos, as interpretações turnerianas sobre a história norte-americana. No início do artigo, em um típico momento de auto-glorificação, a historiadora congratula a si mesma e a seus colegas por terem complexificado a antiga visão de uma marcha de homens brancos em direção ao Pacífico: “*in 1992, comfort and complacency have fled the field*”.⁴⁵⁶ O

⁴⁵⁴ JOHNSTON, Robert D. Beyond “the West”. op. cit. p. 250-251. Interessantemente, Richard White, em uma resenha, argumenta sobre o trabalho de Worster em termos análogos àqueles expostos aqui. Segundo ele, se levados às últimas consequências, algumas das conclusões de Worster sobre o Oeste e, principalmente, sobre a história ambiental, revelariam um mundo muito parecido com aqueles desejados pelos conservadores: ordem, estabilidade, respeito às tradições e identidades estáticas. Ainda que reconhecesse a qualidade acadêmica do trabalho de seu colega, White pareceu bastante temeroso sobre seus sub-textos políticos – o que parece confirmar algumas das minhas próprias conclusões sobre as narrativas apresentadas WHITE, Richard. Back to Nature. In: *Reviews in American History*, vol. 22, n. 1. March, 1994. p. 1-6.

⁴⁵⁵ LIMERICK, Patricia Nelson apud Idem. Ibidem. p. 247

⁴⁵⁶ “Em 1992, conforto e complacência deixaram o campo”. LIMERICK, Patricia Nelson. Disorientation and Reorientation: the American Landscape discovered from the West. In: *The Journal of American History*, vol. 79, n. 3. December, 1992. p. 1022.

“conforto” da antiga interpretação havia sido substituído pela multiplicidade de “descobertas” do Oeste, por grupos diferentes, entre os quais os asiáticos apresentavam um dos exemplos mais interessantes, segundo ela.⁴⁵⁷

De fato, os japoneses e chineses estudados por ele fornecem alguns modelos tocantes de “descoberta” da paisagem do Oeste. Ao contrário dos “anglos”, eles percebiam os espaços abertos da região não como algo libertador, mas como algo que os confinava: a magnitude das amplas extensões de terra os diminuía diante da natureza e, de acordo com Limerick, os tornava saudosos da densa demografia de suas terras natais.⁴⁵⁸ Este caráter de confinamento ganhou contornos ainda mais dramáticos, e bem menos simbólicos, quando imigrantes nipônicos e seus descendentes foram aprisionados em campos de concentração por todo o Oeste, durante a Segunda Guerra, acusados de espionagem e de ameaça à segurança nacional dos Estados Unidos.⁴⁵⁹ A conclusão de Limerick, ao fim do texto, é a de que não mais se poderia pensar no Oeste em termos unidimensionais ou exclusivos às percepções dos anglos sobre a região (até porque, obviamente, para os orientais o Oeste era o *Leste*); a sua história era, em última instância, “multi-facetada”, impossível de ser narrada em uma forma simples, e dependente de quem a observava.⁴⁶⁰

O problema das constatações (pertinentes, na minha opinião) de Limerick é que elas acabam indo de encontro à suas definições de Oeste e sua tentativa de narrar a história regional com base no enredo de *“The Legacy of Conquest”*. Em primeiro lugar, os asiáticos, como a própria autora demonstra, não poderiam ser enquadrados na narrativa que ela concebeu em sua obra mais famosa, principalmente porque eles não encaixavam na “busca por lucro” que Limerick identificou como sendo um dos motores do processo histórico na região, e não são conquistadores, nem conquistados (embora fossem claramente subordinados).⁴⁶¹ Em segundo lugar, o simples fato de, no caso destes imigrantes, o Oeste estar localizado a Leste de seus países de origem já serve para complicar não só a idéia de um movimento de leste a oeste, mas o conceito de “Oeste” mesmo, na medida em que demonstra o quão ele ainda é dependente de uma visão excessivamente localista e

⁴⁵⁷ Idem. Ibidem. p. 1025.

⁴⁵⁸ Idem. Ibidem. p. 1030-1032.

⁴⁵⁹ Idem. Ibidem. p. 1036-1038.

⁴⁶⁰ Idem. Ibidem. p. 1049.

⁴⁶¹ Idem. Ibidem. p. 1042.

reducionista. Mesmo que a intenção de Limerick fosse escrever uma narrativa mais global e diversificada para os Estados Unidos⁴⁶², a subordinação, por exemplo, das histórias destes japoneses e chineses a uma perspectiva regionalista acaba prendendo-as à um quadro nacional que parece bastante inadequado para sua escrita.⁴⁶³ Neste caso, o alerta de David Weber, feito ainda em 1989, me parece bastante apropriado:

“By making the West *as place* the center of her focus, she drained away some of the drama of life on the *edges* where people and places meet. Is that the price that western historians will have to pay for a paradigm that successfully extends western history in the 20th century? As western history unfolds in a postfrontier, national context, is it almost sure to lose its distinctiveness and, therefore, much of its appeal?”⁴⁶⁴

Um terceiro ponto, e isso é essencial, é a mencionada constatação de Limerick de que a definição de Oeste depende, em último grau, de quem e de aonde se observa a região. Neste caso, cabe perguntar, então, se devemos privilegiar a visão da NWH sobre todas as outras. Se o “Oeste” depende de quem o vê, e de como é enxergado, por que insistir em tentar defini-lo em termos rígidos, principalmente geográficos? Se ele pode significar qualquer coisa, qual seria sua importância analítica para a historiografia regional e, principalmente, por que teria qualquer preponderância sobre o conceito de fronteira? Será que esta perspectiva regionalista seria, então, suficiente para “curar” a *Western History* de sua crise de identidade e fornecer uma nova metanarrativa (a tão desejada “síntese”)? Voltamos, assim, ao mesmo problema do regionalismo de Worster: o de Limerick também

⁴⁶² Intenção esta expressa em LIMERICK, Patricia Nelson. Going West and Ending up Global. In: *The Western Historical Quarterly*, vol. 32, n. 1. February, 2001. p. 5-23.

⁴⁶³ Uma vez mais, este ponto é arguido com brilho ímpar por Kerwin Klein: “*West-as-region has no meaning apart from a map of the U.S., and more specifically, from the images we learn from our very Eurocentric maps, with Canada at the top of the page, the Atlantic on the right, the Pacific on the left, and Mexico symbolically subordinated at the bottom of the frame. (...) West-as-region will never escape national history.*” (“Oeste-enquanto-região não tem nenhum significado fora de um mapa dos Estados Unidos e, mais especificamente, das imagens que aprendemos em nossos mapas extremamente eurocêntricos, com Canadá no topo da página, o Atlântico na direita, o Pacífico na esquerda, e o México simbolicamente subordinado ao pé do quadro”). KLEIN, Kerwin Lee. Reclaiming the “F” Word. op. cit. p. 211.

⁴⁶⁴ “Ao fazer do Oeste enquanto lugar o centro de seu foco, ela esvaziou muito do drama da vida nos limites, onde pessoas e lugares se encontram. É esse o preço que os historiadores do Oeste terão que pagar por um paradigma que estende a história do Oeste ao século XX? Enquanto a história do Oeste se desfralda em um contexto pós-fronteira nacional, ela perderá muita de sua distinção e, assim, muito de seu apelo?”. WORSTER, Donald et alli. *The Legacy of Conquest: a panel of appraisal.* op. cit. p. 315-316.

depende de uma imagem estável e estática, já que qualquer complexificação o ameaça de modo irreversível, incluindo aquelas realizadas pela própria NWH.

Não se trata aqui, obviamente, de negar a existência de um Oeste norte-americano – o simples fato de páginas e páginas terem sido gastas para tentar explicá-lo já atesta sua materialidade. O problema é outro: é tentar encontrar alguma *essência* à história regional, algo capaz de transcender momentos históricos e peculiaridades geográficas e ao mesmo tempo explicá-las. Isto me parece, para usar as palavras de Richard White, um exercício em futilidade (e isso que White era um dos regionalistas!).⁴⁶⁵ Neste quesito, acho necessário citar as palavras de Edward Ayers, um historiador do Sul, sobre sua própria região de estudo:

“Southerners should take heart from a vision in which regional identity is continuously being replenished even as other forms, older forms, erode and mutate. Anything that has happened and is happening in this corner of the country rightfully belongs to the South’s past, whether or not it seems to fit the template of an imagined Southern culture. There is no essence to be denied, no central theme to violate, no role in the national drama to be betrayed”.⁴⁶⁶

Dentre os *new western historians*, quem melhor avançou esta idéia de uma região fluida foram Richard White e William Cronon. Não só isso, mas suas narrativas não buscavam nenhuma essência à história regional, para usar as palavras de Ayers, e por isso acabavam servindo de forma mais satisfatória aos fins historiográficos e políticos da NWH e a uma revisão mais significativa dos pressupostos do campo.

White publicou sua *magnum opus* em 1991, “*It’s your Misfortune and None of my Own*”. De fato, o livro é bastante similar a “*The Legacy of Conquest*”, embora seu escopo seja muito mais amplo do que o da obra de Limerick. Isto talvez possa ser explicado pela

⁴⁶⁵ WHITE, Richard. *Western History*. op. cit. p. 2

⁴⁶⁶ “Os sulistas devem prestar atenção à uma visão em que a identidade regional está sendo constantemente reabastecida enquanto outras formas, formas mais antigas, erodem e mudam. Qualquer coisa que tenha acontecido ou que esteja acontecendo neste canto do país, pertence por direito ao passado do Sul, mesmo que não pareça pertencer ao canône de uma suposta cultura sulista. Não há essência a ser negada, nenhum tema central a ser violado, nenhum papel no drama nacional a ser traído”. AYERS, Edward. What we talk about when we talk about the South. In: AYERS, Edward et al. (org.). *All Over the Map: rethinking American regions*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1996. p. 82.

diferença do público almejado por ambos: White escreveu um texto acadêmico, voltado ao público universitário, enquanto a publicação de Limerick buscava a tanto seus colegas, quanto a audiência leiga.⁴⁶⁷

“*It’s your Misfortune and None of my Own*” é, antes de mais nada, um trabalho regionalista, que se opõe às interpretações fronteiriças: White deixa isto claro ao não mencionar a palavra “fronteira” nenhuma vez no texto, embora não se abstenha de dialogar com a historiografia turneriana. Embora esse gesto retórico seja de caráter questionável, ele não chega a transformar a obra de White em um exemplo de exclusivismo ou unilateralidade à moda de Worster, embora delimite quem e o lugar da onde se está falando. O livro de White é uma obra regionalista e sobre isto não resta nenhuma dúvida.

Apesar disto, o historiador abre a obra com uma frase que serve como uma crítica resumida ao trabalho de alguns de seus colegas revionistas: “*the boundaries of the American West are a series of doors pretending to be walls*”.⁴⁶⁸ Em seguida, White escreve: “*geography did not determine the boundaries of the West; rather history created them*”.⁴⁶⁹ Nada de querer encontrar na “aridez” ou nos “espaços abertos” os determinantes da região; nem mesmo algo como o conceito de “sociedade hidráulica”, ainda dependente de um certo determinismo geográfico, serve. Do mesmo modo, “busca por lucro” e “capitalismo” também não muito bons. Pelo contrário, a criação do Oeste é um processo complexo, que mesmo tendo o mote da “conquista” como um de seus temas principais, não pode ser resumido a ele:

“The American West is a product of conquest and of the mixing of diverse groups of peoples. The West began when Europeans sought to conquer various areas of the continent and when people of Indian, European, Asian and African ancestry began to meet within the territories west of the Missouri that would later be part of the United States. The West did not

⁴⁶⁷ Esta intenção está explícita inclusive na quantidade de páginas de ambas as obras: a de Limerick possui 396, enquanto a de White tem 644. Curiosamente, “*It’s your Misfortune...*” não apresenta notas de rodapé, ainda que forneça uma bibliografia detalhada, enquanto “*The Legacy of Conquest*” possui 17 páginas de notas, ao seu final.

⁴⁶⁸ “Os limites do Oeste norte-americano são uma séries de portas que fingem ser muros”. WHITE, Richard. *It’s your Misfortune and None of my Own*. op. cit. p. 3.

⁴⁶⁹ “A geografia não determinou os limites do Oeste; ao contrário, a história os criou”. Idem. Ibidem. A continuação da frase é significativa: “pick a geographical criterion to make sense of western boundaries, and vast sections of the region fail to fit and drop away, while neighboring regions demand entrance”.

suddenly emerge; rather, it was gradually created".⁴⁷⁰

A história deste Oeste “gradualmente criado” só pode ser narrada se White levar em consideração os processos que transformaram essa região em um ente histórico. Se em Limerick e Worster, o Oeste-enquanto-região parece determinar e limitar o conteúdo a ser narrado, em White ocorre o inverso: são os agentes da narrativa que vão construindo o que será chamado de “Oeste” em conjunturas diversas. De fato, White delimita geograficamente este Oeste: ele é todo o território além do centésimo meridiano. Isto, entretanto, é menos um determinante em sua narrativa, do que um focalizador do texto, já que ele não o usa como algo que explique *a priori* o que está acontecendo naquele espaço. Em outras palavras, ele é simplesmente o lugar em que a história acontece e, do mesmo modo, vai sendo construído de acordo com seu desenrolar.⁴⁷¹ Por isso, o livro de White tem uma organização cronológica, ao contrário de “*The Legacy of Conquest*” (dividido em temas), já que para o White, o *American West* só pode ser entendido como sendo o resultado de um multifacetado e complicado processo histórico.

O trabalho de White é certamente muito longo e repleto de nuances para ser tratado de modo mais detalhado, mas alguns exemplos servem para ilustrar o tipo de abordagem que, em seu artigo em “*Trails*”, ele chamou de “*relational outlook*” (“olhar relacional”).⁴⁷² Na primeira parte de “*It’s your Misfortune...*”, “*The Origins of the West*” (“As Origens do Oeste”), o que mais tarde será o Oeste norte-americano é um “fragmento de império”, o limite setentrional do Império Espanhol nas Américas, onde índios pueblos e ibéricos

⁴⁷⁰ “O Oeste norte-americano é um produto de conquista e da mistura de diversos grupos de povos. O Oeste começou quando os europeus buscaram conquistar várias áreas do continente e quando pessoas de origem indígena, européia, asiática e africana começaram a se encontrar nos territórios a Oeste do Missouri que seriam mais tarde parte dos Estados Unidos. O Oeste não emergiu repentinamente; ao contrário, ele foi gradualmente criado”. Idem. Ibidem. p. 4.

⁴⁷¹ Esse caráter do espaço em “*It’s your Misfortune and None of my Own*” é análogo às considerações de White sobre a “natureza” e sua interação com os homens. Ao contrário do que postulava Worster, White não era partidário da idéia de uma natureza pristina e intocada e reconhecia abertamente o papel dos nativos no molde desta paisagem. Para ele, usar a idéia de um meio-ambiente equilibrado para poder medir o nível de destruição, como fazia seu colega, era um erro: todo grupo humano, de um modo ou de outro, interagia com a natureza e a adaptava às suas necessidades. O caso, então, era avaliar o uso destes recursos naturais e não defender o retorno a um “estado natural” que nada mais era do que uma imagem romântica e nostálgica. Idem. *Land Use, Environment and Social Change: the shaping of Island County, Washington*. Seattle: University of Washington Press, 1980. p. xvii-xix.

⁴⁷² Idem. *Trashing the Trails*. op. cit. p. 36

estabeleceram uma relação, que se não era pacífica, ao menos buscava estabelecer um terreno comum entre ambos. Isto não diminui o fato de que uma conquista estava em curso, mas ela não foi algo automático e envolveu uma boa dose de diplomacia, assim como muito sangue derramado. Ainda que os indígenas tivessem sido os grandes perdedores, isso não apaga as diversas possibilidades de acomodação que surtiram no decorrer da conquista. Antes de ser uma força que oblitera a tudo e a todos, ela é um processo mais complexo do que a simples aniquiliação de um grupo por outro, e envolve nativos, espanhóis, franceses, ingleses e, mais tarde, norte-americanos de origens diversas.⁴⁷³

O que se segue a esta primeira conquista são várias outras: a Guerra Mexicano-Americana, quando o Oeste torna-se território estadunidense *de jure*; os conflitos sociais entre os novos donos da terra, principalmente entre escravistas e abolicionistas, latifundiários e pequenos proprietários, capitalistas e trabalhadores, onde os mais fracos são integrados, não sem violência, à nova ordem industrial; a transformação do meio-ambiente para os fins de uma sociedade capitalista e determinada a moldar a natureza de acordo com as suas necessidades; e a custosa e sangrenta submissão das diversas tribos indígenas à República norte-americana. Somente no final do século XIX é que, para White, pode-se falar em um “Oeste”, ainda que diverso cultural, econômica, política e geograficamente, cujo único elemento de unidade é o fato de ter sido gradualmente criado durante esse processo histórico. Não existe, deste modo, alguma essência que signifique a região *a priori* ou a submissão da história ao espaço: é a primeira que constrói o segundo. Dito de outro modo, o lugar conhecido “Oeste” só pode ser analisado levando em consideração as diversas relações ali estabelecidas, que, muitas vezes, sequer obedeciam a limites impostos pela geografia.⁴⁷⁴

A complexidade do passado *westerner*, como imaginado por White, é uma alternativa às histórias monotemáticas de Worster e, em menor grau, Limerick, pois permite o vislumbre a possibilidades históricas que, mesmo não tendo sido concretizadas, estavam

⁴⁷³ Idem. *It's your Misfortune and None of my Own*. op. cit. p. 1-54.

⁴⁷⁴ O caso mais emblemático da recusa de White em usar o espaço como elemento determinante em sua narrativa é a questão da aridez, que é, para Worster, um dos temas centrais da *Western History*. Para White, a aridez é um fato importante da geografia de grandes porções do Oeste, mas também está ausente de parcelas consideráveis da região (incluindo o Noroeste, as Montanhas Rochosas e a área adjacente ao Meio-Oeste). Sendo assim, usá-la para explicar a história regional é incorrer em um determinismo que retira do processo histórico um grande número de atores e acontecimentos para quem a aridez não era algo fundamental. Idem. *Ibidem*. p. 3; p. 150-154; p. 400-406.

no horizonte histórico do Oeste. Por exemplo, White analisa os diversos modos de resistência ao poder da “sociedade hidráulica” e demonstra como pequenos e médios fazendeiros e reformadores sociais conseguiram, ao menos no plano local, por em xeque algumas decisões tomadas pelos burocratas e pelas corporações que controlavam a distribuição de água no Oeste.⁴⁷⁵ Do mesmo modo, ele demonstra como os nativos alteraram fundamentalmente seu meio-ambiente, mas de modo muito mais sábio e consciente do que os europeus, de maneira que esta utilização pode servir como um “espelho” do uso irresponsável que os brancos fizeram dos recursos naturais do Oeste.⁴⁷⁶

O ponto fundamental, assim, das preocupações de White é, de acordo com Gerry Kearns, a recuperação das *contigências* da história do Oeste, principalmente no que concerne à utilização e transformação da natureza e às margens de manobra e possibilidades de ação dos sujeitos históricos.⁴⁷⁷ A restauração destas possibilidades abre, assim, um horizonte para que se possa repensar o próprio *futuro* da região, e da nação, escapando às visões reducionistas e deterministas de Limerick e Worster, que, como vimos, solapam as intenções políticas da NWH.

Se contrapormos a leitura de “*It’s your Misfortune and None of my Own*” com outra obra famosa de White, “*The Middle Ground*”, também publicada em 1991, este aspecto de seu trabalho fica mais claro. “*The Middle Ground*” é um texto magistral e, em minha opinião, o melhor livro já lançado por um *new western historian*.⁴⁷⁸ Nele, White narra a criação de um sistema de acomodações e compromissos entre brancos e indígenas no conflagrado território dos Grandes Lagos, no período colonial. O chamado “*pays d’en haut*” era uma área disputada pelos impérios francês e britânico, aonde os habitantes

⁴⁷⁵ Idem. Ibidem. p. 484-485.

⁴⁷⁶ Idem. Ibidem. p. 119-136.

⁴⁷⁷ KEARNS, Gerry. *The Virtuous Circle of Facts and Values in the New Western History*. op. cit. p. 393.

⁴⁷⁸ “*The Middle Ground*” não é um texto de *Western History per se*, já que tanto seu marco temporal quanto sua delimitação espacial não são aquelas comumente associadas com o campo: a segunda está circunscrita à região dos Grandes Lagos, no que hoje seria o Meio-Oeste dos Estados Unidos, e o primeiro são os anos de 1650 a 1815. Apesar disto, o considero ilustrativo das próprias deficiências de se pensar na *Western History* em termos meramente regionais, além das possibilidades narrativas e analíticas de uma abordagem mais processual e menos localista à história do “Oeste” e da fronteira norte-americana. WHITE, Richard. *The Middle Ground: Indians, Empires and Republics in the Great Lakes Region, 1650-1815*. New York: Cambridge University Press, 1991.

originais, os algonquinos, eram o fiel da balança entre os poderes coloniais europeus. Por causa disso, nos diz White, foi criado um “*middle ground*”⁴⁷⁹ entre estes grupos:

“The middle ground is the place in between cultures, peoples, and in between empires and the nonstate world of villages. It is a place where many of the North American subjects and allies of empires lived. It is the area between the historical foreground of European invasion and occupation and the background of Indian defeat and retreat”.⁴⁸⁰

Nele, diversos grupos ajustaram suas diferenças através do recurso criativo àquilo que percebiam como sendo os valores e práticas do outro (a adoção heterodoxa de práticas cristãs pelos índios, por exemplo). O resultado disto é um espaço onde o hibridismo e a acomodação cultural acabam tornando-se a regra, e não a exceção. Inexiste, portanto, a assimilação completa de um grupo pelo outro; o que ocorre é o surgimento de novas práticas e significados, compartilhados por ambos os lados desta fronteira cultural.⁴⁸¹

A partir desta conceitualização, White narra este “mundo feito de fragmentos” e as maneiras através das quais europeus e algonquinos conseguiram construir um ambiente comum, que se não era desprovido de conflitos, possibilitou a estruturação de uma sociedade comprometida com a construção de um espaço mútuo de convivência. Esta coexistência relativamente harmoniosa foi essencial para a própria sobrevivência dos impérios coloniais naquela porção do continente americano, já que, sem a aliança com os nativos, seus sonhos e desejos de dominação total não poderiam ser levados a cabo. Isto, de

⁴⁷⁹ O termo “*middle ground*” é de difícil tradução, na medida em que aponta tanto para uma espacialidade, “o território intermediário”, quanto para uma condição mais geral, “o meio-termo” entre partes conflitantes. Como White parece ter usado-o em ambos os sentidos, optei por não traduzi-lo para o português.

⁴⁸⁰ “O *middle ground* é o lugar entre culturas, povos, e entre os impérios e o mundo não-estatal das aldeias. É o lugar onde muitos dos súditos e aliados norte-americanos dos impérios viviam. É a área entre o histórico primeiro plano da invasão e ocupação europeia e o segundo plano da derrota e da derrocada indígena”. Idem. Ibidem. p. X

⁴⁸¹ Idem. Ibidem. Talvez um dos melhores exemplos dados por White seja o do comércio de peles entre brancos (ingleses e franceses) e os nativos. Nele, nenhum lado pôde simplesmente impor sua lógica ao outro, resultando em uma prática comercial bastante original, nem subordinada aos simples interesses do mercado europeu e dos impérios em questão, nem ancorada nas percepções indígenas de como estas trocas deveriam funcionar (normalmente baseadas na idéia de reciprocidade e justiça entre as partes envolvidas na transação). Este hibridismo sustentou o comércio de peles durante quase duzentos anos, só sumindo no começo do século XIX, quando, entre outras coisas, a extinção das espécies mais valorizadas (antílopes e castores) e a vitória da lógica capitalista sobre todas as outras, acabaram decretando seu fim. Idem. Ibidem. p. 93-141.

certa forma, é o grande paradoxo da história contada por White: os dominadores *precisavam* dos dominados para que seu controle pudesse ser efetivo.

Mas, sem dúvida, o momento mais tocante desta história é justamente quando o *middle ground* começa ser lentamente desfeito e o espaço comum entre nativos e europeus começa a ruir. O ponto desta ruptura é a Revolução Americana, em 1776, e subsequente independência dos Estados Unidos. Ainda que a aliança entre britânicos e algonquinos tivesse sido bastante precária, especialmente quando comparada à experiência francesa, ela ainda era um acordo entre estes dois povos.⁴⁸² Após a emancipação das Treze Colônias, esta política foi abandonada em prol de duas contíguas e muito mais perniciosas, apesar de aparentemente opostas: a do *extermínio* e a da *benevolência*. A primeira, obviamente, postulava uma guerra total contra os nativos e era alimentada, principalmente, pelos colonos da fronteira, sequiosos pelas terras indígenas. É aqui que começa, portanto, a triste história de tratados rompidos, expulsões e morticínios, que se tornaria comum no século seguinte.

A política da benevolência foi, contudo, tão nefanda para os algonquinos quanto a primeira. Nesta, o extermínio não era físico, mas cultural e o *middle ground* era abandonado em prol de um assimilacionismo bastante radical, que postulava a *impossibilidade* completa da coexistência entre os dois mundos. Em outras palavras, esta ideologia, que se tornou ainda mais acentuada durante a presidência de Thomas Jefferson (1801-1809), colaborou decisivamente para a destruição total do *middle ground*, na medida em encarava os índios como sendo moral e racialmente inferiores aos europeus. Em sua perspectiva, só restava duas opções aos nativos: a assimilação à sociedade branca ou o extermínio.⁴⁸³ É nesse momento da história estadunidense que os índios renascem como o Outro perigoso e ameaçador que ronda a América anglo-saxônica.

⁴⁸² O Canadá, incluindo todo o *pays d'en haut*, foi cedido à Inglaterra em 1763, após a derrota da França na Guerra dos Sete Anos, na Europa. Os ingleses possuíam uma política indígena bem mais agressiva que os franceses, demandando a submissão completa dos nativos aos interesses de seu império. Um dos elementos que contribuía para isto era a grande diferença populacional entre as suas colônias norte-americanas e aquelas da França: enquanto nesta última existia uma falta crônica de soldados e colonos, nas primeiras existia uma pressão constante por novas terras, para atender as demandas de uma população cada vez maior (existiam um milhão de pessoas nas Treze Colônias quando da cessão do Canadá, contra os sessenta e cinco mil franceses do Quebec). Neste sentido, segundo White, as autoridades coloniais não desejavam a construção da *middle ground*, mas a destruição dele. Idem. Ibidem. p. 223-268.

⁴⁸³ Idem. Ibidem. p. 469-476.

White narra este ponto crítico através de dois líderes algonquinos, da tribo shawnee, Tecumseh e seu irmão Tenskwatawa. Suas ações foram uma última, e desesperada, tentativa de salvar o *middle ground* da dissolução. Quando Tecumseh conclamou seus patrícios às armas, em 1812, foi para tentar forçar os norte-americanos em direção a uma aliança.⁴⁸⁴ No entanto, como demonstra White, esmagados entre uma potência expansionista, os Estados Unidos, e outra preocupada em defender suas colônias restantes na América do Norte, a Inglaterra, não restavam muitas escolhas para os algonquinos. Castigados pelas constantes guerras, por doenças e pelo crescente aumento populacional dos colonos brancos, os nativos já não eram uma força política que pudesse se contrapor aos impérios e tirar proveito de ambos. Deste modo, o *middle ground*, que havia perdurado quase duzentos anos, chegara ao fim.⁴⁸⁵

Tendo feito este breve resumo do texto, é importante ressaltar seu sentido *político*. Para White, isto significa fornecer justiça aos nativos, se não no plano jurídico, ao menos no plano histórico. Ao recuperar sua ação na sociedade colonial, retirando-lhes tanto o status de Outro, fosse ele o “selvagem” ou o nobre “Adão americano”, ele pôde resgatar a humanidade destes homens e mulheres, dando-lhes o papel que por tanto tempo havia sido lhes negado: a restauração da complexidade deste quadro histórico é também a documentação da agressão explícita através da qual os índios foram forçados para fora do *middle ground* e marginalizados como parte de um contrato social que dificilmente teriam escolhido.⁴⁸⁶ A restauração do Outro funciona como um modo de aceitar a alteridade e alcançar uma acomodação mutuamente compreensível entre seres humanos com estilos de vida e visões de mundo diferentes. Para um país conhecido pelos conflitos raciais, abertos ou velados, “*The Middle Ground*” pode ser entendido como um manifesto em prol de uma

⁴⁸⁴ Tecumseh tentou organizar uma grande confederação de tribos, não só algonquinas, para tentar barrar o avanço norte-americano em direção às terras dos nativos. Quando a Inglaterra declarou guerra aos norte-americanos, em 1812, o chefe shawnee aliou-se aos britânicos na tentativa de enfraquecer o poder militar dos Estados Unidos e forçar um tratado de paz favorável aos interesses dos indígenas. Ele, contudo, acabou traído pelos ingleses, que retiraram seu apoio bélico e deixaram Tecumseh à mercê do exército das antigas Treze Colônias. Em outubro de 1813, ele foi derrotado em batalha e morto pelas tropas estadunidenses. Seu corpo, contudo, nunca foi encontrado.

⁴⁸⁵ Idem. Ibidem. p. 516-517. Alan Taylor continua a história onde White a encerra, em seu também magistral “*The Divided Ground*”. Neste livro, Taylor aponta para os efeitos duradouros e perniciosos da Revolução Americana na sociedade algonquina, incluindo a perda permanente de suas terras e sua marginalização econômica, social e política. Ver TAYLOR, Alan. *The Divided Ground: indians, settlers and the northern borderland of the American Revolution*. New York: Vintage Books, 2007.

⁴⁸⁶ KEARNS, Gerry. *The Virtuous Circle of Facts and Values in the New Western History*. op. cit. p. 396.

sociedade multicultural engajada em um constante diálogo sobre seu funcionamento e seus limites, mas também otimista quanto às possibilidades de compromisso entre seus integrantes.⁴⁸⁷ Sobre isto, afirmou Kearns:

“The story of how Native American society was underdeveloped, then, serves as an explicit rebuke to the supposed equality of all before the law. Nevertheless, White’s studies also provide empirical grounds for maintaining that alternative arrangements are imaginable in the present”.⁴⁸⁸

Essa narrativa sobre um “Oeste” fluido está também no cerne das narrativas de William Cronon, principalmente em sua defesa da “fronteira” como o centro da narrativa. Para Cronon, como vimos no capítulo anterior, o legado turneriano não era necessariamente um fardo que precisava ser abandonado. Ele precisava de reparos, sem dúvida, mas a estrutura retórica que fornecia à história americana era significativa demais para ser abandonada. Nesse aspecto, seu “Oeste” era, na verdade, a própria nação em movimento, na medida em que, segundo ele, esse termo se referia historicamente a várias partes dos Estados Unidos e não somente à região além do centésimo meridiano (que, corretamente, Cronon identifica como sendo o *último* Oeste, mas não o *único*).

Em sua principal obra, “*Nature’s Metropolis*” (“A Metrópole da Natureza”), Cronon buscou explicar o relacionamento, segundo sua própria definição, entre “cidade” e “interior”, usando a cidade de Chicago e o “Grande Oeste” (definido como a junção do Meio-Oeste e o Oeste moderno) como ponto de partida. Mas a explicação desta ligação serve a um propósito maior: analisar os modos pelos quais o Oeste norte-americano e o capitalismo mundial estavam conectados. Para usar suas palavras, o foco de Cronon estava

⁴⁸⁷ Em um texto publicado em 2006, White ancorou a inspiração para “*The Middle Ground*” nestes termos: “*the larger problem that inspired The Middle Ground, and which continues to fascinate me, is how, when historically and in modern society people get so much wrong, does the world still manage after a fashion to work?*” (“o problema mais amplo que inspirou “*The Middle Ground*”, e que continua a fascinar-me, é como, tanto historicamente quanto na sociedade moderna, as pessoas entendem errado muitas coisas, o mundo continua a funcionar?”). WHITE, Richard. Creative Misunderstandings and New Understandings. In: *The William and Mary Quarterly*, 3rd series, vol. LXIII, n. 1. January, 2006. p. 13-14.

⁴⁸⁸ “A história de como a sociedade indígena foi subdesenvolvida serve, assim, como uma refutação explícita da suposta igualdade de todos diante da lei. Ainda assim, os estudos de White também fornecem fundamentos empíricos para a defesa de que arranjos alternativos são imagináveis no presente”. KEARNS, Gerry. *The Virtuous Circle of Facts and Values in the New Western History*. op. cit. p. 397.

nos “caminhos que levam para fora da cidade”.⁴⁸⁹ Deste modo, Cronon escreve a história regional a partir de um escopo mais amplo, ou seja, o do “Grande Oeste” e dos processos pelos quais uma “fronteira” se transforma num “lugar”. Numa crítica (velada, contudo) a alguns de seus colegas regionalistas, Cronon escreveu no prefácio de *“Nature’s Metropolis”*:

“The ‘Great West’ is thus related to a much more controversial word, ‘frontier’. Some western scholars have recently argued that (...) frontier conceptions are so ideologically loaded, so racist, so sexist and imperialist in their implications, that it would be better not to use the word at all. They offer a regional version of western history in which the West begins where it does today, in a not very well defined line cutting across the Great Plains or the Rocky Mountains. Although I share these scholars’ objections to the ideological distortions of traditional frontier historiography, I do not believe we can escape those distortions simply by changing vocabulary to redefine the historical experience that created them”.⁴⁹⁰

A defesa que Cronon faz do conceito de “fronteira” deve ser entendida, assim, como uma maneira de não enquadrar a história do Oeste em uma moldura anacrônica. Neste sentido, para Cronon, as definições regionalistas do campo não eram muito melhores do que aquelas dos “fronteiriços”, já que partiam de uma conceitualização sobre a região que apagava o próprio entendimento que os americanos do século XIX tinham sobre o Oeste: *“to try to redefine the West to fit our modern vocabulary is to do violence to the way Americans in the past understood the term, since for them it was intimately tied to the ‘frontier’”*.⁴⁹¹ Para o historiador, portanto, a idéia do “Oeste-enquanto-região” era

⁴⁸⁹ CRONON, William. *Natures’s Metropolis: Chicago and the Great West*. New York: W. W. Norton, 1991. p. xv-xxv.

⁴⁹⁰ “O ‘Grande Oeste’ é assim relacionado com uma palavra muito mais controversa, ‘fronteira’. Alguns pesquisadores do Oeste argumentaram recentemente que as definições de fronteira são tão racistas, tão sexistas e imperialistas que seria melhor nem usar a palavra. Ao invés, eles oferecem uma versão regional da história do Oeste na qual o Oeste começa do mesmo modo que hoje, em uma mal-definida linha que corta as Grandes Planícies ou as Montanhas Rochosas. Ainda que eu compartilhe das objeções destes pesquisadores sobre as distorções ideológicas da historiografia tradicional da fronteira, eu não acredito que possamos escapar a estas diferenças através da simples mudança de vocabulário para redefinir a experiência histórica que as criou”. Idem. Ibidem. p. xviii.

⁴⁹¹ “Tentar redefinir o Oeste para se adaptar a nosso vocabulário moderno é violentar o modo pelo qual os norte-americanos do passado entendiam o termo, já que para eles ele estava intimamente ligado à ‘fronteira’”. Idem. Ibidem. p. xix.

anacrônica e, em última instância, ahistórica, já que partia do lugar para a história e não do contrário.

No ano seguinte, 1992, Cronon, em conjunto com outros dois historiadores, publicou um ensaio em que sua defesa da “fronteira”, explicitada tanto em “*Nature’s Metropolis*” quanto em “*Revisiting the Vanishing Frontier*”, adquire seus contornos mais bem definidos. Sintomaticamente intitulado “*Becoming West*” (“Tornando-se Oeste”), este ensaio fornece algumas proposições sobre como narrar a história do Oeste, de maneira a torná-la mais ampla em seu escopo, fugindo, assim, das armadilhas regionalistas mais pronunciadas nos trabalhos de Limerick e Worster. Em primeiro lugar, este texto repetia o já tradicional exórdio sobre a crise do campo. Entretanto, ao contrário de Limerick, os autores não a imputam a superprodução acadêmica, mas ao abandono de uma estrutura narrativa que pudesse conectar a *Western History* a uma história mais abrangente, tanto nacional quanto transnacional. Nos dizem eles:

“We wish to argue that the West offers rich opportunities for anyone who wishes to grasp the broad outlines of American history. We would go further still: *we believe that one cannot understand the modern United States without coming to terms with its western past*”.⁴⁹²

Mais adiante, os autores chegam ao cerne da questão sobre o problema de uma *Western History* regionalizante. Defendendo Turner, eles afirmam: “*Turner’s greatest achievement in defining western history as he did was to center the field not on a single region but on many regions undergoing parallel historical changes*”⁴⁹³. Ou seja, a noção de paralelismo, de que a fronteira se replicava em diversos lugares de modo similar, havia sido o maior *insight* do velho historiador e seu abandono acarretaria perdas significativas para o campo:

⁴⁹² “Nós gostaríamos de argumentar que o Oeste oferece ricas oportunidades para qualquer um que deseje apreender os contornos mais amplos da história norte-americana. *Nós iríamos ainda mais longe: acreditamos que não se pode compreender os Estados Unidos modernos sem entender o passado do Oeste*”. Grifo meu. CRONON, William; GITLIN, Jay & MILES, George. In: Idem (org.). *Under an Open Sky*. op. cit. p. 6.

⁴⁹³ “A grande realização de Turner em ter definido a história do Oeste como fez foi ter centrado o campo não em única região, mas em várias regiões experimentando mudanças históricas paralelas”. Idem. *Ibidem*.

“By coupling western history with the idea of sequential frontiers, Turner showed that the history of ‘the West’ *was in fact the history of the entire nation*. It would be a shame to lose the power of that insight just because Turner surrounded it with a lot of erroneous, misleading and wrongheaded baggage”.⁴⁹⁴

Não se trata, portanto, de uma simples reabilitação da *frontier thesis*, mas uma tentativa de relê-la de um modo mais crítico e útil aos historiadores do final do século XX. Os estágios sequenciais da tese turneriana, assim como muito de seu caráter linear e progressista, são descartados em prol de uma narrativa que aceita a fronteira, ou o movimento em direção a ela, como um dos elementos determinantes da experiência histórica dos Estados Unidos, mas sem um sentido pré-determinado (ou sem a teleologia que era, de fato, uma característica da *frontier thesis*). Do mesmo modo, também não se trata do abandono da idéia de “região” – o que importa a Cronon e os outros autores é sua matização como conceito, ou seja, sua emergência como um *ente histórico*. Em outras palavras, o que lhes interessa é entender como surge a “região”, similar ao que faz White em seus textos. Segundo os autores,

“The narrative we have in mind carries us from frontier invasion and land taking to the settlement and formation of new communities – processes often at odds with one another – bringing us to the gradual emergence of local and regional identities with their attendant problems of community reproduction, conflict and change”.⁴⁹⁵

Este enredo permite, assim, aos *western historians* representar a história do Oeste evitando alguns dos problemas do regionalismo ou do turnerismo mais ortodoxo. Em primeiro lugar, ele não parte do pressuposto de que a terra estava vazia ou que a natureza era intocada; muito pelo contrário, como bem perceberam os autores, o processo de

⁴⁹⁴ “Ao combinar a história do Oeste com a idéia de fronteiras sequenciais, *Turner demonstrou que a história do ‘Oeste’ era na verdade a história de toda a nação*. Seria uma vergonha perder o poder desta noção só porque Turner a preencheu com muito conteúdo errôneo, enganoso e falso”. Grifo meu. Idem. *Ibidem*.

⁴⁹⁵ “A narrativa que temos em mente nos leva da invasão da fronteira e conquista da terra até a colonização e a formação de novas comunidades – processos muitas vezes díspares – nos trazendo até a gradual emergência de identidades locais e regionais com seus problemas associados de reprodução da comunidade, conflito e mudança”. Idem. *Ibidem*. p. 7.

expansão foi intrinsecamente violento e envolveu o choque entre grupos diversos. Aliás, Cronon, Miles e Gitlin conectam o expansionismo norte-americano ao fim do *middle ground*, na medida em que as pressões exercidas pelos pioneiros e as respostas indígenas à invasão causaram um estado em que era a própria sobrevivência de ambos que estava em jogo. A própria imagem da fronteira que emerge deste fato é algo mais complexo do que os regionalistas gostariam de conceber: ao contrário do que pensa Limerick, a ênfase na “fronteira” permite sim criar uma narrativa mais multiculturalista e mais multifacetada do que a simples idéia de um avanço europeu em direção a Oeste, já que ela era essencialmente a junção entre *dois ou mais* mundos, não estando somente centrada na perspectiva européia. A fronteira nasce quando esses grupos se encontram: se ela a era para os anglos, também a era para os nativos.⁴⁹⁶

Desta maneira, o enredo imaginado por estes autores permite recuperar a idéia da fronteira como sendo um espaço onde, apesar de tudo, grupos se encontravam, se imiscuíam e, muitas vezes, aprendiam a conviver com suas diferenças. Neste caso, eles se remetem à noção da fronteira como sendo um choque de antíteses que produzem sínteses, que se não igualitárias ou harmônicas, pelo menos possibilitam pensar na fronteira como um espaço *híbrido*. Com bem colocou Serge Gruzinski, “*los mestizajes no son nunca una panacea; expresan combates que nunca tienen un ganador y que siempre vuelven a empezar*”.⁴⁹⁷

Este “refazer de mundos”, para usar a expressão de Cronon e seus colegas⁴⁹⁸, me parece um melhor modo de narrar a história do Oeste do que o “ponto de encontro” de Limerick, que pressupõe existências apartadas umas das outras e que só se conhecem através da autoridade do historiador, e da (inevitável) vitória do capitalismo nos textos do Worster, com seu poder de destruir identidades locais e toda e qualquer resistência. Dito de outro modo, esta me parece uma trama que serve melhor a uma história mais multicultural e democrática, justamente porque percebe que ela não é algo linear ou “inescapável”; muito pelo contrário, reconhece que ela é feita de escolhas e que, mesmo que os indivíduos não

⁴⁹⁶ Idem. Ibidem. p. 14-15.

⁴⁹⁷ “As mestiçagens nunca são uma panacéia; expressam combates que nunca têm um ganhador e que sempre recomeçam novamente”. GRUZINSKI, Serge. *El Pensamiento Mestizo: cultura amerindia y civilización del Renacimiento*. Paidós: Barcelona, 2007. p. 378.

⁴⁹⁸ CRONON, William; GITLIN, Jay & MILES, George. *Becoming West*. In: Idem (org.). *Under an Open Sky*. op. cit. p. 10.

possam controlar suas consequências, ao menos lhes é dado poder de *tentar*. Para uma historiografia que se apresenta, acima de tudo, como tendo uma missão política de melhorar o futuro, este é, sem dúvida, um caminho muito melhor do que afirmar que não se pode “escapar à história”, para usar as já citadas lamentáveis palavras de Worster. De acordo com os autores:

“Unlike Turner’s teleologies, in which the triumph of American nationalism was the inevitable end of frontier settlement, the processes we have in mind have been all open-ended. They imply nothing about ‘progress’ or ‘the march of civilization’. Because they have mingled with each other in complex ways that have rarely been predictable, **they imply widely differing outcomes to the frontier-regional story.**”⁴⁹⁹

Na comparação entre o regionalismo de Limerick e Worster e nas noções mais fluidas de White e Cronon (seja “*middle ground*”, “fronteira” ou o simples reconhecimento da historicidade do lugar), as últimas são narrativas muito mais úteis para uma historiografia que se pretende engajada na construção de alternativas à sociedade norte-americana vigente e, em termos disciplinares, a um campo que pretende sair da crise que a regionalização exagerada lhe atirou na década de 1960. Isto não significa que Limerick e Worster não tenham acertado em alguns pontos ou que não se pode conciliar algumas de suas considerações com as de seus outros dois colegas (o que, aliás, foi feito, como veremos no capítulo seguinte). No entanto, se pensarmos, como faz Kerwin Klein, que “Oeste” só pode ser definido em *oposição* a algo, então o conceito “etnocêntrico” e “excludente” não é “fronteira”, mas sim “Oeste-enquanto-região”: a primeira pressupõe um mínimo de interação e inclusão; o segundo define-se a partir de uma separação e de uma exclusão orginal. E esse certamente não é o caminho para uma historiografia que se pretende engajada na construção de um futuro melhor do que o presente.⁵⁰⁰

⁴⁹⁹ “Ao contrário das teleologias de Turner, aonde o triunfo do nacionalismo norte-americano era o fim inevitável da fronteira, os processos que temos em mente são imprevisíveis. Eles não envolvem nada sobre ‘progresso’ ou ‘a marcha da civilização’. Porque eles se imiscuíram em modos complexos que raramente foram previsíveis, **eles envolvem diferentes resultados para a história fronteira-regional**”. Grifo meu. Idem. Ibidem. p. 11.

⁵⁰⁰ KLEIN, Kerwin Lee. *Frontiers of Historical Imagination*. op. cit. p. 6. É preciso aqui lembrar, ainda que brevemente, das tentativas de sucessivas administrações norte-americanas de construir uma barreira física, ou

Estas diferenças também possibilitam demonstrar como, mesmo tendo um projeto disciplinar e político comum, a NWH estava longe de ser um bloco monolítico, como algum de seus detratores a representavam. Além disso, estas tensões também permitem repensar o próprio “radicalismo” e a “originalidade” do movimento, na medida em que as suas narrativas consideradas mais radicais politicamente eram aquelas que, paradoxalmente, desarmavam a esperança em qualquer mudança social mais profunda. Do mesmo modo, boa parte de suas melhores narrativas eram, em última instância, releituras de interpretações anteriores (como a *frontier thesis*), adaptadas às demandas disciplinares e sociais de um novo momento.

Apesar disso, os críticos mais contundentes da NWH não pouparam os *new western historians* de acusações que pouco ou nada tinham a ver com o quadro que tentei esboçar neste capítulo. Aliás, o debate (ou, muitas vezes, a troca de insultos) que dominou o campo no começo da década de 1990 é bastante significativo, justamente por causa de seu aspecto estridente (e frequentemente histórico) e pela retórica agressiva usada pelos adversários dos reVISIONISTAS. Este será, assim, o ponto do próximo capítulo.

de aumentar as existentes, entre o México e o Oeste, com o intuito de impedir a entrada de imigrantes ilegais no país. Neste caso, a exclusão simbólica do conceito de “região” adquire contornos dramaticamente reais: ao contrário da idéia de espaços híbridos (que caracterizou o Sudoeste dos Estados Unidos), se insiste em uma “pureza” regional e numa separação que atenta contra a própria experiência histórica *westerner*, na medida em que reconhece a linha separatória entre estes dois países como algo perpétuo e imutável – uma barreira entre mundos, o “livre” e o “pobre”, naturalizados como lados opostos desta mesma linha.

Capítulo IV. Um Espectro Ronda o Oeste: a recepção da *New Western History*, as guerras culturais e os “perigos” do revisionismo

“From sand and cactus we Americans have carved an empire. (...). Thank God for my country! Thank God I was born an American!”.
– John Fante⁵⁰¹

Tendo visto os diferentes enredos para a história do Oeste imaginados pela NWH, e as consequências políticas destes, cabe finalmente analisar as reações ao movimento. Em geral, os *new western historians*, a despeito de alguns dos problemas mencionados anteriormente, conseguiram se impor rapidamente no campo, tendo uma aceitação positiva por boa parte de seus colegas, não sem críticas e revisões, contudo. Por outro lado, o debate sobre a NWH logo transbordou para a arena da opinião pública, com jornalistas, escritores e leitores leigos tendo uma visão bastante negativa dos revisionistas, acusando-os de fornecerem uma narrativa “negativista” para o passado *westerner*. Igualmente, alguns historiadores do Oeste responderam agressivamente a Limerick e seus colegas, muitas vezes de maneira rude e pouco condizente com as normas de boa-conduta intelectual. Aqui, entretanto, o interessante não é nem tanto a defesa de narrativas divergentes, mas os termos com os quais estes críticos se referiram à NWH, demonstrando que, algumas vezes, questões empíricas e lógicas passaram ao largo destes debates. Neste caso, a intenção, ao meu ver, era deslegitimar profissionalmente e politicamente a NWH, sem necessariamente entrar no mérito de seus argumentos.

Este capítulo está dividido em duas partes. Na primeira, examino a recepção da NWH através de resenhas em publicações profissionais e não-profissionais importantes, assim como em artigos que, ao mesmo tempo em que abraçavam os preceitos do movimento, buscavam problematizá-los. Ao fazerem isto, estes historiadores esperavam finalmente chegar à tão desejada síntese que, como um *deus ex machina*, retiraria a *Western History* de sua aparentemente infundável crise. Já na segunda parte, dividida em dois pontos, apresento às críticas e ataques à NWH, enfatizando a sua suposta ameaça à nação norte-

⁵⁰¹ “Nós norte-americanos criamos um império a partir da areia e do cactus. (...). Graças a Deus pelo meu país! Graças a Deus eu nasci norte-americano!”. FANTE, John. *Ask the Dust*. New York: Harper, 2006. p. 44

americana e à profissão e avaliando o sentido destes ataques, dentro do contexto mais amplo das chamadas “guerras culturais”.

4.1. Uma *Western History* Maior: aceitando e problematizando a reescrita da história do Oeste

Logo após seu lançamento, “*The Legacy of Conquest*” já foi aclamado como um clássico imediato do campo e referência obrigatória para a historiografia do Oeste. Sua repercussão foi enorme, tanto dentro quanto fora da academia. Isto talvez tenha sido resultado de sua proposta sintética, que provavelmente o tornava mais visível (e atraente) a um maior número de pessoas, historiadores ou não. Além disso, não se deve minimizar o papel desempenhado pela auto-atribuída novidade do livro como um potencial elemento de atração de leitores. Uma resenha no “*New York Times*” (o que, por si só, já dava uma enorme divulgação para ele), por exemplo, considerava esta suposta originalidade como sendo o principal ponto positivo da obra. Segundo Anne Kolodny, “*The Legacy of Conquest*” indicava um profícuo caminho para o campo, através de sua ênfase na nova historiografia social e econômica das décadas de 1960 e, principalmente, 1970. Por outro lado, a autora acusava Limerick de ainda manter seu foco nos homens brancos, negligenciando o papel das mulheres no Oeste, e de recorrer demasiadamente às anedotas e curiosidades, prejudicando o status acadêmico de sua escrita. De qualquer modo, seu julgamento sobre o livro era bastante positivo.⁵⁰²

Nos veículos profissionais, as resenhas do livro de Limerick também foram bastante satisfatórias. Num *review* publicado em outubro de 1988, no AHR, Joseph Porter avaliou a obra como uma adição significativa à bibliografia básica sobre a região, recomendando-o especialmente a estudantes e professores dos cursos de graduação.⁵⁰³ No *Journal of the Southwest* da primavera do ano seguinte, Camille Bamford também considerou o livro como o texto há muito tempo esperado pelos historiadores não - ou anti-turnerianos. Indo mais longe, ela afirmou que “*The Legacy of Conquest*” era uma leitura valiosa

⁵⁰² Kolodny também afirma que várias das conclusões de Limerick carecem de evidências mais significativas. KOLODNY, Anne. The Crowd in the Wilderness. In: *The New York Times Book Review*, August 2nd, 1987. p. 12-13.

⁵⁰³ PORTER, Joseph. Review “The Legacy of Conquest”. In: *The American Historical Review*, vol. 100, n. 4. October, 1988. p. 1387.

principalmente para aqueles a quem cabia a tomada de decisões sobre o futuro regional: políticos, empresários, intelectuais, etc. Antes de ser um livro de história, aparentemente, para Bamford, a obra de Limerick era um guia para ações a serem tomadas no presente e no futuro.⁵⁰⁴ Para além desse fator prático, Bamford apontava algo essencial para o campo, isto é, a substituição de uma metanarrativa por outra de igual impacto:

“As Limerick began to write, her purpose was to destroy and disprove popular misconceptions of the Old West. Her mission now is to replace an outdated concept with a ‘truer’ mythology. If a new American West mythology is necessary, we should base it on historical accuracy or we will all suffer the consequences of decisions based on false information”.⁵⁰⁵

Walter Nugent, já um respeitado professor da Universidade de Notre Dame, Indiana, seguiu o mesmo caminho de Bamford. Para ele, Limerick fornecia um novo “passado utilizável” para a região e, por isso, merecia ser lido por todos aqueles preocupados com o Oeste e seu lugar na história nacional dos Estados Unidos. Segundo Nugent, o livro da historiadora era uma “estimulante síntese” sobre a história do Oeste.⁵⁰⁶ Gerald Nash, mais tarde um feroz oponente da NWH, também recomendou o livro aos seus colegas. Mesmo que minimizasse a tão propalada novidade do texto, ele o considerou “instigante” em seus argumentos e apresentação. Algum tempo depois, como veremos, Nash mudaria radicalmente seu discurso.⁵⁰⁷

⁵⁰⁴ BAMFORD, Camille. Review “The Legacy of Conquest”. In: *The Journal of the Southwest*, vol. 31, n.1. Spring, 1989. p. 116-118.

⁵⁰⁵ “Quando Limerick começou a escrever, seu propósito era destruir e desprovar as más concepções populares sobre o Velho Oeste. Sua missão agora é substituir um conceito datado com uma mitologia mais verdadeira. Se uma nova mitologia do Oeste norte-americano é necessária, nós deveríamos baseá-la na acuidade histórica or todos sofreremos as consequências de decisões baseadas em falsas informações”. Idem. Ibidem, p. 117. A questão que fica aqui, evidentemente, é se Limerick concordaria em ver sua narrativa como sendo parte de uma nova mitologia...

⁵⁰⁶ NUGENT, Walter. Review “The Legacy of Conquest”. In: *The Western Historical Quarterly*, vol. 19, n. 4. November, 1988. p. 449-450.

⁵⁰⁷ NASH, Gerald D. Review of “The Legacy of Conquest”. In: *The Journal of Economic History*, vol. 48, n. 2. June 1988, p. 508. Da mesma maneira, Nash recomendou avidamente “*Rivers of Empire*” aos seus colegas, sob o argumento de que era “extensivamente documentado” e “bem argumentado”, embora não concordasse com algumas das conclusões de Worster. Idem. Review of “*Rivers of Empire*”. In: *The American Historical Review*, vol. 92, n. 1. February, 1987. p. 214-215.

A reprodução de uma mesa-redonda realizada na conferência anual da WHA de 1988 na edição de agosto de 1989 da WHQ sedimentou definitivamente o status de “clássico moderno” de *“The Legacy of Conquest”*. Os debatedores foram todos importantes expoentes da *Western History*: Donald Worster, Michael Malone, Susan Armitage, professora da Universidade Estadual de Washington e pioneira dos estudos sobre gênero no campo, e David Weber, docente da Universidade Metodista do Sul, no Texas, e destacado estudioso das *borderlands*.⁵⁰⁸

O interessante deste painel, cujo título deixa bem clara sua função celebratória, é o que ele representou dentro do campo. Na prática, se reconhecia a amplitude da obra de Limerick, assim como a validade do projeto revisionista (ou mesmo sua imposição como a única alternativa válida à crise). Na abertura da discussão, Worster legitimou o status de “novo clássico” de *“The Legacy of Conquest”*, ao compará-lo ao seminal texto de Walter Webb, *“The Great Plains”*, pelo seu escopo e poder imaginativo. Mas, para além desta importância historiográfica, Worster destacava a importância política do trabalho de Limerick, na medida em que, segundo o historiador, ela:

“Has reminded us that no field of history can afford to let itself become a mere industry of footnotes. There must be a more considerable purpose to the work we do than that. Limerick insists that there must be some set of issues that deeply perplex us in the present. (...). A very large reason for our work is to discover what those present issues are, and then discover why or how it is in the western past, as opposed to the southern or eastern past, that we ought to be digging for answers”.⁵⁰⁹

⁵⁰⁸ Aliás, nos vinte anos de existência desta revista, esta foi a única vez em que se dedicou tamanho espaço para uma única obra. Sem dúvida, tal exposição foi resultado direto de duas coisas: seu status de síntese e a sua repercussão *fora* do campo. É interessante, contudo, que a mesa não tenha incluído nenhum crítico mais ferrenho do trabalho de Limerick. WORSTER, Donald E. et alli. *The Legacy of Conquest: a panel of appraisal*. op. cit.

⁵⁰⁹ “Limerick nos lembrou que nenhum campo da história pode deixar-se tornar uma mera indústria de notas-de-rodapé. Deve existir um propósito mais considerável em nosso trabalho. Limerick insiste que deve haver algum conjunto de tópicos no presente que nos perplexa profundamente. Uma grande razão para nosso trabalho é descobrir quais são estes tópicos, e depois descobrir os motivos que devemos ir a busca de suas respostas no passado do Oeste, e não no do Sul ou do Leste”. Idem. *Ibidem*. p. 306.

Worster, assim, repetiu as considerações de Bamford sobre a possibilidade de orientação prática, para usar o termo do alemão Jörn Rüsen⁵¹⁰, de “*The Legacy of Conquest*”. O principal, para o *western historian*, era a possibilidade de justiça social que o livro abria para o futuro regional.⁵¹¹

Os outros três painelistas foram menos celebratórios que Worster, mas ainda assim subscreveram às intenções de Limerick. Se para uns, como Armitage, sua centralidade não era necessariamente tanto o fato de ser “novo” quanto o de ser “popular”, para Malone e Weber o livro oferecia um caminho interessante, a despeito de alguns de seus problemas.⁵¹²

Esses diziam respeito, principalmente, à já citada crítica que Weber fez ao regionalismo exarcebado de Limerick e sua rejeição ao conceito de “fronteira”, assim como a tentativa, contestada por Malone, de se criar um “fardo moral” para o Oeste (a conquista) em termos análogos ao que a escravidão e a derrota militar teriam representado para o Sul. Para Malone, embora fosse um tema essencial, a conquista não era algo excepcional ao Oeste, mas à nação. Logo, não poderia servir muito bem como o determinante das peculiaridades *westerners* diante do resto dos Estados Unidos. Ainda assim, para estes dois professores, “*The Legacy of Conquest*” ainda merecia o elogio de “excepcional” e “impressionante”.⁵¹³

Limerick, contudo, não escapou de algumas críticas contundentes. Vernon Carstensen, professor da Universidade de Washington e ex-presidente da WHA (1981-1982), não foi tão condescendente com o livro. Em um *review* escrito para a MMWH, ele enquadrou Limerick em uma tradição historiográfica anti-turneriana que já possuía, pelo menos, meio século de vida. Ademais, Carstensen ecoava as críticas de Kolodny em relação às poucas evidências apresentadas por Limerick para sustentar seus argumentos e afirma que, mesmo interessante, era duvidoso que a obra fosse conseguir acabar com a centralidade da idéia de “fronteira” e suas implicações para o campo.⁵¹⁴ Richard Bartlett,

⁵¹⁰ RÜSEN, Jörn. *Razão Histórica: teoria da história – os fundamentos da ciência histórica*. Brasília: UnB, 2001. p. 13.

⁵¹¹ WORSTER, Donald E et alli. *The Legacy of Conquest: a panel of appraisal*. op. cit. p. 304-305.

⁵¹² Idem. *Ibidem*.

⁵¹³ Idem. *Ibidem*. p. 316-322.

⁵¹⁴ Em um breve momento, Carstensen parece deixar implícito que o público de Limerick não seria formado por historiadores profissionais, mas por leigos e amadores. De certa forma, se minha leitura estiver correta, ele parece atribuir a Limerick o epíteto de “generalizante”, mais tarde extremamente utilizado pela NWH para

por sua vez, afirmou compreender os motivos da excitação em torno da obra, mas a considerou uma simples compilação de anedotas já contadas muitas vezes, além de ter “pouco poder explicativo”. No fim, Bartlett ecoou Carstensen em sua avaliação de que “*The Legacy of Conquest*” não se tornaria uma obra central ao campo.⁵¹⁵ Os talentos proféticos de Bartlett e Carstensen, contudo, falharam clamorosamente.

A partir destas resenhas, e independentemente das críticas mais pronunciadas, pode-se perceber que, logo após seu lançamento, “*The Legacy of Conquest*” foi alçado à categoria de principal texto-fundador de uma nova historiografia do Oeste norte-americano, mesmo que o termo “*New Western History*” ainda não tivesse sido cunhado. Dito de outro modo, ele foi canonizado de forma bastante rápida. Acredito que isto tenha ocorrido por dois motivos básicos: sua intenção de ser uma nova síntese da história e da historiografia sobre o Oeste e a própria repercussão causada pela obra, que extrapolou, em muito, as delimitações do campo.⁵¹⁶

No primeiro caso, o livro adentrou em um território pouco explorado durante a década anterior. Embora algumas sínteses tenham sido produzidas na década de 1970, nenhuma delas realmente pretendia romper com o padrão turneriano, mesmo que alguns de seus objetos e temas fossem inovadores.⁵¹⁷ Existia, portanto, uma demanda a ser preenchida e Limerick soube como aproveitar este vácuo, ainda mais se considerarmos as infundáveis lamentações sobre a falta de uma síntese para o campo. “*The Legacy of Conquest*” podia não ser a obra desejada por vários *western historians*, tanto em termos políticos quanto teórico-metodológicos, mas ainda assim era uma tentativa clara de responder à crise de identidade da História do Oeste. Do mesmo modo, como já vimos, a autoproclamada

criticar seus contendores. Esta inversão de termos é, no mínimo, bastante interessante. CARSTENSEN, Vernon. A New Perspective on the West? A Review of “The Legacy of Conquest”. In: *Montana Magazine of Western History*, vol. 38, n. 2. Spring 1988, p. 84-85.

⁵¹⁵ BARTLETT, Richard. Review of “The Legacy of Conquest”. In: *The Journal of American History*, vol. 75, n. 1. June, 1988. p. 274.

⁵¹⁶ “*The Legacy of Conquest*” também arregimentou boas críticas fora dos Estados Unidos, como demonstra uma resenha publicada no prestigioso jornal britânico *The Guardian*, em 12 de fevereiro de 1988. Nela, o crítico Kenneth Morgan elogiou o livro pela sua representação de um Oeste “sem ilusões”, sob uma perspectiva realista e aguçada em suas análises. Curiosamente, para Morgan, contudo, a linhagem política de Limerick era muito mais próxima da do *New Deal*, moderada, portanto, do que da *New Left*. MORGAN, Kenneth. How the West was Sold. In: *The Guardian*, February, 12th, 1988. p. 5-6.

⁵¹⁷ Ver BARTLETT, Richard. *The New Country: a social history of the American frontier, 1776-1890*. Oxford: Oxford University Press, 1974 & MERK, Frederick. *A History of the Westward Movement*. New York: Knopf, 1978. Ambas eram baseadas nas teses de Turner, Billington e outros.

novidade desta interpretação servia como uma interessante estratégia de legitimação dentro do ambiente acadêmico e como um método de divulgação bastante inteligente para o livro. Ao afirmar que estava rompendo com *todas* as visões anteriores, Limerick pode ter atizado a curiosidade de diversos leitores que, de outro jeito, permaneceriam alheios ao trabalho.

Isto nos leva ao segundo ponto: a repercussão adquirida pelo livro. Além das resenhas acadêmicas mencionadas acima, ele mereceu destaque nas páginas de destacados jornais, como “*The Washington Post*”, “*The Los Angeles Times*”, “*The Denver Post*” e “*The New York Times Magazine*”, o que não era muito comum para trabalhos de História, quanto mais de *Western History*.⁵¹⁸ Um exemplo disto é a ampla resenha de livros ligados à nova historiografia publicada no *New York Times*, sob o sugestivo título “*True West: a reading list*” (“Verdadeiro Oeste: uma lista de leituras”), em 1992. Nela, “*It’s your Misfortune and None of my Own*”, “*Under Western Skies*” e “*Under an Open Sky*”, dentre outros, receberam a recomendação máxima do redator.⁵¹⁹

Se considerarmos o número potencial de leitores destas publicações e o capital intelectual adquirido por uma boa resenha nelas, principalmente dos periódicos de Washington, Los Angeles e Nova York (os três mais importantes e de maior tiragem nos Estados Unidos), pode-se chegar à conclusão de que “*The Legacy of Conquest*” obteve uma ampla exposição entre o público leitor médio da América. Isto pode ajudar a explicar seu status quase imediato de “novo clássico” historiográfico.

Os outros textos canônicos da NWH foram bem recebidos por seus pares, especialmente “*It’s your Misfortune and None of my Own*” e “*The Middle Ground*”. Três resenhas, publicadas na PHR, AHR e RAH, alguns dos principais veículos profissionais dos Estados Unidos, testemunham muito bem sobre este fato. No primeiro caso, a crítica de Richard Lowitt considerou o livro de White como “um texto para os tempos”, com sua história “crítica” e “trágica”.⁵²⁰ Já Richard Etulain, resenhando o trabalho para a AHR, considerou-o “provocativo” e “iluminador”, repleto de “ironia” e “humor”. Assim como os seminiais trabalhos de Frederic Paxson e Ray Allen Billington, Etulain estimava que a obra

⁵¹⁸ ETULAIN, Richard W. *Telling Western Stories*. op. cit. p. 126-127.

⁵¹⁹ NICHOLLS, Richard E. True West: a reading list. In: *The New York Times*, September, 20th, 1992. Section 7, p. 26.

⁵²⁰ LOWITT, Richard. Review of *It’s your Misfortune and None of my Own*. In: *The Pacific Historical Review*, vol. 62, n 1. February, 1993. p. 89-90.

já era um clássico do campo, independente de seu pouco tempo de vida.⁵²¹ Finalmente, Albert Hurtado, em um detalhado *review* publicado na RAH, elogiou a perspectiva “historicista” de White e sua crítica a essencialismos geográficos de qualquer tipo. Segundo Hurtado, este texto seria um definidor dos debates sobre o campo nas décadas seguintes, fadado a inspirar teses e livros. Para seu colega, White havia escrito uma *oeuvre* fundamental.⁵²² Em 1991, o livro foi agraciado com dois prêmios: o *Western Heritage Award* em não-ficção, dado pelo Museu Nacional do Caubói, além de ter sido eleito um dos livros mais notáveis do ano pelo *New York Times Book Review*, o mais importante suplemento literário do país.

No entanto, “*The Middle Ground*” foi o livro que mais elogios recebeu. Robert Berkhofer, Jr., professor da Universidade da Califórnia, Santa Cruz, refletindo suas preocupações com a linguagem historiográfica, louvou o texto de White pela capacidade de sintetizar 165 anos de história em uma narrativa coerente. Este resenhista também saudou o aspecto inovativo da obra, assim como a sua intenção de desnaturalizar o indígena como o Outro da história norte-americana.⁵²³ Já Colin Calloway, num longo *review* para a RAH, afirmou que White havia criado um modelo para o exame das sociedades multiétnicas das Américas, principalmente por causa de sua ênfase na *agency* e na humanidade dos nativos. Para Calloway, “*The Middle Ground*” funcionava como uma ótima “ponte” entre a Nova História Indígena e o *mainstream* da historiografia norte-americana.⁵²⁴ Por fim, Peter Mancall, escrevendo para o AHR, exaltou o modo como White havia conseguido criar uma nova narrativa para os contatos entre europeus e nativos, afirmando que seu “modelo” poderia ser aplicado a outras situações que não somente o contexto dos Grandes Lagos e do período colonial. Segundo Mancall, o livro era indubitavelmente uma das melhores obras sobre a era colonial e merecia ser recomendado a todos estudantes e professores

⁵²¹ ETULAIN, Richard. Review of *It's your Misfortune and None of my Own*. In: *The American Historical Review*, vol. 98, n. 1. February, 1993. p. 260.

⁵²² HURTADO, Albert L. Whose Misfortune? Richard White's Ambivalent Region. In: *Reviews in American History*, vol. 22, n. 2. June, 1994. p. 286-291.

⁵²³ BERKHOFER, Jr., Robert F. Review of *The Middle Ground*. In: *The Journal of American History*, vol. 79, n. 3. December, 1992. p. 1134-1135.

⁵²⁴ CALLOWAY, Colin G. Native American History and the Search for Common Ground. In: *Reviews in American History*, vol. 20, n. 4. December, 1992. p. 447-452.

interessados nela.⁵²⁵ Os organizadores dos prêmios Albert Beveridge, fornecido pela AHA ao melhor livro em inglês sobre a história da América do Norte, e Francis Parkman, dado pela SAH aos textos historiográficos com alto valor literário, concordaram com os elogios: em 1992, *“The Middle Ground”* ganhou os dois. Da mesma maneira, ainda em 1992, ele foi um dos finalistas do Prêmio Pulitzer em História, embora não tenha conseguido ganhá-lo.⁵²⁶

Assim como *“The Middle Ground”*, *“Nature’s Metropolis”*, de Cronon, foi objeto de amplas discussões, embora sua repercussão tenha sido um pouco menos positiva do a do livro de White.⁵²⁷ Carl Abott considerou-o um ótimo exemplo de fusão entre “teoria” e “prática”, através, principalmente, da preocupação de Cronon com uma escala ampla de análise.⁵²⁸ Walter Nugent achou a obra um tanto quanto “consensualista” em sua ênfase na simbiose entre cidade e campo, mas, ainda assim, recomendou-a como um bom modelo na nova historiografia sobre o Oeste.⁵²⁹ Uma das sumidades da História Ambiental norte-americana, Roderick Nash, aplaudiu Cronon por ter escrito um livro que, segundo ele, era tanto acadêmica quanto socialmente importante e que apresentava possíveis soluções para os problemas ambientais contemporâneos.⁵³⁰

Apesar dos elogios, *“Nature’s Metropolis”* recebeu duras críticas. Para Peter Coclanis, o livro de Crono era “tedioso”, “prepotente”, “exagerado” e “pretencioso”. Suas análises seriam “politicamente motivadas” e o excesso de “ecologismo” do texto a tornavam uma obra de qualidade duvidosa. Em resumo, para Coclanis, *“Nature’s*

⁵²⁵ MANCALL, Peter C. Review of *The Middle Ground*. In: *The American Historical Review*, vol. 97, n. 5. December, 1992. p. 1587-1588.

⁵²⁶ Para uma avaliação mais ampla do impacto de *“The Middle Ground”* nas historiografias norte-americana e canadense, ver MILNER, Clyde A. A Historian who has Changed our Thinking. op. cit. & DELORIA, Phillip J. What is the Middle Ground, Anyway? In: *The William and Maru Quarterly*, vol. LXIII, n. 1. January, 2006. p. 15-22. Para o papel de White como o “anti-Turner” definitivo, ver JACOBS, Wilbur J. The Challenge of Richard White to the Turnerian Legacy. In: *On Turner’s Trail*. op. cit. p. 213-227.

⁵²⁷ Ainda assim, a obra foi agraciada com o Prêmio Bancroft, em 1992, concedido pelo conselho administrador da Universidade de Columbia aos melhores trabalhos de história norte-americana publicada no ano anterior à sua concessão.

⁵²⁸ ABBOTT, Carl. Review of *Nature’s Metropolis*. In: *The Pacific Historical Review*, vol. 61, n. 1. February, 1992. p. 129-128.

⁵²⁹ NUGENT, Walter. Review of *Nature’s Metropolis*. In: *The Western Historical Quarterly*, vol. 23, n. 1. February, 1992. p. 75-77.

⁵³⁰ NASH, Roderick. Review of *Nature’s Metropolis*. In: *The American Historical Review*, vol. 97, n. 3. June, 1992. p. 939.

Metropolis” era profundamente “perturbador”, dado seu caráter “misantrópico” e “anti-industrial”.⁵³¹

Mais comedidos, alguns geógrafos, em uma edição especial da revista *Antipode* dedicada ao trabalho de Cronon, criticaram este autor sob um viés mais teórico. Ralph Saunders e Sallie Marston, embora reconhecendo o brilhantismo das descrições de Cronon, atacaram-no por ter deixado a exploração laboral de fora do livro, prejudicando, assim, suas próprias intenções em apresentar uma análise mais detalhada da expansão capitalista no Oeste.⁵³² Allan Pred seguiu uma trilha similar, elogiando Cronon pela amplitude de suas ambições empíricas e conceituais. Para Pred, contudo, este caminho não havia sido trilhado por completo e a falta de atenção de Cronon para com a *agency* humana e sua utilização de modelos geográficos ultrapassados impediam que “*Nature’s Metropolis*” pudesse se tornar de fato a obra definitiva que pretendia ser.⁵³³ Finalmente, Carolyn Merchant pintou um retrato mais positivo da obra, afirmando que Cronon havia escrito um livro excitante e poderoso, principalmente em suas imagens do capitalismo norte-americano do século XIX, mas que ainda continha alguns dos vícios da historiografia progressista, especialmente em sua valorização do crescimento econômico da Chicago daquela época.⁵³⁴

Dentre os textos canônicos da NWH, “*Trails*” foi recebido mais ambigualmente, resultado principalmente de alguns dos exageros retóricos ali presentes. Susan Armitage, simpática aos revisionistas, reconheceu a importância dos ensaios do livro e o valor da NWH para a recuperação da “auto-estima” do campo. Curiosamente, contudo, Armitage criticou os *new western historians* por não terem ido ainda mais longe em sua reescrita do passado do Oeste, afirmando, não sem um pouco de razão, da ausência de minorias étnicas e sociais e da ênfase exagerada nos aspectos meramente materiais da história *westerner*.⁵³⁵ W. Turrentine Jackson, outro nome de destaque dentro do campo, escreveu uma resenha para o WHQ em que considerou “*Trails*” o livro mais instigante e controverso publicado em muito tempo, destacando as possibilidades de pesquisa apontadas pelos autores dos

⁵³¹ COCLANIS, Peter A. Urbs in Horto. In: *Reviews in American History*, vol. 20, n. 1. March, 1992. p. 11-20.

⁵³² SAUNDERS, Ralph H. & MARSTON, Susan A. Review of William Cronon’s *Nature’s Metropolis*. In: *Antipode*, vol. 26, n. 2. February, 1994. p. 126-129.

⁵³³ PRED, Allan. Sounds and Silences, or the Author’s Voice and Voices Squelched: a commentary on William Cronon’s *Nature’s Metropolis*. In: Idem. p. 147-151.

⁵³⁴ MERCHANT, Carolyn. William Cronon’s *Nature’s Metropolis*. In: Idem. p. 135-140.

⁵³⁵ ARMITAGE, Susan. Review of *Trails*. In: *The Journal of American History*, vol. 79, n. 4. March, 1993. p. 1570.

ensaios. Ainda assim, Jackson, um integrante da “velha” *Western History*, mesmo reconhecendo a importância do “revisionismo” para a disciplina, recomendava uma certa moderação nas colocações da NWH sobre sua novidade.⁵³⁶ Já Thomas Alexander, resenhando o livro para a PHR, foi mais contundente em sua avaliação: a ênfase desnecessária nos aspectos negativos da história do Oeste transformava o empreendimento revisionista em algo “monocausal” e retirava do registro histórico a percepção que os atores sociais tinham de suas ações. Embora difícil de ser feita, a saída para este problema estava em uma possível síntese entre a antiga historiografia e a nova, com o intuito de se ter uma narrativa mais “equilibrada”.⁵³⁷

A despeito das críticas mais contundentes, a grande quantidade de resenhas positivas nas principais publicações profissionais do campo e da disciplina, assim como os prêmios recebidos, serviram, certamente, como um aumento considerável no capital intelectual da NWH na arena historiográfica norte-americana. Dito de outro modo, a afirmação dos textos revisionistas como parte de um novo canône da *Western History* passaram por estes instrumentos de legitimação acadêmica e extra-acadêmica. Sendo assim, é possível afirmar que, para os *new western historians*, as controvérsias em jornais profissionais e não-profissionais era desejável, sob a ótica do aumento de seu prestígio institucional e visibilidade intelectual. Isto pode ser verificado na relativa rapidez com que o campo aceitou a reescrita da história do Oeste feita pela NWH como um dos caminhos para se escapar à crise da *Western History*.

Michael Malone foi um dos primeiros a abraçar as propostas dos *new western historians*, como uma resposta à crise do campo. Em um ensaio historiográfico, publicado no WHQ em novembro de 1989⁵³⁸, ele afirmou que, mesmo com alguns problemas, a nova historiografia estava “indo além da última fronteira”, construindo uma imagem muito mais plausível e adequada para o Oeste. Mesmo que Malone não repudiasse completamente a *frontier thesis*, ele a considerava inadequada por causa de sua ênfase no Oeste como apenas uma das etapas da expansão e não como uma região em si mesma, com características

⁵³⁶ JACKSON, W. Turrentine. Review of Trails. In: *The Western Historical Quarterly*, vol. 24, n. 4. December, 1993. p. 549-551.

⁵³⁷ ALEXANDER, Thomas. Review of Trails. In: *The Pacific Historical Review*, vol. 62, n. 2. May, 1993. p. 233-235.

⁵³⁸ MALONE, Michael P. Beyond the Last Frontier: toward a new approach to Western American history. In: *The Western Historical Quarterly*, vol. 20, n. 4. November, 1989. p. 409-427.

peculiares que a tornavam algo à parte do resto dos Estados Unidos. Além disso, os defensores de Turner, segundo Malone, apenas aplicavam tendências nacionais à história regional e não pareciam preocupados com a emergência de um regionalismo autêntico. Com isso, era necessário refundar a *Western History* enquanto um campo específico:

“Only those working in the subdiscipline itself are truly situated to direct the proper reorientation of western history, and until western regionalists achieve such reorientation, they will be forced either to continue following old trails or to take up the unrewarding task of tracing national trends and events in western settings”.⁵³⁹

Embora sua linguagem possa lembrar a unilateralidade e os exageros retóricos dos piores momentos de Limerick e Worster, Malone não negava a importância da fronteira enquanto um dos elementos definidores da identidade regional, embora não a considerasse como sua determinante. Para ele, as narrativas oferecidas pelos *new western historians* eram um ótimo caminho para se criar uma síntese renovada para a história regional, que conseguisse unificar tanto o melhor da NWH com o melhor da velha historiografia. Repudiando “romantismos”, repetindo as suas críticas à historiografia amadora, Malone escreveu ao fim do artigo:

“The developing of a new synthesis is, at one and the same time, less appealing to romantic appetites and far more challenging to comprehend. But what it has to offer is a fuller and richer understanding of what makes the West the truly fascinating place that it is”.⁵⁴⁰

Ainda assim, como se pode inferir desta afirmação, para Malone uma nova síntese *ainda* estava para ser atingida. Uma “nova história do Oeste” estava no horizonte, certamente, mas faltavam algumas peças do quebra-cabeça.

⁵³⁹ “Somente aqueles que trabalham na própria sub-disciplina estão verdadeiramente situados para direcionar uma reorientação adequada da história do Oeste, e até os regionalistas atingirem tal reorientação, eles serão forçados ou a continuar seguindo velhos caminhos ou tomar a inglória tarefa de traçar tendências nacionais e eventos nos ambientes do Oeste”. Idem. Ibidem. p. 415-416.

⁵⁴⁰ “O desenvolvimento de uma nova síntese é, ao mesmo tempo, menos atraente a apetites românticos e bem mais difícil de compreender. Mas o que ela tem a oferecer é um entendimento mais completo e mais rico daquilo que faz com que o Oeste seja a lugar realmente fascinante que é”. Idem. Ibidem. p. 427.

Argumento semelhante foi feito por William Robbins, num texto publicado no mesmo volume da WHQ.⁵⁴¹ Um dos poucos *western historians* a se declarar marxista, Robbins elogiou os revisionistas, especialmente Limerick e Worster, pelo fornecimento de interpretações que atacavam o que era, em sua visão, o principal “ausente” da história do Oeste: o capitalismo. Para Robbins, o passado regional só poderia ser entendido de modo mais completo caso seus escritores levassem em consideração “*the set of values and perceptions associated with capitalism; the social and political relations that give expressions to it; and its pervasive reach through American culture*”.⁵⁴² De acordo com ele, contudo, a nova historiografia havia somente fornecido as bases de uma nova síntese. Recuperando alguns dos temas vistos no segundo capítulo, para Robbins, uma metanarrativa adequada para o Oeste só viria quando um estudo completo do papel da região no capitalismo norte-americano e, por extensão, neste sistema-mundo:

“Scholars have yet to forge an analytical tool, an overreaching thesis to explain the transformation of the American West from a region dominated by preindustrial societies to one that is a segment of a modern world capitalist system”.⁵⁴³

Os revisionistas haviam fornecido os tijolos para o assentamento de uma obra maior, que era o entedimento da “estrutura material” da região, para usar as palavras de Robbins.⁵⁴⁴ A síntese, contudo, continuava como algo a ser feito posteriormente, quando mais e mais tijolos estivessem à disposição.

O interessante destes dois ensaios é que, mesmo abraçando parte do projeto da NWH, tanto Robbins quanto Malone matizam a alegada chegada a uma nova história do Oeste. A idéia aqui é justamente a necessidade uma nova metanarrativa capaz de ir além das histórias relativamente particularistas dos *new western historians* e substituir a tese de Turner. Desta maneira, enquanto a NWH já se imaginava fornecendo esta narrativa, alguns

⁵⁴¹ ROBBINS, William G. *Western History: a dialectic on the modern condition*. In: Idem. p. 429-449.

⁵⁴² “O conjunto de valores e percepções associado com o capitalismo; as relações políticas e sociais que dão expressões a ele; e seu amplo alcance através da cultura norte-americana”. Idem. Ibidem. p. 431.

⁵⁴³ “Os pesquisadores ainda estão por forjar uma ferramenta analítica e uma tese de largo alcance para explicar a transformação do Oeste norte-americano de uma região dominada por sociedades pré-industriais para uma que é parte do moderno sistema-mundo capitalista”. Idem. Ibidem. p. 436.

⁵⁴⁴ Idem. Ibidem. p. 449.

de seus colegas a viam como apenas mais um passo em direção a ela e não como sua culminação. Para eles, contudo, ela estaria muito mais próxima, finalmente, do que em meados da década de 1980.

Independentemente disto, Robbins, em uma ampla resenha publicada no RAH dois anos mais tarde, saudou a “revolução” causada pela NWH, especialmente por Limerick e Worster e seus livros mais famosos.⁵⁴⁵ Numa leve mudança de posição, Robbins parecia já aceitar que estes textos por si só já serviam como substitutos para a tese de Turner. Não só isso, continuava Robbins, estes autores haviam levado o campo à mais excitante discussão sobre seus parâmetros desde, pelo menos, a década de 1930.⁵⁴⁶ Ainda que nem tudo fosse “novo” na NWH, o seu redirecionamento da história regional já seria, então, mais frutífero que boa parte da antiga historiografia, cabendo, assim, aos historiadores do Oeste aceitarem estes desdobramentos, sob o risco de ficarem presos a modelos interpretativos obsoletos e, pior, politicamente irrelevantes para aquele contexto.⁵⁴⁷

Em geral, prevaleceu uma aceitação, se não completa, bem ampla das propostas da NWH, confirmada pelo crescimento de publicações que afirmavam fornecer uma “nova” história para o Oeste.⁵⁴⁸ Da mesma maneira, as revistas do campo, e outras nem tão próximas dele, trouxeram inúmeras discussões não só sobre a NWH, mas sobre como definir o Oeste, o papel das minorias na região e seu relacionamento com o resto do país, entre outras coisas – debates que, se não foram criados pela NWH, certamente receberam uma energia renovada por causa dela e, principalmente, por causa do amplo destaque ganho na mídia não-especializada.⁵⁴⁹

A comprovação de que a *Western History* ganhara uma visibilidade enorme na profissão foi a publicação de um artigo de John Mack Faragher na AHR, em 1993, que

⁵⁴⁵ Idem. Laying Siege to Western History: the emergence of new paradigms. In: *Reviews in American History*, vol. 19, n. 3. September, 1991. p. 313-331.

⁵⁴⁶ Idem. Ibidem. p. 313-314.

⁵⁴⁷ Idem. Ibidem. p. 317-318.

⁵⁴⁸ Ver MILNER II, Clyde A (org). *A New Significance: re-envisioning the history of the American West*. op. cit.; MILNER II, Clyde A.; O’CONNOR, Carol & SANDWEISS, Martha (org.). *The Oxford History of the American West*. New York: Oxford University Press, 1994; FARAGHER, John Mack & HINE, Robert V. *The American West: a new interpretive history*. New Haven: Yale University Press, 2000.

⁵⁴⁹ Esta, pelo menos, é a posição de um dos luminares do campo, Richard Etulain. ETULAIN, Richard W. Re-Imagining the Modern American West. op. cit. p. 180-181.

trazia um sumário tanto dos argumentos revisionistas, quanto de seus oponentes.⁵⁵⁰ A importância desse texto não está dada nem tanto pelo seu conteúdo, mas pelo que representou: o último ensaio sobre *Western History* publicado na AHR havia sido publicado sete anos antes.⁵⁵¹

Faragher, professor de Yale e ex-aluno de Howard Lamar, criticou os excessos retóricos da NWH, apontando todo um conjunto de historiadores, incluindo seu antigo orientador, que haviam antecipado alguns dos problemas apresentados pelos revisionistas.⁵⁵² De qualquer modo, ele defendeu as novas interpretações, principalmente aquelas que mantiam o foco nacional de Turner e a idéia de processo, censurando os regionalistas mais exacerbados pela sua “paroquialização” da história do Oeste.⁵⁵³

A defesa de Faragher é compreensível, pelos motivos já apresentados anteriormente: se, depois de décadas numa espécie de ostracismo intelectual, a *Western History* retornava aos holofotes, era, assim, necessário preservar alguma espécie de conexão mais ampla com a história nacional, sob pena de um retorno ao limbo acadêmico. Além disso, o ano de 1993 marcou o centenário do lançamento da tese de Turner e, como seria de se esperar, isto funcionou como um impulso extra à recém recuperada visibilidade do campo. Novamente, o nome “Frederick Jackson Turner”, e toda a carga simbólica associada a ele, voltava ao centro das discussões historiográficas, provando que, independente da vontade dos revisionistas, seu fantasma era realmente difícil de ser enterrado.⁵⁵⁴

O centenário da *frontier thesis* vicejou, naturalmente, defesas do mestre, que, neste contexto, tomaram a forma de ataques à nova historiografia. Em dois artigos, um publicado no *Journal of the Early Republic* e outro nos anais da *American Antiquarian Society*⁵⁵⁵,

⁵⁵⁰ FARAGHER, John Mack. The Frontier Trail: rethinking Turner and the Reimagining the American West. In: *The American Historical Review*, vol. 98, n. 2. February, 1993. p. 106-117.

⁵⁵¹ WEBER, David J. Turner, the Boltonians and the Borderlands. op. cit.

⁵⁵² FARAGHER, John Mack. The Frontier Trail. op. cit. p. 111.

⁵⁵³ Idem. Ibidem. p. 116-117.

⁵⁵⁴ Uma hipótese a ser levantada aqui é que Turner funcionava como um tropo, ou aquelas “estruturas profundas do conhecimento histórico” que organizam e orientam certas discussões historiográficas, sem que os envolvidos na querela tenham percepção disto. O eterno retorno ao “Pai Fundador”, por assim dizer, me parece uma forte de indício que este era, de fato, o caso dos embates analisados neste trabalho. O termo “estruturas profundas do conhecimento historio” é, obviamente, de Hayden White.

⁵⁵⁵ RIDGE, Martin. Turner, the Long Shadow. In: *The Journal of the Early Republic*, vol. 13, n. 2. Summer, 1993. p. 133-144; Idem. Frederick Jackson Turner and His Ghost: the writing of Western History. In: *Proceedings of the American Antiquarian Society*, volume 101, n. 1. April, 1993. p. 65-76.

Martin Ridge veio à defesa de Turner, argumentando, entre outras coisas, a sua centralidade para o entendimento do que significava “ser norte-americano”. O primeiro artigo é um apanhado da carreira de Turner, com Ridge demonstrando suas inovações e seu papel na profissionalização da História nos Estados Unidos, com a conclusão de que boa parte dos desdobramentos historiográficos estadunidenses do século XX foram antecipados por Turner. A lógica aqui é clara: antes de ser um simplório nacionalista e racista, o pai da *frontier thesis* um revisionista *avant-la-lettre*. Deste modo, os ataques a ele seriam injustos e infundados.⁵⁵⁶

O segundo texto era bastante parecido, mas nele Ridge atacou os *new western historians* mais incisivamente. Citando Limerick e White pelos nomes, ele escreveu que: “*the new western historians must explain what is new about their work other than their personal assumptions and value judgments (...). They must explain the merit of what they have substituted for the overarching and imaginative work of Turner*”.⁵⁵⁷ Ao contrário da *frontier thesis*, que apresentava uma metanarrativa plausível para os Estados Unidos, os revisionistas, no julgamento de Ridge, forneciam uma imagem fragmentada e fundada somente na necessidade de polemizar.⁵⁵⁸

Se Ridge usou o centenário para tentar recuperar uma imagem bastante estática da *frontier thesis*, outros autores aproveitaram para pensar nos limites e possibilidades tanto da tese turneriana, quanto da NWH. Se por um lado, Glenda Riley se entusiasmava com a “recriação” da *Western History* pela NWH e com a sua ênfase em grupos sociais negligenciados, por outro Mary Young lamentava a ausência dos indígenas tanto nas velhas quanto nas novas histórias, demandando histórias mais inclusivas, nos moldes daquela escrita por Richard White em “*The Middle Ground*”.⁵⁵⁹ Enquanto isso, Lacy K. Ford defendia a premissa turneriana de que a fronteira havia garantido democracia nos Estados Unidos, ainda que com um alto custo, enquanto Richard Maxwell Brown defendia a idéia

⁵⁵⁶ Idem. Turner, the Long Shadow. op. cit. p. 143-144.

⁵⁵⁷ “Os *new western historians* devem explicar o que é novo em seu trabalho, além de suas suposições pessoais e julgamentos de valor (...). Eles devem explicar o mérito daquilo que botaram no lugar do amplo e do imaginativo trabalho de Turner”. Idem. Frederick Jackson Turner and His Ghost. op. cit. p. 76.

⁵⁵⁸ Idem. Ibidem.

⁵⁵⁹ RILEY, Glenda. Writing, Teaching and Recreating Western History through Intersections and Viewpoints. In: *The Pacific Historical Review*, vol. 62, n. 3. August, 1993. p. 339-357 & YOUNG, Mary E. The Dark and Bloody but Endlessly Inventive Middle Ground of Indian Frontier Historiography. In: *The Journal of Early Republic*, vol. 13, n. 2. Summer, 1993. p. 193-205.

de que a violência social e racial havia sido um componente fundamental da expansão, principalmente no *far West*.⁵⁶⁰ Por fim, durante todos os anos de 1993 e 1994, a WHQ publicou ensaios diversos que reavaliavam o “significado do Oeste e da fronteira” para os Estados Unidos, com destaque para textos que enfatizavam minorias sociais, o meio-ambiente, “filtros culturais” e, mais importante, o papel da *Western History* dentro da disciplina.⁵⁶¹

Seria um exagero afirmar que esta nova exuberância historiográfica do campo era devida somente ao surgimento da NWH. Ainda assim, a visibilidade adquirida pelos revisionistas, fora e dentro da *Western History*, e sua ampla divulgação na mídia certamente ajudaram em sua transformação em uma área “quente” da História, espantando o fantasma da crise e possibilitando uma espécie de reunificação do campo em torno de alguns temas comuns. Nem todos os historiadores do Oeste eram tão entusiasmados com a NWH, mas é impossível discordar da afirmação de Nugent de que, já em 1994, eles haviam incorporado vários dos *insights* dos revisionistas em suas aulas e pesquisas.⁵⁶² Aliás, neste mesmo número da revista da OAH, David Wrobel testemunhou sobre sua utilização desta nova historiografia em sala-de-aula, o que certamente leva a crer que outros professores espalhados pelos Estados Unidos estavam fazendo o mesmo.⁵⁶³

Dois autores que, aceitando a NWH, ampliaram seu escopo e, com isso, forneceram releituras interessantes das propostas do movimento, foram os já citados Wrobel e Stephen Aron. O primeiro, em um artigo publicado no PHR em 1996, apresentou um belo

⁵⁶⁰ FORD, Lacy K. Democracy and the Frontier: the Turner Thesis revisited. In: *The Journal of Early Republic*, vol. 13, n. 2. Summer, 1993. p. 144-163 & BROWN, Richard Maxwell. Western Violence: Structure, Values, Myth. In: *The Western Historical Quarterly*, vol. 24, n. 1. February, 1993. p. 5-20.

⁵⁶¹ BOGUE, Allan. The Significance of the History of the American West: postscripts and prospects. In: *The Western Historical Quarterly*, vol. 24, n. 2. February 1993. p. 45-68; LEWIS, David Rich. Still Native: the significance of the Native Americans in the History of 20th Century American West. In: *The Western Historical Quarterly*, vol. 24, n. 4. p. 203-27; HYDE, Anne F. Cultural Filters: the significance of perception in the history of the American West. In: *The Western Historical Quarterly*, vol. 24, n. 3. August, 1993. p. 351-374; JOHNSON, Susan Lee. A Memory Sweet to Soldiers: the significance of gender in the history of the American West. In: *The Western Historical Quarterly*, vol. 24, n. 4. November, 1993. p. 495-517; NOMURA, Gail M. Significant Lives: Asia and Asian Americans in the History of the U. S. West. In: *The Western Historical Quarterly*, vol. 25, n. 3. Spring, 1994. p. 69-88; GUTIERREZ, David. Significant to Whom? Mexican-Americans and the History of the American West. op. cit.; NEEL, Susan Rhodes. A Place of Extremes: nature, history, and the American West. op. cit.; DEVERELL, William. Fighting Words: the significance of the American West for the History of the United States. op. cit.

⁵⁶² NUGENT, Walter. Western History, New and Not so New. In: *Magazine of History of the OAH*, vol. 9, n. 1. Fall, 1994. p. 4.

⁵⁶³ WROBEL, David M. Early Reflections on Teaching Western History. In: Idem. p. 51-56.

sumário das discussões entre “fronteira” e “região”, com a tentativa, explícita no título do texto, de ir além desta dicotomia. Para Wrobel, a complexidade do passado do Oeste impedia que se estabelecesse qualquer uma destas posições como hegemônica – aliás, isto não era nem desejável, já que isto seria cair em uma “prisão intelectual”.⁵⁶⁴ Segundo ele, “*our historiographical separation of frontier and region ignores the historical connectedness between them that is inherent in the formation of regional consciousness*”.⁵⁶⁵ Wrobel, partindo principalmente das considerações de Cronon e White, defendia, assim, uma abordagem intermediária, capaz de levar a *Western History* para além deste “discussão infrutífera”: seu *approach* para a história regional é baseada numa idéia de processo, de transformação de uma fronteira em uma região. Deste modo, imaginava ela, surgiria uma metanarrativa capaz de dar conta da diversidade das sub-regiões do Oeste e de suas peculiaridades históricas.⁵⁶⁶

Stephen Aron, por sua vez, exaltou os “*The Legacy of Conquest*” and “*It’s your Misfortune and None of my Own*” como as melhores obras sobre a história do Oeste na segunda metade do século XX, principalmente por seus usos da palavra “conquista” e pela tentativa de constuir narrativas mais plurais. No entanto, ele criticou duramente o regionalismo exacerbado de seus autores, afirmando que, sem a compreensão das fronteiras anteriores, o Oeste parecia uma região sem passado e, principalmente, sem sentido.⁵⁶⁷ Defendendo algumas das preocupações políticas e historiográficas dos *new western historians*, Aron, no entanto, afirmou que:

“Reconfigured as the lands where separate polities converged and competed, and where distinct cultures collided and occasionally coincided, the frontier unfolds the history of the Great West in ways that Turner never imagined. And thus it still holds the key to a ‘Greater Western History’”.⁵⁶⁸

⁵⁶⁴ Idem. *Beyond the Frontier-Dichotomy*. op. cit. p. 407

⁵⁶⁵ “Nossa separação historiográfica entre a fronteira e a região ignora a conexão histórica entre elas que é inerente na formação da consciência regional”. Idem. *Ibidem*. p. 409.

⁵⁶⁶ Idem. *Ibidem*. p. 410-414; p. 426-429.

⁵⁶⁷ ARON, Stephen. *A Lesson in Conquest*. op. cit. p. 126-127.

⁵⁶⁸ “Reconfigurada como as terras aonde unidades políticas separadas convergiam e competiam, e aonde culturas distintas colidiam e ocasionalmente coincidiam, a fronteira abre a história do Grande Oeste em caminhos nunca imaginados por Turner. E, assim, continua tendo a chave para uma ‘*Western History* Maior’”. Idem. *Ibidem*. p. 128.

Para Aron, o desafio era escrever uma nova história do Oeste que, partindo tanto de Turner quanto da NWH, pudesse fazer sentido tanto no Colorado quanto na Califórnia, em Nova Jersey, assim como em Wisconsin. Fugindo do regionalismo extremado, ele buscava a solução em uma narrativa que não só pudesse reconectar “nação” e “região”, mas também os Estados Unidos a outros lugares das Américas. Consequentemente, nas mãos de Aron, a *Western History* volta a ter o escopo que tinha quando de sua fundação, ainda que seu conteúdo fosse mais próximo dos revisionistas do que da antiga historiografia.⁵⁶⁹

Foi esta problematização da NWH, não sua rejeição completa nem sua aceitação acrítica, que permitiu, assim, que seus trabalhos pudessem, finalmente, ser considerados como novos clássicos do campo. Foi esta releitura interessante, comprovada em uma série de livros recentes⁵⁷⁰, que resgatou o campo de declarações unilaterais e essencialismos que, no longo prazo, certamente seriam uma vez mais prejudiciais às suas intenções de falar para todos os Estados Unidos. Se se chegou a uma síntese ou se ela permanece apenas com um ideal fugidio é uma outra discussão, mas a diminuição de textos de “auto-análise” por parte dos *Western Historians* demonstra uma auto-confiança muito mais forte do que nos anos 1980, certamente derivada dos debates daquela década e da seguinte.⁵⁷¹

4.2. Os Impacientes *Cowboys* e Pioneiros Contra-atacam: A “Ameça” da *New Western History* à Nação e à Profissão

Mas, se em meados da década de 1990, boa parte do campo já havia aceitado a NWH, outros *western historians* atacaram-na dura, e muitas vezes, injustamente, num exemplo de crítica historiográfica movida menos pelos assuntos históricos em questão, do

⁵⁶⁹ Idem. *Ibidem*. p. 132-142.

⁵⁷⁰ Ver WEST, Elliott. *The Way to the West: essays on the Great Plains*. Albuquerque: New Mexico University Press, 1995; Idem. *Contested Plains: Indians, goldseekers and the rush to Colorado*. Lawrence: University of Kansas Press, 1996; CLAYTON, Andrew & TUETE, Fredrika (org.). *Contact Points: American frontier from the Mohawk Valley to the Mississippi*. Chapel Hill: University of North Carolina, 1998; NUGENT, Walter. *Into the West: a story of its people*. New York: Knopf, 1999; WROBEL, David M. *Promised Lands: promotion, memory and the creation of the American West*. Lawrence: University of Kansas Press, 2002; WALSH, Margaret (org.). *The American West: visions and revisions*. New York: Cambridge University Press, 2005; ARON, Stephen. *American Confluence: the Missouri frontier from borderland to border state*. Bloomington: University of Indiana Press, 2006 & ETULAIN, Richard W. *Beyond the Missouri*. Albuquerque: New Mexico University Press, 2006;

⁵⁷¹ SCHARFF, Virginia et alli. *Claims and Prospects of Western History*. op. cit.; LANSING, Michael et alli. *Surveying the Western Historical Association*. op. cit.

que por motivos de política acadêmica e de definição de identidades. Em geral, os ataques tomaram duas formas, muitas vezes interconectadas: uma afirmava que a NWH fornecia uma perigosa narrativa trágica para os Estados Unidos, enfraquecendo os laços da identidade nacional norte-americana; outra, através da associação dos revisionistas com “ameaças” teóricas que, na verdade, pouco ou nada tinham a ver com seus trabalhos (como o “pós-modernismo” e a “desconstrução”). Estas críticas tomaram corpo sob o pano de fundo conturbado das chamadas “*culture wars*” (“guerras culturais”) e, como veremos, devem muito de sua virulência a elas.

4.2.1. “Deixem nossos mitos em Paz”: *New Western History*, multiculturalismo e a “desunião da América”.

Antes de detalharmos os ataques, é importante perceber que, não importa o quanto os profissionais queiram controlá-la, a História é sempre um discurso público, dos quais as interpretações dos historiadores são somente algumas das versões existentes dentro desta matriz. Se, felizmente, a pesquisa acadêmica depende de questões, dúvidas e incertezas, para boa parte da audiência a história é um discurso de criação de identidades, orientações práticas e entretenimento. Por causa disso, a historiografia profissional é seguidamente atacada por não-profissionais que demandam uma versão estável do passado e têm pouco interesse, ou paciência, com as querelas dos iniciados. Como disse Michel de Certeau:

“Scholarly discourse is no longer distinguishable from that prolix and fundamental narrativity that is our everyday historiography. Scholarship is an integral part of the system that organizes by means of ‘histories’ all social communication and everything that makes the present habitable. (...). The book or professional article, on the one hand, and the magazine or the television news, on the other, are distinguishable from one another only within the same historiographical field which is constituted by the innumerable narratives that recount and interpret events”.⁵⁷²

⁵⁷²“O discurso acadêmico não é mais distinguível daquela narratividade prolixa e fundamental que é a nossa historiografia cotidiana. O conhecimento acadêmico é uma parte integral do sistema que organiza toda comunicação social e tudo que torna o presente habitável através de ‘histórias’. (...). O livro ou artigo profissional, de um lado, e a revista, ou noticiário da televisão, por outro, são distintos um do outro somente

O embate entre estes dois discursos, o “profissional” e o “popular”, se torna ainda mais claro em momentos de crise cultural, não muito diferente do contexto norte-americano de fins dos anos 1980 e começo dos 1990. Como apontou Giorgos Antoniou, quando tal coisa acontece, não se trata somente de definir quais narrativas são mais legítimas, mas de estabelecer a legitimidade de quem fala sobre as histórias em disputa.⁵⁷³ Deste modo, o revisionismo histórico, do tipo apresentado pela NWH, é tanto político quando historiográfico, na medida em que ele afirma o direito de alguém em falar sobre um determinado passado de outro alguém, com ou sem seu consentimento. Assim, para melhor entendermos algumas das reações mais virulentas aos *new western historians*, devemos examinar o *milieu* mais amplo daquilo que James Davison Hunter chamou de “guerras culturais”, a luta para definir a América, e seu impacto na consciência histórica dos Estados Unidos.⁵⁷⁴

Como escreveu Tom Engelhardt, a derrota dos norte-americanos na Guerra do Vietnã significou o fim da “cultura de vitória” do país e o surgimento de uma ansiedade profunda sobre seu papel no mundo.⁵⁷⁵ Até sua aventura no Sudeste Asiático, os Estados Unidos nunca haviam perdido uma guerra de modo tão vergonhoso. Tendo emergido como o principal vitorioso da Segunda Guerra Mundial, uma das potências militares mais impressionantes já conhecidas, o Exército dos líderes do “mundo livre” foi batido por guerrilheiros bem menos equipados nas selvas vietnamitas. Encarando um inimigo sem rosto no coração das trevas, os norte-americanos também testemunharam o fim do consenso em casa, com o surgimento de uma poderosa onda de protestos contra a guerra e a emergência do Movimento pelos Direitos Civis.

dentro do mesmo campo historiográfico que é constituído pelas inúmeras narrativas que relatam e interpretam eventos”. CERTEAU, Michel de. *History: Science and Fiction*. op. cit. p. 205.

⁵⁷³ ANTONIOU, Giorgos. *The Lost Atlantis of Objectivity*. op. cit., p. 93-95.

⁵⁷⁴ Hunter não chega a focar a História propriamente dita, preferindo enfatizar a divisão ideológica entre a esquerda e a direita norte-americanas no que concerne principalmente a temas mais polêmicos, como aborto, imigração, drogas e a secularização da sociedade. De qualquer modo, não é difícil perceber que esta dicotomia também pode ser encontrada, como espero deixar claro, no campo historiográfico. HUNTER, James Davison. *Culture Wars: the struggle to define America*. New York: BasicBooks, 1991.

⁵⁷⁵ ENGELHARDT, Tom. *The End of Victory Culture: Cold War America and the disillusioning of a generation*. New York: BasicBooks, 1995.

O presente conturbado dos anos 1960 continuou na década seguinte, agravado pela crise econômica e o escândalo de Watergate. Ainda assim, nestes anos, a esquerda acadêmica adquiriu, como vimos no primeiro capítulo, um importante respeito de seus pares, tornando-se uma interlocutora legítima no debate intelectual e político nacional. No entanto, o fracasso da administração do democrata Jimmy Carter (1977-1981), e o subsequente movimento deste partido em direção ao centro do espectro político estadunidense, e a eleição do republicano Ronald Reagan, em 1980 possibilitaram um ressurgimento de uma direita acadêmica e política que, agora, atacava os “radicais catedráticos” com todas as suas forças. Indo mais além do que o debate político, estes autores e docentes conservadores acusavam seus colegas à esquerda de terem sido os responsáveis pelo enfraquecimento moral da nação e pela destruição dos valores tipicamente americanos (“livre mercado” e “religiosidade”, por exemplo). No final dos anos 1980 e começo dos 1990, escritores como Dinesh D’Souza, Allan Bloom, Gertrude Himmelfarb e William Bennett, para mencionar apenas quatro de uma longa lista, engajaram-se em furioso ataque contra a educação superior nos Estados Unidos após os famigerados “radicais” terem tomado poder nas Humanidades. Estes teriam afundado o que até então eram disciplinas responsáveis pela preservação da mais alta cultura do Ocidente em um “esgoto” de “relativismo cultural”, “pós-modernismo”, “desconstrucionismo”, “multiculturalismo”, “esquerdismo” e, o pior pecado de todos, “anti-americanismo”. Ao “povo” estadunidense só restariam duas escolhas: recuperar a academia ou permanecer nas mãos de uma elite intelectual “anti-patriota”.⁵⁷⁶

É sob esse prisma que as guerras culturais devem ser entendidas. Se, por um lado, os Estados Unidos enfrentavam uma crise de identidade bastante acentuada, decorrente da derrota no Vietnã, por outro isso levou os conservadores a criticar violentamente os intelectuais de esquerda (e os historiadores tinham um lugar cativo em seus ataques) como sendo os causadores desta mesma crise de identidade, por causa de suas críticas ao sistema político e econômico do país. Assim, estas *culture wars* tiveram na História um campo de

⁵⁷⁶ BLOOM, Allan. *The Closing of the American Mind: how higher education has failed democracy and impoverished the souls of today's students*. New York: Simon & Schuster, 1987; D’SOUZA, Dinesh. *Illiberal Education: the politics of race and sex on the campus*. New York: Free Press, 1991; BENNETT, William J. *The De-Valuing of America: the fight for our culture and our children*. New York: Simon & Schuster, 1992 & HIMMELFARB, Gertrude. *On Looking into the Abyss: untimely thoughts on culture and society*. New York: Knopf, 1994.

batalha privilegiado, já que, para definir a América, era necessário a definição da própria história que gostariam de ver contada. E, como colocou Engelhardt⁵⁷⁷, a velha narrativa triunfalista, que enfatizava a excepcionalidade e a grandeza dos Estados Unidos, acabou ressurgindo com força revigorada nestes anos, o que certamente ajuda a explicar as reações desmedidas contra a NWH: “*As stand-ins for more profound, elusive threats, historians present remarkably easy targets and so are likely to take it on the chin – not just from right-wingers and culture warriors, but from the media in general*”.⁵⁷⁸

A “mídia em geral”, no que tange à nova historiografia do Oeste, teve uma posição menos de divulgadora das releituras da *Western History* e mais como uma participante ativa do debate. Se, nas primeiras reportagens sobre o movimento, ela adotou uma posição relativamente neutra, com o passar do tempo, ela própria passou a atacar a NWH, com a publicação de reportagens e textos opinativos que questionavam as intenções dos revisionistas.

Em outubro de 1989, o *New York Times* (NYT) publicou um pequeno texto de Richard Bernstein sobre a NWH. Segundo este jornalista, a NWH até podia ser culpada de um “excesso de negativismo”, mas este aparente problema devia ser compreendido sob o pano de fundo de narrativas que, durante muito tempo, glorificaram os feitos dos pioneiros. Neste sentido, um “excesso” combatia o outro e o resultado em médio prazo seria positivo para os estudantes e o público em geral.⁵⁷⁹

Alguns meses depois, entretanto, Bernstein, agora aparentemente incomodado com esse mesmo “excesso de negativismo”, escreveu uma peça de quatro páginas no NYT sobre os revisionistas. Ainda que reconhecesse a “qualidade” e a “seriedade” de suas pesquisas, ele não parecia muito convencido de que a NWH pudesse fornecer um passado útil aos norte-americanos, principalmente em sua disposição em ver a história do Oeste como um “desastre”. Refletindo um sentimento “pós-Vietnã”, os novos historiadores, segundo

⁵⁷⁷ ENGELHARDT, Tom. *The End of Victory Culture*. op. cit. p. 5.

⁵⁷⁸ “Como substitutos de ameaças mais elusivas e profundas, os historiadores são alvos notoriamente fáceis e provavelmente tomarão no queixo – não só de direitistas e guerreiros culturais, mas da mídia em geral”. LINENTHAL, Edward L. & ENGELHARDT, Tom. *History Under Siege*. In: LINENTHAL, Edward L. & ENGELHARDT, Tom. (org.). *History Wars: the Enola Gay and other battles for the American Past*. New York: Metropolitan Books, 1996. p. 5.

⁵⁷⁹ BERNSTEIN, Richard. Among Historians the Frontier is Turning Nastier with each revision. In: *The New York Times*, December, 17th, 1989. p. E5.

Bernstein, queriam avaliar “negativamente” o status moral do país, produzindo uma história que era tão “unilateral” quanto aquelas que eles criticavam. Estes “rebeldes” tinham, de acordo com ele, um prazer quase “sardônico” em dismantelar os mitos dos norte-americanos.⁵⁸⁰

Seguindo a mesma linha, mas um pouco mais comedido em sua linguagem, Marco Della Cava, em uma reportagem no *USA Today*, chamou a NWH de a “ganguê revisionista”, numa metáfora que certamente evocava as tradicionais imagens dos malfeitores embrutecidos e sem caráter dos filmes de *western* (tal qual Jack Palance em “*Shane*”, por exemplo). As novas histórias eram “contos trágicos”, que substituíam as tradicionais histórias de “união” e “luta coletiva” que reinavam até então. O artigo de Della Cava é certamente mais equilibrado que o de Bernstein, mas seu sub-texto parece ser o mesmo: a história do Oeste pode até ter sido trágica, mas será que, nessa nova versão, ela pode fornecer as bases para uma identidade nacional positiva?⁵⁸¹

A discussão em torno deste “novo Oeste” tomou contornos ainda mais dramáticos com a exposição “*The West as America*” (“O Oeste enquanto América”), no Museu Nacional de Arte Norte-americana, em Washington. Patrocinada pelo prestigioso Instituto Smithsonian e baseada na nova historiografia sobre o Oeste e a fronteira, a mostra estreou em março de 1991, como o propósito de reinterpretar certas imagens famosas sobre a fronteira, a partir de um prisma semelhante ao da NWH. Em outras palavras, segundo os próprios curadores, tratava-se de entender como pinturas, fotos e ilustrações diversas deram vazão e legitimaram a idéia do Destino Manifesto, a guerra contra mexicanos e indígenas e a naturalização do processo expansionista como algo que sempre esteve no horizonte da nação.⁵⁸²

⁵⁸⁰ Idem. Unsettling the Old West. Now Historians are Bad-mouthing the frontier. In: *The New York Times*, March, 18th, 1990. p. SM34.

⁵⁸¹ DELLA CAVA, Marco R. Rewri-

ting the West: a showdown over frontier legends. In: *The USA Today*, December, 7th, 1990. p. 1D.

⁵⁸² TRUETTNER, William & NEMEROV, Andrew. What you see is not necessarily what you get: new meanings in images of the Old West. In: *Montana Magazine of Western History*, vol. 42, n. 3. Fall, 1992. p. 70-76. Ver também: STEIN, Roger B. Visualizing Conflict in “The West as America”. In: *The Public Historian*, vol. 14, n. 3. Summer, 1992. p. 85-91 & WOLF, Bryan. How the West was Hung or When I Hear the Word Culture I take out my Checkbook. In: *American Quarterly*, vol. 44, n. 3. September, 1992. p. 418-438.

Como era de se esperar, a exibição atraiu controvérsias desde sua inauguração. Daniel Boorstin, afamado historiador consensualista da década de 1950, ex-professor da Universidade de Chicago e então bibliotecário-chefe do Congresso, chamou-a de “perversa, historicamente errônea e destrutiva”.⁵⁸³ Do mesmo modo, dois senadores republicanos, enfurecidos com aquilo que entendiam ser um ataque à “verdadeira” história do país, ameaçaram cortar os subsídios ao Instituto, dada a sua “óbvia” agenda “anti-americana”.⁵⁸⁴

Os comentários deixados pelo público no livro-de-visitas do museu também não deixaram por menos. Se uma boa parte elogiou a mostra, outros atacaram-na furiosamente. Um espectador afirmou que a exposição era “um lixo revisionista montado por acadêmicos anêmicos que nunca derramaram uma gota de sangue na fronteira”. Outro, um pouco mais calmo, ironicamente escreveu que, de acordo com os curadores, “todos os homens brancos eram racistas e culpados pela destruição dos índios”, adicionando um sarcástico “que bacana!” ao final da frase. Em geral, contudo, prevaleceu um tom de animosidade: alguns mandaram os curadores a “um paraíso socialista” qualquer, outros chamaram-os de “stalinistas”, acusando-os de estarem propagando “falsa propaganda” e “mentiras sobre a nação”. Um ainda questionou o patriotismo dos organizadores: “você odeiam os Estados Unidos?”. A maioria, talvez menos exaltada, preferiu o termo derogatório “politicamente correto” para descrever “*The West as America*”.⁵⁸⁵

A mídia também atacou a exposição. Em um artigo para o *New York Times*, o crítico de arte Michael Kimmelman considerou-a “irritante” e “agressiva”, mesmo que visualmente atrativa. Segundo o jornalista, a versão da história norte-americana apresentada pelos curadores era “vítima de uma politicização exagerada” e “refém de uma visão politicamente correta” do processo histórico.⁵⁸⁶ Charles Krauthammer, um popular comentarista conservador do *The Washington Post*, atacou a mostra como uma

⁵⁸³ GULLIFORD, Andrew. The West as America. In: *The Journal of American History*, vol. 79, n. 1. June, 1992. p. 200-201.

⁵⁸⁴ Idem. Ibidem. p. 201. Os senadores fracassaram em seus intentos, mas as ameaças foram o suficiente para assustar outros museus do país, que se recusaram a receber a exposição. Ver KAMMEN, Michael. *Visual Shock: a history of the art controversies in American Culture*. New York: Vintage Books, 2006. p. 282-286.

⁵⁸⁵ A revista *American Art* publicou uma seleção dos comentários sobre a exposição, de onde foram retiradas as citações acima. Ver Showdown at the “West as America” Exhibition. In: *American Art*, vol. 5, n. 3. Summer, 1991. p. 5-11.

⁵⁸⁶ KIMMELMAN, Michael. Old West, New Twist at the Smithsonian. In: *The New York Times*, May, 26th, 1991. p. H1.

demonstração de “crueldade maxista requeitada” e criativamente sugeriu aos organizadores que a expusessem em Moscou, tal era o “anti-americanismo” de “*The West as America*”.⁵⁸⁷

O crítico mais contundente, contudo, foi Eric Gibson, escrevendo para o jornal conservador *The Washington Times*. Gibson foi ainda mais longe que Kimmelman e Krauthammer, em suas considerações sobre a ligação entre “*The West as America*” e a nova historiografia do Oeste, citando Limerick como uma das expoentes deste tipo de revisionismo histórico. Segundo ele,

“No one denies that great wrongs were done to the Indians, but then, **nobody needs reminding of it, either**. And it doesn’t contribute anything to the issue to idealize the victims while turning the ‘white man’ into a rapacious, child-eating monster. This is the sort of **fantasy approach** to an issue one expects from Hollywood movies, but not from the academic community”.⁵⁸⁸

Em outras palavras, Gibson admitiu claramente a necessidade de se esquecer o lado obscuro da expansão a Oeste, com o intuito de se escrever uma história nacional “positiva”. Não só isso, e isto me parece implícito em seu argumento, segundo ele a própria comunidade acadêmica devia ser a fiadora deste passado, especialmente diante de supostas “ameaças” contra ele. O que se tem aqui, portanto, é a idéia de que, antes de qualquer coisa, a História tem como função criar os laços cívicos de um povo com sua nação, mesmo que algum “apagamento” fosse necessário neste processo.⁵⁸⁹

Marco Della Cava, em seu já citado artigo no *USA Today* também menciona reações semelhantes do público leigo à NWH. O presidente da Associação dos Caubóis da América afirmou que “*most of us have bought into the best that the West was. We recognize that*

⁵⁸⁷ KAMMEN, Michael. *Visual Shock*. op. cit. p. 283.

⁵⁸⁸ “Ninguém nega que muitas coisas erradas foram feitas aos índios, mas, também, *ninguém precisa ser lembrado disso*. E em nada se contribui a esse assunto a idealização das vítimas, enquanto se transforma o ‘homem branco’ em um monstro faminto comedor de crianças. Este é o tipo de *abordagem fantasiosa* que alguém espera dos filmes de Hollywood, não da comunidade acadêmica”. GIBSON, Eric. Selling the West in Revisionist Hues. In: *The Washington Times*, March, 20th, 1991. p. E3

⁵⁸⁹ Isto remonta à pergunta feita por Paul Ricoeur: seria a historiografia um veneno ou um remédio? No caso dos conservadores, a opção parece ser pela primeira opção, na medida em que um “excesso” de história poderia ameaçar a coesão nacional e o autoreconhecimento dos cidadãos para com sua pátria. O “esquecimento” de certos fatos, assim, seria mais do que necessário: seria imperativo. RICOUER, Paul. *História, Memória e Esquecimento*. op. cit. p.

much is myth, but we love it and we'll defend it till we die".⁵⁹⁰ Do mesmo modo, um *expert* em *westerns* da Universidade do Colorado lamentou o ataque dos revisionistas ao "idealismo" da história do Oeste, afirmando que, caso este fosse retirado da narrativa, então tudo o que restava era a destruição ambiental e crianças mortas. "Precisamos de mais do que isso", disse ele.⁵⁹¹

O interessante disto é que historiadores profissionais e outros acadêmicos, estarecidos com o que chamavam de "exageros" da NWH defenderam exatamente este ponto de vista, principalmente sob o argumento de se manter a "coesão" nacional no contexto das *culture wars*.

O primeiro a defender tal coisa foi o famoso escritor Larry McMurry, autor de obras de ficção sobre o Oeste também consideradas elas próprias revisionistas.⁵⁹² Em um artigo publicado na revista *New Republic*, em outubro de 1990, McMurry admitia a qualidade acadêmica da NWH, e de Limerick em particular, e considerava excelentes vários de seus *insights*, mas questionava duplamente o movimento: em primeiro lugar, seu já mencionado desdém por textos ficcionais que compartilhavam alguns de seus pressupostos. Do mesmo modo, ele atacava o "excesso de negativismo" e a "falta de imaginação" dos *new western historians*. O escritor concordava com a existência de aspectos negativos na história do Oeste, mas, segundo ele, "*if anyone read the historical revisionists in bulk, one is likely to come away feeling let down*".⁵⁹³ "Estudos em fracasso": eis a nova historiografia para McMurry.⁵⁹⁴

No primeiro caso, McMurry apenas lembrou seus leitores de toda uma geração de escritores que já haviam antecipado a NWH. Nos diz McMurry:

"I suppose, then, that the root of my uneasiness with the Western revisionism generally is that the revisionists would like us to

⁵⁹⁰ "A maior parte de nós acreditou no melhor sobre o Oeste. Nós reconhecemos que muito disto é mito, mas o amamos e o defenderemos até morte". DAVIS, Alvin apud DELLA CAVA, Marco R. *Rewriting the West: a showdown over frontier legends*. op. cit. p. 1D

⁵⁹¹ Idem. *Ibidem*.

⁵⁹² Richard Etulain chama McMurry de o principal expoente do chamado "Oeste cinza", mais complexo do que o das antigas obras de ficção do XIX. ETULAIN, Richard. *Telling Western Stories*. op. cit. Entre outros, McMurry é autor do seminal "*Lonesome Dove*", publicado em 1985.

⁵⁹³ "Se alguém lesse os revisionistas em conjunto, se sentiria deprimido". McMURTRY, Larry. *How the West was Won or Lost: the revisionists' failure of imagination*. In: *The New Republic*, October, 22nd, 1990. p. 32.

⁵⁹⁴ Idem. *Ibidem*. p. 33.

believe that they were more or less the first to notice how violent, how terrible and how hard winning the West actually was. My own reading leads me to the exactly opposite conclusion: everyone noticed how hard it was.”⁵⁹⁵

Assim, para McMurtry, por mais pertinentes que fossem as considerações de Limerick e Worster, por exemplo, elas não podiam ser necessariamente chamadas de “novas”. Apesar disto, ele concordava com o pesado custo da expansão, citando exemplos de sua própria família paterna como corroboração.⁵⁹⁶

O núcleo do argumento de McMurtry neste texto é, contudo, o que ele chama de “falta de imaginação” dos revisionistas. Para ele, o Oeste era o último lugar mítico da América. Não importa o quão complicadas eram as verdades sobre o lugar, e elas as eram, a maior parte do público leitor simplesmente não se importava com elas. A audiência queria histórias de bravos pioneiros, de caubóis heróicos, de pessoas comuns trabalhando para conquistar aquela terra bravia. Historiadores já tinham tentado convencer os leitores sobre as “verdades” regionais, mas sem sucesso. Como o próprio McMurtry observou, quase resignadamente: *“it is impossible to impress a people with truths that they aren’t ready to hear, much less to accept”*.⁵⁹⁷

Esta falta de imaginação, apesar do talento literário dos revisionistas, acabava gerando histórias que, apesar de seu caráter “verdadeiro”, eram insípidas e perigosas, porque retiravam do público seu merecido escapismo e a possibilidade de se pensar que, a despeito das dificuldades e erros, o passado dos Estados Unidos ainda era algo positivo. Comparando a velha historiografia, chamada por ele de “triumfalista”, com a nova, McMurtry afirmou que:

“The Triumphalists write about a West were people had callings and were sustained by them. The Revisionists see a West where people

⁵⁹⁵ “Acredito, então, que a raiz do meu desconforto com os revisionistas está no fato de que eles gostariam de nos fazer acreditar que eles foram os primeiros a perceber o quão violenta, o quão terrível e o quão difícil foi a conquista do Oeste. Minha própria leitura me leva à conclusão oposta: todo mundo percebeu o quão difícil ela foi”. Idem. Ibidem. p. 35.

⁵⁹⁶ Idem. Ibidem. p. 36.

⁵⁹⁷ “É impossível impressionar as pessoas com verdades que elas ainda não estão prontas para escutar, muito menos aceitar”. Idem. Ibidem. p. 33.

had only jobs and crappy, environmentally destructive jobs at that”.⁵⁹⁸

Numa comparação dramática com Cervantes e seu Dom Quixote, o escritor terminou seu artigo com a noção de que é melhor ter um passado mítico que inspira do que um verdadeiro que destrói as fantasias das pessoas comuns. Neste sentido, uma narrativa “realista” do passado *westerner* estava fadada a fracassar, pelo simples fato de que ela não poderia sustentar as aspirações e esperanças dos norte-americanos.⁵⁹⁹

O interessante da argumentação de McMurtry é que ela não nega *os fatos* da expansão *per se*. Ele discorda é da sua transformação em uma *história trágica*, isto é, numa narrativa de declínio. Se recuperarmos a idéia da narrativa como sendo uma criadora de um sentido moral para determinados eventos, então, para McMurtry, uma história trágica teria consequências nefastas para os Estados Unidos, porque retiraria, ou enfraqueceria, a capacidade das pessoas em se identificar com seus antepassados e, por consequência, com a própria nação. Este me parece, portanto, o cerne do problema para o escritor: os “triumfalistas” foram bem-sucedidos justamente por que afirmavam que, apesar do fim da fronteira e de todos os outros aspectos negativos da expansão, algo maior havia sido alcançado pelos pioneiros. Se esta noção fosse perdida, então a própria história nacional estaria arruinada.⁶⁰⁰

Martin Ridge, um dos mais destacados defensores de Turner, ecoou as críticas de McMurtry, em um texto na revista conservadora *Continuity*. Embora reconhecesse a qualidade acadêmica dos trabalhos da NWH, ele questionava sua capacidade em fornecer uma nova história nacional para os norte-americanos. Para além de questões empíricas, o que estava em jogo, segundo Ridge, era uma competição entre duas narrativas: uma positiva e uma negativa. De acordo com ele, “*there are in these new histories implicit*

⁵⁹⁸ “Os triunfalistas escrevem sobre um passado aonde as pessoas tinham vocações e eram sustentadas por elas. Os Revisionistas vêem um Oeste aonde as pessoas tem só empregos e ruins para o meio-ambiente ainda por cima”. Idem. Ibidem. p. 38.

⁵⁹⁹ Idem. Ibidem.

⁶⁰⁰ McMurtry parece ter assumido uma postura mais tolerante para com os revisionistas, tendo escrito com bastante simpatia sobre Limerick em seu último livro de ensaios. Ver McMURTRY, Larry. *Sacagawea's Nickname: essays on the American West*. New York: NY Books, 2001. p. 83-93.

strategies for changing not only how Americans recall their past but also what they will see in it. These new histories were conceived as instruments of social change".⁶⁰¹

Ridge, como seria de se esperar, se opunha veementemente a esta reescrita do passado norte-americano, mas o fazia em termos narrativos, não epistemológicos ou empíricos. Para citar as palavras finais de seu breve artigo:

“Will the American plain folk, (...), spurn an existing Western-national myth that has sustained them in their continuous and successful quest for economic and political power and recognition within this culture, or will they accept a new myth, (...), one based on a far darker Western historical narrative? And if they do, what does that hold for the future of American society?”⁶⁰²

A resposta conservadora para a pergunta retórica de Ridge é, me parece, bastante óbvia: se os americanos comuns aceitassem esta nova versão, o frágil tecido da identidade nacional estaria em perigo. A História precisava ser o sustentáculo da nação. Os Estados Unidos precisavam de heróis, não de vítimas.

William Savage, Jr., professor da Universidade do Oklahoma, foi outro historiador acadêmico que enfatizou a necessidade de se preservar uma metanarrativa inspiradora para os Estados Unidos, identificada primariamente com a da “conquista do Oeste”. Em sua diatribe de 1993 contra a NWH, agressivamente chamada por Savage de “a mais nova puta no quarteirão”, ele, assim como McMurtry, lamentou a negatividade dos revisionistas e sua falta de imaginação. De acordo com ele, e esta é uma declaração deveras interessante, os *fatos verdadeiros* de uma determinada história não eram tão importantes quanto aqueles que as pessoas *imaginavam* como sendo verdadeiros. Em outras palavras, um mito positivo é melhor do que uma história realista negativa. O velho paradigma turneriano, mesmo com todos os seus problemas, tinha a habilidade de agarrar a imaginação das pessoas, porque as

⁶⁰¹ “Existem nestas novas histórias estratégias implícitas para mudar não só o modo como os norte-americanos se lembram de seu passado, mas também o que eles vêem nele. Estas novas histórias foram concebidas como instrumentos de mudança social”. RIDGE, Martin. *The New Western History and the National Myth*. In: *Continuity*, n. 17. Fall, 1993. p. 4.

⁶⁰² “Será que os norte-americanos comuns vão desdenhar um mito nacional que os tem sustentado em suas contínua e bem-sucedida busca por poder econômico e político e reconhecimento dentro desta cultura, o será que eles vão aceitar um novo mito, (...), um baseado numa narrativa histórica do Oeste mais obscura. E, se o fizerem, qual será sua consequência para a sociedade norte-americana?” Idem. *Ibidem*. p. 5.

dava heróis para imitar. Ele as dava feitos de glória, não contos de perdição. Não importa o quão exata era a pesquisa acadêmica, ela não podia, e aparentemente não deveria, acabar com estas fantasias benignas. Elas davam coerência aos Estados Unidos, enquanto nação. Se elas deixassem de existir, ou fossem substituídas pelas narrativas de fracasso e derrota dos revisionistas, a auto-imagem nacional tornar-se-ia não só negativa, mas perigosa para seus cidadãos.⁶⁰³

Esta ampla defesa do “mito nacional” contra narrativas que o ameaçassem vai, assim, de encontro àquilo que venho insistindo neste trabalho (e que, de acordo com as evidências, parece realmente ser o caso): apesar das superficiais discussões epistemológicas e empíricas, o que estava em conflito neste debates era o *significado* da América.⁶⁰⁴ E este significado não poderia ser dado em termos meramente conceituais ou evidenciários, mas precisava ser construído no *nível narrativo*.

Questões empíricas e conceituais não explicam a resistência dos historiadores conservadores a NWH. Sim, “fronteira” e “região” são, como vimos, conceitos bastante carregados de sentidos divergentes, mas não são necessariamente antinomias políticas, como tentei demonstrar com os trabalhos de White e Cronon. Do mesmo modo, Ridge, um turneriano, e Gerald Nash, regionalista, ambos opositores ferrenhos da NWH, também compartilhavam a mesma posição à direita do espectro ideológico norte-americano, apesar de suas divergências conceituais.

De maneira semelhante, questões empíricas também não são tão importantes quanto parecem ser. Alguém pode certamente criticar algumas das generalizações mais problemáticas dos revisionistas ou, inversamente, o empirismo mais raso de alguns de seus oponentes. Apesar disso, a indagação sobre quais fontes utilizar ou o motivo de seu uso não responde aos problemas mais fundamentais apresentados até aqui, até porque as mesmas “provas” costumam ser lidas de modo diferente por historiadores diferentes. Sendo assim, o ponto principal é como *tramar* a história dos Estados Unidos, dá-la sentido e representá-la

⁶⁰³ SAVAGE, Jr., William. The New Western History: the youngest whore on the block. In: *AB Bookman's Weekly*, October, 4th, 1993. p. 1242-1248.

⁶⁰⁴ Sobre as acusações de “anti-americanismo”, dirigidas a ela e a outros historiadores sociais, Limerick afirmou, de modo bastante persuasivo: “there is a much better case to be made for the accusation that we have a hopeful and innocent belief in American ideals”. LIMERICK, Patricia Nelson. Dilemmas in Forgiveness: William Appleman Williams and Western American History. In: *Diplomatic History*, vol. 25, n. 2. September, 2001. p. 298.

para seus habitantes. Mas, para além dos fatores disciplinares, o que movia esse desejo de preservar esta metanarrativa para a nação?

Um dos fatores cruciais das guerras culturais dos anos 1980 e 1990 foi a questão do “multiculturalismo”. Como já foi dito anteriormente, para um grande número de intelectuais, políticos e jornalistas conservadores, as Humanidades, supostamente raptadas por esquerdistas furiosos, eram a ponta-de-lança da ameaça “multicultural” à nação. Parafraseando um famoso colunista conservador, John Leo, os “multiculturalistas” queriam, com seu “relativismo” extremado, destruir os valores que sustentaram a democracia estadunidense, e a civilização ocidental, por trezentos anos. De acordo com Leo, nestas histórias, todos os “grandes homens” do passado eram diabolizados e as “vítimas”, que nunca haviam dado grandes colaborações ao passado nacional, elevadas ao status de “novos heróis”. Para piorar esta situação, que já era grave o suficiente, os multiculturalistas, aos olhos de Leo, também professavam o pior de todos os crimes: eram “cripto-marxistas”!⁶⁰⁵

Muito mais comedido, e informado, do que Leo, Arthur Schlesinger, Jr., também fez coro àqueles que consideravam o “multiculturalismo” como a maior ameaça aos Estados Unidos desde a década de 1950. Schlesinger, um dos historiadores mais famosos do país e ex-assessor de John Kennedy, imputava aos “estudos particularistas” surgidos nos anos 1970 e 1980 (gênero, etnia, classe, etc.) uma tendência à “desunião”, na medida em que insistiam que não existia uma história norte-americana comum, mas experiências profundamente divergentes. A idéia do “*melting pot*”, a fusão de diversos grupos em uma só nação (representada pelo lema “*et pluribus, unum*” – “de vários, um”) estava sendo abandonada em prol de uma “balcanização” da América. Como um país de imigrantes, os Estados Unidos precisavam de uma história que enfatizasse o “*unum*” em detrimento do “*pluribus*”, sob o risco de enfrentar uma profunda balcanização:

“When a vocal and visible minority pledges primary allegiance to their groups, whether ethnic, social, religious or, in rare cases, political, it presents a threat to the brittle bonds of national identity that holds this diverse and fractious society together”.⁶⁰⁶

⁶⁰⁵ LEO, John. Multicultural Follies. In: *The U.S. News and World Report*, July, 8th, 1991. p. 12

⁶⁰⁶ “Quando uma minoria visível e estridente jura aliança primeiro aos seus grupos, sejam eles étnicos, sociais, religiosos ou, em casos raros, políticos, ela apresenta uma ameaça aos frágeis laços da identidade nacional que

A “desunião da América”, e os espectros de uma “guerra étnica”, eram, assim, resultados deste “culto” pelo particular, pela insistência em usar a História como uma “arma”, uma ferramenta “terapêutica” em prol das “vítimas”.⁶⁰⁷ A consequência disso era, obviamente, a “morte” da identidade nacional e, no longo prazo, da própria civilização ocidental.⁶⁰⁸

Finalmente, para terminar esta breve ilustração sobre os temores acerca do “multiculturalismo”, John Higham também publicou, em 1993, um artigo alertando sobre os riscos que as idéias multiculturalistas representavam. Higham, ele próprio um antigo militante do Movimento pelos Direitos Civis e respeitado historiador social, defendeu o que ele chamou de “universalismo norte-americano”. Segundo ele, a América representava um tipo particular de sociedade: diversa, mas unida por ideais comuns, principalmente políticos. Ao negarem isto, os multiculturalistas estavam perdendo o foco do que era realmente importante, ou seja, a manutenção dos ideais democráticos e a luta pela sua expansão. Seu “erro”, que não é de todo condenado por Higham, poderia custar caro à República.⁶⁰⁹

A questão que permanece ainda, contudo é, a seguinte: como, em poucos anos, “multiculturalismo” tornou-se tal monstro, similar ao “comunismo” de anos anteriores? Como demonstrou Conrad Watson, em seus primeiros usos, no começo dos anos 1960, o termo “multiculturalismo” significava simplesmente a existência de diversas culturas co-existindo em um mesmo espaço político (o Império Romano, por exemplo). Após a irrupção do Movimento pelos Direitos Civis e da *New Left*, esta idéia tomou um caráter mais abertamente político, passando-se a criticar o “monoculturalismo” oficial dos Estados Unidos, reconhecendo a diversidade (bastante óbvia, diria eu) do país e a necessidade de se tomar medidas compensatórias, práticas ou simbólicas, em favor daquelas minorias sociais e étnicas apagadas da história estadunidense.⁶¹⁰ Neste caso, tratava-se de reconhecer a

mantém unida esta sociedade diversificada e fraturada”. SCHLESINGER, Jr., Arthur. *The Disuniting of America*. New York: W. W. Norton, 1991. p. 113.

⁶⁰⁷ Idem. *Ibidem*. p. 110-116.

⁶⁰⁸ Idem. *Ibidem*. p. 126-127.

⁶⁰⁹ HIGHAM, John. Multiculturalism and Universalism: a history and a critique. In: *American Quarterly*, vol. 45, n 2. June, 1993. p. 195-219.

⁶¹⁰ WATSON, Conrad W. *Multiculturalism*. Philadelphia: Open University Press, 2000. p. 1-17.

pluralidade de grupos existentes nos Estados Unidos, que não podiam ser subsumidos em uma única narrativa que privilegiasse alguns em detrimento de outros. Ao fazer isso, os multiculturalistas problematizaram a própria idéia de uma América “excepcional” em sua democracia, com seus valores e experiências compartilhados por todos, e trouxeram à tona os conflitos silenciados pela imposição desta identidade nacional, para usar os termos de Schlesinger, “única”.⁶¹¹

Na década de 1980, contudo, chegou-se ao ponto de ebulição sobre essa questão. Aos olhos da renovada direita norte-americana, estas histórias pareciam ser particularmente ameaçadoras. “Multiculturalismo” tornou-se um termo derogatório, assim como “politicamente correto” e, na retórica dos conservadores, assumiram o papel que, nas décadas anteriores, era reservado aos comunistas e outros “subversivos”.⁶¹² Em outras palavras, a palavra foi esvaziada de significado e transformada em uma caricatura pela direita. Como bem explicaram três autores:

“Politically correct history is that which presumably gives too much attention to women, minorities and the laboring masses in comparison with traditionally celebrated groups and leaders”.⁶¹³

Os ataques à historiografia “multiculturalista” também revelam um aspecto bastante interessante do discurso dos conservadores, ou seja, a tendência não só a caricaturizar as posições de seus adversários, mas também de levar a discussão para o plano que eles mais criticam: o *político*. Dito de outro modo, eles não argumentavam sobre questões empíricas, tentando desprovar o que estas novas histórias estavam afirmando; eles simplesmente, como colocou Lawrence Levine, as atacavam como “prejudiciais” à identidade nacional, como “politicamente corretas”, como “triviais” e, por fim, como “modismos” acadêmicos.

⁶¹¹ NASH, Gary; CRABTREE, Charlotte & DUNN, Ross. *History on Trial: culture wars and the teaching of the past*. New York: Vintage Books, 1997. 99-107.

⁶¹² É possível levantar a hipótese de que, com o colapso do socialismo real e a queda do Muro de Berlim, uma suposta vitória do governo republicano de Ronald Reagan, os conservadores simplesmente precisassem de um novo “inimigo interno” a quem direcionar suas atenções, a fim de justificar certas políticas internas e externas.

⁶¹³ “A história politicamente correta é aquela que presumivelmente dá muita atenção às mulheres, minorias e às massas trabalhadoras em comparação com grupos e líderes tradicionalmente celebrados”. NASH, Gary; CRABTREE, Charlotte & DUNN, Ross. *History on Trial*. op. cit. p. 102.

Aliás, em muitos aspectos, segundo Levine, eles pareciam nem ter *lido* os trabalhos que estavam criticando.⁶¹⁴

Sendo assim, por trás dessas críticas ao “multiculturalismo” estava o temor de que a emergência destas “histórias particularistas” significariam o fim do “credo norte-americano” (“*et pluribus, unum*”) e, assim, de uma única metanarrativa nacional. Na História, estas críticas políticas ao multiculturalismo juntaram-se às preocupações com a super-especialização da profissão e o temor de que, parafraseando Novick⁶¹⁵, cada “grupo seria seu próprio historiador” passou a permear os discursos de alguns expoentes da profissão, conservadores ou não. Com isso, entende-se a manifestação de Gertrude Himmelfarb sobre a História Social, principal fiadora destas novas narrativas multiculturais:

“It is difficult to see how the subjects of the new history can be accommodated in any single framework, let alone a national and political one. How can all these groups, each cherishing its uniqueness and its claim to sovereign attention, be mainstreamed into a single coherent, integrated history?”⁶¹⁶

Para os adversários da NWH, mais especificamente, “multiculturalismo”, na forma supostamente representada pelas histórias escritas pelo movimento, ameaçava esta metanarrativa excepcionalista porque dissolvia, ao menos aparentemente, seus fundamentos ideológicos em um conjunto de histórias fragmentadas que não possuíam conexão com a história nacional que os conservadores defendiam para os Estados Unidos. Pelas inferências feitas até aqui, para Ridge, Savage e Nash, a idéia de “nação” é fixa e rígida, com uma definição clara: sua comunidade imaginada está construída na dissolução de diferenças em um *melting pot* amorfo de pessoas, culturas e grupos étnicos – o “credo norte-americano” mencionado acima. Este cadinho de raças aponta em uma direção unívoca: esta identidade

⁶¹⁴ LEVINE, Lawrence. *The Opening of the American Mind: canons, culture and history*. Boston: Beacon Press, 1996. p. 165.

⁶¹⁵ NOVICK, Peter. *That Noble Dream*. op. cit. p. 469.

⁶¹⁶ “É difícil ver como os sujeitos desta nova história podem ser acomodados em uma mesma estrutura narrativa, muito menos uma nacional ou política. Como podem todos estes grupos, cada um defendendo sua unicidade e demandando atenção exclusiva, serem integrados à uma única e coerente história?”. HIMMELFARB, Gertrude. Some Reflections on the New History. In: *The American Historical Review*, vol. 100, n. 2. June, 1989. p. 694.

norte-americana subsume todas as outras e deve ser a escolha primeira dos habitantes do país. Se alguém escolher ser um *africano-americano* ao invés de um *africano-americano*, ele está, aos olhos dos conservadores, escolhendo o conjunto errado de lealdades.

Esta aderência só pode ser embasada ideologicamente se a história da nação for contada em uma forma que lhe dê apoio. Quando Martin Ridge e William Savage falam sobre os filhos de imigrantes acreditando no *American Dream*, e a realização deste no Oeste, eles estão tramando uma narrativa que entende a existência dos Estados Unidos como algo sem paralelos na história da humanidade. A velha idéia excepcionalista é, assim, resgatada: fugindo da corrupção e degradação do Velho Mundo, os imigrantes lutaram contra a *wilderness* e renascerem social e moralmente no território americano. As suas histórias eram narrativas de progresso, na medida em que a fundação dos Estados Unidos, a conquista do Oeste e o assentamento de milhões de colonos naquelas terras eram parte do romance maior da evolução humana, na qual o sistema político e econômico norte-americano, porque excepcional, representaria o topo. Questionar isso seria, assim, questionar a própria evolução da humanidade (e quem, em sã consciência, ousaria fazer isto?).

Isto parece ser uma versão moderna daquela Grande Narrativa progressista que Dorothy Ross identificou como sendo uma das bases narrativas originais da historiografia norte-americana.⁶¹⁷ Nesta visão, nos diz Ross, a história da nação é vista como uma série de prelúdios. Sendo assim, o passado colonial puritano era visto como um prelúdio à Revolução, que, por sua vez, continha as sementes da futura grandeza nacional. Sob esse ângulo, a conquista do Oeste pode ser entendida como o prenúncio da América imperial do século XX. Ao construírem uma civilização igualitária onde antes só existia a *wilderness*, os pioneiros cumpriram, portanto, as promessas da Revolução e da Constituição. Assim, um feroz crítico da NWH, Gerald Thompson, podia afirmar sem problemas que: “*it did not take a PhD in history to recognize that the West had enriched the nation to such an extent*

⁶¹⁷ Segundo Ross, esta Grande Narrativa entendia o excepcionalismo norte-americano como sendo o estágio mais desenvolvido da humanidade e sua forma textual era a de “romance”, entendido como um tipo de enredo vertical, que narra a passagem de um estado menos desenvolvido a um mais, sendo o primeiro regressivo e o segundo progressivo. ROSS, Dorothy. Grand Narrative in American Historical Writing: from romance to uncertainty. In: *The American Historical Review*, vol. 100, n. 3. p. 651-677.

that our international position as a world power was predicated upon nineteenth-century expansion".⁶¹⁸

Uma coisa é afirmar que a expansão a Oeste criou as condições materiais e ideológicas que transformaram os Estados Unidos em uma potência hemisférica e, mais tarde, mundial.⁶¹⁹ É outra, entretanto, afirmar que esta transformação estava *predeterminada* pela expansão. Entender a história desse modo é, para usar o termo de Ross, vê-la como sendo uma série de prelúdios, onde um estágio já estaria contido no outro.⁶²⁰

A defesa deste “mito nacional” equivale, assim, a uma defesa de uma identidade nacional considerada como ameaçada desde os anos 1960. Com o surgimento do “multiculturalismo”, qualquer fosse sua definição, e a recrudescência das demandas de minorias há muito ignoradas, esta metanarrativa de consenso e progresso foi usada como uma arma contra histórias consideradas “desviantes” da norma: “*what many of the critics seemed to want was not just a single, clear story but a story that reaffirmed an American-centered grand narrative*”.⁶²¹ Essa história deveria reforçar os laços da coesão nacional através da referência a um tempo onde todos os norte-americanos eram “iguais” em sua luta para criar uma civilização melhor no Novo Mundo. Pouco importava que os nativos não tiveram parte nisto ou que outras minorias sociais e étnicas pagaram o preço mais alto da conquista do Oeste - seu sofrimento pavimentou o caminho para o bem-estar de milhões. No fim das contas, esta metanarrativa não ve a história somente como uma série de prelúdios, mas como uma série de inevitabilidades, como exemplificado no caso dos indígenas: eles certamente eram nobres e seu massacre foi um evento triste e condenável, mas, infelizmente, eles estavam no caminho do progresso.⁶²² Como Gerald Nash escreveu em 1991:

⁶¹⁸ “Não é necessário um doutorado em história para reconhecer que o Oeste enriqueceu a nação a tal ponto em sua condição como um poder mundial foi *preunciada* por ele”. THOMPSON, Gerald. *The New Western History: a critical analysis*. In: *Continuity*, n. 17. Fall, 1993. p. 14. Meu grifo.

⁶¹⁹ Sobre isto, ver NUGENT, Walter. *Habits of Empire: a history of American expansion*. New York: Knopf, 2008.

⁶²⁰ ROSS, Dorothy. *Grand Narrative in American Historical Writing*. op. cit. p. 653.

⁶²¹ “O quê muito dos críticos pareciam querer não era uma única, clara narrativa, mas uma narrativa que reafirmava uma grande narrativa centrada na América”. Idem. *Ibidem*. p. 666.

⁶²² Este parece ser o argumento de Gerald Thompson no seguinte artigo: THOMPSON, Gerald. *Another Look at Frontier vs. Western Historiography*. In: *Montana the Magazine of Western History*, vol. 40, n. 3. Summer, 1990. p.

“If historians are also keepers of a nation’s soul, the custodians of its sense of identity, one sided indictments can serve the function of destroying the very fabric of national identity. **To teach America’s youth exclusively about the alleged depravity of the Western experience is to do a disservice to the profession**”.⁶²³

Parece-me, portanto, que estes historiadores conservadores estavam defendendo um tipo de “esquecimento benigno” sobre o passado da nação. Se Limerick e Worster exageraram em boa parte de seus pronunciamentos, Nash, Savage e Ridge também não deixaram por menos, na medida em que pareciam defender um tipo de história tão unilateral quanto as mais radicais da NWH. Ironicamente, em seu pragmatismo quanto à história nacional, esses autores, todos “objetivistas”, engajaram-se em um projeto “relativista”: se, como alguns afirmavam, os fatos não são tão importantes quanto o que as pessoas acreditam serem estes fatos e se a história nacional deve ser um exercício em inspiração, então paradoxalmente chegamos ao tipo de “história livre”, isto é, servindo aos interesses de cada um, que os conservadores tanto detestavam e imputavam aos “multiculturalistas”.⁶²⁴

Para além da “ameaça” multiculturalista, os ataques a NWH também podem ser entendidos sob o pano-de-fundo da incerteza sobre o lugar dos Estados Unidos no contexto pós-Vietnã. A defesa do caráter positivo da expansão a Oeste pode ser considerada, assim, como uma tentativa de recuperar um passado glorioso diante de um presente problemático. Enfatizar os feitos heróicos dos pioneiros é um dos modos de se apontar para uma Era de Ouro, antes da decadência nacional, representada pela derrota na Ásia, e os conflitos políticos, culturais e sociais que se seguiram. Se a Guerra do Vietnã foi a “guerra má”, a conquista do Oeste foi a “guerra boa”, já que teria pavimentado o caminho para a grandeza nacional do século XIX.⁶²⁵ Pode-se falar, para inverter os termos de Schlesinger acima

⁶²³ “Se os historiadores também são os guardiões da alma de uma nação, os protetores de seu senso de identidade, acusações unilaterais podem servir para destruir o próprio tecido da identidade nacional. **Ensinar aos jovens da America somente sobre a alegada devassidão do passado do Oeste é fazer um desserviço à profissão**”. NASH, Gerald. *Creating the West*. op. cit. p. 276. Grifo meu.

⁶²⁴ O termo “*free-for-all*” é de Himmelfarb. Ver HIMMELFARB, Gertrude. *Telling as you Like it: the postmodern history and the flight from fact*. op. cit.

⁶²⁵ ENGELHARDT, Tom. *The End of Victory Culture*. op. cit. p. 34-46.

mencionados, em uma história terapêutica que, antes de proporcionar um acordo com um passado problemático, busca torná-lo uma fonte de referência estável e imutável para o presente. Em outras palavras, uma história cujo papel fundamental é ser a “protetora do passado nacional”, não sua questionadora.

As respostas dos *new western historians* a estas questões foram, em geral, bastante sucintas, ainda que contundentes.⁶²⁶ Limerick, por exemplo, em uma reportagem publicada no *The New York Times*, chamou algumas acusações de “aquela idiotice” (“*that idiocy*”), afirmando, não sem certa razão, que seus críticos estavam discutindo coisas que pouco ou nada tinham a ver com os debates historiográficos em questão. Por sua vez, na mesma entrevista, White atacou o “ressentimento” de alguns de seus oponentes e, assim como Limerick, sugeriu que os adversários da NWH não estavam preocupados com o passado do Oeste *per se*, mas com posições pessoais, refletidas em seus ataques aos indivíduos, não às suas idéias.⁶²⁷

Para além de ofensas e ressentimentos individuais, que nada contribuem para o debate historiográfico, estas discussões apontam justamente para o plano *narrativo*, não empírico ou epistemológico, deste confronto. Limerick foi a revisionista mais explícita sobre este problema. Refletindo alguns anos mais tarde, ela escreveu sobre esta mudança narrativa na historiografia norte-americana como um todo:

“This transformation of content was directly correlated to a transformation of discourse, as a narrative of constricting coherence and clarity was surrendered – a narrative as effective at excluding meaning as it was in excluding people of color”.⁶²⁸

⁶²⁶ Na introdução de sua mais recente obra, Limerick comentou sobre a ausência de respostas diretas às estas acusações de negativismo. Segundo ela, “*the NWH had become a kind of Rorschach for people ruled by strong, unexamined emotions about the West. Just as those who administer the ink blots in psychological tests would achieve little by trying to correct the ‘weirdness’ projected on the images, why bother trying to correct the agitated misreadings of the NWH?*” (“a NWH havia tornado-se uma espécie de teste de Rorschach para pessoas controladas por fortes, não-examinadas emoções sobre o Oeste. Assim como aqueles que administram os desenhos nos testes psicológicos pouco conseguiriam ao tentar corrigir a ‘esquisitice’ projetada nas imagens, por que tentar corrigir as agitadas incompreensões sobre a NWH?”). LIMERICK, Patricia Nelson. Introduction. In: *Something in the Soil*. op. cit. p. 17.

⁶²⁷ SCOTT, Janny. Rival Old West Historians try to put Own Brand on the Frontier. In: *The New York Times*, May, 18th, 1993. p. 5.

⁶²⁸ “Esta transformação de conteúdo esteve diretamente relacionada com a transformação de discurso, na medida em que uma narrativa que restringia coerência e clareza fio abandonada – uma narrativa efetiva tão

Em uma entrevista, publicada no *The Christian Science Monitor*, em 1990, Limerick afirmou que:

“Moral complexity provides the base for parables and tales of greater and deeper meaning. Myths resting on tragedy and on unforeseen consequences, the ancient Greeks certainly knew, have far more power than stories of simple triumphs and victories”.⁶²⁹

A recuperação desta “complexidade moral” poderia, e é difícil discordar de Limerick nesta questão, fornecer um melhor entendimento do presente, não somente porque desestabiliza o passado, mas porque também permite repensar o próprio presente de um modo mais satisfatório do que as simples histórias “inspiradoras” contadas pelos conservadores. Neste caso, tratava-se de reconhecer que, segundo a própria Limerick, a história norte-americana era repleta tanto de heróis, quanto de imbecis (“*jerks*”) e que estas narrativas complexas podiam fornecer uma base muito mais satisfatória para a identidade do país.⁶³⁰ Em outro artigo, que toca diretamente nos temas das *culture wars* e do multiculturalismo, a historiadora afirmou corretamente que:

“Recognizing the moral complexity of all groups -- victims and victimizers, conquered and conquerors, slaves and enslavers -- is simply the first step in reckoning with reality, and in resisting those who would argue us into a tight and uncomfortable corner where we have to join them in accepting cruelty and injustice”.⁶³¹

efetiva em excluir significado assim como em excluir pessoas de cor”. LIMERICK, Patricia Nelson. Has ‘Minority’ History Transformed the Historical Discourse? In: *Perspectives*, novembro, 1997. p. 20-25.

⁶²⁹ “Complexidade moral fornece a base para parábolas e contos de um significado maior e mais profundo. Mitos baseados na tragédia e em consequências inesperadas, os antigos gregos certamente o sabiam, têm muito mais poder do que histórias de simples triunfos e vitórias”. Idem apud KNICKERBOCKER, Brad. Revisionist Historian Lassos the Mythic West. In: *The Christian Science Monitor*, December, 18th, 1990. p. 13.

⁶³⁰ Idem apud FLINT, Anthony. What of our past? Historians disagree: clash of values fuels lack of consensus. In: *The Boston Globe*, July, 25th, 1995. p. 1.

⁶³¹ “A recuperação da complexidade moral de todos os grupos – vítimas e vitimizadores, escravos e escravizadores, conquistados e conquistadores – é apenas o primeiro passo para se lidar com a realidade, e em resistir aqueles que nos argumentariam em direção a um canto pequeno e desconfortável, onde temos que juntá-los na sua aceitação da crueldade e injustiça”. Idem. Advice to White Liberals. In: *The Chronicle of Higher Education*, May, 4th, 1994. p. 13. Se o trabalho de Limerick reconhece adequadamente esta

Em “*Haunted America*” (“América Assombrada”), Limerick expôs com destreza os perigos de uma história nacional centrada no fornecimento de uma imagem excessivamente positiva da nação, a despeito dos erros do passado. Segundo ela, esquecer as atrocidades e injustiças cometidas contra norte-americanos de todas as classes sociais e etnias era cometer um crime histórico da mesma proporção. Como um rebate às defesas de Ridge, Savage e Nash de uma História “guardiã da identidade nacional”, ela, como a frasista brilhante que é, afirmou que “*a claim of innocence denies the meaning of the lives of those who died violently in the conquest of this continent, and that denial diminishes our souls*”.⁶³² O reconhecimento do lado obscuro da história dos Estados Unidos era, assim, uma maneira de evitar a ocorrência de eventos parecidos no futuro. Narrativas históricas fundadas nesta “complexidade moral” eram meios muito mais satisfatórios de educação do público do que histórias eivadas de um sentimento nacionalistas e/ou progressista que, em sua ânsia em proteger o passado da América de “negativismos”, negava uma porção considerável deste mesmo passado: “*the tragedies of the wars are our national joint property, and how we handle that property is one test of our unity or disunity, maturity or immaturity, as a people wearing the label ‘American’*”.⁶³³

Richard White, com sua clareza habitual, finalizou o assunto quando afirmou que os debates sobre a *Western History*, e as guerras culturais, não diziam respeito somente às histórias que estavam sendo contadas, mas às identidades que eram formadas por elas. O presente dependeria irremediavelmente do passado e, para a White, defender uma *Western History* “limpa” era uma contribuição negativa à compreensão da história norte-americana.⁶³⁴

Se esse embate deu-se sobre o modo mais adequado de se escrever a história do Oeste, existiu outro, mais específico à academia, que buscou não só qualificar

“complexidade moral” é, como vimos, uma outra questão. Ainda sim, sua posição me parece muito satisfatória do que a de seus adversários, tanto em termos políticos, quanto historiográficos.

⁶³² “Uma afirmação de inocência nega o sentido das vidas daqueles que morreram violentamente na conquista deste continente e esta negação diminui nossas almas”. Idem. *Haunted America*. op. cit. p. 73.

⁶³³ “As tragédias das guerras é nossa propriedade nacional conjunta e como lidamos com esta propriedade é um teste de nossa união ou desunião, maturidade ou imaturidade, enquanto um povo usando a designação ‘americano’”. Idem. *Ibidem*.

⁶³⁴ WHITE, Richard apud DELLA CAVA, Marco R. *Rewriting the West: a showdown over frontier legends*. op. cit. p. 1D.

negativamente a NWH como “revisionista”, mas como “pós-modernista” e “desconstrucionista”. Mas, ao contrário do que o leitor possa esperar, tais termos não foram embasados teoricamente, ou mesmo empiricamente. Foram usados como ferramentas retóricas destinadas a retirar da NWH seu status como historiografia legítima. É o que veremos no próximo ponto.

4.2.2. “Desconstruindo o Oeste?”: a *New Western History*, o espantinho pós-modernista e a retórica da deslegitimação profissional.

Se “multiculturalismo” era, aos olhos dos conservadores, um problema, ele só podia, evidentemente, ser resultado de ideologias exógenas e exóticas aos Estados Unidos. Antes de ser um reflexo da própria formação do país, e resultado principalmente das bravas lutas do Movimento pelos Direitos Civis, “multiculturalismo” era fruto de uma “interpretação marxista da sociedade” de “inspiração européia” que “demonizava o homem branco”, para usar os termos do colunista conservador John Leo.⁶³⁵

O que se percebe imediatamente no discurso dos conservadores é uma tentativa constante de desqualificar as novas histórias das décadas de 1980 e 1990 como fazendo parte de uma grande conspiração esquerdista para “destruir a América”, a partir do “sequestro de sua história”.⁶³⁶

Assim como acontecera com “multiculturalismo”, “desconstrução” (ou “desconstrucionismo”) e “pós-modernismo” tornaram-se, em boa parte do discurso acadêmico dos anos 1980 e 1990, conceitos esvaziados de qualquer significado mais específico.⁶³⁷ Como Ethan Kleinberg demonstrou em um artigo recente, mesmo significando coisas diferentes, estes dois termos foram considerados sinônimos por diversos historiadores, temerosos de seus desdobramentos para a disciplina. Segundo este autor, tais palavras podem ser consideradas como “fantasmas”, já que, independente da retórica

⁶³⁵ LEO, John. The demonizing of white men. In: *The U.S. News and World Report*, April, 26th, 1993. p. 24.

⁶³⁶ Uma vez mais, os termos são de John Leo. Idem. Ibidem.

⁶³⁷ Sobre isso, ver VASCONCELOS, José Antonio. *Quem tem medo de teoria?* op. cit.

exagerada de alguns de seus opositores, poucos historiadores realmente utilizaram a desconstrução como método de trabalho.⁶³⁸

Na década de 1980, após a popularização da chamada “virada linguística” (“*linguistic turn*”)⁶³⁹, e de historiadores como Hayden White e Dominick La Capra, o termo “desconstrução” passou a ser utilizado para definir uma série de práticas metodológicas que pouco ou nada tinham a ver com a concepção original de Jacques Derrida, criador e principal proponente deste tipo de leitura textual. De acordo com Kleinberg, a estratégia desconstrucionista de Derrida abordava um texto, qualquer texto, como um local de contestação e luta, embora oculto, na medida em que o escrito afirma sua ordem interna através do estabelecimento de uma hierarquia de significados. A função da desconstrução, enquanto uma prática de leitura, seria revelar e desmontar esta hierarquia, atentando para os significados ocultos e para as descontinuidades dentro do próprio texto. Do mesmo modo, ela foca naquilo que está fora do texto, aquilo sobre o qual ele silencia ao mesmo tempo em que depende dele.⁶⁴⁰

Nos Estados Unidos, como demonstra José Vasconcelos, o trabalho de Derrida foi primeiramente utilizado nos departamentos de Crítica Literária e Teoria Literária, a partir do fim dos anos 1960, antes de ser incorporado ao vocabulário dos historiadores.⁶⁴¹ Ainda assim, de acordo com Kleinberg, quando “desconstrução” passou a ser utilizada no discurso da historiografia profissional, foi para enfatizar os *perigos* de tal prática para a profissão, mesmo que os críticos não tivessem muita certeza sobre o que estavam falando. Logo, intelectuais diversos, principalmente aqueles mais críticos da historiografia profissional mais ortodoxa, como Hayden White, Michel Foucault, Michel de Certeau e Dominick La Capra foram acusados de serem desconstrucionistas, ainda que seus trabalhos tivessem

⁶³⁸ KLEINBERG, Ethan. Haunting History: deconstruction and the spirit of revision. In: *History and Theory*, theme issue 46. December, 2007.

⁶³⁹ A expressão “virada linguística” é utilizada para definir o crescimento das preocupações dos historiadores intelectuais, e alguns sociais, com a linguagem, sua relação com a realidade e seu papel na construção da História enquanto um discurso. Segundo Kerwin Klein, o *linguistic turn*, ao menos nos Estados Unidos, significou o estruturalismo e o pós-estruturalismo franceses, filtrados pela Crítica Literária nativa. KLEIN, Kerwin Lee. What Was the Linguistic Turn? In: *Clio*, vol. 30, n. 1. January, 2000. p. 79-90.

⁶⁴⁰ É evidente que este brevíssimo resumo não pode dar conta da complexidade, e das dificuldades, do trabalho de Derrida. De qualquer modo, a minha intenção não é de modo algum analisá-lo mais profundamente, mas apenas demonstrar a transformação da palavra “desconstrução” em algo maléfico e o quão errados os críticos da NWH estavam em atribuir ao movimento tendências desconstrucionistas. KLEINBERG, Ethan. Haunting History. op. cit. p. 115

⁶⁴¹ VASCONCELOS, José Antonio. *Quem tem medo de teoria?* op. cit. p. 164-173.

pouco ou nada a ver com os de Derrida.⁶⁴² Para a *doxa*, contudo, isso não interessava. Em pouco tempo, para além dos espectros das famigeradas fragmentação e super-especialização, a História era vista como a vítima de outro ataque, vindo das hostes filosóficas e (pior!) literárias. Neste caso, nem mesmo áreas pouco ou nada identificadas com a “desconstrução” escaparam às acusações de sê-las – o que nos ajuda a entender o motivo da NWH ter sido assim rotulada por alguns de seus críticos. Segundo Kleinberg:

“Deconstruction was a far scarier threat to the historical profession, so that when the new cultural history or intellectual history was criticized it is the critique of deconstruction that is most often applied. All the bogeymen morphed into the one beast of deconstruction”.⁶⁴³

Por sua vez, “pós-modernismo”, no plano historiográfico, não constitui necessariamente uma teoria da história, mas a constatação de uma condição, isto é, o reconhecimento do “colapso” das Grandes Narrativas que herdamos do século XIX e do carácter fragmentário das histórias do fim do século XX. Segundo Keith Jenkins, isto foi resultado principalmente das falhas do que ele chamou de “sistemas ideológicos/sociais eurocêntricos antagônicos”, identificados em suas versões “burguesa” e “marxista”, em dar conta das esperanças e anseios da humanidade. Ademais, o grotesco e ainda inigualado espectáculo de atrocidades do século XX, ao lado de suas crenças em um progresso infundável, desnudaram, segundo Jenkins, a face obscura do ideal iluminista de Progresso e Razão.⁶⁴⁴

⁶⁴² Destes, só La Capra foi realmente um entusiasta, ainda que crítico, das teorias de Derrida. KLEINBERG, Ethan. *Haunting History*. op. cit. p. 127-132. Aliás, Hayden White, por exemplo, foi um crítico inicial da “desconstrução” como prática de leitura. Ver WHITE, Hayden. O Momento Absurdist na Teoria Literária Contemporânea. In: *Trópicos do Discurso*, op. cit. p. 285-306.

⁶⁴³ “A desconstrução era uma ameaça muito mais assustadora para a profissão, então quando a nova história cultural e a história intelectual foram criticadas foi a crítica à desconstrução que foi mais seguidamente aplicada. Todos os ‘bichos-papão’ transformaram-se no único monstro da desconstrução”. KLEINBERG, Ethan. *Haunting History*. op. cit. p. 127.

⁶⁴⁴ JENKINS, Keith. Introduction: on being open about our closures. In: JENKINS, Keith (org.). *The Postmodern History Reader*. London: Routledge, 1997. p. 4.

Independente do mérito das constatações de Jenkins, e de outros autores identificados com esta “condição pós-moderna”⁶⁴⁵, o “pós-modernismo” foi, no contexto estadunidense, um dos principais elementos das discussões teóricas e historiográficas no fim dos anos 1980 e começo dos 1990. Entre outras coisas, discutiu-se proficuamente sobre a relação entre “história” e “ficção”, sobre o papel determinante da linguagem na construção dos objetos históricos, sobre as histórias e seus referentes, sobre as relações entre “história” e “poder” e sobre o papel da disciplina nesta “condição pós-moderna”, incluindo a percepção de que o passado havia perdido qualquer sentido e que, de fato, vivia-se num presente interminável.⁶⁴⁶

O teórico holandês Frank Ankersmit, um dos historiadores identificados com o “pós-modernismo”, descreveu como seria a historiografia nesta nova era. Para ele, o que se estaria testemunhando com o advento da condição pós-moderna era o adeus definitivo a “todas as aspirações essencialistas” que haviam dominado a historiografia profissional desde sua inepção no século XIX: o princípio de que o passado possuía uma lógica intrínseca, cabendo aos historiadores a sua descoberta.⁶⁴⁷ Neste caso, para utilizar a metáfora empregada por este autor, o foco da historiografia pós-moderna não era o tronco das árvores, a “essência” do passado, mas suas frágeis folhas, os pequenos fragmentos de história que, com qualquer vento mais forte, são arrancados de seus galhos.⁶⁴⁸ Aqui, o “sentido” seria mais importante do que “reconstrução” e “gênese”, segundo Ankersmit.⁶⁴⁹

Para alcançar estes fins, os historiadores “pós-modernistas” utilizaram, entre outras coisas, metodologias emprestadas a áreas adjacentes das Humanidades que não a História, como a Teoria Literária, por exemplo, e a “desconstrução” certamente figurou entre elas.⁶⁵⁰

⁶⁴⁵ Sobre isto, ver o *reader* citado na nota acima. O termo “condição pós-moderna” é de Jean-François Lyotard. Ver LYOTARD, Jean-François. *A Condição Pós-Moderna*. op. cit.

⁶⁴⁶ Ver, por exemplo, a torrente de artigos sobre tema publicados não só em fóruns específicos de Teoria da História, como a revista *History & Theory*, mas na própria AHR. VASCONCELOS, José Antonio. *Quem tem medo de teoria?* op. cit. p. 75-92.

⁶⁴⁷ ANKERSMIT, Frank. *Historiography and Postmodernism*. In: JENKINS, Keith. *The Postmodernist History Reader*. op. cit. p. 288-289.

⁶⁴⁸ Idem. *Ibidem*. p. 291.

⁶⁴⁹ Idem. *Ibidem*. p. 294-295.

⁶⁵⁰ Além da desconstrução, outras práticas fizeram parte do arcabouço teórico de intelectuais “pós-modernistas”, incluindo o pós-colonialismo, a semiologia, a narratologia, o pragmatismo filosófico e a genealogia foucaultiana, numa verdadeira *bricolage* teórica. JENKINS, Keith. *Introduction*. op. cit. p. 22-23. Aliás, é impossível deixar de citar Richard Rorty (ele mesmo identificado com o “pós-modernismo”), sobre os usos e abusos desta palavra: “*the word ‘postmodernism’ has been rendered almost meaningless by being used*

No entanto, ambos os termos não podem ser considerados como sinônimos e foi exatamente que isto diversos historiadores fizeram, tornando-os a mesma coisa. Assim, na conjuntura aqui analisada, “pós-modernismo” e “desconstrução”, nas mãos de centenas de autores, tornaram-se termos aplicados a histórias que se distanciavam do *mainstream* historiográfico mais geral ou que, em suas visões, posavam riscos à “História-ciência”. Entende-se, portanto, como historiadores, de marxistas a conservadores, atacaram o que entendiam como sendo “ameaças” à História, saindo em sua “defesa” fervorosa, independente do fato dos supostos atacantes serem ou não “pós-modernistas”.⁶⁵¹ Para usar as palavras de Gertrude Himmelfarb, estes últimos, na ótica um tanto quanto exagerada de seus opositores, defendiam histórias sem qualquer referente, controle e restrições à imaginação: era a “*free-for-all history*”.⁶⁵²

Assim, estes “monstros” foram desprovidos de seus sentidos originais e associados àquelas coisas consideradas malignas aos olhos de boa parcela da profissão: relativismo, subjetivismo e ideologização da História. Aos mais conservadores politicamente, “pós-modernismo”, “desconstrução” e “multiculturalismo” viraram sinônimos de um verdadeiro assalto não só à História, mas a própria civilização ocidental. Daí para a associação destes com uma “conspiração totalitária” para destruir a América (e qual o melhor lugar para começar senão pela desmoralização de sua história?), sempre viva em suas imaginações, foi um passo, como demonstram as citações de John Leo acima.⁶⁵³

A estratégia de ligar a NWH a estas metodologias “ameaçadoras” começou com Gerald Nash, em seu “*Creating the West*” (“Criando o Oeste”), de 1991. Antes disso, até onde pude verificar, a conexão entre “pós-modernismo” e a NWH não havia sido feita por nenhum outro autor – inclusive por Nash em suas resenhas sobre “*The Legacy of*

to mean so many different things” (“a palavra ‘pós-modernismo’ tornou-se quase sem significado, por ter sido usada para significar tantas coisas diferentes”). RORTY, Richard. Afterword: pragmatism, pluralism and postmodernism. In: *Philosophy and Social Hope*. New York: Penguin Books, 1999. p. 262.

⁶⁵¹ Neste caso, não foi raro ver historiadores marxistas juntarem forças à conservadores ou liberais para defenderem a disciplina do que viam como sendo um “ataque de bárbaros” contra suas bases intelectuais, na verdade o tipo de História consagrada como científica no século XIX. Dois exemplos de livros extremamente parecidos, mas escritos por autores de orientações políticas completamente diferentes, são EVANS, Richard. *In Defense of History*: New York: W. W. Norton, 1999 & WINDSCHUTTLE, Keith. *The Killing of History: how a discipline is murdered by literary critics and social theorists*. Sidney: Macleay Press, 1994.

⁶⁵² HIMMELFARB, Gertrude. Telling as You Like it. op. cit. p. 158-174. Tal posição, em minha opinião, é uma caricaturização bem exagerada da posição dos historiadores dito pós-modernistas.

⁶⁵³ Para outros exemplos desta retórica alarmista, ver KLEINBERG, Ethan. *Haunting History*. op. cit. p. 131-132.

Conquest” e *Rivers of Empire*”. De qualquer modo, Nash escreveu em 1991 que os novos historiadores haviam tornado-se “relativistas extremados”, sequeiros em abandonar qualquer grau de “objetividade histórica”, usando seus textos para fins meramente políticos. Isso era, segundo Nash, uma influência direta da *New Left* e de inovações metodológicas dúbias.⁶⁵⁴

Nash recuperou esse tema em um artigo publicado no JW em 1993. Embora curto (duas páginas), esse texto tornou-se a principal referência para aqueles ávidos em acusar a NWH de “pós-modernista”, de modo completamente espúrio e absurdo, sob qualquer ponto de vista (e espero deixar isso claro nas páginas seguintes). As acusações de “negativismo extremado”, imputadas aos revisionistas, já aparece no primeiro parágrafo do escrito. Para Nash, os *new western historians* estavam promovendo interpretações “neo-marxistas” da história norte-americana “obcecada” com luta-de-classes e imperialismo. De acordo com ele:

“To the NWH, the history of the West was nothing less than a sad record of conquest by Anglo white males who despoiled the land, ravaged the environment and oppressed ethnic and racial minorities and, of course, the poor”.⁶⁵⁵

Mais adiante, e de modo contraditório, Nash passa desta suposta obsessão com “classe” para uma outra, desta feita com “raça”. Numa estratégia questionável, mas arguta, Nash compara o trabalho dos revisionistas com os do teórico nazista Alfred Rosenberg. Para Nash, os *new western historians*, assim como os nazistas, apontavam a “raça” como fator fundamental no desenvolvimento histórico. Esta aparente associação com o totalitarismo é feita de uma maneira completamente estapafúrdia: a suposta ligação da NWH com o professor de Yale e um dos principais teóricos do desconstrucionismo, Paul De Man, que escreveu para jornais colaboracionistas em sua Bélgica natal, antes de imigrar para os Estados Unidos ao fim da Segunda Guerra. Como Worster, Limerick e Cronon

⁶⁵⁴ NASH, Gerald. *Creating the West*. op. cit. p. 275-276.

⁶⁵⁵ “Para a NWH, a história do Oeste não era nada menos do que um triste registro da conquista por parte de homens brancos anglo-saxônicos que destruíram a terra e o meio-ambiente e oprimiram minorias raciais e étnicas e, obviamente, os pobres”. Idem. Point of View: 100 years of Western History. In: *Journal of the West*, vol. 32, n. 1. January, 1993. p. 3.

obtiveram seus doutorados em Yale, isto seria evidência suficiente, ao menos para Nash, de suas ligações com De Man, o pós-modernismo e, por consequência, com o nazismo.

O que é realmente impressionante em relação a este artigo de Nash não é nem tanto seu caráter estridente e denunciatório⁶⁵⁶, mas sua completa falta de base documental. Em outras palavras, ele não cita um único texto em que algum dos *new western historians* tenha citado De Man, ou qualquer outro desconstrucionista, nem ele mostra como eles teriam sido influenciados por ele, afora suas conexões com Yale. Ainda sim, isto não o impediu de avisar seus colegas de que a NWH:

“Represent not merely another phase of historical revisionism, but are attempting proselytization for what in essence are totalitarian ideologies. In their negativism and their critique of democratic values, the new Western historians are destructive in conveying a realistic and truthful vision of the West, both to academicians and the general public. If historians are the guardians of a nation’s past, they need to be alert to those who, under the guise of scholarship, seek to propagate ideologies that seek to undermine democracy”.⁶⁵⁷

Este parágrafo, o último do artigo, não só acusa a NWH de fornecer visões “falsas” do passado norte-americano, mas também tenta deslegitimá-la em termos políticos, acusando-a de estar tentando destruir a democracia. Seus trabalhos não eram História legítima: eram ideologias, pura e simplesmente – e anti-americanas, para piorar a situação.

As acusações de Nash foram respondidas nos números seguintes do JW, por diversos historiadores, incluindo Walter Nugent e Susan Armitage. É desnecessário dizer

⁶⁵⁶ Espectros de um macartismo redivivo aparecem no texto de Nash quando ele acusa a NWN de práticas comunistas e de preconceito contra os mais velhos. Novamente, não existe nenhuma prova para as suas afirmações. Idem. Ibidem. p. 3.

⁶⁵⁷ “Representa não só uma outra fase do revisionismo histórico, mas está tentando o proselitismo para aquilo que são essencialmente ideologias totalitárias. Em seu negativismo e sua crítica dos valores democráticos, os *new western historians* são destrutivos em trazer à tona uma visão realista e verdadeira do Oeste, tanto para acadêmicos quanto para o público em geral. Se os historiadores são os guardiões do passado nacional, eles precisam estar alerta para aqueles que, sob a guisa de conhecimento, buscam propagar ideologias que tentam minar a democracia”. Idem. Ibidem. p. 4.

que todos reclamaram do tom histérico de Nash e o acusaram de terem ido longe demais. Uma autora, Anne Butler, ainda sugeriu a ele um pouco mais de bom-humor.⁶⁵⁸

As acusações de Nash ganham contornos ainda mais significativos quando consideramos que, em suas já citadas resenhas de *“The Legacy of Conquest”* e *“Rivers of Empire”*, assim como em seu discurso presidencial na WHA, em 1991⁶⁵⁹, ele não teve problema algum com a NWH. Muito pelo contrário: ele recomendou-os aos seus colegas, embora discordasse de alguns de seus pontos de vista. Ao escrever, por exemplo, sobre o livro de Worster, ele afirmou que: *“who can fault an author who urges to put faith in the goodness and rationality of humanity, as in a new version of the American Dream?”*.⁶⁶⁰ Aparentemente, numa primeira leitura, Nash não percebeu que eles eram trabalhos comunistas, marxistas, fascistas e desconstrucionistas. Essa mudança radical de posição, ao que tudo indica, pode ter sido causada justamente pela força que os revisionistas alcançaram no campo no começo dos anos 1990 e pela sua visibilidade acadêmica e pública. Neste caso, me parece, os ataques histriônicos de Nash podem ter sido tentativas de recuperar o terreno perdido pela “velha guarda” diante da NWH, acusando-a de não estar escrevendo histórias legítimas, sob o ponto de vista defendido por Nash, e, por consequência, de não terem direito de falar sobre a história regional.

Nash expandiu seu texto no JW em um artigo publicado na coletânea, *“Old West/New West”* (“Velho Oeste/Novo Oeste”), organizada por Gene Gressley e publicada no ano seguinte.⁶⁶¹ Nele, as acusações insubstanciadas contra a NWH tomam uma proporção ainda maior, até porque, neste artigo, Nash estava se propondo a fazer uma análise “teórica” sobre o movimento e seu “contexto” global.

Em primeiro lugar, o que se destaca logo no início do texto é um certo ressentimento de Nash em relação à atenção midiática recebida pelos revisionistas – o que

⁶⁵⁸ BUTLER, Anne. Laugh and the West might Laugh with you. op. cit.; NUGENT, Walter. Happy Birthday, Western History. In: *Journal of the West*, vol. 32, n. 3. July, 1993. p. 3-4 & ARMITAGE, Susan; JAMESON, Elizabeth & JENSEN, Joan. Another Perspective on the New Western History. In: *Ibidem*.

⁶⁵⁹ NASH, Gerald D. The Great Adventure: western history, 1890-1990. In: *The Western Historical Quarterly*, vol. 22, n 1. February, 1991. p. 4-18.

⁶⁶⁰ Idem. Review of *“Rivers of Empire”*. op. cit. p. 215. Infelizmente, as fontes só tangeiam este problema. De qualquer modo, somente o fato desta mudança de posição, e tão rápida, já é um indício significativo de algo mais sério ocorreu.

⁶⁶¹ Idem. The Global Context of the New Western Historian. In: GRESSLEY, Gene M. (org.). *Old West/New West*. op. cit. p. 149-162.

uma vez mais me leva a acreditar que a mudança de posição desse historiador pode ter sido causada pela perda de visibilidade de “velha guarda” dentro do campo.⁶⁶² De qualquer modo, Nash não se deteve muito nesse tema, partindo para aquilo que chamou de “análise ideológica” da NWH. Surpreendentemente, contudo, e talvez movido pelas críticas furiosas ao seu artigo no JW, o historiador afirmou que não acreditava que os *new western historians* fossem “totalitários” e que nem era sua intenção a criação de controvérsias. Muito pelo contrário. Segundo ele, ele queria apenas fornecer uma “compreensão” sobre a NWH, sem necessariamente julgá-la.⁶⁶³

Para Nash, o uso da história como “propaganda” tinha suas raízes nos historiadores nacionalistas alemães do século XIX e, mais tarde, foi consolidado pelos nazistas e stalinistas. Na América, a *New Left* dos anos 1960 teria sido uma consequência direta deste processo, principalmente com sua “ênfase” em raça e classe como “determinantes” do processo histórico. Nos diz Nash, sem contudo provar tal afirmação: “*In condemning much of the American experience in the past, they also ascribed special virtues to the masses of oppressed people, whether poor, ethnic and racial minorities or anyone outside the mainstream of white-male dominated society*”.⁶⁶⁴ Quem atribuiu “virtudes especiais” a estes grupos? Quais historiadores, em quais obras? Será que “críticar” significa a mesma coisa que “condenar”? Infelizmente, Nash não citou absolutamente *nenhuma* obra para corroborar o que escreveu.

A principal função do texto de Nash, me parece, era a transformação do revisionismo histórico em algo intrínsecamente negativo. Se por um lado, Nash acredita que “reavaliações” sobre o passado são importantes, “revisões” são algo perverso porque os “revisionistas” acreditam que possuem uma “missão social” e, por isso, não praticam investigações nem escrevem obras de História legítima, somente propagandas. Essas “tendências” seriam verificáveis, de acordo com ele, em historiadores comunistas, nacionalistas, fascistas e, obviamente, na *New Left*.⁶⁶⁵ Novamente, o leitor procura alguma corroboração, algo que comprove estas semelhanças, e encontra o vazio. Nada nas notas-

⁶⁶² Idem. Ibidem. p. 149.

⁶⁶³ Idem. Ibidem. p. 150.

⁶⁶⁴ “Ao condenar muito da experiência norte-americana no passado, eles também atribuíram virtudes especiais às massas de pessoas oprimidas, fossem elas pobres, minorias étnicas e raciais ou qualquer um fora do mainstream da sociedade dominada por homens brancos”. Idem. Ibidem. p. 152-153.

⁶⁶⁵ Idem. Ibidem. p. 153-154.

de-fim, nem alguma citação. Da mesma maneira, sob o ponto de vista lógico, a separação entre “reeavaliação” e “revisão” é, evidentemente, problemática. O que seria “reavaliar” o passado e que seria “revisa-lo”? Não seriam a mesma coisa? Ou será que Nash demonizou o termo “revisão” para fazer uma implícita alusão ao negacionismo neo-nazista e, com isso, ligar, espuriamente, a NWH a este outro, realmente pérfido, revisionismo? Sem muito medo de errar, acredito que a resposta para esta última indagação é positiva.

A demonização da “revisão” continua nas páginas seguintes, quando, seguindo as inconsistências lógicas e teóricas de Nash, esta é conectada a outros dois “movimentos”: de um lado o “neo-marxismo” e de outro o “desconstrucionismo”. O primeiro seria uma decorrência da *New Left* e possuía um *outlook* negativista quanto à história americana. Já o segundo seria uma ideologia totalitária, porque criada por Paul De Man, obcecada com “raça” como um fator histórico importante e descrente em qualquer possibilidade de se atingir a verdade histórica. Neste caso, tudo que restaria era uma “imposição” de significados que alteraria o conteúdo dos “fatos”, com implicações totalitárias.⁶⁶⁶

Segundo Nash, as novas interpretações sobre a história do Oeste caíam nesta categoria, principalmente por sua “inversão” de “verdades estabelecidas”, sua criação de “estereótipos”, sua “devoção” às vítimas e seu “relativismo moral”. Finalmente, ele termina seu artigo afirmando que:

“This type of historical writing is neither new nor unusual and reflects striking similarities to other varieties of history, including those of 19th century German nationalists, National Socialists, communists and New Left interpretations”.⁶⁶⁷

Esta seria, portanto, a genealogia, de acordo com Nash, da NWH. Ela não fazia parte do campo: ela não tinha origem na tradição venerável da *Western History*, mas em ideologias totalitárias ou a metodologias que não podiam ser consideradas como legítimas, sob o ponto de vista disciplinar e político. Ao considerar este como o “contexto global” da

⁶⁶⁶ Idem. Ibidem. p. 157-158.

⁶⁶⁷ “Este tipo de escrita da história não é nem nova nem incomum e reflete similaridades impressionantes a outras variedades de história, incluindo aquelas dos nacionalistas alemães do século XIX, nacional socialistas, comunistas e interpretações da New Left”. Idem. Ibidem. p. 162.

NWH, Nash podia se eximir de debater com os *new western historians* de modo mais explícito, pois partia do pressuposto de que suas idéias já eram inválidas antes mesmo de serem consideradas no plano historiográfico. Do mesmo modo, mesmo não tendo lógica alguma, esta estratégia de deslegitimação podia corroborar o que outros historiadores conservadores pensavam sobre os revisionistas e demonstrar aos leitores leigos que a história norte-americana estava de fato sendo sequestrada por “extremistas”, interessados em sacrificar a identidade do país no altar do “multiculturalismo”.⁶⁶⁸

Se Nash foi o mais estridente destes críticos, não foi o único. Seus artigos no JW e em “*Old West/New West*” tornaram-se referências para os adversários mais radicais da NWH. No prefácio deste último, por exemplo, Gene Gressley ecoou as críticas de Nash, embora de modo menos histérico.⁶⁶⁹ Em primeiro lugar, a sua genealogia do movimento é, mesmo que crítica, correta, já que aponta para os próprios debates dentro da *Western History* como sendo os fomentadores da NWH, assim como sua ligação com a Nova História Social da década de 1970.⁶⁷⁰ Nada de nazismo ou stalinismo, portanto. Isto não significa que Gressley *goste* destes desdobramentos, contudo.

Para Gressley, no cerne da NWH está uma preocupação em escrever uma história “politicamente correta”, para compensar supostas injustiças passadas contra minorias diversas. Neste caso, ocorria uma reversão de valores e estas alegadas vítimas passariam a ser os novos heróis e heroínas do país: “*in this orthodoxy, the noble savage and the pioneer woman become the exploited and downtrodden – the victims*”.⁶⁷¹ A ênfase na história destas vítimas acarretaria naquilo que, como vimos, era a principal acusação dos conservadores contra as novas histórias: fragmentação do conhecimento histórico, negativização da experiência histórica dos Estados Unidos e fim de um consenso “salutar” entre os historiadores sobre esta mesma experiência histórica.⁶⁷²

No caso específico da NWH, esta posição presentista levava-a, aos olhos de Gressley, a produzir pesquisas superficiais (o quão, contudo, Gressley não especifica) e a

⁶⁶⁸ Não é de se espantar, portanto, que uma das principais referências de Nash nesse artigo seja o livro “*The Desuniting of America*”, de Schlesinger.

⁶⁶⁹ GRESSLEY, Gene M. Prologue. In: *Ibidem*. p. 1-25.

⁶⁷⁰ *Idem*. *Ibidem*. p. 3-4.

⁶⁷¹ “Nesta ortodoxia, o nobre selvagem e a mulher pioneira tornam-se os explorados e os humilhados – as vítimas”. *Idem*. *Ibidem*. p. 9.

⁶⁷² *Idem*. *Ibidem*. p. 10.

generalizações cujo único fim era de criar uma “história das vítimas do Oeste”.⁶⁷³ A inferência que se retira destas afirmações de Gressley são bastante claras e repetem os mesmos argumentos de Nash, isto é, a NWH não seria uma historiografia legítima, seus trabalhos eram única e exclusivamente “ideologia”, seus temas e objetos eram “triviais” e movidos por modismos acadêmicos que, se tudo desse certo, passariam em pouco tempo.

Como não podia deixar de ser, Gressley imputa aos revisionistas um “relativismo” extremado, fruto de sua relação com as “teorias desconstrucionistas” do famigerado Paul De Man. Com isso, os *new western historians* politizaram um debate que deveria ser “meramente” historiográfico, abandonando a pretensão de contarem a “verdade” sobre o Oeste e seu passado e criando “propagandas” para uma determinada posição política (no caso, a da *New Left*). No momento mais dramático, e histriônico, do artigo, Gressley afirmou que: “*when you politicize the past, serving up history as propaganda you no longer serve Clio but Lucifer*”.⁶⁷⁴ Ou seja, faltar com a objetividade era o equivalente disciplinar a servir o anjo caído – o mal absoluto. Assim, na retórica de Gressley, os revisionistas estavam completamente fora de todos os cânones do campo e, por isso, não poderiam ser levados a sério. O Oeste da “Nova Esquerda” era apenas o fruto de imaginações atormentadas pelo que entendiam serem falhas do país e pela devoção a estas práticas (“desconstrucionismo” e “relativismo extremado”) que, no julgamento de Gressley, não eram “novas” e muito menos “históricas”.⁶⁷⁵

Gerald Thompson é outro crítico que utiliza esta mesma retórica para atacar os revisionistas. Novamente, a NWH é apresentada como sendo movida por desejos meramente “politicamente corretos” e disposta a demonstrar o quão “horrível” era a história dos Estados Unidos. Seu presentismo refletia seus preconceitos pessoais e, por isso, suas interpretações estavam maculadas, sem possibilidades de conserto. Limerick, em particular, havia ignorado o credo objetivista e produzido uma narrativa, “*The Legacy of Conquest*”, que não só era errônea sob o ponto de vista histórico, mas repleta dos “abusos” típicos da Nova Esquerda. Citando as falhas analíticas de Limerick sobre a mineração no Oeste, Thompson afirmou que os historiadores lidavam com “problemas factuais” que podiam ser

⁶⁷³ Idem. Ibidem. p. 11.

⁶⁷⁴ “Quando você politiza o passado, apresentando a história como propaganda, você não está mais servindo Clio, mas Lúcifer”. Idem. Ibidem. p. 14.

⁶⁷⁵ Idem. Ibidem. p. 20.

“testados” através da evidência disponível. Limerick, aos olhos de Thompson, havia fracassado neste teste.⁶⁷⁶

Mesmo que algumas das críticas de Thompson fossem válidas, ele, como Nash, também falhou no “teste empírico” quando ele repetiu os argumentos deste último sobre a influência de “teorias desconstrucionistas” na NWH. De acordo com Thompson, “*The Legacy of Conquest*” só poderia ser lido à luz de um críptico “logocentrismo”, isto é, um “particularismo textual” onde as palavras do texto não se referiam a nenhum referente externo a ele. Qual a fonte de Thompson para tal afirmação? O texto de Nash no JW e nada mais.⁶⁷⁷

Thompson, assim como Nash e Gressley, não citou nenhuma passagem do livro de Limerick, ou de qualquer outro trabalho revisionista, em que ela realmente afirmasse algum débito para com Paul De Man ou que provasse que a historiadora acreditasse que a história era somente as palavras na página e nada mais.⁶⁷⁸ Novamente, “desconstrução” é utilizada somente como uma palavra derogatória, uma tentativa de deslegitimar o trabalho de Limerick (aqui entendida como a sinédoque de todos os *new western historians*), com o argumento de que ele não se enquadrava às regras do *establishment* disciplinar. Por serem “relativistas”, os revisionistas haviam quebrado o primeiro artigo da fé objetivista: deixe o passado falar por ele mesmo. Por serem “desconstrucionistas”, eles foram culpados de um pecado ainda maior: utilizaram práticas não-históricas e, mais grave ainda, nascidas da mente de um pesquisador com simpatias nazistas. Em resumo, antes de ser um argumento informado empiricamente, este tipo de retórica tinha uma única finalidade, isto é, questionar a filiação profissional de Limerick e de seus companheiros.

⁶⁷⁶ THOMPSON, Gerald. *The New Western History: a critical analysis*. op. cit. p. 10-11.

⁶⁷⁷ Idem. Ibidem. p. 11. Thompson também questiona a lealdade dos revisionistas, algumas páginas daíante: “*I’ve often wondered if the NWH would have preferred a profoundly weaker US in the global rivalries of the century*” (“eu frequentemente me pergunto se a NWH preferiria um Estados Unidos profundamente mais fraco nas rivalidades globais do século”).

⁶⁷⁸ Curiosamente, um outro historiador crítico da NWH, William Goetzmann, num artigo também publicado na revista *Continuity*, “eximiu” Limerick de ser uma desconstrucionista, corretamente apontando as origens de seu trabalho na Nova História Social. Ainda assim, Goetzmann desaprovava a história “politicamente correta” da NWH e seu foco nas vítimas. Da mesma maneira, este autor deixa transparecer uma certa nostalgia pelo campo pré-adveto dos revisionistas, principalmente na WHA, o que pode ser um reflexo da perda de espaço da velha guarda nos lugares de produção para os novos historiadores. GOETZMANN, William. *Crisis of the New – West?*. In: *Continuity*, n. 17. Fall, 1993. p. 29-32.

No que já estava se tornando um argumento altamente circular, principalmente pela falta de comprovação, outros historiadores conservadores basearam-se nas diatribes de Nash para atacar a NWH. William Savage, Jr., com seu linguajar bastante peculiar, e completamente condenável, considerou os revisionistas como “putas acadêmicas”, desesperados em conectar seus trabalhos a algum ponto de vista “modista”, que não tinha qualquer semelhança com que os historiadores “realmente” faziam. O tempo, para Savage ao menos, resgataria a “verdade” histórica e relegaria os revisionistas a um esquecimento “natural”. Os “seguidores da moda” desapareceriam e tudo continuaria como antes no campo.⁶⁷⁹

Michael Allen, num texto publicado no crepúsculo destes debates, considerou a NWH como “intelectualmente natimorta”, principalmente por causa de suas “inumeráveis” falhas. Entre elas, estava o já clichê de que os revisionistas utilizavam a História “para fins políticos esquerdistas”. Sua agenda política “neo-marxista” e seus diversos problemas intelectuais haviam, segundo Allen, matado o movimento em sua infância.⁶⁸⁰

Novamente, algumas das críticas de Allen são pertinentes, principalmente no que concerne às já mencionadas limitações de uma perspectiva regionalista para a história do Oeste. No entanto, este historiador também atacou a NWH nos mesmos termos que Nash e os outros acima citados, acusando-os de serem fascinados por teorias desconstrucionistas “obtrusas” e “irrelevantes” e de cultivarem um notório desdém pela civilização ocidental e seus avanços. Por estarem obcecados com a produção de trabalhos “socialmente úteis”, estes revisionistas teriam rompido com (novamente!) o ideal objetivista e criado textos que estavam fincados em um determinado presente e que, por isso, não sobreviveriam aos dias vindouros. Logo, a NWH, apesar de seu aparente vigor, era uma “escola” natimorta.⁶⁸¹

⁶⁷⁹ SAVAGE, Jr., William. *The New Western History: the youngest whore on the block*. op. cit.

⁶⁸⁰ ALLEN, Michael. *The New Western History Stillborn*. In: *The Historian*, vol. 57, n. 3. Fall, 1994, p. 201-208.

⁶⁸¹ Idem. Ibidem. p. 207-208. No caso específico de Allen, parece valer aquele sábio adágio que diz que “ideológicos são sempre os outros”. Em 2004 ele e outro historiador, Larry Schweikart, publicaram um livro que também era “socialmente útil” e promotor de uma “agenda política”, embora conservadora. Sintomaticamente intitulado “*A Patriot’s History of the United States*” (“Uma História Patriota dos Estados Unidos”), a obra visava atacar as “mentiras” dos historiadores esquerdistas e apresentar os Estados Unidos como uma força mundial positiva e benéfica, principalmente em sua política externa e nos “ideais” que encarna. No prefácio, os autores afirmam querer representar a história da nação como “ela teria realmente acontecido” e não com os “acadêmicos acham que ela aconteceu”. Como eles conseguem fazer esta diferenciação é, obviamente, um grande mistério. De qualquer modo, este livro ainda é um ótimo exemplo de

Esses textos, embora bastante citados, não parecem ter tido um impacto muito grande fora do círculo de historiadores conservadores. Ainda assim, eles fornecem um ótimo exemplo de uma crítica historiográfica movida menos pelo desejo de contribuir a um debate e mais pela vontade de desqualificar e deslegitimar certos trabalhos. Neste caso, “desconstrução”, quando aplicada aos *new western historians*, não significaria exatamente a descrição de uma prática ou de uma postura teórica. Pelo contrário, é uma tentativa de nomear negativamente o movimento, afirmando sua relação com teorias “perigosas” e, principalmente, nascidas fora do seio da disciplina. Não interessava a estes críticos a *lógica* destes argumentos, na medida em que eles nem mesmo poderiam ser provados (e aqui está o limite o “empiricismo” de Nash e seus colegas). Os historiadores que atacaram a NWH nestes termos não podiam citar nenhum exemplo concreto alegado “pós-modernismo” revisionistas simplesmente porque *eles não existiam*. Limerick, a mais atacada, nunca citou nenhum autor remotamente associado às “teorias desconstrucionistas” e o fato de ter estudado em Yale, onde De Man lecionava, não deve, obviamente, servir como prova de qualquer ligação entre ambos. Na verdade, como vimos anteriormente, uma das armas da NWH era afirmar seu caráter mais objetivista e o maior realismo de suas narrativas, sob uma perspectiva epistemologicamente bastante convencional – como, de fato, alguns autores *assumidamente* pós-modernistas apontaram.⁶⁸²

Mas, se até aqui as estas críticas já parecem bastante absurdas, elas tomam um caráter ainda mais surreal se considerarmos a própria relação da NWH com o “pós-modernismo” e a “desconstrução”. Se a já vista divisão abrupta entre “história” e “ficção” era uma reação implícita às tendências teóricas consideradas “pós-modernas”, também existiram momentos de rejeição explícita por parte dos *new western historians*. Em diversos artigos publicados no começo dos anos 1990, Worster atacou diretamente o “excesso de relativismo” derivado das novas “modas acadêmicas”, em uma linguagem não

como, em pleno século XXI, alguns consideram como principal dever da História a criação de sentimentos “patrióticos” e “cívicos” de pertencimento nacional, como Allen e Schweikart afirmam no prefácio. ALLEN, Michael & SCHWEIKART, Larry. *A Patriot's History of the United States: from Columbus' great discovery to the War on Terror*. New York: Penguin Books, 2004.

⁶⁸² Ver, por exemplo, CASTAÑEDA, Antonia. Women of Color and the Rewriting of Western History: the discourse, politics and decolonization of history. In: *The Pacific Historical Review*, vol. 61, n. 4. December, 1992. p. 501-533 & GUTIERREZ-JONES, Carl. Haunting Presences and the New Western History: reading repetition and negotiating trauma. In: ROBINSON, Forrest. (org.). *The New Western History*. op. cit. p. 135-153.

muito diferente da de seus colegas conservadores. Em um deles, por exemplo, ele afirmou que “*the foremost philosophical challenge of our age is to escape the state of nihilism, relativism and confusion that modernistic history, and modernistic everything else, have left us in*”.⁶⁸³

Para Worster, a aceitação deste “nihilismo” ameaçava aquilo que ele considerava como o mais importante: a existência de um mundo natural equilibrado e ordeiro, empiricamente acessível e de fácil descrição. Ao contrário de outros autores, que demonstravam o quão problemática esta visão, Worster considerava que o “desafio pós-modernista” nada mais era do que uma obsessão com “semântica” e “linguagem”, que distraíam os historiadores dos reais problemas do mundo. Por isso mesmo, ele não só não o aceitava, como o atacava impiedosamente, como demonstrou Mark Schifffhauer.⁶⁸⁴ Um dos artigos sobre História Ambiental mais citados de Worster, “*Nature and the Disorder of History*” (“Natureza e a Desordem da História”) foi publicado num volume destinado a atacar “desconstrução” como uma ferramenta a mais no ataque à natureza e nele Worster deixa bem clara sua oposição a este “assalto ao mundo natural no plano discursivo”.⁶⁸⁵ Ainda num terceiro texto, Worster reafirmou todo seu desgosto pelas novas histórias relativistas:

“Historical relativism can only lead either to complete cynicism or the acceptance of any set of ideas or any environment that humans have created as legitimate. (...) Disneyland, by the theory of historical relativism, is just as good as Yellowstone Park, a wheat field is as legitimate as a prairie, a village is as legitimate as a megalopolis. (...) Each has its own logic to be penetrated and understood, but any logic, like any set of beliefs or institutions over time, must appear to the consistent relativist to be as good as any other”.⁶⁸⁶

⁶⁸³ “O mais importante desafio filosófico de nossa era é escapar do estado de nihilismo, relativismo e confusão que a história modernista, e tudo que é modernista, nos deixou”. WORSTER, Donald. *Seeing Beyond Culture*. op. cit. p. 1146. Nesse contexto retórico, “modernista” deve ser entendido como “pós-modernista”.

⁶⁸⁴ SCHIFFHAUER, Mark. *From Wilderness to Environment*. op. cit. p. 219-230.

⁶⁸⁵ WORSTER, Donald E. *Nature and the Disorder of History*. In: SOULÉ, Michael E. & LEASE, Gary (org.). *Reinventing Nature?: Responses to Postmodern Deconstruction*. Washington: Island Press, 1995. p. 45-63.

⁶⁸⁶ “O relativismo histórico só pode levar ou a um cinismo completo ou à aceitação de que qualquer conjunto de idéias ou qualquer ambiente criado pelos humanos são legítimos. (...). A Disneylândia, pela teoria do relativismo histórico, é tão boa quanto o Parque Yellowstone, um campo de trigo tão legítimo quanto uma pradaria, uma aldeia tão legítima quanto uma megalópole. (...). Cada um tem sua própria lógica a ser entendida e penetrada, mas qualquer lógica, como qualquer conjunto de crenças e instituições no tempo, deve

Ora, levando em consideração este posicionamento de Worster, sua classificação como “pós-moderno” ou “desconstrucionista” é seriamente prejudicada.

Limerick, White e Cronon não são tão antipáticos ao “pós-modernismo” quanto Worster, mas nenhum deles abraça tal projeto. Cronon elogiou os historiadores pós-modernos por suas preocupações com a linguagem e natureza artificial das histórias, sem, contudo, deixar de criticá-los por causa de sua tendência a abandonar a idéia de um referente externo acessível a estas mesmas histórias:

“For me, there is something profoundly unsatisfying and ultimately self-deluding about an endless postmodernist deconstruction of texts that fail to ground itself in history, in community, in politics and finally in the moral problem of living on earth”.⁶⁸⁷

Da mesma maneira, Richard White, em um texto sobre a descoberta da natureza americana pelos europeus, quando de sua chegada ao continente, criticou algumas análises “pós-modernas” sobre o tema. Segundo ele:

“Postmodernists have deconstructed the texts of the discoverers as a deployment of various linguistic tropes in which even substantial bodies, artifacts, animals, plants, ore, Indians dissolve into multiple references back into the order of language. But this is (...) too simple. (...). There remains a physical, tangible world that sometimes affirmed but often mocked the representations designed to constrain it. For all the power of the postmodernist critique, it neglects this physical, tangible world, a world of substantial bodies and trivializes our experience in it”.⁶⁸⁸

parecer para o relativista consistente tão boa quanto qualquer outra”. WORSTER, Donald E. *The Nature we Have Lost*. op. cit. p. 78.

⁶⁸⁷ “Para mim, existe algo profundamente não-satisfatório e, em última instância, auto-enganador sobre uma desconstrução pós-moderna sem fim de textos que falha em se basear na história, na comunidade, na política e finalmente no problema moral de viver na terra”. CRONON, William. *A Place for Stories*. op. cit. p. 1373.

⁶⁸⁸ “Pós-modernistas desconstruíram os textos dos descobridores enquanto a utilização de vários tropos linguísticos nos quais até corpos substanciais, artefatos, animais, plantas, minerais, índios, eram dissolvidos em referentes múltiplos de volta à ordem da linguagem. Mas isto (...) é muito simples. (...). Existe um mundo físico, tangível que as vezes afirmava, mas seguidamente ridicularizava as representações designadas a contê-lo. Apesar de todo o poder da crítica pós-modernista, ela negligencia esse mundo físico, tangível, um mundo

Por fim, Limerick, também atacou a tendência “pós-modernista”, embora não o nomeie diretamente, de desconsiderar o efeito de coisas reais em pessoais reais, ainda que reconhecesse a importância da crítica a uma idéia linear de progresso histórico e do poder da linguagem na construção destas “coisas reais”.⁶⁸⁹ Sua posição, portanto, era muito mais desfavorável ao pós-modernismo do que seus oponentes faziam crer. Não existe nenhuma sombra de De Man ou Derrida em seus textos. “*The Legacy of Conquest*” não é de modo algum uma “história pós-moderna”.

Se a alegada ligação da NWH ao “pós-modernismo” e a “teorias desconstrucionistas”, para não mencionar “totalitárias”, não resiste nem mesmo a uma inquisição bastante superficial, por que, então, Nash e outros insistiram em fazê-lo? Em minha opinião, eles queriam invalidar os trabalhos dos *new western historians* através do recurso a denominações que haviam adquirido sentidos fortemente negativos no discurso e na imaginação de uma parcela considerável da profissão. Este uso, desprovido de qualquer reflexão teórica mais apurada e de um embasamento empírico satisfatório, era uma tentativa de difamar, escarnecer e construir espantalhos tão fracos quanto aqueles que a própria NWH construiu em alguns de seus textos. Ao chamar a NWH de um “empreendimento pós-moderno” e ao conectá-la aos fantasmas de totalitarismos diversos, Nash e os outros estavam tentando negar a autoridade dos revisionistas como historiadores legítimos, ao mesmo tempo em que reforçavam a sua própria condição enquanto historiadores “verdadeiros” (porque rejeitavam teorias “ahistóricas” ou “totalitárias”). Para usar as palavras de Patrick Finney, o que está implícito aqui é a idéia de que “fazedores” (“*doers*”), aqueles que vão aos arquivos e se enterram em pilhas e pilhas de documentos, são necessariamente providos de uma maior legitimidade do que os meros “pensadores” ou, neste caso, “compiladores”.⁶⁹⁰ Em resumo, ao reclamarem para si a autoridade para falar em nome dos cânones disciplinares apropriados, mesmo que esses *não* tenham sido

físico, tangível e trivializa nossa experiência nele”. WHITE, Richard. Discovering Nature in North America. In: *The Journal of American History*, vol. 79, n. 3. December, 1992. p. 874.

⁶⁸⁹ LIMERICK, Patricia Nelson. Making the Most of Words. op. cit.; Idem. Turnerians All: the dreams of a helpful history in an intelligible world. op. cit.; Idem. Haunted America. op. cit.

⁶⁹⁰ FINNEY, Patrick. Who Speaks for History? In: *Rethinking History*, vol. 9, n. 4. December, 2005. p. 508.

desafiados de modo mais profundo pela NWH, Nash e os outros queriam assegurar seus próprios lugares dentro do campo da *Western History*, agora ameaçados pela ampla aceitação, ainda que não acrítica, das propostas revisionistas. No entanto, ao defenderem argumentos tão absurdos em sua forma quanto históricos em seu tom, eles não só não contribuíram em nada para um debate sério sobre a história do Oeste e dos Estados Unidos, como também atraíram a antipatia de diversos autores que eram igualmente críticos dos excessos da NWH.⁶⁹¹ Ataques *ad hominem* podem atrair atenção imediata, certamente, mas jamais podem sustentar uma discussão da profundidade daquela estudada aqui.

⁶⁹¹ FARAGHER, John Mack. Rethinking the Frontier Trail. op. cit & PISANI, Donald. The New Western History Comes of Age. In: *Reviews in American History*, vol. 21, n. 1. March, 1993. p. 166-171.

CONCLUSÃO

“Somewhere, sometime, somebody taught her to question everything -- though it might have been a good thing if [that person had] also taught her to question the act of questioning. Carried far enough that can dissolve the ground you stand on. I suppose wisdom could be defined as knowing what you have to accept...” —Wallace Stegner⁶⁹²

Em meados da década de 1990, a NWH havia sido vitoriosa nos debates em questão. Em que pesem os fortes ataques dos críticos, acadêmicos ou não, os *new western historians* passaram a gozar de um prestígio intelectual e institucional inegável. As marcas disso são, certamente, a eleição de Richard White para a presidência da WHA, em 1997 e da OAH em 2006, e de Patricia Nelson Limerick para o cargo máximo da *American Studies Association* (ASA), em 1997, e, coroando sua ascensão como o maior nome contemporâneo da *Western History*, à presidência da WHA em 2001. Se isso foi ou não o resultado de um organizado assalto à associação, como acusou William Goetzmann⁶⁹³, ainda em 1993, não importa. O que importa é que, na virada do século XXI, os revisionistas haviam se tornado a corrente dominante no campo, com seus trabalhos considerados canônicos, através dos processos que tentei demonstrar nesta tese.

Ainda assim, eles mesmos foram forçados a repensar algumas de suas antigas posições intelectuais, fato talvez motivado por esta vitória intelectual e institucional. Em outras palavras, a transformação da NWH na “nova ortodoxia”, como colocaram David Wrobel e Karl Jacoby⁶⁹⁴, pode ter tornado uma moderação dos argumentos revisionistas um pouco mais confortável. Isto fica claro nos seguintes textos de Limerick: “*The Adventures of the Frontier in the Twentieth-Century*” (“As Aventuras da Fronteira no Século XX”),

⁶⁹² “Em algum lugar, alguma vez, alhuém a ensinou a questionar tudo – ainda que também possa ter sido bom caso aquela pessoa a tivesse ensinado a questionar o ato de questionar. Levado longe demais, isto pode dissolver o chão no qual você está. Acho que a sabedoria poderia ser definida como saber o que você tem que aceitar”. STEGNER, Wallace. *Angle of Repose*. op. cit. p. 148.

⁶⁹³ GOETZMANN, William. *Crisis of the New – West?* op. cit. p. 29.

⁶⁹⁴ WROBEL, David M. What on Earth Happened to the New Western History?. op. cit. p. 439-440 & JACOBY, Karl. We are all New Western Historians Now. In: *Reviews in American History*, vol. 29, n. 4. December, 2001. p. 614-620. Numa entrevista para o “*Boston Globe*”, de março de 2000, White confirmou, de modo bem-humorado, esta transformação em uma “nova ortodoxia”. Segundo ele, os *new western historians*, haviam se “tornado aqueles que eles mesmos atacaram na década de 1980”. FEENEY, Mark. Gunslinger of the New West: the controversial Patricia Nelson Limerick is changing our understanding of the past. In: *The Boston Globe*, March, 1st, 2000. p. F1.

publicado em 1994, *“Turnerians All”* (“Todos Turnerianos”), publicado no AHR em 1995, e em seu discurso de posse como presidente da WHA, *“Going West and Ending up Global”* (“Indo ao Oeste e tornando-se Global”), de 2001.

No primeiro texto, Limerick fez uma recapitulação dos debates historiográficos sobre o conceito de “fronteira” e, mesmo a contragosto, viu-se forçada a admitir que alguns dos melhores trabalhos sobre a história do Oeste haviam sido escritos sob este prisma. Sim, para ela ainda faltava coerência analítica à palavra, mas isto não a impediu de admitir que: *“in spirit and style, frontier history has become much more dynamic and inclusive, and that fact outweighs the problem of terminology”*.⁶⁹⁵ Em outras palavras, ela mesma oferecia uma “trégua de terminologia”, aceitando que, para determinadas histórias, “fronteira” era realmente melhor do que “região”.⁶⁹⁶

Já em *“Turnerians All”*, Limerick reconheceu a força, talvez como uma concessão às mesmas críticas sofridas por ela, das críticas anteriores ao trabalho de Turner, mencionando os “ataques devastadores” contra a *frontier thesis* das décadas de 1930 e 1940.⁶⁹⁷ Nas suas próprias palavras, *“a greater awareness of my predecessors’ experience with this less-than-satisfying combat could have saved me considerable time and trouble”*.⁶⁹⁸ Encarando o poder, aparentemente perene, da tese de Turner, Limerick admitiu que quanto mais a NWH atacava-o, mais seu nome era revitalizado diante do grande público.⁶⁹⁹ Mas o maior passo de Limerick neste texto talvez tenha sido aceitar que nem todos os argumentos de Turner eram “racistas”, “nacionalistas” e “etnocêntricos”, abrindo, deste modo, a porta para um maior intercâmbio entre as suas próprias posições e as de seu “fantasma”, por assim dizer (que Turner parece ter sido o “fantasma” de Limerick e da NWH, não restam dúvidas). De maneira bastante interessante, Limerick constrói neste texto a *“frontier antithesis”*, a partir de citações retiradas de textos do velho historiador sobre o

⁶⁹⁵ LIMERICK, Patricia Nelson. The Adventures of the Frontier in the Twentieth-Century. In: GROSSMAN, James (org.). *The Frontier in American Culture*. Berkeley: University of California Press, 1994. p. 78.

⁶⁹⁶ Idem. Ibidem. p. 79.

⁶⁹⁷ Idem. *Turnerians All*. op. cit.

⁶⁹⁸ “Uma maior atenção à experiência de meus predecessores com este menos-do-que-satisfatório combate poderia ter me economizado tempo e trabalho”. Idem. Ibidem. A questão que fica aqui é outra, contudo: a de se esta suposta “maior experiência” não teria prejudicado o projeto da NWH em se apresentar como algo radicalmente novo no campo. Como tentei demonstrar, a resposta é “sim”.

⁶⁹⁹ Idem. Ibidem.

lado mais obscuro da expansão.⁷⁰⁰ O que Limerick faz é justamente aquilo que autores como Cronon defenderam durante os anos 1980, isto é, que nem toda a herança turneriana e nem todas as histórias contruídas sob este prisma merecem ser abandonadas. Há algo nelas que pode e deve ser preservado.

Continuando com a sua argumentação, Limerick afirmou que tanto ela quanto Turner pareciam compartilhar de um “trauma” similar. A fé no presentismo unia-os e a traição desta mesma fé tornava-os companheiros de desilusão: ambos haviam sido atraídos pelos acontecimentos inesperados de seus presentes e suas tentativas de reconstruir uma relação linear entre o passado e o presente demonstraram-se falhas. Segundo Limerick:

“Disillusionment with presentism had the happy side effect of restoring a recognition of contingency and improbability to my understanding of history. When I thought I was tracing a direct, clear line between past and present, an unhealthy fatalism crept into my thinking”.⁷⁰¹

Limerick, portanto, reconhecia, ainda que de maneira bastante tangencial, que suas críticas à tese de Turner não eram necessariamente novas e que existia uma ligação mais profunda entre aquele historiador e ela: suas narrativas obedeciam a uma teleologia que as tornavam bastante próximas e, ao mesmo tempo, limitadas pelas condições dos presentes de suas escritas. Sendo assim, tanto *“The Legacy of Conquest”* quanto *“The Significance of the Frontier in American History”* não poderiam fornecer nada mais do que análises contingentes e limitadas do passado norte-americano. Vindo da “anti-turneriana mor”, tal admissão foi bastante significativa; e, como percebeu Jerome Frisk, ainda mais por ter sido feita *após* a consolidação da NWH como a nova ortodoxia da História do Oeste, isto é, quando tal reconhecimento não poderia mais trazer muitos danos ao capital intelectual da

⁷⁰⁰ Idem. Ibidem.

⁷⁰¹ “A desilusão com o presentismo teve o feliz efeito colateral em restaurar o reconhecimento da contingência e da improbabilidade em minha compreensão da história. Quando pensei estar traçando uma linha clara e direta entre o passado e o presente, um fatalismo não-saudável adentrou sorrateiramente em meu pensamento”. Idem. Ibidem.

autora. Por isso mesmo, segundo Frisk, o caráter supostamente radical, mas inofensivo, do título do texto: “todos turnerianos”.⁷⁰²

Em “*Going West and Ending up Global*”, o reposicionamento de Limerick é mais tênue, mas ainda assim bastante perceptível. A introdução do escrito é tipicamente “limerickiana”: auto-elogios sobre seu papel na revitalização do campo, congratulações aos seus colegas identificados com a NWH e, não obstante suas declarações de “proximidade” com Turner, um tom prevalente de satisfação com o passamento da “antiga narrativa triunfalista”, com os debates da década anterior agora sendo considerados “felizmente irrelevantes”.⁷⁰³ Por outro lado, repetindo seus argumentos em “*The Adventures of the Frontier in the Twentieth-Century*”, a historiadora reconheceu que uma narrativa regionalista para o Oeste respondia somente a um conjunto muito limitado de questões; sua ênfase na comparação como um método histórico parecia ser, assim, uma admissão de que a história dos Estados Unidos poderia ser também contada através de “narrativas fronteiriças” (ainda que ela, fiel aos seus próprios preceitos, continuasse criticando o uso deste conceito).⁷⁰⁴ De acordo com Limerick: “*I was offered, early on, appealing invitations to look at the American West in a global setting, and mysteriously, annoyingly, I turned them down*”.⁷⁰⁵ Ainda assim, confessou a historiadora, a vontade de retirar o Oeste de sua aura excepcional a levou a estudá-lo sob o prisma do colonialismo e do imperialismo, isto é, a relocá-lo em um contexto global.⁷⁰⁶

Neste caso, a concessão de Limerick foi bastante sutil: os tipos de narrativas que a inspiraram a escrever sobre o Oeste nestes termos foram, como demonstra Kerwin Klein, “*frontier stories*” que entendiam a história do Oeste em termos de expansão, avanços e contatos interculturais que, se não seguiam Turner, também tornavam a definição de região almejada por Limerick bastante problemática. Dito de outro modo, elas superavam estas dicotomias ou simplesmente não as levavam em consideração - “conquista” não seria muito

⁷⁰² FRISK, Jerome. *The Theoretical (Re)Positions of the New Western History*. op. cit. p. 40.

⁷⁰³ LIMERICK, Patricia Nelson. *Going West and Ending up Global*. op. cit. p. 5-6.

⁷⁰⁴ Idem. *Ibidem*. p. 9-11.

⁷⁰⁵ Idem. *Ibidem*. p. 9.

⁷⁰⁶ Idem. *Ibidem*. p. 10

diferente de “fronteira” e pretender imaginar uma oposição entre ambos os conceitos seria criar uma insustentável antinomia.⁷⁰⁷

Se seguirmos esta linha de raciocínio, o argumento de Limerick em “*Going West and Ending up Global*” pode ser compreendido como um modo de redirecionar a leitura de “*The Legacy of Conquest*” não como uma obra “anti-fronteiriça”, mas como um texto que desejava se somar à tradição destas “*frontier stories*” sobre imperialismo e colonialismo. Diz-nos Limerick, contudo, que sua intenção foi “mau-compreendida” pelos críticos:

“That desire, alas, was the genesis of the whole vexing, endless fray over ‘the frontier’. Thinking that ‘frontier’ ran the risk of confirming the claims of exceptionalism, I tried to substitute the word ‘conquest’ and gave people the impression that I was restricting their First Amendment rights to use ‘f-word’.”⁷⁰⁸

Ainda no mesmo parágrafo, Limerick concluía lamentando que seu livro mais conhecido tivesse dado pouca atenção a contextos internacionais mais amplos.⁷⁰⁹

O problema óbvio da argumentação de Limerick, e que demonstra o quanto este reposicionamento parece ter sido movido pela nova posição dominante da NWH, é que dificilmente “*The Legacy of Conquest*” pode ser entendido sob este ponto de vista, como já expus anteriormente. O efeito do texto é justamente o inverso: criar uma versão regional do Oeste, desconectando-o das “*frontier stories*” que supostamente teriam influenciado a historiadora. Se lembrarmos dos ataques vigorosos de Limerick à palavra “fronteira”, sua concessão parece ser, no máximo, um modo de apaziguar os críticos e reforçar a posição da *Western History* no cenário intelectual norte-americano, mas não de reformular mais profundamente as bases intelectuais de seu próprio empreendimento.

⁷⁰⁷ KLEIN, Kerwin Lee. *Frontiers of Historical Imagination*. op. cit. p. 186-191. Os livros citados por Limerick como “fundamentais” para esse tipo de compreensão da história do Oeste são “*The Invasion of America*” (“A Invasão da América”), de Francis Jennings, “*Cycles of Conquest*” (“Ciclos de Conquista”), de Edward Spicer e “*Many Tender Ties*” (“Vários Laços Ternos”), de Sylvia Van Kirk.

⁷⁰⁸ “Este desejo, lamentavelmente, foi a gênese do irritante e interminável embate ‘sobre a fronteira’. Pensando que a ‘fronteira’ corria o risco de confirmar as reivindicações ao excepcionalismo, tentei substituí-la pela palavra ‘conquista’ e dei a impressão às pessoas de que estaria restringindo seus direitos constitucionais sobre o uso da ‘palavra-com-f’”. LIMERICK, Patricia Nelson. *Going West and Ending up Global*. op. cit. p. 11.

⁷⁰⁹ Idem. *Ibidem*. p. 11.

Ironicamente, contudo, Limerick obliquamente admitiu os perigos institucionais de uma visão regionalista da história do Oeste, ao afirmar que uma visão mais “global” desta região podia levar a *Western History* a tornar-se uma “história nacional ou internacional”. Refletindo os já analisados temores sobre a fragmentação da História nos Estados Unidos, ela afirmou que:

“The exercise of placing the immediate and local into a wider global context is promising, and so satisfying, that Western historians are perfectly set up to cross the chasm that often divides U.S. historians”.⁷¹⁰

Desta forma, Limerick recuperava a antiga idéia turneriana de que a história do Oeste era, de fato, a história de todos os Estados Unidos e construía ela mesma uma ponte para unir o “abismo” que separava seu próprio regionalismo devotado das “histórias fronteiriças” tão criticadas por ela.⁷¹¹ Ironicamente, assim, ela admitia que a crise nas searas da *Western History* havia sido causada pelo abandono desta perspectiva nacional (e, em certos momentos – como nas obras de Bolton – internacional). Novamente, tal reposicionamento me parece mais uma decorrência do conforto advindo da transformação da NWH em uma “nova ortodoxia” e menos uma clara tentativa de repensar seus limites e problemas.

Richard White, talvez o mais auto-consciente dos *new western historians*, também reexaminou suas próprias posições sobre a velha historiografia. Numa brilhante análise sobre as relações entre as histórias representadas por Turner e Búfalo Bill, White defendeu o primeiro por sua preocupação com o “homem comum” e reconheceu, enfim, que sua narrativa retinha poder impressionante, principalmente no que se referia à criação de uma identidade genuinamente americana para os Estados Unidos. White admitia que as histórias

⁷¹⁰ “O exercício de colocar o local e o imediato em um contexto global mais amplo é promissor, e tão satisfatório, que os historiadores do Oeste estão perfectamente aptos a cruzar o abismo que seguidamente divide os historiadores dos Estados Unidos”. Idem. *Ibidem*. p. 20.

⁷¹¹ Num segundo texto, também de 2001, Limerick defendeu-se das acusações de “paroquialismo”, afirmando ter sido má-compreendida em suas intenções: “*I hadn’t intended to deny the significance of process, I had simply tried to give the process the clearer, sharper name of ‘conquest’ instead of the often fuzzy word ‘frontier’*” (“eu não pretendi negar o significado do processo, eu simplesmente tentei dá-lo o nome mais claro, mais afiado de “conquista”, ao invés da confusa palavra ‘fronteira’). Idem. *Dilemmas in Forgiveness*. op. cit. p. 297.

fronteiriças legadas por Turner, Bill e muitos outros faziam parte do repertório cultural da América e que, através de seus múltiplos recontares, haviam tornado-se narrativas democráticas habitadas por diversos norte-americanos, inclusive por aqueles *não* representados por estas histórias. O que White parecia estar dizendo, portanto, era que a “fronteira” ainda importava e que as histórias narradas sob seu prisma não estavam necessariamente erradas. Neste caso, como ele mesmo reconheceu, as narrativas da NWH não eram tanto ataques às estas histórias, mas uma problematização delas.⁷¹² Para um historiador que escreveu um livro em que a palavra “fronteira” sequer aparecia, tal movimento foi certamente surpreendente e, de certa forma, mais auto-crítico do que o reposicionamento de Limerick, principalmente porque não vinha matizado por auto-congratulações problemáticas.

Mas, de fato, em meados da década de 1990, o debate já parecia esgotado e tanto os *new western historians* quanto seus críticos resolveram dedicar-se a outros temas. Mesmo White, em seu discurso como presidente da WHA, preferiu focar nos problemas contemporâneos do Oeste a fazer mais uma recapitulação historiográfica ou crítica à antiga historiografia.⁷¹³ Do mesmo modo, a produção recente de Donald Worster⁷¹⁴ e William Cronon⁷¹⁵ demonstra o quão estes historiadores estão mais preocupados com História Ambiental do que com a História do Oeste *per se*. Dos quatro revisionistas mais importantes, somente Limerick parece disposta a continuar lutando velhas batalhas, ainda

⁷¹² WHITE, Richard. Frederick Jackson Turner and Buffalo Bill. In: GROSSMAN, James (org.). *The Frontier in American Culture*. op. cit. p. 7-66.

⁷¹³ Idem. The Current Weirdness of the West. In: *The Western Historical Quarterly*, vol. 28, n. 1. Spring, 1997. p. 5-16.

⁷¹⁴ Worster publicou um livro sobre a vida de John Wesley Powell, em 2002 e, mais recentemente (2008), uma biografia do ecologista John Muir, mas seus últimos artigos tratam de temas ligados à História Ambiental, em termos bastante teóricos ou generalizantes, fornecendo, parafraseando um de seus artigos mais recentes, uma “longa e fria visão da história”. Ver WORSTER, Donald E. *A River Running West: the life of John Wesley Powell*. New York: Oxford University Press, 2002; Idem. *A Passion for Nature: the life of John Muir*. New York: Oxford University Press, 2008; Idem. The Two Cultures Revisited: Environmental History and the Environmental Sciences. In: *Environment and History*, vol. 2. 1996, p. 3-14; Idem. Climate and History: a lesson from the Great Plains. In: COMWAY, Jill et alli (org.). *Earth, Air, Fire, Water: Humanistic Studies of the Environemt*. Amherst: University of Massachussets, 1999. p. 51-77; Idem. John Muir and the Modern Passion for Nature. In: *Environmental History*, vol. 10, n. 1. January, 2005. p. 8-19; Idem. A Long Cold View of History: how ice, worms and dirt made us what we are today. In: *The American Scholar*. Spring, 2005. p. 33-38.

⁷¹⁵ William Cronon também tem se dedicado à História Ambiental, assim como à Teoria da História e Historiografia, além de servir como editor da série Weyerhaeuser sobre História Ambiental, editada pela Universidade de Washington. Para informações detalhadas sobre os atuais interesses de Cronon, ver www.williamcronon.net (último acesso em 06.10.2009).

que tenha sua posição intelectual atual seja mais a de uma comentarista social e política (extremamente aguçada, diga-se de passagem) do que a de uma historiadora acadêmica (não que exista qualquer problema nisto, evidentemente).⁷¹⁶

Do lado de seus antagonistas, também parece ter havido um reconhecimento de que não havia muito mais a ser dito. Alguns de seus críticos ainda reclamam, mas, aparentemente, são vozes isoladas e que publicam em veículos de importância menor (ao menos dentro do campo da *Western History*).⁷¹⁷ A partir de meados da década da 1990, diminuiu consideravelmente a quantidade de páginas do WHQ e do PHR dedicadas a temas historiográficos, por exemplo, demonstrando a atual desimportância de alguns dos debates das décadas anteriores.⁷¹⁸ Comentando sobre a ampla pesquisa conduzida entre os integrantes da WHA em 2007, Wrobel menciona os cinco tópicos de pesquisa mais citados entre os membros da associação: história indígena, fronteira, meio-ambiente, história militar e *borderlands* – o que demonstra tanto a persistência (provavelmente indesejada para alguns...) de temas tradicionais (fronteira, *borderlands* e história militar) quanto a consolidação (talvez também indesejável para outros...) de tópicos “não-ortodoxos” (história indígena e meio-ambiente) e que, de um modo ou de outro, se estabilizaram a partir dos anos 1980, ou, ao menos, adquiriram grande visibilidade neste período.⁷¹⁹

⁷¹⁶ Nos últimos anos, Limerick tem sido uma requisitada editorialista, escrevendo em diversos jornais e revistas norte-americanos, incluindo o “*The New York Times*” e o “*USA Today*”. Ainda que o Oeste ainda figure como um tema importante em seus escritos, a historiadora tem se caracterizado fundamentalmente por fortes e astutas críticas aos conservadores de seu país e pela constante tentativa de aproximar a academia do grande público. De certa forma, Limerick recupera a antiga tradição norte-americana do “historiador público”, brilhantemente levada a cabo nos anos 1960, 1970 e 1980 por nomes como Eric Foner e Howard Zinn.

⁷¹⁷ Ver SAVAGE, Jr., William. The Transom Reminders. In: *The Journal of Scholarly Publishing*, vol. 40, n. 3. April, 2009. p. 307-313. Por outro lado, é preciso notar a diferença demográfica entre a NWH e seus oponentes: boa parte destes últimos ou já faleceu (Nash, Ridge e Goetzmann, por exemplo) ou estão aposentados de suas funções acadêmicas (Gressley). Ainda assim, Nash e Ridge, antes de suas mortes, em 2000 e 2001, respectivamente, já pareciam ter abandonado a vontade de continuar polemizando, talvez por causa do reconhecimento de que, diante da preponderância adquirida pela NWH, tal insistência era desnecessária. Por exemplo, num *festchrift* dedicado a Ridge, publicado em 1997, sintomaticamente intitulado “*Frontier and Region*” (“Fronteira e Região”), percebe-se uma clara tentativa de superar as antigas polêmicas, com artigos de revisionistas (Richard White, Walter Nugent e Charles Rankin), anti-revisionistas (Martin Ridge) ou autores não identificados com nenhum dos lados da contenda, todos homenageando Ridge pelos serviços prestados ao campo. Ver RITCHIE, Robert C. & HUTTON, Paul Andrew (org.). *Frontier and Region: essays in honor of Martin Ridge*. Albuquerque: University of New Mexico Press, 1997.

⁷¹⁸ O leitor pode acessar a lista de conteúdos publicados nestas revistas nos últimos dez anos em seus sítios eletrônicos: <http://caliber.ucpress.net/loi/phr> (PHR) e <http://www.usu.edu/whq/> (WHQ) (último acesso em 04.10.2009).

⁷¹⁹ WROBEL, David M. Where is the WHA and Where it should be Going? Thoughts on a Survey. In: *The Western Historical Quarterly*, vol. 37, n. 3. Spring, 2007. p. 16.

De modo similar, a tão falada “crise do Oeste”, que, como vimos, foi tanto uma realidade disciplinar quanto um topos retórico recorrente desde a década de 1960, não parece, hoje, suscitar reações muito fortes por parte dos *western historians*. Em outras palavras, o sentimento de inferioridade em relação a outras áreas da profissão, tão bem documentado em uma série de textos dos últimos quarenta anos, mitigou-se bastante. Por sua vez, como demonstrado na pesquisa acima citada, ainda existe uma considerável preocupação com o lugar da *Western History* dentro do *mainstream* historiográfico norte-americano, mas os termos são bem mais otimistas do que há vinte anos. De acordo com Wrobel, 81% dos membros da WHA consideram que o campo tem um “impacto positivo” na historiografia norte-americana como um todo e estão satisfeitos com sua posição no espectro profissional⁷²⁰ Segundo o autor, isto seria resultado direto da “infusão de energia” dada ao campo pela NWH:

“The scholarship in the field, a generation after the infusion of intellectual energy provided by the New Western History, is strong, tremendously varied, and probably more accessible to the general reader than scholarship in other fields”.⁷²¹

Ainda assim, como notou outro comentarista da ampla pesquisa, Benjamin Johnson, algumas das antigas feridas parecem não ter sido curadas: segundo ele, a divisão ainda existente na WHA é reflexo dos acalorados debates dos anos 1980 e a organização aparentemente sofre de uma perene separação entre pólos completamente divergentes (aliás, segundo Johnson, nenhuma outra organização profissional norte-americana seria tão dividida quanto a WHA).⁷²²

Se tomarmos esta pesquisa como uma base dos avanços e indefinições do campo nos últimos anos, então fica clara que, de fato, a NWH teve um impacto nele, mas menos no sentido de impor uma agenda (e é por isso que as – às vezes irritantes - auto-congratulações dos revisionistas devem ser mitigadas) e mais de propor reformulações de

⁷²⁰ Idem. Ibidem. p. 13-14.

⁷²¹ “O conhecimento produzido pelo campo, uma geração após a infusão de energia intelectual fornecida pela NWH, é forte, tremendamente variada e provavelmente mais acessível ao leitor leigo do que o conhecimento em outros campos”. Idem. Ibidem. p. 19.

⁷²² JOHNSON, Benjamin. The WHA and the Need to Incorporate Conflict. In: Ibidem. p. 74-79.

antigas questões e de renovar os tópicos e temas do campo. Este, contudo, foi um processo que, como vimos, começou ainda na década de 1970 e que não deve ser atribuído única e exclusivamente aos *new western historians*. Da mesma maneira, é possível considerar que, diante da encruzilhada intelectual e profissional da *Western History* nos anos 1970 e 1980, a NWH contribuiu decisivamente para recuperar a auto-estima do campo, dar-lhe uma visibilidade pública não alcançada desde os anos de Turner e fornecer algumas respostas para os problemas que afligiam as searas do Oeste.

Para além de questões específicas à *Western History*, esta disputa também era importante para a própria disciplina e, por exemplo, a atual importância dos chamados “*transnational studies*” na História – estudos, em geral, inspirados em temas fronteiriços (no velho sentido turneriano de “pontos de encontro”) ou que simplesmente ignoram as convenções de uma historiografia centrada nos limites nacionais.⁷²³ Por seu turno, tal dado também revela o quão antiquadas eram algumas das considerações regionalistas e pode servir de indício para o motivo para a rejeição quase unânime de alguns de seus parâmetros teóricos e narrativos.

Estes debates revelam, contudo, não somente as indefinições, tensões e incertezas internas à História nos Estados Unidos: eles ajudam a desvelar a própria função cultural e social da disciplina e as indefinições, tensões e incertezas de uma nação em crise. As respostas duras e muitas vezes históricas e injustas contra a NWH devem ser entendidas sob essa conjuntura de “guerras culturais” que, como vimos, foi uma das características norte-americanas dos anos 1980 e 1990. A erosão da “cultura de vitória” (e a crise de identidade daí resultante) e as ascensões, igualmente poderosas, do reaganismo, de um lado, e das demandas multiculturais, por outro, criaram uma polarização política e cultural em que a “luta para definir a América” foi crucial para a afirmação da legitimidade destes *culture warriors*. De um lado, tinha-se o temor conservador de que os Estados Unidos enfrentaria a dissolução nacional resultante do surgimento dos “estudos particularistas” e as histriônicas afirmações, igualmente conservadoras, de que a nação estaria enfrentando uma *débaclê* moral sem precedentes – causada, entre outras coisas, pela radicalização das Humanidades.

⁷²³ Ver, sobre isto, TRUETT, Samuel. *Fugitive Landscapes: the forgotten history of the US-Mexico Borderlands*. New Haven: Yale University Press, 2008. A revista PHR tem, nos últimos anos, se tornado uma referência neste assunto.

De outro, a tentativa de se reformular a identidade estadunidense, baseada principalmente no reconhecimento da enorme diversidade cultural do país e na reescrita de sua história.

Assim, a historiografia foi um dos campos de batalha privilegiados e as diversas representações do Oeste significavam “Américas” divergentes. Walter Nugent resumiu muito bem este ponto:

“However we define ‘West’, it is a synecdoche for America. Explain the part, and you have explained the whole. To find the West is to find ourselves, for better or worse. It can be Paradise Found or Paradise Lost”.⁷²⁴

Deste modo, compreende-se o motivo da virulência, de ambos os lados, na condução das discussões. Eles pouco tiveram a ver com temas, digamos, propriamente historiográficos (fontes, modelos explicativos, conceitos, etc.) e mais com o significado da história norte-americana, significado este que só poderia ser construído no âmbito narrativo, com todas as consequências morais e políticas daí decorrentes. Consequentemente, é possível aqui concluir que, no caso específico destes embates e parafreseando Hayden White, as escolhas dos diversos “Oestes” levaram em consideração, principalmente, opções morais, políticas e estéticas em uma escala muito mais ampla do que aquelas epistemológicas e empíricas.⁷²⁵ Aliás, se ambos os lados tivessem se pautado por discussões epistemológicas e empíricas sérias, teriam definido muito bem os termos de suas argumentações (“história” e “ficção”, no caso da NWH, e “pós-modernismo” e “desconstrutivismo” – além de outros “ismos” usados de modo muitas vezes irresponsável e arbitrário – por seus oponentes). O que se viu, porém, foi essencialmente uma disputa entre narrativas e seus resultados sociais e culturais no mundo “real”.

Isto significa, em minha opinião, que a avaliação das narrativas em disputa deve levar em consideração os efeitos acima mencionados. É por isso que, em alguns momentos do trabalho, fui um tanto quanto severo para com a NWH: não é porque discordo de seu programa, mas porque *concordo* com ele em grande medida. Dito de outro modo, acredito

⁷²⁴ “Independente de como definimos ‘Oeste’, ele é uma sinédoque para América. Explique a parte e você terá explicado o todo. Encontrar o Oeste é nos encontrar, para o bem ou mal. Ele pode ser o Paraíso Encontrado ou o Paraíso Perdido”. NUGENT, Walter. The “Finding” of the West. In: RITCHIE, Robert C. & HUTTON, Paul Andrew (org.). *Frontier and Region*. op. cit. p. 24

⁷²⁵ WHITE, Hayden. *Metahistoria*. op. cit. p. 411

que os revisionistas acertaram o *alvo*, mas escolheram as *armas* erradas. Se se entende que a principal função do historiador profissional é construir uma relação crítica com o passado, e não meros panegíricos ou ataques infundados, então a meta de se construir narrativas engajadas com os aspectos trágicos e negligenciados do passado, assim como a possibilidade de se transcender estes mesmos aspectos (o heroísmo está principalmente nas derrotas!) é mais do que louvável: é necessária, sob todos os ângulos.⁷²⁶ A insistência e os termos usados por alguns dos oponentes conservadores da NWH foram suficientes para me convencer que seus “mitos nacionais edificantes” (uma perigosa reedição da metanarrativa sobre a “excepcionalidade” norte-americana e sua suposta aliança com a Divina Providência) podem servir a fins muito mais espúrios do que as histórias revisionistas – o desastroso governo de George W. Bush (2001-2009) e seus apelos, no pós-11 de setembro, à “grandeza da América” e seu “destino” parecem, ao menos para mim, comprovar o caráter indesejável de tais “mitos”.⁷²⁷

Por outro lado, também são condenáveis os ataques desmedidos a toda a tradição historiográfica anterior, o desmerecimento da Literatura como um instrumento legítimo de representação do passado e a insistência de alguns em construir narrativas que enfatizavam o “espacial” em detrimento do “histórico”, além da contínua necessidade de se autoglorificar. A historiografia anterior pode, e deve, ser criticada por uma série de problemas, mas me parece (e espero ter demonstrado isso) que algumas das alternativas a ela são igualmente insatisfatórias (caso das propostas de Worster e, em menor medida, de algumas de Limerick). A busca por uma “essência” que daria sentido ao Oeste, algo inscrito na própria paisagem do lugar, é uma procura fútil, como, no fim das contas, demonstram as deprimentes tentativas de Worster em encontrar um modelo que explicasse *toda* a história

⁷²⁶ Num livro recente, Karl Jacoby resumiu muito bem este ponto, com o qual concordo plenamente: “*until we recognize our shared capacity for inhumanity, how can we ever hope to tell stories of our mutual humanity?*” (“até que reconheçamos nossa capacidade compartilhada para a desumanidade, como poderemos esperar contar histórias de nossa mútua humanidade?”). JACOBY, Karl. *Shadows at Dawn: a borderlands massacre and the violence of history*. New York: Penguin Press, 2008. p. 278.

⁷²⁷ Walter Nugent traçou um ótimo paralelo sobre a retórica do Destino Manifesto nos governos de John Polk (1844-1849), no qual ocorreu a Guerra Mexicano-Americana e a conquista de boa parte do Oeste, e de George W. Bush. Segundo Nugent, ambos usaram o axioma do excepcionalismo e do “bem necessário” da “expansão” da democracia mundo afora para justificar e legitimar a criação do paradoxal “império da liberdade” e ações militares norte-americanas no Exterior. Parece-me bastante evidente a ligação deste tipo de concepção da “missão política” norte-americana com o tipo de metanarrativa defendida pelos opositores politicamente conservadores da NWH. NUGENT, Walter. *The American Habit of Empire and the cases of Polk and Bush*. In: *The Western Historical Quarterly*, vol. 38, n. 1. Spring, 2007. p. 1-24.

da região. O efeito foi, contudo, contrário a esta intenção: imaginou-se uma versão do Oeste ainda mais excludente que muitas daquelas criticadas por Worster, além de tingi-la com contornos perigosamente fatalistas – se não se pode escapar à história, por que, então, tentar mudá-la? De modo similar, a insistência de Limerick em delimitar a região, em termos muitas vezes bastante monolíticos, e sua idéia de um capitalismo todo poderoso que oblitera a tudo e todos, também não constituem soluções factíveis para a questão de como se escrever uma história melhor para o *American West*.

A saída me parece estar muito mais num diálogo com os historiadores antigos do que em afirmações desmedidas de originalidade ou leituras monolíticas do passado, coisa que tanto Cronon quanto White pareceram ter percebido de maneira mais apurada (e talvez por causa disso seus trabalhos tenham adquirido um prestígio historiográfico maior do que os de Worster e Limerick). É necessário também prestar atenção às contingências passadas e àqueles momentos em que outro tipo de futuro aparecia no horizonte dos agentes (como White fez “*The Middle Ground*”), sem se apegar a essências que a tudo explicariam ou a fatalismos deprimentes e paralisadores. Significar, figurar e narrar novas histórias de modos inesperados, assim como ressignificar, refigurar, renarrar velhas histórias é, como percebeu Kerwin Klein, se engajar num processo deveras mais construtivo do que as insistentes tentativas em se criar dicotomias entre o “velho” e o “novo”, aonde o primeiro é completamente descartado em detrimento do segundo, fechando, assim, a possibilidade de intercâmbio.⁷²⁸ Não é à toa, assim, que, quanto mais “novas” as histórias, mais rápido elas parecem “envelhecer”...

Como escreveu Dominick LaCapra, qualquer “defesa da História” que nega ou oculta a historicidade da própria disciplina equivale a uma tentativa de imobilizar a profissão em um modo que marginaliza não só o reconhecimento das forças que compõem sua estrutura interna, que é sempre contestada e não-natural, mas também impede a emergência de novas possibilidades e metas para a própria História.⁷²⁹ A escrita da história pode ser entendida, assim, um ato de negociação, não só entre o passado e o presente, mas entre as tradições que nos criaram e aquelas que nós mesmos criamos em nosso tempo,

⁷²⁸ KLEIN, Kerwin Lee. *Frontiers of Historical Imagination*. op. cit. p. 291.

⁷²⁹ LaCAPRA, Dominick. *History in Transit*. op. cit. p. 3.

entre passados imaginados e futuros antecipados ou inesperados. As histórias que habitamos são, de fato, os mundos em que vivemos – por isso o enorme poder de nossas aparentemente inofensivas narrativas. Cabe a nós, historiadores, a constante reimaginação destes passados para que nossos futuros continuem sempre em aberto. Se escolhermos fechar determinadas histórias, estaremos encerrando possibilidades de nos reinventarmos e enfrentarmos o “fardo da história”. Se não se pode escapar dele, que o tornemos mais leve, ao menos.

Bibliografia

Livros, Dissertações e Teses:

1. Teoria da História, Historiografia e Teoria Social:

1. AGUIRRE ROJAS, Carlos & MALERBA, Jurandir (org.). *Historiografia Contemporânea em Perspectiva Crítica*. São Carlos: Edusc, 2007
2. ALBUQUERQUE, Jr., Durval Muniz de. *História: a arte de inventar o passado*. Bauru: Edusc, 2007.
3. ANKERSMIT, Frank R. *Historical Representation*. Stanford: Stanford University Press, 2001.
4. APPLEBY, Joyce; HUNT, Lynn & JACOB, Margaret. *Telling the Truth about History*. New York: W. W. Norton, 1994.
5. BALDWIN, Peter. *Hitler, the Holocaust and the Historians*. Boston: Beacon Press, 1990.
6. BERKHOFER, Jr., Robert F. *Beyond the Great Story: history as text and discourse*. Cambridge: Harvard University Press, 1997.
7. BOURDIEU, Pierre. *Homo Academicus*. Stanford: Stanford University Press, 1988.
8. BUCHANAN, Ian. *Michel de Certeau: cultural theorist*. London: Sage Publications, 2000.
9. BUTTERFIELD, Herbert. *The Whig Interpretation of History*. New York: Holt, 1965.
10. CANARY, Robert H. & KOZICKI, Henry (org.). *The Writing of History: literary form and historical understanding*. Madison: The University of Wisconsin Press, 1978.
11. CARPENTER, Ronald H. *History as Rhetoric: style, narrative and persuasion*. Columbia: University of South Carolina Press, 1995.

12. CARRARD, Philippe. *Poetics of the New History: French historical discourse from Braudel to Chartier*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1992.
13. CERTEAU, Michel de. *Heterologies: discourses on the other*. Minneapolis: University of Minnesota, 1986.
14. CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.
15. COMWAY, Jill et ali (org.). *Earth, Air, Fire, Water: Humanistic Studies of the Environment*. Amherst: University of Massachusetts, 1999.
16. DOMANSKA, Ewa (org.). *Encounters: philosophy of history after postmodernism*. Charlottesville: University Press of Virginia, 1998.
17. EVANS, Richard. *In Defense of History*: New York: W. W. Norton, 1999
18. GUIMARÃES, Manoel Luis Salgado (org.). *Estudos sobre a Escrita da História*. Rio de Janeiro: Sete Textos, 2007.
19. JENKINS, Keith (org.). *The Postmodern History Reader*. London: Routledge, 1997.
20. KELLEY, Donald M. *Frontiers of Historical Inquiry: the historical discipline in the Twentieth-Century*. New Haven: Yale University Press, 2006.
21. KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto/PUC-Rio, 2006.
22. LA CAPRA, Dominick. *History in Transit: experience, identity, critical theory*. Ithaca: Cornell University Press, 2004.
23. MALERBA, Jurandir. *A História na América Latina*. Rio de Janeiro: FGV, 2009.
24. MALERBA, Jurandir (org.). *A História Escrita: teoria e história da historiografia*. São Paulo: Contexto, 2006.
25. MEGILL, Allan. *Historical Knowledge, Historical Error: a contemporary guide to practice*. Chicago: The University of Chicago Press, 2007.

26. MUNSLOW, Alun. *Deconstructing History*. London: Routledge, 2001.
27. MUNSLOW, Alun. *History and Narrative*. London: Routledge, 2007.
28. NELSON, John S.; MEGILL, Allan & McCLOSKEY, Donald N. (org.). *The Rhetoric of the Human Sciences: language and arguments in scholarship and public affairs*. Wisconsin: The University of Wisconsin Press, 1987.
29. RICOUER, Paul. *Tempo e Narrativa*. 3vols. Rio de Janeiro: Papyrus, 1997.
30. RICOUER, Paul. *A Memória, a História, o Esquecimento*. Campinas: Unicamp, 2007.
31. ROBERTS, Geoffrey (org.). *The History and Narrative Reader*. London: Routledge Company, 2001.
32. RÜSEN, Jörn. *Razão Histórica: teoria da história – fundamentos da ciência histórica*. Brasília: UnB, 2001.
33. RÜSEN, Jörn. *Reconstrução do Passado: teoria da história II – os princípios da ciência histórica*. Brasília: UnB, 2007.
34. RÜSEN, Jörn. *História Viva: teoria da história III – formas e funções do conhecimento histórico*. Brasília: UnB, 2007.
35. SILVA, Rogério Forastieri. *História da Historiografia*. São Carlos: Edusc, 2001.
36. SOULÉ, Michael E. & LEASE, Gary (org.). *Reinventing Nature? Responses to Postmodern Deconstruction*. Washington: Island Press, 1995.
37. WATSON, Conrad W. *Multiculturalism*. Philadelphia: Open University Press, 2000.
38. WHITE, Hayden. *The Content of the Form: historical discourse and narrative representation*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1987.
39. WHITE, Hayden. *Metahistoria: la imaginación histórica en la Europa del siglo XIX*. México: Fondo de Cultura Económica, 1992.
40. WHITE, Hayden *Trópicos do Discurso: ensaios sobre a crítica da cultura*. São Paulo: Edusp, 1994.

41. WHITE, Hayden. *Figural Realism: studies in the mimesis effect*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1999.
42. WINDSCHUTTLE, Keith. *The Killing of History: how a discipline is murdered by literary critics and social theorists*. Sidney: Macleay Press, 1994.
43. WOOD, Ellen Meiksins. *A Origem do Capitalismo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001

2. História e Historiografia dos Estados Unidos

1. ALLEN, Michael & SCHWEIKART, Larry. *A Patriot's History of the United States: from Columbus' great discovery to the War on Terror*. New York: Penguin Books, 2004.
2. BELL, Daniel. *The End of Ideology: on the exhaustion of political ideas in the fifties*. Glencoe: Free Press, 1960.
3. CHOMSKY, Noam (org.). *The Cold War & the University: toward an intellectual history of the postwar years*. New York: The New Press, 1997.
4. CRABTREE, Charlotte; DUNN, Ross E. & NASH, Gary B. *History on Trial: culture wars and the teaching of the past*. New York: Vintage Books, 2000.
5. DAVIES, Philip John (org.). *Representing and Imagining America*. Keele: Keele University Press, 1996.
6. ENGELHARDT, Tom. *The End of Victory Culture: Cold War America and the disillusioning of a generation*. New York: Basic Books, 1995.
7. ENGELHARDT, Tom & LINENTHAL, Edward T (org.). *History Wars: the Enola Gay and other battles for the American Past*. New York: Henry Holt, 1996.
8. FITZPATRICK, Ellen. *History's Memory: writing America's past, 1880-1980*. Cambridge: Harvard University Press, 2002.

9. HALLOCK, Thomas. *From the Fallen Tree: frontier narratives, environmental politics and the roots of a national pastoral, 1749-1846*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2003.
10. HARLAN, David. *The Degradation of American History*. Chicago: University of Chicago Press, 1997.
11. HIGHAM, John. *History: professional scholarship in America*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1983.
12. HIMMELFARB, Gertrude. *On Looking into the Abyss: untimely thoughts on culture and society*. New York: Knopf, 1994.
13. HOFSTADTER, Richard. *The Progressive Historians: Turner, Beard, Parrington*. New York: Knopf, 1968.
14. HUNTER, James Davison. *Culture Wars: the struggle to define America*. New York: BasicBooks, 1991.
15. JACOBY, Russell. *Os Últimos Intelectuais: a cultura americana na era da academia*. São Paulo: Edusp, 1990.
16. KAMMEN, Michael. *Visual Shock: a history of the art controversies in American Culture*. New York: Vintage Books, 2006
17. LEVINE, Lawrence W. *The Opening of the American Mind: canons, culture and history*. Boston: Beacon Press, 1997.
18. MOLHO, Anthony & WOOD, Gordon S (org.). *Imagined Histories: American historians interpret the past*. Princeton: Princeton University Press, 1998.
19. MOURA, Gerson. *História de uma História: a historiografia norte-americana no século XX*. Edusp, 1994.
20. NOVICK, Peter. *That Noble Dream: the "Objectivity Question" and the American historical profession*. Cambridge: University of Harvard Press, 1988.
21. NUGENT, Walter. *Habits of Empire: a history of American expansion*. New York: Knopf, 2008.

22. RUTLAND, Robert A (org.). *Clio's Favorites: Leading Historians of the United States, 1945-2000*. Columbia: University of Missouri Press, 2000.
23. SCHRECKER, Ellen W. *No Ivory Tower: McCarthyism and the universities*. Oxford: Oxford University Press, 1988.
24. TYRRELL, Ian. *The Absent Marx: class analysis and liberal history in twentieth-century America*. Wesport: Greenwood Press, 1986.
25. VASCONCELOS, José Antonio. *Quem tem Medo da Teoria? A ameaça do pós-modernismo na historiografia americana*. Annablume/Fapesp, 2005.
26. ZINN, Howard. *The Politics of History*. New York: The New Press, 1970.

3. História e Historiografia do Oeste norte-americano

1. AVILA, Arthur Lima de. *E da fronteira veio um pioneiro...: a frontier thesis de Frederick Jackson Turner (1861-1932)*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em História – Departamento de História, UFRGS, Porto Alegre, 2006.
2. AYERS, Edward et al. (org.). *All Over the Map: rethinking American regions*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1996.
3. BARTLETT, Richard. *The New Country: a social history of the American frontier, 1776-1890*. Oxford: Oxford University Press, 1974.
4. BILLINGTON, Ray Allen. *America's Frontier Heritage*. New York: Holt, Rhineheart and Winston, 1963.
5. BILLINGTON, Ray Allen. *Westward Expansion: a history of the American frontier*. New York: MacMillan, 1967.
6. BILLINGTON, Ray Allen. (org.). *The Frontier Thesis: a valid explanation of American history?* New York: Holt, Rhineheart and Winston, 1968.

7. CLAYTON, Andrew & TUETE, Fredrika (org.). *Contact Points: American frontier from the Mohawk Valley to the Mississippi*. Chapel Hill: University of North Carolina, 1998.
8. CRONON, William. *Changes in the Land: Indians, colonists and the ecology of New England*. New York: Hill & Wang, 1983.
9. CRONON, William. *Nature's Metropolis: Chicago and the Great West*. New York: W. W. Norton, 1991.
10. CRONON, William (org.). *Uncommon Ground: towards reinventing nature*. New York: Norton, 1995.
11. CRONON, William; MILES, George & GITLIN, Jay (org.). *Under an Open Sky: rethinking America's Western Past*. New York: W. W. Norton, 1992.
12. ETULAIN, Richard W. *Reimagining the Modern American West: a century of fiction, history and art*. Tucson: University Press of Arizona, 1996.
13. ETULAIN, Richard W. *Telling Western Stories: from Buffalo Bill to Larry McMurtry*. Albuquerque: University of New Mexico Press, 1999.
14. ETULAIN, Richard W (org.). *Writing Western History: essays on major Western historians*. Reno: University of Nevada Press, 1991.
15. ETULAIN, Richard W. & SZASZ, Ferenc (org.). *The American West in the Year 2000: essays in honor of Gerald D. Nash*. Albuquerque: University of New Mexico Press, 2001.
16. FARAGHER, John Mack (org.). *Rereading Frederick Jackson Turner*. New Haven: Yale University Press, 1998.
17. GROSSMAN, James (org.). *The Frontier in American Culture*. Berkeley: University of California Press, 1994.
18. HINE, Robert V. *The American West: a new interpretive history*. New Haven: Yale University Press, 1973.
19. JACOBS, Wilbur. *On Turner's Trail: 100 years of writing Western History*. Lawrence: University of Kansas Press, 1994.

20. JACOBY, Karl. *Shadows at Dawn: a borderlands massacre and the violence of history*. New York: Penguin Press, 2008.
21. KLEIN, Kerwin Lee. *Frontiers of Historical Imagination: narrating the European conquest of Native-America, 1890-1990*. Berkeley: University of California Press, 1997.
22. LIMERICK, Patricia Nelson. *Desert Passages: encounters with the American West*. Albuquerque: University of New Mexico Press, 1985.
23. LIMERICK, Patricia Nelson. *The Legacy of Conquest: the unbroken past of the American West*. New York: W. W. Norton, 1987.
24. LIMERICK, Patricia Nelson. *Something in the Soil: legacies and reckonings in the new West*. New York: W. W. Norton, 2001.
25. LIMERICK, Patricia Nelson; MILNER II, Clyde A. & RANKIN, Charles E. (org.). *Trails: toward a New Western History*. Lawrence: University of Kansas Press, 1991.
26. MALONE, Michael (org.). *Historians and the American West*. Lincoln: University of Nebraska Press, 1983.
27. McMURTRY, Larry. *Sacagawea's Nickname: essays on the American West*. New York: NY Books, 2001.
28. MERK, Frederick. *A History of the Westward Movement*. New York: Knopf, 1978.
29. MILNER II, Clyde A. (org.). *A New Significance: re-envisioning the history of the American West*. New York: University of Oxford Press, 1996.
30. NASH, Gerald D. *Creating the West: historical interpretations, 1890-1990*. Albuquerque: University of New México Press, 1991.
31. NICHOLS, Roger L. (org.). *American Frontier and Western Issues: a historiographical review*. Westport: Greenwood Press, 1986.
32. NUGENT, Walter. *Into the West: a story of its people*. New York: Knopf, 1999.

33. RITCHIE, Robert C. & HUTTON, Paul Andrew (org.). *Frontier and Region: essays in honor of Martin Ridge*. Albuquerque: University of New Mexico Press, 1997.
34. ROBINSON, Forrest G. (org.). *The New Western History: the territory ahead*. Tucson: University of Arizona Press, 1998.
35. SCHIFFHAUER, Mark. *From Wilderness to Environment: the role of "nature" in Western American history from Frederick Jackson Turner to Donald Worster and the New Western History*. Inaugural Dissertation – Phillips Universität Marburg. Marburg, 2008.
36. SCHLESINGER, Jr., Arthur. *The Disuniting of America*. New York: W. W. Norton, 1991.
37. SIMONSON, Harold P. *Beyond the Frontier: writers, western regionalism and a sense of place*. Fort Worth: Texas Christian University Press, 1989.
38. STEGNER, Wallace. *Beyond the Hundredth Meridian: John Wesley Powell and the Second Opening of the West*. Reno: University of Nebraska Press, 1954.
39. STEGNER, Wallace. *The Sound of Mountain Water: the changing American West*. New York: Dove, 1989.
40. TAYLOR, George R. (org.). *The Turner Thesis: concerning the role of the frontier in American history*. Lexington: D. C. Heath, 1972.
41. TRUETT, Samuel. *Fugitive Landscapes: the forgotten history of the US-Mexico Borderlands*. New Haven: Yale University Press, 2008.
42. TURNER, Frederick Jackson. *The Frontier in American History*. New York: Dove, 1996.
43. WEBB, Walter Prescott. *The Great Plains: a study in institutions and environment*. New York: Ginn and Company, 1931.
44. WEST, Elliott. *The Way to the West: essays on the Great Plains*. Albuquerque: New Mexico University Press, 1995.

45. WEST, Elliott. *Contested Plains: Indians, goldseekers and the rush to Colorado*. Lawrence: University of Kansas Press, 1996
46. WHITE, Richard. *Land Use, Environment, and Social Change: The Shaping of Island County, Washington*. Seattle: University of Washington Press, 1979.
47. WHITE, Richard. *It's your Misfortune and None of my Own: a new history of the American West*. Norman: University of Oklahoma Press, 1991.
48. WHITE, Richard. *The Middle Ground: Indians, Empires and Republics in the Great Lakes Region, 1650-1815*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991
49. WHITE, Richard. *The Organic Machine: The Remaking of the Columbia River*. New York: Hill and Wang, 1996.
50. WHITE, Richard. *Western History*. Washington: American Historical Association, 1997.
51. WORSTER, Donald. *Nature's Economy: a history of ecological ideas*. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.
52. WORSTER, Donald E. *The Dust Bowl: the Southern Plains in the 1930's*. New York: Oxford University Press, 1979.
53. WORSTER, Donald E. *Rivers of Empire: water, aridity and the growth of the American West*. New York: Oxford University Press, 1985.
54. WORSTER, Donald E. *Under Western Skies: Nature and History in the American West*. New York: Oxford University Press, 1992.
55. WORSTER, Donald E. *The Wealth of Nature: environmental history and the ecological imagination*. New York: Oxford University Press, 1994.
56. WORSTER, Donald E. *A River Running West: the life of John Wesley Powell*. New York: Oxford University Press, 2002.
57. WORSTER, Donald. *A Passion for Nature: the life of John Muir*. New York: Oxford University Press, 2008

58. WROBEL, David M. *Promised Lands: promotion, memory and the creation of the American West*. Lawrence: University of Kansas Press, 2002

Outros:

1. BENNETT, William J. *The De-Valuing of America: the fight for our culture and our children*. New York: Simon & Schuster, 1992.
2. BERCOVITCH, Sacvan. *The American Jeremiad*. The University of Wisconsin Press, 1978.
3. BLOOM, Allan. *The Closing of the American Mind: how higher education has failed democracy and impoverished the souls of today's students*. New York: Simon & Schuster, 1987.
4. D'SOUZA, Dinesh. *Illiberal Education: the politics of race and sex on the campus*. New York: Free Press, 1991.
5. FANTE, John. *Ask the Dust*. New York: Harper, 2006
6. GRUZINSKI, Serge. *El Pensamiento Mestizo: cultura ameríndia y civilización del Renacimiento*. Paidós: Barcelona, 2007.
7. PROULX, Annie. *Bad Dirt – Wyoming Stories 2*. New York: Scribner, 2004.
8. RORTY, Richard. *Para Realizar a América: o pensamento de esquerda no século XX na América*. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.
9. RORTY, Richard. *Philosophy and Social Hope*. New York: Penguin Books, 1999.
10. RORTY, Richard; NYSTROM, Derek; PUCKETT, Kent. *Contra os Padrões, Contra as Oligarquias: uma conversa com Richard Rorty*. São Paulo: UNESP, 2005.
11. SADER, Emir. *A Nova Toupeira: os caminhos da esquerda latino-americana*. Rio de Janeiro: Boitempo, 2009.
12. STEGNER, Wallace. *Angle of Repose*. New York: Doubleday, 1971.

13. THOREAU, Henry David. *Essays on English and American Literature*. New York: Collier Books, 1910.

Artigos:

1. Teoria da História, Historiografia e Teoria Social:

1. ANTONIOU, Giorgos. The Lost Atlantis of Objectivity: the revisionist struggles between the academic and public spheres. In: *History and Theory*. Theme Issue 46. December, 2007.
2. ASDAL, Kristin. The Problematic Nature of Nature: the post-constructivist challenge to environmental history. In: *History and Theory*, Theme Issue 42. December, 2003.
3. CARRARD, Philippe. History as a Kind of Writing: Michel de Certeau and the Poetics of Historiography. In: *The South Atlantic Quarterly*, vol. 100, n. 2. Spring, 2001.
4. DEMERITT, David. Ecology, objectivity and critique in writings on nature and human societies. In: *The Journal of Historical Geography*, vol. 20, n 1. January, 1994.
5. FINNEY, Patrick. Who Speaks for History? In: *Rethinking History*, vol. 9, n. 4. December, 2005.
6. GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. Historiografia e cultura histórica: notas para um debate. In: *Ágora*, vol. 11. n.1. Janeiro/Junho, 2005.
7. HARLAN, David. Intellectual History and the Return of Literature. In: *American Historical Review*, vol. 84, n. 3. June, 1989.
8. DOMANSKA, Ewa & WHITE, Hayden. A conversation with Hayden White. In: *Rethinking History*, vol. 12, n. 1. March, 2008.
9. KLEIN, Kerwin Lee. What Was the Linguistic Turn? In: *Clio*, vol. 30, n. 1. January, 2000.
10. KLEINBERG, Ethan. Haunting History: deconstruction and the spirit of

revision. In: *History and Theory*. Theme Issue 46. December, 2007.

11. KREISWIRTH, Martin. Merely Telling Stories? Narrative and Knowledge in the Human Sciences. In: *Poetics Today*, vol. 21, n. 2. Summer, 2000.

12. LaCAPRA, Dominick. Tropisms of Intellectual History. In: *Rethinking History*, vol. 8, n. 4. December, 2004.

13. MEGILL, Allan G. Recounting the Past: description, explanation and narrative in historiography. In: *American Historical Review*, vol. 94, n. 3. June, 1989.

14. MEGILL, Allan G. Fragmentation and the Future of Historiography. In: *American Historical Review*, vol. 96, n. 3. June, 1991. p. 693-698.

15. MEGILL, Allan. Coherence and Incoherence in Historical Studies: from the Annales school to the New Cultural History. In: *New Literary History*, vol. 35. 2004.

16. PIHLAINEN, Kalle. The Moral of the Historical Story: textual differences in fact and fiction. In: *New Literary History*, vol. 33. 2002.

17. SPIEGEL, Gabrielle M. Revising the Past/Revisiting the Present: how change happens in historiography. In: *History and Theory*, beiheft 40. December, 2007.

18. VANN, Richard T. Historians and Moral Evaluations. In: *History and Theory*. Theme Issue 43. December, 2004.

19. WANDEL, Torbjorn. Michel de Certeau's Place in History. In: *Rethinking History*, vol. 4, n. 1. February, 2000.

20. WICKBERG, Daniel. Intellectual History vs. the Social History of the Intellectuals. In: *Rethinking History*, vol. 5, n. 3. 2001.

2. História e Historiografia dos Estados Unidos

1. ABBOTT, Carl. Regional History as an Instructional Field: the practice of colleges and universities in the United States. In: *The Western Historical Quarterly*, vol. 20, n. 20. May 1990.

2. ADELMAN, Jeremy & ARON, Stephen. From Borderlands to Borders: empires,

nation-states, and the peoples in between in North American History. In: *American Historical Review*, vol. 104, n. 3. June, 1999.

3. AVILA, Arthur Lima de. O Oeste historiográfico norte-americano: Frederick Jackson Turner vs. a NWH. In: *Anos 90*, vol. 12, n. 21/22. 2005.

4. AVILA, Arthur Lima de. Da História do Oeste à História da Fronteira: crise e fragmentação da *Western History* norte-americana no século XX. In: *História Unisinos*, vol. 13, n. 1. Janeiro/Abril, 2009.

5. BAILYN, Bernard. The Challenge of Modern Historiography. In: *American Historical Review*, vol. 87, n. 1. February, 1981.

6. BENDER, Thomas. Wholes and Parts: the need of synthesis in American history. In: *American Historical Review*, vol. 73, n. 1. February, 1986.

7. BENDER, Thomas. “Venturesome and Cautious”: American History in the 1990s. In: *Journal of American History*, vol. 81, n. 3. December, 1994.

8. BENDER, Thomas. Strategies of Narrative Synthesis in American History. In: *American Historical Review*, vol. 107, n. 1. February, 2002.

9. BERKHOFER, Jr., Robert. The Political Context of the New Indian History. In: *Pacific Historical Review*, vol. 40, n. 3. August, 1971.

10. CAUGHEY, John Walton. Historian’s Choice: results of a poll on recently published american history and biography. In: *The Mississippi Valley Historical Review*, vol. 39, n. 2. September, 1952.

11. CURTIN, Philip N. Depth, Span and Relevance. In: *American Historical Review*, vol. 89, n. 1. February, 1983.

12. DEGLER, Carl N. In Pursuit of an American History. In: *American Historical Review*, vol. 92, n. 1. February, 1986.

13. HIGHAM, John. The Collapse of Consensus History. In: *Journal of American History*, vol. 76, n. 2. September, 1989.

14. HIGHAM, John. Multiculturalism and Universalism: a history and critique. In: *American Quarterly*, vol. 45, n. 2. June, 1993.

15. HIMMELFARB, Gertrude. Some Reflections on the New History. In: *American Historical Review*, vol. 94, n. 3. June, 1989.
16. JENSEN, Richard. The Culture Wars, 1965-1995: a historian's map. In: *Journal of Social History*, vol. 29, special issue. 1995.
17. KOHN, Richard H. History and the Culture Wars: the case of the Smithsonian Institution's Enola Gay Exhibition. In: *The Journal of American History*, vol. 82, n. 3. December, 1995.
18. LEO, John. Multicultural Follies. In: *The U.S. News and World Report*, July, 8th, 1991.
19. LEO, John. The demonizing of white men. In: *The U.S. News and World Report*, April, 26th, 1993
20. MOURA, Gerson. Distância e Diálogo: história e ciências sociais nos Estados Unidos. In: *Estudos Históricos*, n. 5. Janeiro, 1990.
21. PAINTER, Neil Irving et al. A Round Table: synthesis in American history. In: *The Journal of American History*, vol 74, n, 3, June, 1987.
22. ROSS, Dorothy. Grand Narrative in American Historical Writing: from romance to uncertainty. In: *The American Historical Review*, vol. 100, n. 3.
23. SCOTT, Joan W. Review of "The New History and the Old", by Gertrude Himmelfarb. In: *American Historical Review*, vol. 94, n. 3. June, 1989.
24. STEARNS, Peter N. Uncivil War: Current American Conservatives and Social History. In: *Journal of Social History*, vol. 29. 1995.
25. THELEN, David. Making History and Making the United States. In: *Journal of American Studies*, vol. 32, n. 3. Summer, 1998.
26. TRILLO, Mauricio Tenório; BENDER, Thomas & THELEN, David. Caminhando para a "desestadunização" da história dos Estados Unidos: um diálogo. In: *Estudos Históricos*, n. 27. Janeiro, 2001.
27. TYRRELL, Ian. The Great Historical Jeremiad: the problem of specialization in American history In: *The History Teacher*, vol. 33, n. 3. May, 2000.

28. TUCK, Stephen. Historiographical Review: the new American histories. In: *The Historical Journal*, vol. 18, n. 3. Summer, 2005.
29. UNGER, Irwin. The “New Left” and American History: some recent trends in United States Historiography. In: *American Historical Review*, vol. 72, n. 4. July, 1967.
30. VASCONCELOS, José Antonio. Identidades sociais e crise do conhecimento histórico nos Estados Unidos, décadas de 1960 e 1970. In: *Revista Dimensões*, vol. 16. Janeiro, 2004.
31. WEINSTEIN, Barbara. A Pesquisa sobre Identidade e Cidadania nos EUA: da Nova História Social à Nova História Cultural. In: *Revista Brasileira de História*, vol. 18, n. 35. 1998.
32. WIENER, Jonathan M. Radical Historians and the Crisis in American History, 1959-1980. In: *Journal of American History*, vol. 76, n. 2. September, 1989.

3. História e Historiografia do Oeste norte-americano

1. ABBOTT, Carl. Review of Nature’s Metropolis. In: *The Pacific Historical Review*, vol. 61, n. 1. February, 1992.
2. ALEXANDER, Thomas. Review of Trails. In: *The Pacific Historical Review*, vol. 62, n. 2. May, 1993.
3. ALLEN, Michael. The “New” Western History Stillborn. In: *The Historian*, vol. 57, n. 3. September, 1994.
4. ARON, Stephen. Of Past and Presentism. In: *Journal of the West*, vol. 43, n. 3. Summer, 2004.
5. ALLMENDINGER, Blake. Through the Looking Glass: what western historians and literary critics can learn from each other. In: *The Pacific Historical Review*, vol. 72, n. 3. August, 2003.
6. ARMITAGE, Susan. Review of Trails. In: *The Journal of American History*, vol. 79, n. 4. March, 1993

7. ARMITAGE, Susan H. From the Inside Out: rewriting regional history. In: *Frontiers*, vol. 22, n. 3. Summer, 2001.
8. BAMFORD, Camille. Review "The Legacy of Conquest". In: *The Journal of the Southwest*, vol. 31, n.1. Spring, 1989.
9. BARTLETT, Richard. Review of "The Legacy of Conquest". In: *The Journal of American History*, vol. 75, n. 1. June, 1988.
10. BERKHOFER, Jr., Robert. Under an Open Sky, by Donald Worster. In: *The Journal of American History*, vol. 80, n 1. June, 1993.
11. BERNSTEIN, Richard. Among Historians the Frontier is Turning Nastier with each revision. In: *The New York Times*, December, 17th, 1989.
12. BERNSTEIN, Richard. Unsettling the Old West. Now Historians are Bad-mouthing the frontier. In: *The New York Times*, March, 18th, 1990.
13. BILLINGTON, Ray Allen. The Frontier and I. In: *The Western Historical Quarterly*, vol. 1, n. 1. January, 1970.
14. BOGUE, Allan G. Under Western Skies: Nature and History in the American West, by Donald Worster. In: *The Pacific Historical Review*, vol. 62, n 3. August, 1993.
15. BROWN, Richard Maxwell. Western Violence: Structure, Values, Myth. In: *The Western Historical Quarterly*, vol. 24, n. 1. February, 1993.
16. BROWN, Richard Maxwell. "It's yours Misfortune and None of my Own": a history of the American West. In: *The Journal of American History*, vol. 80, n. 2. September, 1993.
17. CALLOWAY, Colin G. Native American History and the Search for Common Ground. In: *Reviews in American History*, vol. 20, n. 4. December, 1992.
18. CARSTENSEN, Vernon. A New Perspective on the West? A Review of "The Legacy of Conquest". In: *Montana Magazine of Western History*, vol. 38, n. 2. Spring 1988.
19. CASTAÑEDA, Antonia. Women of Color and the Rewriting of Western

- History: the discourse, politics and decolonization of history. In: *The Pacific Historical Review*, vol. 61, n. 4. December, 1992.
20. CAUGHEY, John Walton. The Mosaic of Western History. In: *The Mississippi Valley Historical Review*, vol. 33, n. 4. March, 1947.
21. COCLANIS, Peter A. Urbs in Horto. In: *Reviews in American History*, vol. 20, n. 1. March, 1992
22. CRONON, William. Revisiting the Vanishing Frontier: the legacy of Frederick Jackson Turner. In: *The Western Historical Quarterly*, vol. 18, n. 2. April, 1987.
23. CRONON, William. Modes of Prophecy and Production: placing nature in history. In: *The Journal of American History*, vol. 76, n. 4. March, 1990.
24. CRONON, William. A Place for Stories: history, nature and narrative. In: *The Journal of American History*. vol. 79, n. 1. March, 1992.
25. DAVIS, Jr., William N. Will the West survive as a Historical Field? A Survey Report. In: *Mississippi Valley Historical Review*, vol. 50, n. 1. March, 1964.
26. DELLA CAVA, Marco R. Rewriting the West: a showdown over frontier legends. In: *The USA Today*, December, 7th, 1990
27. ETULAIN, Richard W. "It's your Misfortune and None of my Own": a history of the American West, by Richard White. In: *The American Historical Review*, vol. 98, n. 1. February, 1993.
28. ETULAIN, Richard W. Western Stories for the Next Generation. In: *The Western Historical Quarterly*, vol. 31, n. 1. Spring, 2000.
29. FARAGHER, John Mack. The Frontier Trail: Rethinking Turner and Reimagining the American West. In: *American Historical Review* vol. 98, n. 1. February, 1993.
30. FEENEY, Mark. Gunslinger of the New West: the controversial Patricia Nelson Limerick is changing our understanding of the past. In: *The Boston Globe*, March, 1st, 2000.
31. FLINT, Anthony. What of our past? Historians disagree: clash of values fuels

lack of consensus. In: *The Boston Globe*, July, 25th, 1995.

32. FORD, Lacy K. Democracy and the Frontier: the Turner Thesis revisited. In: *The Journal of Early Republic*, vol. 13, n. 2. Summer, 1993.

33. GIBSON, Eric. Selling the West in Revisionist Hues. In: *The Washington Times*, March, 20th, 1991

34. GOETZMANN, William H. Crisis of the New – West? In: *Continuity*, n. 17. Fall, 1993.

35. GRESSLEY, Gene M. Whither Western American History? Speculation on a Direction. In: *The Pacific Historical Review*, vol. 53, n. 4. November, 1984.

36. GRESSLEY, Gene M. The West: Past, Present, Future. In: *The Western Historical Quarterly*, vol. 17, n. 1. January, 1986

37. GULLIFORD, Andrew. The West as America. In: *The Journal of American History*, vol. 79, n. 1. June, 1992.

38. GUTIERREZ, David. Significant to Whom? Mexican-Americans and the History of the American West. In: *The Western Historical Quarterly*, n. 24, vol. 4. November, 1994.

39. HENDERSON, George L. Close Encounters: on the significance of geography to the New Western History. In: *Ecumene*, vol. 5, n 1. January, 1998.

40. HURTADO, Albert L. Whose Misfortune? Richard White's Ambivalent Region. In: *Reviews in American History*, vol. 22, n 2. June, 1994.

41. HURTADO, Albert L. Parkmanizing the Spanish Borderlands: Bolton, Turner and the historians' world. In: *The Western Historical Quarterly*, vol. 26, n. 2. Summer, 1995.

42. HYDE, Anne F. Cultural Filters: the significance of perception in the history of the American West. In: *The Western Historical Quarterly*, vol. 24, n. 3. August, 1993.

43. JACKSON, W. Turrentine. Trails, by Limerick at al. In: *The Western Historical Quarterly*, vol. 24, n. 4. November, 1993.

44. JACOBY, Karl. We are All New Western Historians Now. In: *Reviews in American History*, vol. 29. December, 2001.
45. JENSEN, Richard. On Modernizing Frederick Jackson Turner: the historiography of regionalism. In: *The Western Historical Quarterly*, vol. 11, n. 3. July, 1980.
46. JENSEN, Richard. The Culture Wars, 1965-1995: a historian's map. In: *Journal of Social History*, vol. 29, special issue. 1995.
47. JOHNSON, Benjamin. The WHA and the Need to Incorporate Conflict. . In: *The Western Historical Quarterly*, vol. 37, n. 3. Spring, 2007.
48. JOHNSON, Susan Lee. A Memory Sweet to Soldiers: the significance of gender in the history of the American West. In: *The Western Historical Quarterly*, vol. 24, n. 4. November, 1993.
49. JOHNSTON, Robert D. Beyond 'the West': regionalism, liberalism and the evasion of politics in the New Western History. In: *Rethinking History*, vol. 2, n. 2. 1998.
50. KEARNS, Gerry. The Virtuous Circle of Facts and Values in the New Western History. In: *Annals of the Association of American Geographers*, vol. 88, n. 3. September, 1998.
51. KIMMELMAN, Michael. Old West, New Twist at the Smithsonian. In: *The New York Times*, May, 26th, 1991.
52. KNICKERBOCKER, Brad. Revisionist Historian Lassos the Mythic West. In: *The Christian Science Monitor*, December, 18th, 1990.
53. LAMAR, Howard R. Much to Celebrate: the Western History Association's twenty-fifth birthday. In: *The Western Historical Quarterly*, vol. 17, n. 4. October, 1986.
54. LANSING, Michael et alli. Surveying the Western History Association. In: *The Western Historical Quarterly*, vol. 38, n. 3. Autumn, 2007.
55. LEWIS, David Rich. Still Native: the significance of the Native Americans in

the History of 20th Century American West. In: *The Western Historical Quarterly*, vol. 24, n. 4.

56. LIMERICK, Patricia Nelson. What on Earth is the New Western History? In: *Montana Magazine of Western History*, vol. 40, n. 3. Summer 1990.

57. LIMERICK, Patricia Nelson. The Case of Premature Departure: the Trans-Mississippi West and American History Textbooks. In: *The Journal of American History*, vol. 78, n. 4. March, 1992.

58. LIMERICK, Patricia Nelson. Haunted by Rhyolite: learning from the landscape of failure. In: *Art History*, Fall 1992.

59. LIMERICK, Patricia Nelson. Advice to White Liberals. In: *The Chronicle of Higher Education*, May, 4th, 1994.

60. LIMERICK, Patricia Nelson. Turnerians All: the dreams of a helpful history in an intelligible world. In: *American Historical Review*, vol. 100, n. 1. February 1995.

61. LIMERICK, Patricia Nelson. Has 'Minority' History Transformed the Historical Discourse? In: *Perspectives*, november, 1997.

62. LIMERICK, Patricia Nelson. Going West and Ending up Global. In: *The Western Historical Quarterly*, vol. 32, n 1. Spring, 2001.

63. LIMERICK, Patricia Nelson. Dilemmas in Forgiveness: William Appleman Williams and Western American History. In: *Diplomatic History*, vol. 25, n. 2. September, 2001.

64. LOWITT, Richard. It's your Misfortune and None of My own: review. In: *The Pacific Historical Review*, vol. 62, n. 1. February, 1993.

65. MALONE, Michael P. Beyond the Last Frontier: toward a new approach to Western American history. In: *The Western Historical Quarterly*, vol. 20, n. 4. November, 1989.

66. MALONE, Michael P. The New Western History: an assessment. In: *Montana Magazine of Western History*, vol. 40, n. 3. Summer, 1990.

67. MALONE, Michael P. & PAUL, Rodman W. Tradition and Challenge in

- Western Historiography. In: *The Western Historical Quarterly*. vol. 16, n. 1. January, 1985.
68. MANCALL, Peter C. Review of *The Middle Ground*. In: *The American Historical Review*, vol. 97, n. 5. December, 1992.
69. McMURTRY, Larry. How the West was Won or Lost: the revisionists' failure of imagination. In: *The New Republic*, October, 22nd, 1990
70. MERCHANT, Carolyn. William Cronon's *Nature's Metropolis*. In: *Antipode*, vol. 26, n. 2. February, 1994.
71. MILNER II, Clyde A. et al. A Historian who has Changed our Thinking: a roundtable on the work of Richard White. In: *The Western Historical Quarterly*, vol. 33, n. 2. Summer, 2002.
72. MITCHELL, Don. Writing Western History: New Western History's encounter with landscape. In: *Ecumene*, vol. 5, n. 1. January, 1998.
73. MORGAN, Kenneth. How the West was Sold. In: *The Guardian*, February, 12th, 1988.
74. MORRISEY, Katherine G et al. Women and the West: rethinking the Western History survey course. In: *The Western Historical Quarterly*, vol. 12, n. 3. July, 1986.
75. NASH, Gerald D. Review of "*Rivers of Empire*". In: *The American Historical Review*, vol. 92, n. 1. February, 1987.
76. NASH, Gerald D. Review of "The Legacy of Conquest". In: *The Journal of Economic History*, vol. 48, n. 2. June 1988.
77. NASH, Gerald D. The Great Adventure: western history, 1890-1990. In: *The Western Historical Quarterly*, vol. 22, n 1. February, 1991.
78. NASH, Gerald D. Point of View: 100 years of Western History. In: *Journal of the West*, vol. 32, n. 1. January, 1993.
79. NASH, Roderick. Review of *Nature's Metropolis*. In: *The American Historical Review*, vol. 97, n. 3. June, 1992.

80. NICHOLLS, Richard E. True West: a reading list. In: *The New York Times*, September, 20th, 1992. Section 7.
81. NOMURA, Gail M. Significant Lives: Asia and Asian Americans in the History of the U. S. West. In: *The Western Historical Quarterly*, vol. 25, n 3. Spring, 1994.
82. NUGENT, Walter. Western History: stocktakings and new crops. In: *Reviews in American History*, vol. 13, n. 3. September, 1985.
83. NUGENT, Walter. The Legacy of Conquest: the unbroken past of the American West. In: *The Western Historical Quarterly*, vol. 19, n. 4. November 1988.
84. NUGENT, Walter. Review of Nature's Metropolis. In: *The Western Historical Quarterly*, vol. 23, n. 1. February, 1992.
85. NUGENT, Walter. Happy Birthday, Western History. In: *Journal of the West*, vol. 32, n. 3. July, 1993.
86. NUGENT, Walter. Western History, New and Not so New. In: *Magazine of History of the OAH*, vol. 9, n. 1. Fall, 1994.
87. NUGENT, Walter. The American Habit of Empire and the cases of Polk and Bush. In: *The Western Historical Quarterly*, vol. 38, n. 1. Spring, 2007.
88. OLIN, Jr., Spencer C. Toward a Synthesis of the Political and Social History of the American West. In: *The Pacific Historical Review*, vol. 55, n. 4. November, 1986.
89. PAGE, Brian. Charting the Middle-Ground: History, Geography and city-hinterland relations in the Great West. In: *Ecumene*, vol. 5, n 1. January, 1998.
90. PAXSON, Frederic L. A Generation of the Frontier Hypothesis: 1893-1932. In: *The Pacific Historical Review*, vol 2, n. 1. March, 1933.
91. PIERSON, George W. The Frontier and American institutions: a criticism of the Turner theory. In: *The New England Quarterly*, vol. 15, n. 2. June, 1942.
92. PISANI, Donald. The New Western History Comes of Age. In: *Reviews in American History*, vol. 21, n. 1. March, 1993.

93. PORTER, Joseph. Review "The Legacy of Conquest". In: *The American Historical Review*, vol. 100, n. 4. October, 1988
94. PRED, Allan. Sounds and Silences, or the Author's Voice and Voices Squelched: a commentary on William Cronon's Nature's Metropolis. In: *Antipode*, vol. 26, n. 2. February, 1994.
95. RIDGE, Martin. Ray Allen Billington, Western History and American Exceptionalism. In: *The Pacific Historical Review*, vol. 56, n. 4. November, 1987.
96. RIDGE, Martin. The New Western History and the National Myth. In: *Continuity*, n. 17. Fall 1993.
97. RILEY, Glenda. Writing, Teaching and Recreating Western History through Intersections and Viewpoints. In: *The Pacific Historical Review*, vol. 62, n. 3. August, 1993.
98. ROBBINS, William G. The "Plundered Province" Thesis and the Recent Historiography of the American West. In: *The Pacific Historical Review*, vol. 55, n. 4. November, 1986.
99. ROBBINS, William G. Western History: a dialectic on the modern condition. In: *The Western Historical Quarterly*, vol. 20, n. 4. November, 1989.
100. ROBBINS, Walter G. Laying Siege to Western History: the emergence of new paradigms. In: *Reviews in American History*, vol. 19, n. 3. September, 1991.
101. ROBINSON, Forrest G. We Should Talk: western history and western literature in dialogue. In: *American Literary History*, vol. 16, n. 1. 2004.
102. SAUNDERS, Ralph H. & MARSTON, Susan A. Review of William Cronon's Nature's Metropolis. In: *Antipode*, vol. 26, n. 2. February, 1994.
103. SAVAGE, Jr., William. The New Western History: the youngest whore on the block. In: *AB Bookman's Weekly*, October, 4th, 1993.
104. SAVAGE, Jr., William. The Transom Reminders. In: *The Journal of Scholarly Publishing*, vol. 40, n. 3. April, 2009
105. SCHARFF, Virginia et alli. Claims and Prospects of Western History: a

- roundtable. In: *The Western Historical Quarterly*, vol. 31, n. 1. Spring, 2000.
106. SCOTT, Janny. Rival Old West Historians try to put Own Brand on the Frontier. In: *The New York Times*, May, 18th, 1993.
107. Showdown at the “West as America” Exhibition. In: *American Art*, vol. 5, n. 3. Summer, 1991.
108. STEIN, Roger B. Visualizing Conflict in “The West as America”. In: *The Public Historian*, vol. 14, n. 3. Summer, 1992.
109. STEINER, Michael. From Frontier to Region: Frederick Jackson Turner and the New Western History. In: *The Pacific Historical Review*, vol. 64, n. 4. November, 1995.
110. THOMPSON, Gerald. Frontier West: process or place. In: *The Journal of the Southwest*, vol. 29, n. 4,. Winter, 1986.
111. THOMPSON, Gerald. Another Look at Frontier vs. Western Historiography. In: *Montana the Magazine of Western History*, vol. 40, n. 3. Summer, 1990.
112. TRUETTNER, William & NEMEROV, Andrew. What you see is not necessarily what you get: new meanings in images of the Old West. In: *Montana Magazine of Western History*, vol. 42, n. 3. Fall, 1992.
113. WEBER, David. Turner, Bolton and the Borderlands. In: *American Historical Review*, vol. 91, n. 3. June, 1986.
114. WHITE, Richard. American Environmental History: the development of a new historical field. In: *The Pacific Historical Quarterly*, vol. 54, n. 3. August 1985.
115. WHITE, Richard. Race Relations in the American West. In: *American Quarterly*, vol. 38, n. 3. 1986.
116. WHITE, Richard. Back to Nature. In: *Reviews in American History*, vol. 22, n. 1. March, 1994.
117. WHITE, Richard. The Current Weirdness in the West. In: *The Western Historical Quarterly*, vol. 28, n. 1. Spring, 1997.

118. WHITE, Richard. The Nationalization of Nature. In: *The Journal of American History*, vol. 86., n 3. December, 1999.
119. WHITE, Richard. Environmental History: watching a field mature. In: *The Pacific Historical Review*, vol. 70, n. 1. February, 2001.
120. WHITE, Richard. Creative Misunderstandings and New Understandings. In: *The William and Mary Quarterly*, 3rd series, vol. LXIII, n. 1. January, 2006.
121. WOLF, Bryan J. How the West was Hung, or, when I hear the Word “Culture” I take out my Checkbook. In: *American Quarterly*, vol. 44, n. 3. September, 1992.
122. WORSTER, Donald. History as Natural History: an essay on theory and method. In: *The Pacific Historical Review*, vol. 53, n. 1. February, 1984.
123. WORSTER, Donald. Review of Changes in the Land by William Cronon. In: *Agricultural History*, vol. 58, n. 1. January, 1985.
124. WORSTER, Donald. New West, True West: interpreting the region’s history. In: *The Western Historical Quarterly*, vol. 18, n. 2. April, 1987.
125. WORSTER, Donald et alli. “The Legacy of Conquest”, by Patricia Nelson Limerick: a panel of appraisal. In: *The Western Historical Quarterly*, vol. 20, n. 3. August, 1989.
126. WORSTER, Donald. Seeing Beyond Culture. In: *The Journal of American History*, vol. 76, n. 4. March, 1990.
127. WORSTER, Donald. Transformations of the Earth: toward an agroecological perspective in history. In: *The Journal of American History*, vol. 76, n. 4. March, 1990.
128. WORSTER, Donald. The Two Cultures Revisited: Environmental History and the Environmental Sciences. In: *Environment and History*, vol. 2. 1996,
129. WORSTER, Donald. John Muir and the Modern Passion for Nature. In: *Environmental History*, vol. 10, n. 1. January, 2005.
130. WORSTER, Donald. A Long Cold View of History: how ice, worms and dirt made us what we are today. In: *The American Scholar*. Spring, 2005.

131. WROBEL, David M. Beyond the Frontier-Region Dichotomy. In: *The Pacific Historical Review*, vol. 65, n. 3. August, 1996.
132. WROBEL, David M. What on Earth has happened to the New Western History? In: *The Historian*. Vol. 66. n. 3. September 2004
133. WROBEL, David M. Where is the WHA and Where it should be Going? Thoughts on a Survey. In: *The Western Historical Quarterly*, vol. 37, n. 3. Spring, 2007.
134. YOUNG, Mary E. The Dark and Bloody but Endlessly Inventive Middle Ground of Indian Frontier Historiography. In: *The Journal of Early Republic*, vol. 13, n. 2. Summer, 1993.

